6° Prémio Internacional

PENA DE OURO

— 2025 —

SEMIFINALISTAS *do*

Prémio Internacional

PENA DE OURO

do ano de

2025

— Categoria CONTO —

“Apócrifo de Canudos”

Danilo Prado

- Vosmecê, Dr. Euclides, que é homem de cidade, não se aperreie com nosso desgosto dos pensamento da capital. Aqui, a violência da vida se aspera no lombo do cabra. Faz ficar bruto, cega o pensar. Não que de forma nenhuma me conste justificar o proceder de Dom Silvério da Prata. De minha raça, preto forreado, o Senhor sabe, muito se acusa de falta de verdade. A presteza do meu contar que o diga.

Dom Silvério é italiano de nascença, homem dado ao respeito, temente a Deus. Bom pai, bom marido. Cedeu minha alforria e de mais uns dez pretos, no dia de nossa aquisição. Umas das últimas desse tipo, há de se dizer. Propôs contrato e pagamento. Cobrou lealdade pra mode desbravar terras de cima. Consentimo e subimo pro Norte. Mas homem livre, há de saber, aos poucos se foram. Outros vieram. Fiquei eu. Ir pra onde?

No dia de nosso primeiro contato, veio de par com a esposa, Dona Florência, índia legítima, buchuda do menino Zezinho. Segurava a barra da calça do pai, a menina Tidinha, franzina, de cabelo preto escorrido e pele cor de casca de jatobá.

A mim me custa clarear ao Senhor o tipo de contato que criemos eu e ele. Patrão? Sócio? Amigo? Não sei lhe dizer. Consta que eu mais ele, as mulher e os menino, cercamo mato fechado. Abrimo picada de facão. Plantemo, colhemo, perdemo safra por mode da seca. Assim se foi ano e mais ano. Naquele tempo, ainda mais que hoje, preto não tinha voz. Dom Silvério falava por nós. Nunca negou a parte devida nas produção. Não que fosse homem de fraqueza, longe disso. Empregado que principiava faltar com a retidão, o homem ralhava. Violento até.

Mas aí, o Senhor sabe, apareceu o Santo que puxava o povo pra si, e os vento mudaram. Há de se dizer, Seu Euclides, da boca de Dom Silvério nunca se ouviu maldizer pra cima de Santo Antônio dos Conselho. Me consta ainda que certa feita Dom Silvério pediu audiência com o homem e foi prontamente atendido, ficando por lá um par de horas. Do teor dessa prosa é que nada se soube. Não vou lhe dizer que da parte de Dom Silvério vinha uma admiração pelo Santo, mas que havia ali um respeito, isso sim.

De muita serventia foi pra nós, Seu Euclides, o aparecimento de Canudos. Fizemo negócio de tudo quanto foi jeito. Só da produção de leite ia quase tudo pra lá. Foi tempo bom. A água vinha do céu no tempo certo. O povo, o senhor sabe, creditava isso a presença do homem santo.

Até que veio a guerra.

Não se sabe ao certo, e a mim não me consta, vosmecê perdoa a ignorância, os motivo da subida da primeira leva de soldado. Nós aqui do fundo do mato nunca que havia visto tamanho pelotão. Cem homens. Derrota certa. Mas até aquela hora, não se sabia a força do homem Santo. Aquele povo lutava pra não morrer. Venceram.

Nos arredor ficava o medo do por vir. Gente armada por em volta de tudo, fazendo vigilância. Porta trancada de noite. Os cachorro de alerta. Mas quando se tem vida pra tocar, se toca a vida. Era virada de ano.

Dona Florência e a menina Tidinha, que naquela ocasião contava com treze pra quatorze anos, tinham caminho certo pela manhã. Buscar água de balde pras necessidade do dia. Na época de água, o Riacho do Umburano se enchia e era pra lá que iam. Água fresca, boa de beber. O triste era a subida do barranco, lata d'água na cabeça. Mulher forte, acostumada com lida. A filha, Tidinha, pequena por natureza, também levava sua carga.

O Homenzinho de Monte Santo vinha na frente da segunda tropa, não tinha nome nem pelugem na cara. Mas tinha no olho a raiva sem motivo de quem vem de longe. As patrulha, nos arredor do acampamento, percorria léguas e léguas. Iam de dupla, mosquete em punho. Se fosse de média patente ia a cavalo. O soldado homenzinho não.

De nossa parte, já vinham de pensamento feito. Gente de classe baixa, pareado com bicho, desconfiava se nós tinha alma. Se nós tivesse, não havia de ter alinhamento com santo Deus.

Barulheira da água nos pé de Tidinha. Brincava a criança. A mãe ralhava, mas abrandava o coração. Sabia do destino duro da filhinha. Lidar com a terra seca desde cedo. Dali a pouco arranja marido. Sendo trabalhadô e não dado a brutalidade já agradecia a Deus.

O homenzinho espreitou por entre as folhagens. Do companheiro de farda tinha se apartado. Gente feito bicho, sem alma, devia de pensa. Da mãe livrou-se com golpe de coronha, por traição, feito bicho caçado. De Tidinha o soldado puxava vestido e cabelo como crina de cavalo do mato. Daí adiante o senhor sabe. Tem momento que Deus se ausenta e o cramunhão toma conta. A vida tem seus mistério, Seu Euclides. Dom Silvério podia ter chegado um quarto hora antes.

Não chegou.

Longe da carabina, foi deitado com golpe simples de braço. Me ocupei de Dona Florência. Dom Silvério, de Tidinha. Banhada em sangue nas partes. A menina teve pescoço estrangulado. brigava por respirar. Findou-se de dor nos braços do pai.

O Senhor perdoa, Seu Euclides, a ligeireza do relato desse fato. A mim me custa lembra. Mas, melhor dizendo, me custa esquecer e não há de ser esquecido. A dureza desse dia por vez explique, de um jeito torto, o proceder de meu companheiro e também minha paralisia.

Dom Silvério viveu sempre de poucas palavras. Daquele dia por diante suas palavras findaram. Vosmecê sabe, Doutor Euclides, tem dor no corpo da gente que não cabe em palavra. Não havia precisão de dizer mais nada.

Sim, sim teve velório e enterro. Tudo muito bonito há de se contar. Naquele tempo, ainda mais que hoje, a morte era visita frequente. Arranjaram caixão branco pra Tidinha, Flor-de-mortália e velame.

As tropa do tal do Major Febrônio já se punha na fazenda do Tabuleirinho. Os companheiros de volante, é bom que se diga, não vieram reclamar o corpo do homenzinho soldado. Inté mesmo o povo de farda se indignou com fato, deixaram pra lá. Que tomasse sua sina. Havia muito que se ocupa com os homens de Conselheiro, como se viu de fato dias depois.

Vida por vida, morte por morte. Era a lei. Ninguém se espantava. Dom Silvério da Prata tocou a vida. Ainda tinha a mulher e filho pra cuida. Dona Florência coitada, corroída pelo banzo, ficou tonta da cabeça.

Mas é preciso que se saiba, Doutor Euclides, nem de tudo foi igual nas rotinas de Dom Silvério. De manhã bem cedo, antes da lida, o homem sumia por mais de hora. Se pensava que embrenhava no mato, atrás de caça, esfria a cabeça. Mas nunca que aparecia com bicho. Não ia pra longe, ficava bem por ali, no barracão de tapera, usado pra estoque da safra no tempo de colheita.

Lá, era que se guarda o intento desse causo.

Me inteirei da presença do homenzinho no quarto dia. Dom Silvério, é bom que se diga, não me fez convite. Mas é certo que também não me impediu de lhe acompanha no seu intento. De mim, não recebeu surpresa nem protesto. Não me propôs ordem ou pedido de segredo. Passei a acompanha suas ação nos dias que se seguiu. Sem troca de palavras, assim fiquemos, no silêncio.

Braço e perna esticado por corda de sisal, despido com a cabeça pra baixo, o homenzinho soldado rezava sussurrado.

"Santa Cruz, livrai-me dos inimigos visíveis e invisíveis.

Que o sagrado manto de Maria me cubra,

Que o Senhor me guarde e os anjos me acompanhem.

Em nome de Deus Pai, que assim seja."

Não deve de te pronunciado palavra que não fosse reza nos três primeiros dias. A cada visita de Dom Silvério esperava o fio quente da navalha que não vinha. Do pai de Tidinha, só silêncio e a checagem nos nó das corda de sisal.

— O que espera, feiticeiro do demônio?

Silêncio e mais silêncio.

O homenzinho principiou gritar. Grito surdo, sem força, abafado pelo cansaço e pela sede. Nesse dia recebeu mingau de farinha, tuchado na boca com violência. Soltou-se os nós das perna. Permaneceu assim, de braço aberto, feito um Cristo criminoso.

Sentado de fronte ao homenzinho, Dom Silvério pôs-se a afiar estaca. Grande, pra mais de 5 metros. Se demorava nesse serviço. Fazia e refazia a ponta. Olho no soldado, olho no facão. O soldado havia de saber o que era aquele tronco de angico. Já naqueles dia, se dizia que os homem do Santo Conselheiro ladeava a estrada de Canudos com estaca e cabeça de soldado na ponta. O senhor, que é homem que sabe faze as perguntas pro povo, há de confirma essas conversa.

Do soldado só se ouvia o bufar e um arremedo de reza. Empalado como seus companheiro de farda. Era destino certo, devia de pensa. Mas o fio quente da navalha não vinha.

Eu mesmo, Seu Euclides, ficava na espera do golpe final.

— Como vai ser, feiticeiro? Tiro seco na nuca? Navalha no pescoço? Se é que tem alma de gente, há de ser hoje.

Estaca pronta, repousada na parede de tapera. Dom Silvério se ausentou por um instante e, no regresso, surgiu com a porca. Bicho imenso, dez arroba.

Abriu buraco pra fogueira. Assim que acessa de fogo alto, cobriu de areia na busca por brasa. Tuchou erva de mato desconhecida. Cheiro de queima no ar.

Montou na porca feito mula do mato. Socou toceira de erva fumegante na fuça. No meio de coice e grito rasgado, esmoreceu. Deitou-se amortecida.

Habilidoso no laço, o homem atou as pata dianteira do bicho em cada ponta da corda prendendo na roldana por riba do soldado. Puxou com firmeza. Por instinto, lhe a ajudei nesse proceder. Movimento constante que levantou o bicho vindo a abraçar o soldado feito afeto de mulher.

De primeira vez o homenzinho se debateu, enjoado pelo futum do bicho. Com pouca força, a resistência foi sem valor. Se amarro as patas traseiras da porca nos tornozelo do prisioneiro. Prendeu cintura com cintura, do bicho e do homem, por fita de couro. Virava o rosto de tempo em tempo, em fuga da baba da porca, ainda zonza pelas ervas. Mas logo o efeito passou. E o que vi ali, Seu Euclides, era de gerar angustia em qualquer infeliz de Deus.

A porca, com as forças recuperada, estribuchava no intento de se livrar das amarras. Levava junto o homenzinho. As cordas se esticava. Dom Silvério olhava sem menção no rosto, nada. Se se alegrava de vingança, não se sabe. A dança durou pra mais de hora. Destencionada as corda do braço, o soldado deitou-se com a porca por cima. Exaurida da luta, o bicho defecava e urinava. O ar de carniça se enchia no barracão.

- Demônio, demônio! Repetia em sussurro o homenzinho.

Dom Silvério, de um súbito, desembainhou a faca peixeira.

Um lampejo de misericórdia deve de te se alumiado no pensar do prisioneiro. Se alumio no meu. A vingança tava dada. Era ponto certo. Entregava a alma a Deus que se ocuparia de seu destino. Mas não.

Em pé, em riba da cabeceira do soldado, Dom Silvério suspendeu o pescoço da porca com o braço esquerdo e com o direito posicionou a peixeira no ventre baixo do bicho. Puxou num corte seco e profundo que veio até a garganta. Grito surdo do bicho que se debatia em luta contra morte.

Víscera, entranha, órgão e um sem fim de sangue banhava o soldado.

Dom Silvério, embainho a peixeira e saiu pela porteira do barracão, ficando eu ali mais um instante. Se lhe contasse, Dr. Euclides, que tive pena do sujeito, isso ia se relato mentiroso. Sai pela porteira trancando de cadeado.

Antes do desponta do sol, no quinto dia, o homenzinho pediu suplício.

- Meu senhor, rogo pelo nome do santo Deus que me permita ainda falar, não clamo o perdão, sei que não tenho. Rogo pela misericórdia de vossa senhoria. Procedi como o demônio que vaga pela terra. Agredi por ação de covardia vossa esposa, violei tua filha, matei. Entrego em tua mão minha alma. Até o último dos homens há de merecer um fim.

Sem necessidade de ordem retirei a carcaça da porca. Dom Silvério sentou em um cepo de madeira se pondo de frente ao o homenzinho. Afiava com pedra sabão a foice de capina. Das feições do homem nada vinha.

Findado a amolação da foice, Dom Silvério puxou da carga encomenda vinda da cidade no dia passado. Corrente de aço, brilhosa, pesada que só. Atou no tornozelo do soldado prendendo por cadeado. Da mesma bagagem saiu saco de 50 kg de farelo de milho, cumbuca, moringa. Despôs em tocos no fundo do barracão. A cada peça da carga disposta, o homenzinho prostrava. Balbucio choro, mas não falou.

Naquela tarde o sol de me Deus brilhou forte por demais. Nós aqui, Seu Euclides, acostumado com a quentura da terra, quase que não reclama. Mas de um lumiar de mim pensei no infeliz. Terá perecido da sede? Com a luz do dia findando, me dirigi pro barracão.

- A senhora, minha mainha, cuida pra que Afonsinho pegue em escola, não permita que se fique andando perdido no mundo. Não, não, não! Não deixe que se embrenhe nas forças de exército nem polícia, que essa vida não presta. Não me traga painho aqui não mainha, não me faça isso, que aqui tenho vergonha. A senhora me perdoa das maldade do meu coração. Nossa senhora do Rosário há de me cuidar. A senhora perdoa eu mainha, perdoa eu...

Fiquei de espreita na porta por mais de um quarto de hora. Entrei. Não fez menção de susto, não me abordou de início, mas me seguiu com os olho. De minha parte, não quis olhar o homenzinho de frente. Enchi moringa d'água do barril e mãozada de farelo na cumbuca. Despus no pé do soldado.

- Escravo, clama a teu dono que cumpra meu destino de vez. Se é que tens alma, interceda por mim.

De intuição, Seu Euclides, segui o proceder de Dom Silvério e não proferi palavras. Se perguntasse a mim naquela hora o que meu pensamento dizia das ação futura, não sabia dizer, nem por pressentimento.

Na sequência de três dias a porteira do barracão não se abriu. De lá não se ouviu grito, choro ou lamentação. Só silêncio. Ao cabo desse tempo, Dom Silvério me chamo com os olhos. Os anseio de mim era que o destino da vida tinha feito sua parte e levado o infeliz. E assim não foi. Em meio as feze e mijo, Vosmecê perdoa os palavreado, o homenzinho jazia desacordado.

De novo no cepo, Dom Silvério afiava a enxada de arado. No tilintá da pedra no aço duro, o infeliz desperto. O senhor sabe, Doutor Euclides, que o não falar, o silêncio de nós três naquele lugar no fundo mundo, já parecia fato dado. Ninguém de nós ansiava por palavra. Por isso quando a fala vinha, o barulho delas é que parecia fora de lugar. E assim foi a única prosa dada pelo homenzinho depois que Dom Silvério teve o seguinte proceder. No caibro central do barracão, esticou corda com laço fechado e posiciono banqueta a meia altura.

- É assim que pretende pôr fim a esse intento, fanático do beato? Não te põe coragem pra findar o algoz de tua gente? Tens o saber da covardia de teu ato? Pois saibas que daqui não me mexo. Meu sangue há de sujar tuas mãos.

A mim, Seu Euclides, me pareceu um bom fim. O tormento eterno invocado nas força do próprio sujeito. Mesmo a resistência sendo declarada naqueles termo, não me parecia que ia durar por demais. Dom Silvério partiu pra lida, quase que desconhecendo as fala do sujeito. Eu fiquei.

- Ficas pra se certificar de meu fim, escravo? Na crença dos pretos meu lugar está dado? Há perdão e misericórdia pra meus atos?

Me tentava a apresenta resposta, Seu Euclides, é bom que se diga, mas não. Aquele homenzinho tinha o destino feito por Dom Silvério, não por mim.

Não sei lhe dizer se por mode do calor e dos delírio do homenzinho. No tempo que ali fiquei, ele gesticulo, sussurro, grunhiu feito bicho, defeco pelas perna, rezo. Não comeu, não bebeu. De um súbito, levanto com dificuldade, se arrastando. No meu pensar, Seu Euclides, talvez ali, e só ali, me veio ponta de pesar pelo sujeito. Se ainda era fio de Deus, não sei lhe dizer. Nós aqui, nessas terra sabemo bem o peso da fome e da sede, mas não daquela forma, longe disso. A maneira como há de afeta o sujeito é mistério de quem se finda assim. Que Deus me guarde e me livre de tal sina.

De pensar hoje, distante do fato dado, intuo que sim, sim, foi de caso pensado, mas só de intuição mesmo, nada certo. No caminhar do infeliz vi a decisão tomada. Acabava ali aquela punição. Mas a corrente, Seu Euclides, de aço novo que brilhava, se esticou e seguro o cabra a um palmo de alcança o laço de forca. O homenzinho luto, puxo por meio de tranco, me olho com os olho na súplica de ajuda.

Lanço grito, maldição pelo ar, choro feito criança.

Sei que pode lhe causa angustia nesse relato, seu Euclides, minha paralisia. A mim me gera também esse mal pesar. Mas ali, nos meio do acontecer, não tive força de ação. No meu pensar, o infeliz ia perece sempre na hora seguinte. Mas não perecia. Permaneceu assim na sequência daqueles dia.

Aí o Senhor sabe, veio o conflito da fazenda do Tabuleirinho. Muito que se preocupamo trancando porta e janela. Eu inté, confesso ao Senhor, que por breve momentos esquecia do sujeito no barracão. Nós que é daqui, pressentia o momento de guerra, a soldadesca não. Era certo, Seu Euclides, e isso nunca que foi segredo, os homem da capital sempre que duvidava da força do sertão. Nova derrota. Se ouvimo tiro do conflito inté daqui, léguas de distância. O retirar do tal Major Febrônio. Era certo que a guerra estava no seu principiar, como de fato assim foi.

O beato, vestido de preto por inteiro, chego na fazenda no findar do dia. Por certo vindo a pedido de Dom Silvério. Janto em nossa companhia, por de baixo do Angico mesmo, com a peãozada. Boa figura, o beato, boa figura, novo de feição. Abençoo uns preto da fazenda e as crianças que ficava em volta. Dedicô tempo a Dona Florência, coitada, que teve lampejo de pensamento claro, mas durou pouco. De dá dó, Seu Euclides, de dá dó.

Questionou nossas angústia da guerra em curso e das guerra do por vir. Quis saber nosso pensamento da figura de Santo Antônio dos Conselho.

— Se apegue com nossa Senhora do Rosário, meu povo. Nossa mainha de Deus não nos falta.

Padre Bento, essa era a vossa graça, era beato de Padim Ciço, como se falava mais pro Norte. Naquele tempo, lá no fundo do nosso mato, não se sabia bem da santidade de Padim Ciço, como se sabe hoje.

Mas o fato dado, Seu Euclides, se deu no amanhecer. As razão da presença do beato em nossa terra, não era de reza e bênção pro povo esquecido do mato. A ação do padre era a tal da extrema unção.

Como já lhe afirmei, Seu Euclides, as morte e as doença que precede o fim, nunca que assusta nosso povo. Não que nossa gente vive de coração duro, longe disso. É que aqui o viver e o morrer anda junto no pensamento da gente. Se o menino não pega no mamar da mãe, não aceita mingau e se vai sem motivo, é porque Deus assim quis. As tristeza de quem de fica, em especial das mãezinha, tem lugar guardado lá fundo do pensar. Vosmecê sabe, Seu Euclides, aqui enquanto se tem vida, se toca a vida.

Digo isso pois me parece justo esclarecer ao Senhor a ausência de espanto de Padre Bento quando da visita no barracão no despontar do dia. Quando um fato se dá de maneira perene, não há precisão de esclarecimento. Um empregado da família, um desgarrado, um desatinado da cabeça. Deve de te sido assim, os pensamento do beato.

- Podes me ouvir, filho? Venho de longe trazer-lhe o conforto da Mãe de Cristo.

Ar pesado. Pelo miasma e pelo silêncio, pelo forma do olhar do homenzinho. O laço de forca ainda no caibro, o que teria vindo no pensar de Padre Bento? Não sei dizer.

Entrelaçô os braço no pescoço do padre, aconchego a cabeça no ombro. Choro feito menino de colo. O padre deu-lhe água fresca do cantil. Rezou em latim. Dom Silvério retirou chapéu por respeito. No final da reza dada, eu, Dom Silvério e o homenzinho; sussuramo o "amém" como dita num mesmo som, numa mesma palavra.

- Coloca tua alma nas mãos de nosso Cristo, meu filho. Só ele há de indicar teu caminho e perdoar tuas faltas.

- Eu pequei, painho. Eu pequei...

- Vá com nosso pai, meu filho

No ouvir dizer do povo, havia de ter soldado fugido pros meio de nosso mato. Era perigo andar solto pelas pastagem naquele tempo. Milico perdido da tropa não reage certo no pensar. Puxa faca no ar, atira de baioneta no susto. Ainda assim, Seu Euclides, Umas boa dezena de gente fico pra missa do Padre Bento no pé do jazigo de Tidinha. Reza e cântico bonito, há de se dizer.

- Deus lhe abençoe, meu filho

Sinal de cruz na testa de Dom Silvério.

Coube a mim arrear montaria e prepara mantimento pra viagem de volta do padre.

- Aquieta teu pensar, meu filho, que Deus sabe de tuas fraquezas e de tua força. Há de te amparar em tuas angústias.

Beijei-lhe as mão antes de sua partida.

Não sei se lhe tem presteza, Seu Euclides, o meu julgar dos fato que aqui ponho em relato. Mas o certo é que muito do que digo aqui, não lhe posso demonstrar juízo. Porque na simplicidade do meu pensar, não me coube compreensão dos atos que testemunhei. O senhor, que é homem de cidade, acostumado com as palavra, há de perdoa minha ignorância no explicar desses evento. Assim foi mais uma passagem com o homenzinho, dessa vez em noite alta.

Por meio de gesto, compreendi que Dom Silvério pedia cavalo arriado na frente do barracão. Assim o fiz. No entrar pela porteira, a cena me embaralho o pensamento.

O homenzinho de pé sem corrente ou cadeado. Sua farda, lavada e engomada jazia no caixote no seu lado. Sua bota, limpa e brilhosa de escova, permanecia ao pé de sua baioneta, recuperada e carregada. Dom Silvério posicionou o cavalo, abastecido com alforje de mantimento, na saída do barracão. Com o olho me indicou um toco pra sentar. Ficou ali, sem expressão no rosto, batendo pedra no facão de mato.

Não sei se já lhe ocorreu pelos pensamento, o que que faz um homem viver na verdade de seu querer. Não me entenda mal, Seu Euclides, o meu povo sabe bem diferenciá o liberto do cativo. Isso não é matéria pra se duvidá. Eu nasci assim, posso lhe relata bem essa diferença. Mas no correr de nosso existir a gente se depara com os fato dado da vida e segue sem pôr o raciocínio se nosso agir sempre se alinha com nosso querer. Eu, por vezes, me pego pensando que não. De nenhum homem dessa terra. Eu, Dom Silvério, o homenzinho, inté mesmo o Senhor, que escuta esse relato. Sei do limite do meu pensar, Seu Euclides, mas como homem vivo, me ponho na angústia quando não encontro explicação certa nos mistério da vida.

O homenzinho, de um súbito, entrelaçou corrente e cadeado no tornozelo prendendo com força. Se ajunto na palha seca e parece que dormiu.

Muito se falava nos avanço da grande tropa. Como se viu de fato. As morte destinada não só para sertanejo da luta, mas como aqueles que lhe deram contribuição. Era preciso partir. Nas sequências dos dias, arrumemos troxa, arreamo carroça e descemo pro Sul, meio que sem caminho certo. Antes disso, deixemos toda a produção da fazenda nas mão dos homem dos Santo Conselheiro. O homenzinho lá ficou em seu lugar. Tenho pra mim que a morte lhe tenha levado um tempinho depois de nossa partida. Mas isso é pensamento meu. Um ano inteiro

andando num sem rumo pelas terras de baixo. Dom Silvério nos dava guia em seu profundo silêncio. No retorno, depois da luta em massacre, o que se viu foi só cinza. A sede, o barracão, as plantação.

Só lhe afirmo que comprovação desse relato de Dom Silvério o senhor não terá. O silêncio se fez dentro dele no permanente. Se acaso o Senhor quiser, Seu Euclides, conhecer o homem, ele ainda anda por esses matos. Quando se tem vida pra tocar, Seu Euclides, a gente toca a vida. Eu que lhe agradeço, Seu Euclides, vá com Deus, vá com Deus...

A casa dos outros

Fernanda Fragoso Zanelli

I

Está parado a dois passos da lixeira branca, a mais encantadora do quarteirão. Ajeita os óculos em cima do nariz. A arandela pendente na varanda, ao estilo colonial, treme com o vento do início da noite e povoa o muro com longas sombras que lhe parecem velhas conhecidas. A casa da rua Godofredo Aprígio, número 35 é a sua paixão há muitos anos.

A cerquinha de madeira não a protege totalmente. Bem longe disso. A 35 floresce no terreno descoberta de muralhas, câmeras, guaritas, em desacordo com a maioria das casas do bairro. Ele pula a mureta lateral, como de costume, e aterrissa as botas nas palmeiras. Sua baixa estatura e magreza, de quem se alimenta há anos de nicotina, favorece certas peripécias, a despeito de não ser mais nenhum garoto.

Tropeça numa raiz de árvore saliente e, por pouco, não chama mais atenção para si. Tem certeza que o infortúnio é uma punição: não fora capaz de penetrar em seu jardim com a devida gentileza. Decide que é imprescindível um pedido de perdão pelo desastroso recomeço. Olha bem lá no fundo das duas janelas mais altas, e a arandela estremece outra vez, promove uma espécie de chapinhar de estrutura enferrujada. Aquilo basta para que ele retome sua marcha.

Abre o zíper da mochila e de lá retira o necessário. Sempre visita a casa aos feriados prolongados, pois, em ocasiões assim, o herdeiro Sodré migra para o litoral com a família, entupindo o porta-malas de boias coloridas, baldes com desenhos de caranguejos e peixinhos. Já os observou nesse ritual, não são fiéis a 35, espalham-se em quantos imóveis tiverem disponíveis. Uma promiscuidade medonha. Quantas casas, piscinas e arandelas são capazes de acumular? E, para quê as têm, se não são capazes prover o que precisam?

Os Sodrés não pagam sistemas de monitoramento 24 horas. Dos poucos que não optaram pela muralha revestida de trepadeira, talvez coroada por uma cerca elétrica. Seria mais reconfortante se a razão fosse financeira, mas nunca foi. O real motivo ele vê por toda parte: samambaias distribuídas no quintal, mandalas pendulando, uma estátua com corpo de gente e cabeça de elefante, luzinhas no tronco do ipê e o detalhe infalível: a caixa de compostagem que por pouco ele não chutou com o bico enlameado da sua bota. Devotos de composteiras são de rejeitar a segurança. Gostam de ostentar as portas escancaradas para abrigar mendigos, ainda que naquele bairro não existam sequer vira-latas.

É preciso ser honesto: câmeras e cadeados não o impediriam de entrar. Nada o impediria. No entanto, toda aquela hospitalidade o agride. Treme com a possibilidade de que a sua 35 fosse violada por um qualquer. Tantas vezes se ofereceu para drenar as calhas entupidas de folhas e lama, dar uma olhada na caixa de gordura, aferir a tensão das tomadas, examinar as manchas escuras das paredes para diagnosticar hematomas benignos de sujeira ou o curso de uma inevitável contaminação por mofo. Tantas súplicas para voltar a servi-la e todas as vezes recebeu uma negativa. "Imagina, cuidar da casa é uma terapia", ouviu do herdeiro. Temerários, os novos Sodrés. Não sabem sequer colher as frutas que despencam sozinhas das árvores, como se sentem à altura daquela missão? Mas se os fedelhos eram os donos dela, o seu ofício era maior: ele era uma das vigas que a mantinha em pé.

Se Deus tivesse o costume de olhar por sua existência medíocre, seria testemunha do esforço que fez para tirar a 35 de sua vida. Tentou substituí-la a qualquer custo: trabalhou em dezenas de casas — verdadeiras mansões — limpando piscinas, mexendo em canos e fios elétricos e até como segurança noturno. Nada adiantou. Nenhum assoalho era aquele, nenhuma coluna tão forte e delicada. Se está ali, prestes a abrir a porta da cozinha cuja fechadura ainda é a antiga, é porque não teve opção.

Repara nos potes de vidro expostos em prateleiras, como se, no lugar de troféus, ostentassem temperos. A maior parte com pós e ervas das quais ele nunca ouviu falar, embora desconfie que tenham viajado mais do que a família Sodré — empilhados em porões de navios no lugar de ocuparem acentos de couro. Talvez, antes disso, tenham circulado em cestas trançadas, no dorso de algum animal de colheita ou nas costas dos muitos homens que pelo mundo são tratados como animais de colheita.

As canecas são de uma cerâmica grosseira. Ou melhor, de barro. Gosta de dar as coisas o nome que elas têm. Nas gavetas, amontoam-se as cumbucas de madeira, tigelas de sopa em listras, algumas com silhuetas de gato. Por toda parte, há uma recorrência obsessiva por felinos. Nos armários superiores, os mais escondidos, repousam as antigas porcelanas claras, com ramos de rosas pintados e frisos dourados na base e nas bordas. Aquilo, sim, combina com a aura da 35 e com a velha família Sodré. Que tipo de geração prefere usar tigelas de feira a porcelana de porte inglês?

Esbarra na prateleira, e uma das xícaras arrebenta em cacos pelo piso. O que mais o incomoda não é a flacidez irreversível de seus músculos, mas o barulho: sempre achou que ser ruidoso e desastrado são dos piores defeitos que alguém pode ter. No entanto, lá está ele, acudindo os pedaços da porcelana no chão. De joelhos, encontra um par de olhos que o espreita nas sombras, embaixo do gabinete da pia. O gato branquíssimo, de nariz rosa achatado e olhos

azuis, é um novo morador. O bicho não parece assustado com o invasor. Ao contrário, disfere contra ele uma incontestável nobreza e talvez repugnância da qual ele próprio se descobre condescendente.

Soube da doença pelo tremor, no instante em que não conseguiu acertar uma azeitona com o garfo. O resto foi comprovação inútil. Meses de agulha nas veias, sondas de todo tipo por suas cavidades. Desde então, tornou-se um exímio exterminador de louças. Mas isso não o impede de insistir com as xícaras, pois não abre mão de servir-se de um café. Não encontra o pó nas tradicionais embalagens laminadas, mas depara-se com os grãos. Por curiosidade, e falta de opção, se põe a moer café numa máquina portátil, enchendo a xícara com uma água turva. Cospe ao primeiro gole e dá de beber o restante para o ralo da pia. Considera o arroto dos canos um sinal de reprovação.

No canto da sala, o reencontra. Está lá, sufocado entre as estantes de livros, que não passam de caixotes de feira empilhados, vendidos por uma fortuna em lojas modernas de móveis. O relógio jaz num coma profundo, como todo relógio sem corda. E o que dizer de uma casa sem relógio? Não tem pulso. Abre a portinhola de vidro, retira um pino e o insere nos três orifícios do móvel, girando com cuidado. Como um choque de desfibrilador, o ponteiro volta a se mexer. À meia-noite reconheceria a sua voz e ao meio-dia talvez ele lhe contasse um último segredo.

Por sorte não inventaram de destruir a passagem de gesso em arco, a que dava para a sala de jantar. Na parede, a fotografia do patriarca: o famoso doutor no centro, cercado por sua prole. Não enxerga a si mesmo apesar dos anos de dedicação. Quem se importa? É dele o suor que mantém a casa, ainda que o faça clandestinamente e resista como a mesa de jacarandá, firme sobre os quatros pés entalhados.

Senta-se à mesa, gosta de imaginar a chegada do jantar. O lustre ainda é uma nuvem de pequenas contas de cristais pairando sobre todas as gerações de mandíbulas que mastigam carnes nobres e mancham os dentes de um liquido que poderia ser sangue, mas costuma ser vinho.

Vai ao bar, gasta o pouco da dignidade que ainda lhe resta contorcendo os punhos e a boca para puxar do gargalo uma simples rolha. Colhe do suporte acima de sua cabeça a maior de todas as taças. O vinho no cristal converte-se em nota musical — basta uma única gota daquela uva para o aroma da terra úmida tomá-lo pelo avesso.

Doutor Sodré gostava de Frank Sinatra, escutavam juntos quando serravam os ossos. A voz grave de Sinatra ainda ressoa entre as paredes do seu corpo, embalada por uma orquestra interna: o gosto na boca, o ritmo dos pés, os tímpanos atentos, a melodia que, de tão íntima, é

também a única que poderia florescer em seu peito, onde ele segura com as duas mãos firmes seu par, a taça cheia. Por quase não escutar sua música favorita, ela ainda mantém aquele frescor sublime. Gosta de preservar o cérebro livre do fastio de uma obra de arte repetida à exaustão.

Sempre que visita a 35, recolhe-se no quarto principal e veste o pijama dobrado na gaveta como um envelope de carta. A despeito do esmero com as roupas, a porta do armário geme o descuido da manutenção. O móvel embutido lhe conta pelas dobradiças rangentes o quão difícil anda sua vida naquele quarto, tal qual a vida dele também não fora branda, em nenhum dos quartos que esteve.

Enfia o pé numa espécie de sapato felpudo que imita a pata de um bicho. A espuma agrada os dedos, massageia os passos sobre o carpete caramelo de pelos grossos. No banheiro, encontra um cesto de vime com livros. Pega o que está no topo da pilha e percebe linhas grifadas com o mesmo lápis que marca a página. Segue a leitura anterior, na intenção de distribuir seus próprios grifos, mas não encontra nada que justifique o esforço — também a literatura não escapa ao péssimo gosto daquela gente. Não compreende como gastam tempo debruçados em obras não consagradas. Diferentemente das historietas de autores nascidos ontem, a qualidade dos clássicos já foi atestada pelo tempo.

Pega a escova de dentes, passa a língua para sentir o exato gosto da boca anterior. Percebe notas de fumo, menta e talvez alguma especiaria dos potes de vidro. Cisma que o fumo é artesanal, por certo ilegal — uma dedução baseada na cara apalermada do dono da escova, estampada em todos os porta-retratos. Maconheiro. Um inútil, esse Sodré, muito diferente do patriarca com quem aprendeu o ofício de ler os corpos; o gênio que lhe ensinou a decifrar as técnicas para compreender os anseios da 35 só pelo gemido das tábuas.

O lençol macio lhe dá uma sensação de que a vida poderia ser quase boa. As mãos exploram o terreno debaixo do travesseiro e encontram um tecido gelado e escorregadio. Diz olá para a camisola rosa, que ainda conserva o perfume da esposa dele, o herdeiro Sodré.

Senta-se na cama envolvendo a camisola nos braços, atravessando-a em seu colo, apoiando as alças numa mão e acariciando a barra rendada com a outra. Dentro dela pode sentir braços e pernas, uma pele morna para se aninhar. Quer adormecer entrelaçado nela, seus pelos agarrando ao pano liso, as rendas lhe fazendo cócegas na parte interna das coxas, mas outra coisa quer mantê-lo desperto. Lambe a pele, que imagina alva, de veias azuis, segurando-lhe a nuca com dedos fortes, todos os músculos rígidos. O gozo verte o líquido viscoso, a camisola agora é rosa escura na parte inferior. Explode em suas narinas o perfume impregnado no tecido e pressente que é o suor dela escorrendo em seu peito.

II

O relógio o acorda à meia noite, como esperado. O gato, antes embolado na cama, salta no carpete. Percebe que os ponteiros trabalham cada vez mais alto ou, vai ver, são passos que estão cada vez mais perto.

III

O ar da manhã é fresco e o ajuda a afastar a cólera habitual. As folhas transpiram orvalho, e, das casas vizinhas, exala o perfume de um café decente. Uma disposição inesperada o faz querer dar fim a agonia do guarda-roupa — sabe bem como é ser devorado por dentro. Tira peça por peça dos cabides, verte a gaveta de calcinhas na cama, também a de meias e cuecas. Apanha na área de serviços a seringa com o antídoto, enfia a agulha nos furinhos da porta e, por fim, imagina os grunhidos de uma sociedade inteira de cupins agonizando. Mais um prazer que a casa lhe proporciona.

O gato lhe enrosca as pernas. Já o considera da família: os gatos pertencem às casas, como também ele pertence à 35. Deita-se no jardim e afunda no torpor de uma grama alta e maltratada. Sonha acordado naquele colchão. O beija-flor a sugar as dálias na ponta de galhos vergados, os raios de sol acertando as penas escuras do pássaro, projetando nelas um azulado fluorescente; a brisa provocada pelas asas é um sopro que dissipa as nuvens no céu.

Deitado, com os braços abertos, decide: a camisola não voltará para a cama. Como a flor delicada que era, e mais ainda agora, prenha de seu material, irá plantá-la no jardim, e ela o fertilizará por toda a eternidade. Com o trabalho feito e as unhas sujas de terra, acocora-se na horta de pimenta vermelha, coentro e manjericão. Entre as folhas pontudas de cidreira, percebe ramos intrusos de capim. Capim dissimulado de cidreira. Está num impasse: tirá-los dali seria uma injustiça? O mato é a planta brotada sem cuidados e que, mesmo assim, vinga. Sobrevive a despeito do abandono. Sabe que mato é uma ficção perversa: toda planta tem nome, filiação, origem e história. Há quem argumente que o mato não tem serventia. Não serve para a salada, cozido, chá, enfeite, não serve para nada. Ele pensa que utilidade é um conceito muito controverso, pois no geral se atribui propósito justamente aos que são servidos.

Caminha para os fundos do terreno, e lá está a pequena fonte de pedra. Um rosto de mulher esculpido na brancura da lapa. Em suas mãos unidas, uma flor que também é o orifício por onde deveria jorrar a água. Mas o tanque está seco, o mosaico de azulejos são cacos soltos e empoeirados. O trabalho em relevo na parte exterior da pedra desbastado pelo tempo e pelo descuido. Felizmente ele sabe como devolver a vida a ela, bastam algumas horas com as

ferramentas que sempre foram a extensão de suas mãos, e de novo veria a água aninhar-se naquele ventre.

Horas depois, mergulha o rosto na água gelada da fonte. Os respingos ferem as lentes dos óculos, mas não é necessário enxergar. Como uma dama, aquela casa também esconde seus tesouros, e, para encontrá-los, sabe que precisa se valer de outros sentidos, ir além dos cômodos mais óbvios.

Sente na garganta as badaladas do meio-dia — é o coração que reconhece o chamado dela. Livra-se de todos os vestígios que por ventura tenha deixado para trás. É cuidadoso, como a nova família Sodré nunca foi e, por isso, está certo de que eles vão continuar a viver com seus gatos e composteiras, como os bocós que sempre foram, sem desconfiar de nada, sem nem notar as pequenas melhorias feitas ali, principalmente no jardim. Não reclama, isso até lhe confere uma vantagem: a intenção nunca foi tirá-los da casa, mas não chamar atenção para os rastros de sua presença. Ao menos por um tempo.

Desce a escada na área de serviço e arrasta a estante dos produtos de limpeza. Remove-a com cuidado e encontra a parede falsa de madeira amarelada, a que ele havia colocado a pedido da matriarca, anos antes. A chapa fina sela a passagem para o pequeno aposento subterrâneo cuja atmosfera sempre foi cultivada pela umidade do solo e ausência de luz.

Tira da mochila a maçaneta arredondada do tamanho de um punho, pesada como uma pedra maciça. Encaixa a peça sem dificuldade e, num instante, rompe em seu interior, apontando para dentro do cômodo um feixe de lanterna que corta as partículas de pó. O mofo queima o nariz, arrepia a nuca. Um arrepio diferente daquele que aflora quando uma mordida na goiaba revela uma larva; não, trata-se de outro tipo. Um arrepio de quem pressente um êxtase iminente.

A sala é bem menor do que ele lembrava, o de praxe ao retornar para um lugar do passado. Os objetos, porém, são os mesmos: a maca metálica no centro, os suportes das lâmpadas logo acima dela e, embaixo, os baldes devorados por ferrugem. Era ali que o doutor Sodré depositava o conteúdo interno de seus pacientes.

Na época, o vigor da pouca idade o impedia de sentir qualquer empatia pelos defuntos. Não se impressionava e gostava de ajudar. Cortava as roupas com a tesoura, guardava as vísceras em sacos plásticos e ajudava a costurá-las de volta dentro dos corpos, dando pontos com agulhas curvas como se fossem roupas de couro. Depois os levava para a câmera refrigerada para protegê-los do ataque voraz de bactérias famintas, autorizadas a entrar depois do sinal — o último suspiro.

Nunca perguntou ao médico legista por que a preferência por trabalhar no velho porão. Não precisava, igualmente sentia o prazer de estar entre aquelas paredes úmidas. Adorava servir

às autópsias em que o doutor brincava de desvelar os mistérios das mortes mais abruptas da cidade. Aquilo não era de fato uma tarefa clandestina, pois os pedidos chegavam pela corporação policial. Mas também não era oficial o médico levar aquele tipo de serviço para casa — mesmo num tempo e numa cidade em que era comum escolher qual lei respeitar e qual ignorar.

Não só levava os corpos para a casa como, noite adentro, o doutor assobiava feito um passarinho o som de Sinatra, escutando com atenção o que cada unha fora do lugar tinha para lhe contar. Para o delegado responsável e amigo da família, o costume estranho do médico não um era problema desde que trouxesse para o caso uma solução rápida.

O estojo de bisturis não está lá, tem quase certeza que foi dona Glória quem o apanhou no dia em que selaram o quarto. A data na qual o coração do doutor parou, o ponto em que a casa começou a ruir, e, com ela, sua alma devota a esfarelar. Por isso não haveria outra ocasião mais propícia para estar ali — a semana de aniversário de morte do velho Sodré. Se é que a morte tem o direito de aniversariar — de repente se pega com essa questão.

Dispensa os bisturis. Sempre foi afeito a uma dança mais lenta do que as lâminas são capazes de ofertar. O doutor manejava a faca com agilidade, assim como ele, seu criado, rapidamente estancava qualquer hemorragia que atingisse os canos naquelas paredes. Formavam uma ótima dupla, ele e o doutor. Não se tratava de pederastia, absolutamente. Estava mais para um pai. Alguém que passa a um jovem, ainda que sem querer ou saber, o caminho certo para se tornar um homem.

Estando ali, as lembranças o invadem com facilidade: o alicate cortando a lateral de muitas costelas, as mãos enluvadas removendo-as como uma tampa. O doutor salivava quando abria uma caixa daquelas. Se a fascinação do velho era pelos segredos que os corpos lhe contavam sobre a morte, a dele sempre foi pelos segredos que a casa revelava sobre a vida daquelas pessoas. Era ainda mais obcecado por aquele cômodo, o escondido, onde só ele estava autorizado a fazer a limpeza. E por isso mesmo escolhe estar ali naquela tarde e em mais nenhum outro lugar.

Decide que está na hora.

Do lado de dentro, arrasta com dificuldade a estande de produtos de limpeza e bloqueia a própria passagem para fora. Descarta a placa fina de madeira, a parede falsa, e começa a erguer outra no lugar dela, com os tijolos e cimento que já havia descido antes ao catre.

Deita na maca. Não há mais pressa, o relógio pode trabalhar no seu ritmo, o tempo que lhe resta dedicará a ela, como sempre. Espeta em seu braço uma de suas agulhas, a última, bem dosada da substância exata.

Olha para a porta selada e suspira: enfim, sós.

A chegada

Lúcio Mazzaro

Bruno observava furtivamente, com seus cintilantes olhos azuis abrigados pela cumplicidade da noite e as densas sombras da coluna do viaduto, um paramédico que vistoriava o interior de seu carro. Não se lembrava de quando e como havia saído do veículo, destruído num abraço retorcido com um poste de luz. Por fim, vagarosa e cautelosamente, arriscou sair do esconderijo e, banhado pela iluminação pública, se aproximou do grupo de curiosos, para junto a eles contemplar melhor a situação. Sim, estava uma legítima hecatombe sobre quatro rodas — o que justificava o hipnótico interesse dos populares em volta. Ainda que um pouco desorientado, reconheceu-se um felizardo por ter escapado. Apalpou-se. Nenhum arranhão. Nenhuma dor. Teria ele bebido tanto assim, que estava anestesiado?

O cenário foi tingido por estroboscópicas luzes vermelhas e azuis, e a algazarra em volta, quebrada por um curtíssimo trinado de sirenes. Bruno desviou sua atenção para as duas viaturas da polícia que chegavam ao local. E então, a uns cem metros de onde ele estava, notou a ambulância. Próxima a ela, uma pequena multidão começava a ser dispersada pelos policiais e foi quando viu: um *corpo* no asfalto! E, quase ao lado, o que um dia foi uma bicicleta. A caixa de entregador jazia a uma distância a mais, tombada e revirada. Se havia algum conteúdo nela, já devia fazer a felicidade de um outro alguém que não quem fizera o pedido.

Todo o bem-estar que Bruno sentia pela sua fortuita integridade física se esvaiu em um enregelamento, tomado que foi pelos espasmos de memória do ocorrido: a despedida dum colega de trabalho no bar; o desafio quase hercúleo para encontrar, com a chave, a ignição do carro; a bambaleante perspectiva das ruas; o baque de um ser provido de rodas em seu capô; o desespero, ao ver aquele corpo estirado no chão refletido no retrovisor; o coração batendo mais alto do que o motor do carro; as pernas, trêmulas, na busca incontrolada do acelerador; o guincho dos pneus; o poste; o trovão! Escuro total.

O flagrante. Precisava evitar o flagrante! Álcool! A polícia ia fazer o exame! "Assassinato!". Bruno afastou-se lentamente da aglomeração, de costas, enquanto, com o rabo dos olhos, seguia uma das viaturas se aproximar para aquele lado. Aflito, buscou alternativas de fuga nas imediações. Um táxi! Quando se deu conta, estava dentro do carro, mirando pelo vidro traseiro, ao longe, o festival de luzes das viaturas, das ambulâncias, e dos celulares rapinando o desastre.

Recostou a cabeça, e o temor se esvaiu no profundo suspiro que exalou enquanto cada poro do corpo afundava no banco. "Vupt. Vupt. Vupt". O som do deslocamento de ar do veículo nas colunas do viaduto era um galgar cada vez mais longe do desassossego. Solitária e solenemente, o carro foi então engolfado por um túnel. Seu ruído tubular e uniforme mesmerizou os ouvidos de Bruno, que languidamente fitava o passar rítmico das luzes do teto arqueado da estrutura. Não lembrava exatamente daquele trajeto. De fato, não lhe era mesmo familiar. Tentou reconhecer aquele túnel, que, visto à frente, inspirava não ter fim. Não importava, tudo o que precisava era ganhar distância, e mais ainda, tempo, para decidir o que fazer nos próximos dias. As luzes, estranhamente, pareceram ficar cada vez mais fracas, e em certo trecho, apagaram-se por completo. Bruno aproveitou para fechar os olhos e manter a calma que lhe era possível, dadas as circunstâncias.

O som tubular que o envolvia se dissipou. O carro tornou-se violentamente silencioso. Parecia flutuar. Era como se a carne de Bruno houvesse se dissolvido, e mesmo sua alma, junto. A tranquilidade em sua forma mais pura. Quanto tempo durou essa diáfana existência ele não soube precisar, mas a forma que dela se retirou — naquele mesmo ímpeto de quem acorda quando sonha que está pisando em falso — lhe trouxe todo o desagrado da realidade. Olhou em volta. Não estavam mais no túnel. Mas não conseguia saber em que lugar da cidade se encontravam. Ou melhor, *se* estavam na cidade! O pretume no entorno do carro era infindável. Assustado, Bruno interpelou o motorista.

— Ei, amigo! Onde estamos?

A resposta foi um simples silêncio, imperturbável.

— Ô, cara! O que tá acontecendo? Ei!?

Nem mesmo um respiro.

— É assim? Vai ver só!! — bravejou Bruno, procurando o celular nos bolsos do paletó. Nada do aparelho. Apalpou o banco à sua volta, encontrando apenas o vazio. Abaixou-se para procurar no piso, sem sucesso, mas pouco seguiu nessa tentativa: foi detido pela própria razão do porque estava naquele carro. "Meu Deus, pra quem eu vou ligar?! Como vou explicar a merda que fiz?". Precisava manter-se incógnito, por enquanto. Mas, com certeza, não mais naquele carro.

— Por favor! Pare o carro!

Pela primeira vez, notou o motorista lhe fitando pelo retrovisor. Era de uma pele retinta. Apenas o branco dos olhos eram vistos naquela escuridão: praticamente flutuavam dentro do ébano que preenchia o resto do espelho.

— Ei, eu falei com você! Para o carro! Agora!

O chofer, tão sereno como o silêncio que produzia, continuou encarando Bruno.

— Seu merda! — gritou para o motorista, na insensata tentativa de abrir a porta ao seu lado para pular do carro, sem nem mesmo saber a que velocidade seguiam. No entanto, a porta não cedeu. Bruno jogou o corpo pesadamente contra ela várias vezes, e depois investiu contra a outra, também sem resultado.

Agora se sentia realmente ameaçado. Um sequestro? O taxista vira Bruno saindo da turba, no acidente: deve ter percebido que ele estava envolvido. Era isso! Ia chantageá-lo! Enquanto repassava a cena, Bruno deu-se conta: não havia, em nenhum momento, dado seu endereço. Apenas deixou-se levar pelo alívio da fuga e assim foi. Muito esperto o sujeito! Trancafiou-o no carro, arrancou embora, e agora ia levá-lo algum lugar isolado. Pra negociar! Seria mesmo isso? Precisava ter certeza! Sondar! Não podia dar bandeira!

— Ei, hã, amigo, desculpe. Acho que houve algum engano.

— Nenhum engano… sr. Bruno.

De alto a baixo, um arrepio espinhoso cobriu seu corpo, ao ouvir a voz grave e aveludada daquele estranho pronunciar seu nome. Não haviam trocado uma palavra até aquela ocasião! Como ele sabia…? A carteira! Certamente pegou a sua carteira, talvez quando apagara no túnel. Para confirmar, apalpou os bolsos, nada encontrando. Quando, tal qual o celular, ia fazer a busca pelo piso, foi interrompido pelo motorista.

— Ficou lá no seu carro, sr. Bruno, a sua carteira… junto com seu celular. E com o senhor.

Bruno fitou aqueles olhos que flutuavam e lhe devolviam uma calma que beirava a insolência. Agarrou o encosto do banco da frente, ancorando sua raivosa incredulidade ante aquele desatino.

— Maldito! O que você quer dizer com isso?

A resposta petrificante lhe veio de imediato ao lembrar, ele próprio, do estado do seu carro; o paramédico; a total ausência de qualquer sinal de dor ou ferimentos no corpo. Bruno soltou os dedos cravados no banco e recostou-se ao fundo. Não sabia o que sentir. Havia algo para sentir? Estava morto. Então o que significava aquela viagem? Aquele carro? Aquele motorista?

O táxi, que em todo o trajeto após o túnel pareceu provido de asas, tal a maciez com que se deslocava, deu sinais de voltar a alguma normalidade da Física: Bruno notou a pequena

inércia da desaceleração do veículo, e o corpo jogado sutilmente para frente, quando enfim parou.

— Espero que o senhor tenha o que eu preciso, sr. Bruno… para continuarmos a viagem — disse o chofer, virando-se para trás, com um sorriso alvo, que flutuava na penumbra logo abaixo daqueles também flutuantes olhos. Uma mão grande, negra e ossuda, passou por entre os bancos, com a palma para cima.

— Como assim? Dinheiro? Mas minha carteira …

— Apenas abra a boca, sr. Bruno.

O homem, intrigado, buscava entender aquelas instruções, quando sentiu o impulso involuntário de inclinar-se para frente. Foi tomado de arrebatamentos de ânsia, com a boca arreganhada e a língua se projetando pra fora, na iminência de expelir algo. Mas nada saiu, nem mesmo uma gota de saliva.

A voz do chofer não conseguiu conter o sarcasmo em meio a resignação pela falta de sua paga:

— Nenhuma moedinha?! Uma pena. Parece que ninguém lá em cima se compadeceu do senhor. Andou aprontando mais do que simplesmente atropelar um ciclista, não?

— Eu … eu não sei do que você está falando!

— Não cabe a mim julgá-lo. Sou apenas o Condutor. Não faço as regras. E o senhor terá que deixar o carro. Agora.

Bruno foi surpreendido pelo som do destravar da porta ao seu lado. Hesitante, puxou a maçaneta. Para seu espanto, a porta abriu. Desceu do veículo, e o que viu tomou-o de pavor: um deserto sem fim de trevas. O mínimo que se enxergava do chão vinha por conta dos faróis do carro; e, para *todas* as direções, o *mesmo* céu negro com somente um delgado fio laranja avermelhado desenhado no horizonte. De qual lado o sol iria sair, afinal? Aliás, no pouco, mas suficiente, tempo em que Bruno ficou ali observando, notou que não houve uma mínima mudança naquele cenário.

— Q-quando é o amanhecer?

— Que amanhecer? — riu suavemente o chofer, na única vez que pareceu demonstrar algo próximo de uma real descontração.

— Por favor! Você não pode me largar aqui!! — afligiu-se Bruno, apoiado na porta, quase jogando o corpo para dentro do veículo.

— Sinto muito. — rebateu o motorista, tomando de volta a mesma fisionomia serena que cultivara desde que iniciaram aquela viagem. — Seus pares lhe negaram o direito ser levado

a um julgamento. Foi o *senhor* quem se pôs nesta situação. E novamente: eu não criei as regras. Estou tão sujeito a elas quanto o senhor. É *aqui* que devo deixá-lo.

— Mas, o que eu faço? Pra todo lado, é… é tudo igual. Vou ficar preso nesse lugar? Para *sempre*?!

— Não exatamente. Há uma possibilidade. Perto de onde estamos, tem um grande rio. Se o senhor conseguir segui-lo pela margem, poderá encontrar a… "chegada."

— Nesse escuro? Como vou saber onde está o rio?

— O senhor vai *ouvi-lo*. Tem que estar bem próximo para perceber seu som. Mas… por ele correm todos os pecados que se cometem na vida. Terá que suportar cada falta sua que ecoar em meio as águas, se quiser se guiar por ele. Incrivelmente… alguns conseguem.

— E … quanto tempo vai levar?

— Cerca de cem anos, senhor.

— Cem anos? CEM ANOS?!

— Está morto, sr. Bruno… o que não lhe falta, nesta circunstância, é *tempo*. — Uma leve aspereza se formou na voz chofer. — Agora, por favor, feche a porta. Não é a única alma que tenho que recolher, meu amigo. Outras, muito menos complicadas, me esperam.

Mal bateu a porta, Bruno sentiu a lataria do carro em movimento deslisando levemente na ponta dos dedos. O veículo se afastou, e, de modo muito insólito — pela pouca distância que havia tomado — os faróis traseiros foram logo engolidos pelo véu da noite. Olhando à volta, não tinha a menor ideia de que lado haviam chegado até ali. O chofer dissera que o rio estava próximo, então, se pôs a caminhar na que julgava ser a direção vagamente apontada por ele. Sem a ofuscante presença das luzes do veículo, Bruno acostumou-se um pouco com a escuridão, conseguindo enxergar, ainda que muito turva, a silhueta de seus pés sobre o chão. Era uma visibilidade similar a dum cômodo de luzes apagadas, à noite, com as janelas fechadas, e o fraco bafo de luz vindo das ruas mal permitindo distinguir o contorno dos móveis.

A textura do solo em que pisava, arenoso, de fina granulação, mas de consistência sólida, poderia ter jogado Bruno numa cadeia de impressões sobre sua nova realidade, pois, sabendo-se morto — e aparentemente, agora, um espírito! —, ainda envergava essa estranha sensibilidade tátil da matéria ou algo muito similar: o terreno sob seus pés naquele instante; e mesmo antes, durante a viagem no carro, o sentar no banco, o tocar na porta. E as sensações emocionais: a ansiedade da fuga; o alívio da escapada; o medo do sequestro; e a angústia, de quando, finalmente, saiu do carro e encarou pela primeira vez este deserto no qual agora perambulava. Por que estas propriedades, tão eficazes na matéria mortal, teriam alguma funcionalidade sobre

algo tão etéreo como a alma? Ou a alma jamais foi etérea, como supunham as crenças? De certo modo, isso poderia explicar porque não percebeu, de imediato, que havia morrido.

Mas nada disso foi racionalmente elaborado: Bruno estava ocupado demais em sua busca pelo rio para se permitir tais elucubrações. E não muito tempo depois, foi recompensado. Um murmúrio se apresentou em uma pouca distância. Diminuiu o passo, com receio de, por acidente, despencar na margem, indistinta naquela quase total ausência de luz. O som ficou cada vez mais consistente, e Bruno deteve-se. Achou que era próximo o suficiente. O rio emitia um rumor surdo, gigante, de correnteza forte: era enorme, por certo. Resolveu caminhar no sentido que considerou estar em paralelo ao leito, e eventualmente, se afastava para o lado querendo sentir o quanto podia se distanciar sem perder a referência do som. Seguro enfim, deu início, de fato, à sua jornada, mirando o longínquo horizonte com seu pequeno fio alaranjado, do que Bruno já entendia como um eterno crepúsculo.

Um passo seguiu-se a outro. A outro. E a outro. Indefinidamente. Não deu conta do quanto, em tempo ou distância, poderia ter já caminhado, pois, naquela sua nova condição, não sentia necessariamente um cansaço físico, que lhe seria uma boa métrica de performance. Naquele ambiente, se algo pudesse ser interpretado como alguma fadiga parecia ocorrer mais no âmbito mental que corporal. O que era certo: estava, sim, enormemente entediado. De fato, não havia o que pensar, o que falar, com *quem* falar. Mas já começava achar natural o seu isolamento naquela negra vastidão. Até que ouviu o que lhe pareceu um lamento. Parou, aguçando os ouvidos. Nada. Continuou caminhando, e de repente, o lamento pareceu mais próximo. Deteve-se novamente, voltando-se para o entorno, à procura da origem do ruído. Nova lamúria! E então encontrou: alguma coisa, uma mancha, turva como seus pés, agachada ao longe, se retorcendo enquanto emitia um choro que parecia evocar todas as dores do mundo. Terrificado, Bruno retomou apressado a caminhada, olhando naquela direção apenas o suficiente para certificar que, o que quer que fosse *aquilo*, não o estivesse seguindo.

Pouco depois, diminuiu a passada. Mais atento, sabendo não estar sozinho, dividia sua atenção não só entre o som do rio e o horizonte crepuscular, mas agora também, com o grande vazio. Que se mostrou efetivamente menos vazio: um grito de horror passou correndo a poucos metros de distância. Meu Deus! Era… era uma pessoa?! A voz, a voz, parecia de uma mulher?! A mancha foi se distanciando, a plenos pulmões.

Bruno congelou. Mudava de direção? Continuava na que estava? Mantinha-se andando, tentando *não* chamar a atenção, ou deveria correr para se afastar daquelas… daquelas *coisas*? Haveriam quantas mais? A resposta veio na forma de outro urro, mais longe, mas lancinante o

suficiente para arremessá-lo num trote agoniado. Não almejava mais nada, a não ser acelerar sua saída daquele lugar, mesmo sabendo que ainda lhe restava *pelo menos* um século à frente.

"Bruno!"

Uma voz feminina o fez estacar em tal violência que quase o jogou ao chão. Não conseguiu distinguir de onde veio. Mas não precisou de grande esforço para descobri-lo.

"Por que, Bruno?"

O rio! De lá emergia a voz! Espectral e explosivamente inquisidora.

"Nosso *filho*! Por quê?"

Bruno sentiu o gélido açoite do medo atingir-lhe a espinha.

— N-Natália?

"A escada! Você não devia. Nosso filho, Bruno."

— Não!

"Ainda em meu ventre, Bruno."

— Foi… foi um acidente! — murmurou.

"Você. A escada. Eu sempre soube."

— FOI UM ACIDENTE! — Bruno gritou para aquele rio que continuava rugindo invisível à sua frente. Começou a correr, num inocente julgamento de que, movendo-se mais rápido, não conseguiria ouvir a voz.

"Bruno."

Era uma outra voz. Masculina. Bruno diminuiu a marcha, mas sem se deter.

— O q-quê?! Quem está aí?

"Foi a minha pele, Bruno?"

— Rodolfo? Não, eu n…

"Aqueles papéis. Aqueles documentos, Bruno."

— Não sei do que você está falando!

"Me prejudicou, Bruno. A sua farsa…"

— Não, não é verdade!

"Minha cor. Só por causa da minha …"

— É MENTIRA!

Bruno disparou em verdadeiro galope, com a respiração entrecortada por ganidos de desespero. Subitamente, decidiu se afastar do rio e desviou à direita. Correu. Correu. Parou, de

abrupto. Aguardou, compenetrado. Não haviam mais as vozes. Mas, também, não escutava *o rio!* Meu Deus, pra que lado ele estava? Correra tanto assim? A "chegada"! Precisava alcançar a "chegada"! Com certeza não poderia arriscar andar tão afastado, com a possibilidade de se perder definitivamente naquela imensidão. Começou a caminhar, acelerado, em busca do leito, não sem captar eventuais brados agonizantes — provavelmente daqueles vultos — que, apesar de soarem longínquos, lhe atravessavam com fortes estocadas de terror.

Já havia singrado considerável distância, e, à angústia daqueles gemidos horríveis, juntou-se a da possibilidade de não reencontrar o rio. Os passos estavam cada vez mais marcados por uma respiração embargada, quando seus ouvidos foram inundados pelo vigor das correntezas familiares. Foi ínfima a tranquilidade na retomada de viagem, pois logo uma outra voz brotou daquelas entranhas caudalosas .

"Você me roubou, Bruno!"

Ao contrário das vozes anteriores, Bruno nem mesmo respondeu. Seguiu em passo firme.

"Minha esposa e filho choram."

Os olhos estavam fixos, não no horizonte, mas além, muito além, na imaginária esperança de que, levasse de fato cem anos, tudo aquilo que ele passava nunca mais existiria.

"Onde está, Bruno?"

A incógnita de quem era aquela voz, mais do que sua própria fantasmagoria, o deixava crescente e verdadeiramente assustado.

"*Vagabundo!* Lembra?"

Bruno estava prestes a explodir.

"Assim você me chamou …"

Lembrou.

"… antes de jogar o carro."

— Desculpa!

"Minha bicicleta."

— MEU DEUS!

"Onde está minha *vida*, Bruno?"

— DESCULPA! DESCULPA!

Tão cortante foi seu clamor que pareceu se estender como súplica a todos outros ofendidos em sua vida, fossem aqueles que ali no rio davam o ar da graça, fossem os que se omitiram até então. Se havia espaço para o arrependimento naquele lugar, ao certo não havia

para o perdão. Pois não só a voz do entregador permaneceu em sua ladainha, como a ela se juntou a de Natália, de Rodolfo, e, aos poucos, outras de quem a má índole de Bruno alguma vez tomou conhecimento.

"Nosso filho, Bruno"

"Por causa da minha cor"

"Vagabundo!"

"Eu disse 'não'"

"Minha vida"

"Meu dinheiro, Bruno!"

"Minha cor!"

"'NÃO' queria dizer 'NÃO'"

"Nosso filho …"

— Parem!

"… no meu ventre."

— Por favor!

"Minha esposa chora…"

Bruno cobriu, fortemente, os ouvidos.

"Meu corpo! Eu disse 'NÃO'"

Era inútil. As vozes quebravam em sua mente…

"Seu carro!"

… como mar revolto contra rochas.

"ROUBOU MINHA VIDA!"

— PAREM! POR FAVOR, PAAAAREEEEEM! Bruno desembestou para longe do rio. O bastante para que as vozes não mais o alcançassem. Mas isso era irrelevante, o silêncio não o confortava mais: constatou que cem anos — e, talvez, mesmo a própria eternidade — jamais seriam suficientes para se empenhar naquela jornada escolhendo entre abrigar-se perpetuamente naquele inexcrutável vazio lamentoso das trevas, ou submeter-se, na caminhada, àquelas vozes do rio que tornavam todo o seu ser em náusea. Perdido na desesperança, exerceu o único poder do qual realmente ainda dispunha: gritar.

— POR FAVOR! ME PERDOEM! ME PERDOEM!

Aos poucos, nem foi mais necessário o léxico para expressar sua desolação: saíam dele berros em estado puro… Encolhido, de joelhos, tornou-se mais uma das manchas turvas naquela medonha e inacabável penumbra, a bramir uma existência tão horrível quanto em carne.

A entrevista

Heldio Pereira Villar

A entrevista do Dr. Cláudio Fortunato Wanderley, deputado federal por dois mandatos e que, após um interstício de quatro anos, tentava agora um terceiro, aproximava-se do fim. O programa televisivo "O Personagem da Semana", transmitido todas as quintas-feiras às 20h55, anotava na noite de hoje uma audiência substancialmente maior do que a usual. Durante os 48 minutos anteriores, o apresentador, Ralph Matias Brasileiro, tinha esmiuçado a vida do deputado. Como ele tinha entrado na política, como decidira "pular" os degraus usuais dos postulantes a um cargo eletivo (nunca se candidatara, por exemplo, a vereador ou deputado estadual), como isso repercutira, ou melhor, atrasara sua carreira (já que obtivera seu primeiro mandato somente aos 48 anos), o que de fato havia por trás da muito comentada mudança de partido no início do corrente ano – ele que tinha sido uma espécie de ícone no Estado do partido em que obtivera dois mandatos seguidos (mas que o levara a perder, por pouco, o terceiro mandato seguido quatro anos atrás) – qual era agora sua plataforma para, nas próximas eleições, ser reconduzido à Câmara Federal e coisas assim. A entrevista agora se encaminhava para temas mais genéricos.

– Dr. Cláudio, o que o senhor acha da Lei Eleitoral? Por exemplo, no que tange à questão do quociente eleitoral?

Essa era uma questão espinhosa. Cláudio era conhecido como alguém estritamente legalista. Ele encarava a Constituição Federal como um pregador encara os Evangelhos. E, por tabela, todo o aparato legal da nação. Ele então deu uma rápida e didática explicação, com direito a um fácil exemplo, do que era o quociente eleitoral.

− A ideia – acrescentou, finalizando – é permitir a representação dos partidos menores.

− Eu me lembro – retrucou Ralph – que o senhor foi, digamos, vítima desse quociente eleitoral na última eleição. Se os números não me enganam, o senhor teve mais votos do que cada um dos quatro últimos candidatos que entraram para a Câmara dos Deputados. Ainda assim o senhor acha que isso é justo?

Cláudio Fortunato Wanderley era um político arguto, tido pelos correligionários como extremamente hábil e pelos adversários como "em cima do muro". É evidente que ele se lembrava nitidamente da fúria que o acometera, quatro anos antes, por ter perdido a eleição para quatro candidatos com menos votos que ele. Ele olhou rapidamente para a plateia e concluiu que nenhum daqueles espectadores estivera presente no comitê quando ele fez críticas acerbas

à Lei Eleitoral, classificando-a de "entulho do autoritarismo getulista que deveria ser jogada na lata do lixo".

− Perfeitamente, Ralph. A lei é muito justa, como eu disse, por permitir que os partidos chamados "nanicos" tenham a chance de ser representados no Legislativo. Além disso, quem sabe se um dia não serei eu o beneficiado?

Ouviram-se alguns aplausos entre a plateia. Ralph continuou.

− Dr. Cláudio, é comum as pessoas que o apoiam dizerem que um voto no senhor é um "voto de opinião". Essa, por sinal, é uma expressão bastante comum...

− Realmente comum – Cláudio atalhou.

− ... entre alguns candidatos que não conseguem se eleger – completou Ralph, olhando nos olhos do entrevistado. Risadas no auditório. Ralph percebeu que Cláudio ficara realmente sem jeito e resolveu amaciar.

− Agora, sem brincadeira, como o senhor vê o "voto de opinião" no senhor?

Cláudio olhou para cima por alguns segundos, não só para elaborar uma resposta, mas também para respirar fundo.

− Ralph, você sabe que existem dois tipos de candidato: existe o assistencialista e o propositivo.

Cláudio parou e encarou Ralph e a plateia. Não houve qualquer manifestação. Ele percebeu que tinha marcado um ponto importante e continuou.

− Se nós pegarmos os três níveis de governo – o federal, o estadual e o municipal – vamos ver que o assistencialismo eleitoral cresce exatamente nesse sentido. E a razão é simples. O prefeito e, especialmente, os vereadores são os políticos mais próximos do povo. Um vereador pode perfeitamente afirmar que tal bairro é seu "reduto eleitoral". Usualmente ele mora ali, ou já morou, e conhece muitas das pessoas, particularmente as mais representativas, que acabam atuando como seus cabos eleitorais, e está sempre atento às necessidades daquela comunidade. Ele aí pressiona o governo municipal a realizar serviços, muitas vezes simples, como mandar tapar um buraco, colocar uma lâmpada num poste, ajudar financeiramente um clube de mães...

− ... uma liga de dominó... – atalhou Ralph.

Cláudio perdeu um pouco do equilíbrio nessa hora. Por que estaria Ralph falando numa liga de dominó? Será que alguém tinha contado a Ralph que, nas eleições municipais seis anos antes, quando ele ainda era deputado federal, um candidato a vereador do seu partido lhe pedira para fazer, com ele, a entrega dos prêmios de um torneio de dominó e ele declinara, dizendo que jamais faria uma coisa dessas, por achar que dominó era "esporte de malandro"?

Após uma hesitação de três segundos, ele assentiu: − Sim, liga de dominó.

Cláudio olhou de novo para cima e continuou.

− Já um deputado estadual guarda uma distância maior do povo. E, é claro, deputados federais e senadores, uma distância maior ainda.

− Mas, ainda assim, o assistencialismo continua presente – rebateu Ralph.

− Claro, claro, porque, em suas campanhas, é comum que deputados e senadores contem com o apoio de prefeitos e vereadores que eles ajudaram a eleger, por exemplo, com emendas orçamentárias beneficiando algumas comunidades.

− Mas, pelo visto – disse Ralph – o senhor não se enquadra nesse tipo de político.

− Não. De modo algum. Meus projetos não visam atender a uma pessoa, ou mesmo a uma pequena comunidade. Vejo meus projetos como verdadeiramente estratégicos. E meus eleitores também têm essa visão.

Enquanto elaborava e, pausadamente, enunciava essa resposta, Cláudio pensava na que era praticamente sua única preocupação como político: não ser acusado de nepotismo, favorecimento, compra de voto etc. Ele arranjava todo tipo de desculpa para recusar os pedidos de eleitores, amigos e até de familiares. E essa atitude ia ao encontro de sua personalidade: ele, toda a vida, *pediu* favores, mas se esquivou de *fazer* favores. Seu pai sempre dizia, "Cláudio, você segue direitinho o Pai Nosso: no 'venha a nós', tudo; já ao 'Vosso reino', nada!"

− Em suma, Dr. Cláudio, seu eleitorado é de gente que não precisa. Ou seja, é um eleitorado claramente elitizado.

− Talvez, Ralph.

Em suma, os duzentos e poucos espectadores na plateia e os milhares de telespectadores pelos vários recantos do Estado tinham agora – ou apenas confirmavam – uma ideia muito mais clara desse seu eventual representante no Congresso Nacional. Nesse momento, Ralph começou o encerramento do programa.

− Queremos agradecer ao Dr. Cláudio Fortunato pela sua gentileza em vir ao nosso programa e, antes de encerrar, vamos à pergunta que selecionamos da nossa plateia. Para os que nos honram com sua audiência pela primeira vez, saibam que nossa equipe de produção recebe, perto do fim do programa, várias perguntas que os nossos espectadores aqui no auditório dirigem, em pedaços de papel, ao nosso entrevistado. Nossa equipe rapidamente escolhe aquela que lhe parece mais original, ou pertinente, ou mesmo polêmica.

− Mais polêmica que as suas, Ralph? – perguntou o deputado, piscando para a plateia e arrancando risos.

– Aí eu não sei, deputado, porque ela vai ser feita por quem a elaborou. Por favor – acrescentou, dirigindo-se à plateia – Sr. Estanislau Pinto Chaves, levante-se e faça a sua pergunta.

Um homem aparentando uns 60 anos, altura média, mais para magro do que para gordo, com vasta cabeleira grisalha, levantou-se rapidamente. Como um refletor do estúdio foi dirigido ao espectador, o deputado pôde vê-lo melhor. Sentiu imediatamente um leve calafrio e passou a mão direita pelo cabelo, que já começara a rarear e que ele cuidadosamente mantinha na cor negra. Era impressionante a semelhança do Sr. Estanislau com um rival na sua juventude. E esse era seu nome: Estanislau. Não havia dúvidas. Era ele. Seu pai era fã do jornalista Sérgio Porto, que assinava seus artigos como Stanislaw Ponte Preta, e resolvera batizá-lo com o nome do seu ídolo. – Só que eu não gosto de "estrangeirismos" e "w" não é letra brasileira – dizia o velho Ludgero de Sousa Chaves; e acabou batizando o filho de Estanislau, o rival de Claúdio pela atenção de Natália.

Filha de um dos chefes políticos do seu antigo partido, Natália Borges Dourado era uma das mais belas e desejadas jovens do Estado. Alta, loura, com belos olhos verdes e muito inteligente, embora com uma leve tendência a engordar, ela se apaixonou por Cláudio nas reuniões do partido, que seu pai promovia em sua própria casa. Diante do interesse da filha, o velho Victor Bremner Dourado passou a ter uma atenção especial para com Cláudio. Os dois jovens chegaram a noivar e até a marcar a data do casamento. Isso permitiu que ela parasse de ser assediada por Estanislau Pinto Chaves, que tinha sido suplente de vereador pelo mesmo partido e, com o falecimento do titular, assumira a cadeira por um ano e meio, não conseguindo eleger-se no pleito seguinte. A notícia do noivado de Natália foi um duro golpe para Estanislau, que acabou mudando-se da capital. Cláudio nunca mais ouvira falar dele.

A poucos meses do casamento, no entanto, bruscamente, praticamente de um dia para o outro, Cláudio rompera o noivado para se casar, de repente, com a filha de outro chefe político do mesmo partido, rival do seu quase sogro, mas que lhe oferecia uma situação mais interessante, inclusive financeiramente, dentro do partido. É óbvio que imediatamente surgiram rumores de que a nova esposa, nascida Leocádia Bezerra dos Santos – sem dúvida uma moça atraente, com seus belos e longos cabelos negros e olhos escuros, mas sem a beleza refinada e a classe de Natália – teria casado grávida, o que não se confirmou. Victor Bremner Dourado ficou furioso e tentou "queimar" o quase genro dentro do partido. Só tentou, pois foi vítima, menos de dois meses depois, de um infarto fulminante, talvez pelo desgosto que lhe causara seu pupilo, talvez porque ele estava percebendo que começava a perder o controle do partido – exatamente para José Belarmino Silva dos Santos, o pai de Leocádia.

Natália, com a morte do pai, mudou-se com a mãe para o interior do Estado, onde vivia grande parte dos seus parentes maternos. Também dela nunca mais Cláudio ouviria falar.

Mais uma vez a conhecidíssima sorte de Cláudio o livrara de mais um problema, pois a ruptura do noivado significou a ruptura com o pai de Natália, o que enterraria suas pretensões dentro do partido. A morte do velho "cacique", contudo, levou, como era mais que esperado, Belarmino à liderança do partido. E ele daria a Cláudio, anos mais tarde, a oportunidade com que sempre sonhara – e que Victor nunca oferecera: a de ser candidato.

Assim ele chegou à Câmara dos Deputados, logo na primeira tentativa, doze anos antes. Era, talvez, um tanto velho para um primeiro mandato – 48 anos – mas acabara tendo boa participação na Câmara, sendo reeleito com certa facilidade. A bem da verdade, sendo genro de um "cacique" político importante como Belarmino, a um tempo em que o partido tinha grande relevância local e nacional, isso não foi surpresa.

No meio do segundo mandato de Cláudio, um câncer altamente agressivo derrotou seu sogro. O novo "cacique" do partido era antigo aliado de Victor Dourado e, como tal, inimigo político de Belarmino. Ele em nada ajudou Cláudio na sua tentativa de um terceiro mandato. E de nada adiantaram os esforços de Cláudio, sua incontestável aprovação como deputado e seu inegável capital eleitoral. As mudanças ocorridas na política nacional tinham diminuído em muito o apoio popular ao partido. Mesmo com a pouca ajuda da máquina partidária, ele ainda foi o mais votado da legenda. Mas, em função do baixo quociente eleitoral do partido, não conseguiu reeleger-se, embora tivessem entrado exatamente quatro deputados de outros partidos com votação inferior à dele.

Sem mandato, Cláudio cogitou a carreira de advogado na banca do falecido sogro, mas não chegou nem a começar. Dono, afinal, de um patrimônio político significativo, ele foi sondado por outro partido, também forte no Estado, filiando-se e concorrendo a deputado federal nas eleições que se aproximavam.

Essas memórias passaram rapidamente pela cabeça de Cláudio enquanto uma assistente de palco entregava o microfone para Estanislau, que tirou seus óculos de leitura do bolso do "blazer", colocou o papel com a pergunta na distância certa e soltou um leve pigarro.

− Senhor candidato – ele começou – o senhor é advogado e eu também. (Nessa altura, se Cláudio ainda tinha qualquer dúvida sobre a identidade de Estanislau, essa se desvaneceu; ele sabia que Estanislau era advogado.) E, é claro, tenho o maior interesse de que minha profissão seja valorizada. Mas há um aspecto que me incomoda e que o senhor, lá na Câmara Federal, pode trabalhar para mudar. O senhor acha justo que, no serviço público, os mais altos salários

estejam reservados para os advogados? Por exemplo, um delegado de polícia tem obrigatoriamente de ser um Bacharel em Direito?

Cláudio passou lentamente a mão pelos cabelos. Ele estava preparado para receber, do seu antigo rival, uma pergunta que o constrangesse, mas nada parecido com aquilo. Que resposta ele poderia dar, quando seu irmão, José Pedro, quatro anos mais moço e sem muito brilho, era, fazia uns bons 10 anos, delegado de polícia? E isso – assim diziam as más línguas – graças a "uma mãozinha" do irmão político?

A história era interessante. José Pedro tinha tirado a mesma nota que o último classificado, mas ficara de fora por ser mais novo, como é praxe em concursos públicos. Ele tinha certeza que tinha acertado uma das questões que, aparentemente, era mal formulada, marcando uma resposta diferente da do gabarito. Tentou resolver o problema administrativamente, mas a comissão do concurso indeferiu. José Pedro então pediu ao irmão, deputado em primeiro mandato, para intervir. Cláudio, é claro, recusou peremptoriamente. Sua mãe, viúva, pedia por tudo a Cláudio para fazer alguma coisa pelo irmão. Até que Cláudio resolveu a questão à sua maneira. Mandou o irmão entrar na Justiça. Depois, muito discretamente, usou a força do partido para conseguir uma conversa, bem reservada, com um desembargador. E deu certo, com o tribunal mandando anular a questão, o que colocou José Pedro como o último dos classificados ao cargo. O caso é que, embora a questão tenha sido aparentemente bem anulada, Cláudio não conseguiu seu intento de parecer alheio ao caso. Ele sabia que comentavam que ele tinha, de alguma forma, interferido no resultado. E que o candidato que tinha perdido a vaga estava disposto a brigar. Para sorte de todos, ele, que era de outro Estado, estava esperando o resultado de outro concurso em sua terra, findando por ser aprovado e não querendo mais brigar na Justiça.

Se Estanislau, mesmo tanto anos depois, ainda tinha alguma mágoa contra Cláudio, ele sabia desses rumores e o estava constrangendo agora.

− Meu caro o delegado tem de ser advogado porque o advogado enquadra – foi a única resposta que veio à cabeça de Cláudio.

Nesse momento, aconteceu algo inesperado. Uma mocinha, que estava sentada atrás do Estanislau, tomou-lhe o microfone e perguntou à queima roupa:

− Enquadra? Enquadra? O que o senhor quer dizer com "enquadra"?

Ralph, o mediador, deveria ter interrompido a pergunta e pedido à assistente de palco para tomar o microfone da intrometida, mas resolveu deixar a coisa prosseguir, pois estava ficando mais interessante do que ele esperava. Enquanto isso, Cláudio tentava ganhar tempo.

− Por favor, qual é o seu nome? – ele perguntou

− Viviane. Viviane Caldas.

− Obrigado, Viviane. Veja, Viviane, o advogado enquadra porque é o advogado que entende de leis. Assim, ele sabe quando a lei está sendo descumprida e enquadra o descumpridor.

− Desculpe-me, deputado – retrucou Viviane – mas o senhor sabe que a ninguém é permitido dizer que desconhece a lei. Ou seja, todo muito conhece a lei, ou pelo menos deveria conhecer a lei. Qualquer pessoa pode dar voz de prisão a alguém, se encontrar esse alguém cometendo um crime. Então, seguindo esse princípio, qualquer cidadão é capaz de "enquadrar".

Claúdio, desta vez, ficou sem ação. Enquanto isso, um rapaz barbudo sentado ao lado de Viviane tomou o microfone. – Além disso – ele comentou – o delegado, antes de ser nomeado, passa por uma academia. Uma colega minha do científico é hoje delegada da Polícia Federal. E ela fez o curso na Academia da Polícia Federal em Brasília.

Cláudio continuava calado. Foi a essa altura que Estanislau retomou o microfone e deu o golpe de misericórdia.

− Eu acho, candidato, que esse é um forte caso de corporativismo. Todos nós aqui sabemos que, no serviço público, os advogados criaram "nichos" para eles, "nichos" exatamente com os melhores salários.

Viviane, mais uma vez, tomou o microfone.

− E não é só isso. Nós estamos cansados de ver, no cinema, profissionais de outras áreas nas polícias dos países mais desenvolvidos. Você encontra estatísticos, psicólogos, geógrafos e por aí vai. Será que é por essa razão que essas polícias têm tão grande sucesso na elucidação de crimes, enquanto as daqui não conseguem resolver nem 10% dos assassinatos?

Cláudio pensou rápido. – Você anda vendo muitos filmes policiais, Viviane.

A plateia riu, mas Cláudio sentiu que Viviane não ficara muito convencida. Foi aí que ele lançou um olhar para Ralph e mexeu levemente os lábios. Esse foi um sinal que o candidato e o apresentador tinham combinado de antemão. Caso a plateia se mostrasse muito combativa, Ralph chamaria a atenção para o horário e faria uma pergunta ao entrevistado, pergunta essa também combinada. E Ralph aproveitou a deixa.

− Pessoal, acabo de ser avisado pela produção que nosso tempo está bem perto de se esgotar. Assim, gostaria de dirigir ao nosso convidado uma última pergunta. Dr. Cláudio, o senhor nunca quis advogar, seguir sua profissão?

Agora mais calmo, o candidato abriu um sorriso.

− Ralph, você, com essa pergunta, me obriga a contar dois episódios da minha vida que apenas umas poucas pessoas da família conhecem, e que agora eu tenho de tornar públicos!

− Vejam só! – Ralph agora falava diretamente para a câmera. – O nosso entrevistado fará confidências a todos nós!

− Pois é, Ralph. Vamos ao primeiro. Pouquíssimas pessoas sabem, mas sou, também, formado em medicina.

− Realmente, Dr. Cláudio. Eu, que o conheço há um bom tempo, estou sabendo disso agora.

− Pois é, Ralph. Meu pai, também Cláudio, era dentista. Um dos mais conhecidos da cidade. Digo, com orgulho, que a "fina flor da sociedade", como se dizia antigamente, se tratava com ele. Seu sonho era que eu me tornasse médico. Mas o que eu queria mesmo era ser advogado.

− Mas a carreira de médico é, também, muito prestigiosa – interrompeu Ralph.

− Eu sei. Eu sei. Assim, para fazer a vontade do meu pai – que, àquela altura, começava a dar os sinais da insuficiência cardíaca que o vitimou – eu prestei vestibular para Medicina.

− Dr. Cláudio – atalhou Ralph – eu sempre vi o senhor como uma pessoa muito determinada, sabedora do que realmente deseja. Como encarou essa mudança nos seus planos?

− Bem, Ralph, não foi fácil. Mas você, e também nossa plateia, precisam compreender que meu pai pertenceu a uma geração que via a Medicina, a Engenharia e o Direito como os três pilares das profissões universitárias no Brasil. De acordo com o folclore, se você não tinha medo de sangue, estudaria Medicina; se não tivesse problemas com a Matemática, estudaria Engenharia; e se fosse meio "devagar" nos estudos, estudaria Direito.

Ouviram-se alguns risos na plateia. E Cláudio então dirigiu seu olhar para ela.

− Sim, era assim. Meu pai se tornou dentista porque perdeu seu primeiro vestibular para Medicina. Aí, para não perder mais tempo – meu avô não tinha muitos recursos e queria ver o filho trabalhando logo – no ano seguinte passou em Odontologia. Mas durante um bom tempo o Direito foi visto como uma espécie de "terceira opção" para quem fazia o vestibular. A coisa veio mudar depois da redemocratização e, especialmente, depois da Constituição de 1988. A carreira jurídica passou a ser muito valorizada e, hoje, o "sonho de consumo" do jovem da classe média é formar-se em Direito e fazer um dos vários concursos públicos que são oferecidos nessa área. Com isso, esse jovem pode virar procurador, juiz...

− ... político... – completou Ralph.

− ... delegado... – uma voz de homem, da plateia, foi alta o suficiente para ser ouvida até pelos telespectadores. Cláudio resolveu ignorar.

− Enfim, fiz todo o curso de Medicina e, à medida que eu me aproximava do fim, aumentava minha angústia. O que eu iria fazer? Entregar o diploma para que meu pai o

emoldurasse e fazer vestibular para Direito? Abandonar meu sonho de ser advogado? Fugir do país?

Mais risos da plateia.

− Meu problema foi resolvido da maneira mais trágica possível. No meio do meu penúltimo ano, um infarto fulminante matou meu pai. Em atenção à sua memória, completei o curso de Medicina, recebi o diploma e, àquela altura, já tinha sido aprovado no vestibular de Direito. Eis porque me tornei Bacharel em Direito tão tarde. Já tinha perto de 30 anos.

− Uma bela história, Dr. Cláudio. Mas, e o segundo episódio?

− Bem, esse aconteceu logo depois de eu ter obtido a minha carteira da OAB. Confesso que não tinha intenção de começar a advogar imediatamente. Afinal, eu tinha um bom emprego no partido. Mas uma chance apareceu de forma inesperada. Vejam só:

Eu tenho um primo que, dadas as dificuldades financeiras da irmã do meu pai, que enviuvou logo depois de ele ter nascido, foi praticamente criado pelo meu pai. Claro, ele tinha onde morar, já que sua mãe ficou dispensada das prestações do pequeno apartamento que o marido tinha comprado algum tempo antes. Mas meu primo dormia lá em casa volta e meia, o que não era nenhum transtorno. Ele era menos de dois anos mais velho que eu e nós sempre nos demos muito bem.

Sérgio – esse era seu nome – era muito estudioso e terminou seu curso de biologia entre os primeiros da turma. Como era esperado, ele conseguiu uma bolsa para estudar no exterior, e escolheu uma prestigiosa universidade francesa. Poitiers, eu acho. Ali ele fez seu mestrado e seu doutorado, findando por se tornar estagiário em uma grande empresa francesa ligada à biologia molecular, um tema que, na época – mais ou menos uns 30 anos atrás – começava a atrair atenção e bons salários. Nessa empresa ele conheceu Amélie, uma brasileira filha de suíços de origem francesa que tinham passado um bom tempo aqui no Brasil, em São Paulo, onde ela nasceu. A família voltou para a Europa e Amélie era secretária da diretoria da empresa. Casaram-se pouco tempo depois. Meus pais e a mãe do Sérgio foram para o casamento na França. Meu pai e minha mãe teceram muitos elogios sobre a noiva. Que era bonita, simpática, competente e que conseguia falar um bom português. Mas Tia Margareth – como sempre acontece com mães de noivos – tinha de achar algo errado com a nora: − Ela é uma miserável, isso sim! Sei que os dois ganham bem, mas ela age como se estivessem na pior. É uma miserável! E vocês vão ver logo, logo!

O "logo, logo" chegou cedo. Chegando ao fim o estágio do Sérgio, um ano e meio ou dois depois, a empresa foi adquirida por um conglomerado inglês, que cogitou levá-lo para a Inglaterra. Como seus conhecimentos de inglês eram muito limitados, ele optou por ficar na

França, saindo da empresa. Dado seu bom currículo, uma empresa sediada nos arredores de Paris o contratou. Amélie que, por sinal, estava grávida, embora ainda não o soubesse, ficou sem emprego. E assim, mudaram-se os dois para um pequeno apartamento, localizado perto da estação Balard do metrô, no sul de Paris. Sei desses detalhes porque com Isidore ainda na barriga de Amélie, eu os visitei. Eu me lembro de ter perguntado o porquê do nome da criança, e Amélie respondeu que tinha sido um pedido no leito de morte de sua avó materna, que era espanhola e devota de São Isidoro de Sevilha, um santo do qual eu nunca tinha ouvido falar.

Mas do que mais me lembro durante aquela visita – que, graças ao bom Deus, foi curta – é da verdadeira psicose de Amélie com dinheiro. Fiquei cinco dias com eles, por insistência do Sérgio. Como nunca tinha ido a Paris, passava o tempo todo fora. Ajudava nas despesas, é claro, e não via nada que ameaçasse a vida de classe média que levavam. Mas o pouco tempo que passava com eles – mais corretamente, com ela, já que ele trabalhava muito e sempre estava de volta depois do jantar – era ponteado de lamúrias sobre as dificuldades, sobre como viver em Paris era duro etc. etc.

Tia Margareth foi a Paris para o nascimento de Isidore. Ao voltar, trouxe muitas fotos do bebê. Avós são avós, e Tia Margareth não era diferente. Isidore era lindo, maravilhoso. Ela até resgatou o epíteto de "bebê Johnson", um concurso para bebês que a Johnson&Johnson tinha lançado na década de 50 ou 60, sei lá! E a nora? − Continua miserável! – era a resposta. − Aliás, está ainda pior!

Isidore estava perto de fazer dois anos, quando Sérgio e Amélie resolveram trazê-lo ao Brasil. E, é claro, aproveitariam a oportunidade para fazer aqui a festa de aniversário. No dia da chegada, meus pais levaram Tia Margareth ao aeroporto. Na época eu tinha uma moto, que não ia ajudar em nada, porque nós íamos pegar três pessoas, mais as malas. Heitor, irmã da minha namorada na época, tinha um sedã, que acho que era da Ford. Eu então pedi que ele me levasse ao aeroporto. Meu pai e Tia Margareth trariam no carro Amélie e o bebê e Sérgio viria conosco, mais as malas.

Após uma espera razoável na área de desembarque internacional, eis que surgem Sérgio, Amélie e o bebê. Não houve exagero por parte de Tia Margareth: Isidore era, de fato, um lindo bebê. Fomos para o estacionamento. Quando Sérgio começou a tirar as três malas do "trolley", Amélie apontou para a maior delas, uma mala de cor laranja: − Olhe o que fizeram com a mala, Sérgio!

A mala não era nova, mas parecia bem conservada, a não ser por uma rachadura de bom tamanho, da curva da frente da mala para uma das laterais. Olhando para Sérgio, eu notei nele certo constrangimento.

– Vá lá reclamar, Sérgio! Eu não paguei tão caro por uma passagem para eles quebrarem minha mala!

Ora, eu tinha acabado de receber minha carteira da OAB. Como poderia eu perder a chance de ter, ali, meu primeiro caso?

– Vamos lá, Sérgio! Eu vou com você! – eu o estimulei. Mas aí me lembrei de um detalhe importante. – Amélie, pode me mostrar seu passaporte?

Ela o tirou da bolsa. Olhei para ele e fiquei frustrado. – Seu passaporte é brasileiro?

– Claro – ela respondeu – sou brasileira.

– Mas eu sempre soube que você tinha nacionalidade suíça. Você está com o passaporte suíço?

E ela o tirou da bolsa. Para melhorar ainda mais o quadro, seu sobrenome no passaporte era Brételle. Virei-me para o meu primo. – Sérgio, você sabe como é, aqui no Brasil um passaporte estrangeiro consegue milagres!

Sérgio, ainda constrangido, entrou no carro do meu pai com Isidore, Tia Margareth e as duas malas e eu segui Amélie, que levava a mala danificada de volta no "trolley", para fazer a reclamação. Heitor nos acompanhou até a entrada do setor responsável, mas foi barrado pelo segurança. Apresentando orgulhosamente minha carteira, Amélie e eu entramos facilmente. Enquanto nos aproximávamos do balcão, sussurrei para que Amélie evitasse falar e, caso fosse necessário, falasse inglês, uma língua que eu mais ou menos entendia.

Havia exatamente quatro pessoas à nossa frente com reclamações relativas à bagagem. Apenas uma, veríamos depois, reclamando de dano. Era um cidadão que, indignado, mostrou uma caixa de um vinho francês muito caro na qual, das quatro garrafas, duas tinham chegado quebradas, apesar da grande quantidade de adesivos indicando que se tratava de algo frágil. Depois de muita conversa, chegaram a um acordo: como esse cidadão e a esposa viajavam frequentemente à Europa, da próxima vez ambos teriam o "upgrade" para a Classe Executiva nos voos de ida e volta. As outras três pessoas reclamavam que sua bagagem não tinha chegado. Para cada uma delas, o encarregado escreveu alguma coisa em seu computador e ficou aguardando. E para cada uma delas o veredito foi o mesmo: houve atraso na conexão e não houve tempo de trasladar a bagagem para o avião que faria o voo ao Brasil. Mas que no dia seguinte, sem falta, a bagagem seria entregue na residência de cada um. Os endereços foram anotados e as pessoas, prontamente liberadas.

Aí chegou a nossa vez. Olhando para o relógio, observei que, desde nossa entrada no setor, tinha-se passado mais de uma hora. Apresentei ao encarregado o ticket da bagagem e o passaporte de Amélie, juntamente, é claro, com minha carteira da OAB.

− Senhor... ahn... Benedito – comecei, após uma breve olhada ao crachá do encarregado – a Dra. Amélie é suíça e trabalha numa importante empresa de biotecnologia na França com meu primo, que me pediu que a representasse nesse caso. Como o senhor pode ver – e eu lhe mostrei o dano – sua mala foi danificada no voo para o Brasil.

O Sr. Benedito ajustou os óculos e começou: − Doutor...

− Cláudio. Cláudio Fortunato – atalhei.

− ... Cláudio, essa mala já viajou um bocado, não acha?

Eu não pude conter-me: − Bem, o que o senhor está sugerindo? Que minha cliente está querendo tirar vantagem da companhia? O senhor não quer criar um problema internacional, não é mesmo?

− Eu entendo, doutor...

− Cláudio.

− Certo, Dr. Cláudio. Mas o senhor pode perceber que essa mala não é nova.

− É claro que não é. Pelo cargo que ocupa na empresa, a Dra. Amélie tem de viajar muito. Agora, se o senhor não quer admitir que a companhia aérea é responsável por esse dano, a Justiça existe para isso.

A minha intimidação funcionou. O encarregado propôs um acordo.

− Vamos fazer o seguinte. É mais comum do que se imagina que malas não sejam buscadas pelos passageiros. Nós damos um prazo bem razoável para que eles venham reclamá-las. Porém, depois desse prazo nós abrimos as malas e doamos o conteúdo a instituições de caridade. Uma boa parte delas não é trancada, de modo que nem precisamos forçar a fechadura. Essas, nós guardamos para situações assim. Por favor, sigam-me até o depósito.

Eu traduzi para o inglês, da melhor maneira que pude, a proposta do encarregado, tendo como certo que Amélie tinha entendido o acordo e não iria aceitar. Para minha surpresa, ela concordou. O encarregado se levantou e nós o seguimos até uma sala de bom tamanho, cheia de malas de todos os tipos e todas as cores. Amélie, então, selecionou uma Samsonite preta em ótimo estado, com o cadeado indicando "000", ou seja, o dono nem se dera ao trabalho de criar um código.

− May I take this? – Amélie perguntou.

− Ela está perguntando se pode ficar com esta – traduzi.

− É toda sua – o encarregado respondeu.

Encontramos lá fora o Heitor, que já estava impaciente.

− Resolveram? – ele perguntou.

− Amélie acaba de ganhar uma mala seminova – respondi, colocando a mala laranja e a mala preta no bagageiro do carro.

Quando chegamos à casa dos meus pais, Amélie mostrou as duas malas a seu marido logo que entrou na sala.

− Deu certo! Deu certo! – ela gritou de alegria.

− Como "deu certo"? – questionei.

− Eu viajo com essa mala desde meu tempo de solteira e ela uma vez caiu da escada da casa dos meus pais, em Lucerne. O resultado foi essa rachadura. Tentei umas duas ou três vezes dar esse golpe, mas desta vez deu certo.

Ela então se virou para mim: − Cláudio, você foi perfeito!

Tia Margareth quis saber qual o motivo de toda essa alegria. Eu então contei para ela, em duas palavras, o que tinha acontecido. Ela abanou a cabeça fechando os olhos. E eu entendi exatamente no que ela estava pensando.

A audiência começou a rir.

− Pois é, Ralph. Desde que comecei a estudar Direito, meu principal medo sempre foi defender com toda a convicção um réu que, no fim das contas, me confessasse que tinha de fato cometido o crime. Logo no meu primeiro caso, isso aconteceu. Vi, então, que não tinha jeito para a coisa. Minha carteira da OAB só serve para que eu pague a anuidade.

− E o irmão da sua namorada – questionou Ralph – que ficou esperando todo o tempo, pagando estacionamento caro, para que seu primo desse um golpe?

− Bem, cunhados servem para isso, não?

A audiência riu e aplaudiu. Cláudio fixou seu olhar no Estanislau, que não estava achando a menor graça. "Sem problemas", Cláudio pensou; "posso perfeitamente passar sem o voto dele".

A retratista

Guilherme Araújo Graciano

Os traços definem destinos, pensava ela, porque uma linha, mesmo quando traçada com a delicadeza tímida de quem teme ferir o papel, carrega consigo a vocação de fronteira e de sentença, sendo capaz de dividir territórios invisíveis como o medo dividido entre as casas de uma cidade, ou de separar os vivos dos mortos como uma margem que não se pode atravessar sem pagar o preço, e talvez por isso, por conhecer a gravidade deste gesto tão aparentemente inofensivo, ela mantivesse com o lápis uma relação de respeito que beirava o religioso, de modo que, todas as vezes em que apoiava a ponta de grafite sobre a folha, tinha a sensação de que algo do mundo, algo grande e pesado e antigo, se mexia, como um leito de rio deslocando pedras de lugar, e então a correnteza mudava, e as coisas que antes fluíam numa direção passavam a correr noutra, e as vidas, tantas vidas, iam sendo arrastadas por essas corredeiras que ela, com as próprias mãos, inaugurava.

O celular vibrou na mesa de cabeceira com aquele zumbido seco, contido, próprio dos que preferem não perturbar os que dormem, e como ela nunca deixava o toque ligado — um cuidado que aprendera por amor e repetição, uma disciplina noturna que pertencia tanto a ela quanto aos lençóis, ao abajur, ao copo d'água sempre pela metade, ao relógio virado para baixo para que a luz não piscasse no escuro —, bastou o primeiro tremor para que, ainda antes de abrir os olhos, já soubesse que se tratava da delegacia, porque as ligações da madrugada vinham como ventos frios que abrem portas por conta própria, e é impossível confundi-los com brisas domésticas, e quando afinal pegou o aparelho, seus dedos buscando a luz como quem apalpa um corrimão no escuro, viu brilhar a confirmação: o número do plantão, a chamada insistente, o recado mudo de urgência.

Levantou-se com a precisão de quem aprendeu a pisar sobre o silêncio, atravessou o quarto com passos treinados — porque há passos que são exercícios, e um casamento longo ensina uma topografia do cuidado, uma cartografia de dobras e sombras em que cada objeto tem seu lugar, e cada lugar sua memória —, abriu o roupeiro e, sem acender a luz por respeito ao trabalho do marido, que dormia quando ela saía e acordava quando ela voltava, puxou uma calça qualquer, uma blusa que não exigisse botão, um casaco leve para o vento de madrugada que às vezes soprava nos corredores da delegacia como se a noite, por lá, nunca terminasse, e desceu as escadas iluminada apenas pela lâmina azulada do telefone, aquela língua de luz que recorta os degraus como quem assinala, com cuidado, por onde se deve ir.

No banheiro do térreo, a água fria bateu-lhe no rosto com a violência necessária, não a da crueldade, mas a da honestidade que não se disfarça, e essa franqueza líquida, que corta o torpor onde quer que ele se esconda, lembrou-lhe de súbito que o corpo é uma casa que também precisa ser arejada, e que às vezes um jato de água gelada abre janelas que o sono fechou; em seguida, na cozinha, a cafeteira tossiu o primeiro gole do expresso, aquela espuma cor de terra que sempre parece mais densa quando a noite ainda não se dissipou, e ela, sabendo que cada minuto que se passa demora o dobro nos corredores onde se espera, bebeu rápido, sentindo o esôfago arder num traço de fogo que, em vez de doer, organizava, como se uma linha vertical descesse pelo corpo amarrando as partes no lugar; então, com a bolsa no ombro e os cabelos presos num gesto automático, ela saiu.

A cidade fervia de um verão que não tinha decência, um calor que parecia brotar não apenas do asfalto, mas da própria respiração da gente, e o ar, grosso e cheio de pólen das goiabeiras, carregava um cheiro adocicado de fruta que amadurece de mais e cai no chão mole, mistura que, somada à ferrugem dos postes e à maresia invisível do medo, compunha uma espécie de perfume impuro, algo entre a festa e o crime, como se o teto do mundo estivesse pingando suco e ferrugem ao mesmo tempo, e a cidade, em resposta, tentasse sorrir sem mostrar os dentes, porque três semanas haviam aberto um corredor de pavor por onde passavam as mesmas perguntas e os mesmos silêncios: seis mortos, dia sim, dia não, sempre em casa, sempre de madrugada, sempre pela mesma assinatura de metal apertando uma garganta, e o legista, que falava baixo por hábito ou por respeito, repetia a palavra corrente como se fosse a primeira vez, e a palavra, pesada, caía sobre as mesas e se instalava entre os copos, e nada a movia.

As pessoas fingiam não ver, como se o medo, por ser íntimo, devesse ser preservado com recato, e então os vizinhos acenavam de longe, comentavam o calor, as goiabas, os mosquitos, a alta do preço da carne, a chuva que não vinha, e desviavam o olhar quando se formava, no meio da conversa, uma sombra de garganta apertada, e aquele desvio — que era também proteção e pacto — tornava as ruas uma espécie de palco em que cada um ensaiava sua normalidade, e a polícia, por mais que circulasse em duplas e trios, com luzes azuis desenhando a noite, não conseguia entrar no lugar onde o medo tinha feito ninho, porque o medo, sabia ela, não mora na esquina, mora dentro.

Na delegacia, onde o ar-condicionado parecia soprar um vento de gelo que não refrescava, mas adoecia, o delegado a esperava com as mãos cruzadas, a gravata um pouco solta, o rosto cansado de quem foi dormindo sem dormir ao longo de três semanas, e uma mulher — a testemunha — estava sentada numa postura que misturava tensão e polidez, segurando um copo de água que já se amassara pelas bordas, como se o plástico tivesse aprendido a tremer

com seus dedos; dois policiais num flanco, um advogado noutro, e uma sala onde a mesa grande ficava no meio como um barco à deriva, com lápis, pranchetas, folhas brancas e uma luminária que descia de cima como se fosse um segundo sol, pálido, obediente.

A retratista, que aprendeu cedo a conversar com o silêncio das salas, ajeitou o estojo de grafites como quem arruma instrumentos de cirurgia, respirou na cadência que domestica o pulso e se sentou; o delegado explicou em poucas palavras o que todos já sabiam, mas as palavras, sabe-se, precisam ser ditas para que a realidade aceite acontecer, e então, depois do protocolo de água, lenço, tempo, começou o trabalho de buscar um rosto com as mãos, de puxá-lo para fora da memória de outra pessoa como quem puxa, devagar, um lençol que cobre um corpo adormecido.

A testemunha falou de um homem de pele clara, idade difícil de fixar — algo entre o começo e o meio da vida, dizia com cuidado, como se o tempo fosse uma casa em que alguém pudesse morar em dois cômodos ao mesmo tempo —, e mencionou um rosto que, mais do que redondo, era quadrado, como se as linhas tivessem vontade de esquina, e disse uma boca firme, quase dura, e olhos que não eram grandes, nem pequenos, mas estreitos, como se a luz neles passasse por frestas, e a retratista, que sabia ouvir adjetivos como quem decifra cartas de navegação, começou a desenhar com aquela atenção que não é pressa, mas também não é demora, porque há um tempo certo das coisas que não se mede em ponteiros.

Conforme os traços nasciam, outra coisa nascia junto: um peso no peito, uma espécie de rumor que subia da boca do estômago e fazia contração no diafragma, e a mão, acostumada a obedecer, hesitou, e foi preciso tirar os olhos do papel e pedir licença no tom mais neutro possível, porque a sala, sem saber, precisou respirar fora; no lavabo, a água saiu da torneira com um barulho de pequenos pregos caindo numa tina, e ela deixou que escorresse pela testa, pelas têmporas, pelo pescoço, como se ali fosse possível apagar não a imagem, mas a vertigem que a imagem trazia, e depois, com as mãos frias e o rosto pingando, ela voltou.

Sentou-se de novo, reposicionou a folha sob a lâmpada, passou o polegar no grafite para sentir-lhe a textura áspera e boa, e retomou do ponto em que havia parado, obediente ao método que sempre a salvara dos abismos, e então, enquanto a linha do maxilar se fechava num ângulo conhecido, enquanto o desenho dos lábios pedia um traço que ela desenhava há anos, enquanto os olhos, um pouco fundos, exigiam a sombra de sempre, algo, como um ruído que não se cala, atravessou a sala e se instalou sobre a mesa, e ela viu, e ao ver, sentiu a mesa afastar-se um centímetro, e o chão inclinar-se num grau que só os pássaros percebem, porque o rosto, o contorno, o queixo, a boca, sobretudo os olhos, eram-lhe familiares, tão familiares que não cabia mais a palavra semelhança, e não havia como fingir que se tratava de um rosto genérico, e os

lábios, desenhados por ela, tinham a memória de beijos que os tinham tocado, e o nariz, que no papel parecia só nariz, trazia, contudo, o fantasma de um cheiro, e a pele do papel exalava um perfume antigo de sabonete, e então a compreensão aconteceu como caem as coisas que já estavam caindo: era o rosto do meu marido.

A memória me atingiu com a precisão de uma pedra lançada de perto — a cozinha alagada de luz de domingo, os ovos quebrados numa tigela, a risada que vinha primeiro pelos olhos, o tropeço cômico da corrente da bicicleta escapando do aro, os dedos sujos de graxa, o esgar premente de quem finge drama para provocar uma gargalhada, o aceno da janela em noites de retorno tardio, a mão que puxa o lençol até o ombro com um gesto que não custa nada e, no entanto, salva —, e foi como se cada traço que eu acrescentava ao retrato puxasse, com ele, um fio de nossa vida, e todos os fios viessem juntos até o ponto de estrangulamento em que se confundiam com a corrente das notícias que, dia sim, dia não, apertava um pescoço que não era o meu, mas poderia ser, porque todos, agora eu sabia, poderiam ser.

Busquei uma saída que tivesse lógica e piedade, porque a mente aprende cedo a construir pontes sobre precipícios, e então tentei a palavra coincidência, e com ela tentei a ideia de que rostos se parecem, de que a imaginação da testemunha, ferida e assustada, pictografara com excesso os traços, de que eu, privada de sono, via muito onde devia ver pouco, e que desenhar é uma arte que precisa de distância, e eu estava perto demais; mas a cada linha voltada ao papel, a cada sombra pedida pela luz, o retrato insistia na sua obstinação de ser, e o rosto, que poderia ter sido o de tantos, era o dele, e não o de outro, e não adiantava inclinar a cabeça, nem testar grafites mais duros, nem suavizar o ângulo do maxilar, porque tudo, como água com sede de vale, buscava o mesmo leito.

Então a pergunta, que eu adiei com o ritual da água e do respiro, enfim me cortou: o que se faz quando o amor ocupa, com seu peso manso, o mesmo lugar da culpa? Entrega-se o amado à polícia, devolvendo-o ao mundo das leis e arrancando-o do mundo do corpo, ou se protege, e com isso se abandona, por omissão, o pacto que me faz levantar de madrugada para desenhar rostos, que me faz treinar a mão para dizer a verdade no papel? A mão escolheu no meu lugar, como acontece às vezes, quando a consciência está tão cheia de vozes que precisa de um músculo para decidir, e então, enquanto eu mantinha a face de quem trabalha, suavizei o nariz, deslocando um milímetro para a esquerda a ponte que o reconheceria, afinei a boca, mexi nos olhos, um tanto menos fundos, um tanto mais oblíquos, e o rosto, embora ainda lembrasse, já não afirmava, e assim entreguei ao delegado um homem que não existia, um espectro capaz de enganar a caça por um tempo que eu não sabia medir.

O corredor de volta até o estacionamento pareceu mais comprido, e a madrugada mais áspera, e o volante, quando o segurei, pareceu pedir explicações que não soube dar, e durante o trajeto, enquanto o semáforo piscava amarelo como uma pálpebra cansada, uma parte de mim tentava, com a disciplina de quem vigia crianças, enumerar as razões pelas quais eu tinha feito o que fizera — o amor, a dúvida, a honestidade de não condenar sem certeza, a possibilidade de estar errada —, mas outra parte, aquela que aprendeu com o lápis a respeitar as linhas do mundo, me dizia que eu tinha traído minha mão, e essa traição, mesmo silenciosa, fazia barulho.

Em casa, a porta abriu como sempre, com o mesmo rangido que nunca consertamos, e a sala, que àquela hora costuma ser um animal adormecido, estava do mesmo jeito, com a almofada que escorregara no chão, o copo abandonado na mesa, a meia esquecida nas costas do sofá, e tudo parecia aceitar a ordem de antes, como se o mundo, generoso, desejasse me dar mais uma chance de habitar o dia em que eu ainda não sabia; no quarto, ele dormia, e eu, que já o tinha visto dormir tantas vezes — e há no sono de quem se ama um fosso de confiança que não se mede —, olhei por um tempo que não sei dizer, tentando encontrar no rosto adormecido o que no papel era uma certeza, mas a paz do rosto, o peso dos lábios, a respiração que assovia baixinho, eram a recusa mais completa da culpa, e por um instante acreditei que o papel mentia.

Na manhã seguinte — e aqui manhã é um modo de dizer, porque os turnos torcem a cronologia até virarem uma corda sem começos —, a notícia de outro corpo chegou com a pontualidade impiedosa com que a maré sobe, e a convocação veio com ela, e eu voltei à sala de luz pálida, e outra vez uma testemunha, outra vez olhos que descrevem, outra vez minha mão em cima do mundo, e outra vez, de dentro do rosto que eu era paga para trazer à superfície, veio o rosto dele, e outra vez, obediente ao amor, desobedeci ao ofício, desviando, escondendo, inventando, e com isso comprei mais um pouco de tempo, sem saber para quem nem para quê.

Os dias seguintes deixaram de ser dias e viraram um estado, uma noite quente com pássaros invisíveis que não se calam, e eu, que costumava dormir a sónia pragmática dos que trabalham com precisão, comecei a colecionar pequenas vigílias, primeiro deitada, olhando o teto com paciência, depois sentada na beira da cama, anotando coisas num caderno que não dizia nada, e cedo essas vigílias se transformaram em pequenas investigações domésticas, não as de novela, onde há cartas escondidas cheirando a fumaça, fotografias enroladas no forro das gavetas, mas investigações de poeira e roupa e tempo, porque há culpabilidades que não deixam rastros além dos humanos, e eu, sem querer me transformar em policial de dentro de casa, passei a observar como quem aprende uma língua.

Notei, por exemplo, que ele lavava as mãos mais demoradamente do que antes, e não havia nisto nada de incriminador — depois da pandemia, todos aprendemos a acreditar nos

segundos da torneira —, mas no gesto havia uma espécie de concentração que me preocupava, uma reverência pelo sabão que era como se apagasse não apenas sujeira, mas significado; notei também que as camisas voltavam com manchas de suor que, de vez em quando, apareciam em lugares infrequentes, como se o movimento que as provocara não fosse do tipo habitual de carregar sacolas ou apertar parafusos, mas um gesto de torção, de braço que segura e puxa, e é claro que eu poderia estar lendo demais sobre uma roupa que apenas viveu um corpo, e entretanto era o que eu via; notei, ainda, que as unhas, sempre curtas — hábito que ele tinha desde menino, dizia ele, porque tocava violão e dedilhar pede unha pouca —, às vezes exibiam arranhões minúsculos, riscos que um olhar apressado atribui a caixas, a gato, a porta, mas que meu olhar, doente de hipótese, não deixava em paz.

Passei a ler os jornais como quem consulta o próprio prontuário, e cada manchete, por mais anódina que fosse na construção, trazia um grito no subtexto que me apontava, e o padrão — aquele compasso cruel de uma morte a cada outro dia — manteve sua cadência, e eu, à força de querer interrompê-la, só fiz coro a ela, porque nada do que eu desenhava entregava ninguém, e tudo o que eu calava empurrava alguém mais para o matadouro; a cidade, por sua vez, adensava os sorrisos, como se o músculo, cansado de fingir, tivesse decidido parar de obedecer, e os vizinhos, ao passarem diante de casa, pareciam olhar de esguelha não por desconfiança, mas por pudor, porque é difícil encarar a dor quando ela está dentro do nosso próprio rosto.

Uma tarde, abrindo o armário alto onde guardávamos coisas de pouca rotina — aquela prateleira de cima reservada ao que não se usa sempre, para a qual a gente precisa de uma cadeira e de algum empenho —, encontrei, empurrada para trás, uma corrente antiga, a mesma que usamos, por anos, para prender as bicicletas no parque, e ela me olhou com o olho morto das coisas que, de repente, se tornam outra coisa, porque todo objeto, quando se desloca de função, ganha uma biografia que não tinha, e aquela corrente, com seu fecho gasto, com o metal manchado na barriga dos elos, me disse sem dizer que fora aberta e fechada vezes demais para o número de domingos que podíamos contar, e eu a segurei com as duas mãos, e a frieza do ferro me subiu até os dentes, e por um instante, um único, eu pensei em descer correndo e dizer "eu sei, eu sei, eu sei", mas guardei de volta, como se recolher fosse desfazer, e fechei a porta, como se fechar fosse salvar.

Durante esses dias — e agora dias são uma invenção frágil —, nossas conversas, que sempre foram um lugar de sombra fresca em que nos encostávamos ao fim do turno, foram ficando de um jeito que é difícil contar, porque não era apenas silêncio, era uma espécie de lacuna, como aquelas palavras que sabemos existir mas não lembramos, e ficamos com a língua ruminando o nada, e o nada cansa; perguntei-lhe, com a tática dos que amam e temem, como

estavam as coisas no trabalho, e ele, sempre, "cansativo", e houve vezes em que, ao dizer "cansativo", mexeu no colarinho como quem abre uma janela para entrar ar, e houve uma noite em que, ao beijar-me a testa — esse gesto que ele nunca deixou de me dar —, demorou um segundo a mais na pele, e esse segundo — apenas um segundo, no meio da nossa vida — me incendiou de uma ternura tão forte que por ele eu teria apagado o mundo.

Mas a cidade não apagava, e o padrão continuava, e o delegado, que não me olhava de modo diferente, ainda assim me olhava, e seus olhos, cansados de procurar padrão onde havia apenas fome, eram também uma súplica, e eu, que tanto olhei olhos para trazer rosto, não soube dizer se via neles desconfiança ou apenas um cansaço de homem que não quer enterrar mais gente, e quando ele me pedia mais um retrato, quando dizia "talvez a primeira testemunha estivesse nervosa", quando sugeria "vamos tentar de novo, com calma", eu acenava, dócil, e desenhava como se a perfeição do traço pudesse, por milagre, tornar falso o que era verdadeiro.

Houve uma noite em que sonhei — e aqui sonho é mais do que cinema íntimo, é uma topografia que o corpo caminha — que a cidade tinha virado uma enorme goiabeira, e os frutos, que eram casas, iam apodrecendo um a um, e, quando caíam, espatifavam-se no chão num barulho seco de gaveta batendo, e no lugar da polpa surgiam correntes, como se o fruto fosse feito de elos, e eu corria, num quintal que era também rua e delegacia, tentando recolher com as mãos aquelas correntes úmidas para aprender-lhes o segredo, mas elas me escorriam por entre os dedos, e no fim, como acontece às vezes, eu estava desenhando no chão com uma haste de ferro, e o desenho era um rosto que, por mais que eu alterasse, voltava a ser o mesmo, e acordei com o som de metal batendo em metal, e o som era o vento na antena, e eu ri, sozinha, de medo.

O calor aumentou; há verões que parecem crescer para dentro, como tumores, e a cidade, nesse aumento, começou a suspeitar do próprio sol, e as persianas trabalhavam dobrado, e as sombras migravam pelos cômodos como bichos, e nós, dentro de casa, aprendemos itinerários novos para escapar da lâmina mais dura da tarde; nesses itinerários, que podem parecer triviais para quem não precisa deles, eu colecionei mínimos achados — uma camisa fora do lugar, um par de meias escondido no cesto de panos de chão, uma pequena marca de ferrugem no fundo do porta-malas — e esses achados, que num casal saudável seriam apenas a crônica do desleixo, dentro de mim viravam capítulos de um livro que eu não queria escrever, e que, no entanto, linha a linha, me escrevia.

A culpa, que é um bicho paciente, roía as horas com mansidão de quem sabe vencer, e é possível viver muito tempo com coisas que nos roem por dentro, mas chega uma madrugada — sempre chega — em que o ruído que antes parecia um zumbido passa a ser um tambor, e então é impossível ignorar, e a vida pede um gesto, e o gesto não é escolhido pela razão, por

mais que à razão se atribuam medalhas depois; naquela madrugada, ele dormia ao meu lado e, como sempre, eu sabia contar a sua respiração em pausas e retornos, e sabia, pelo jeito de seu ombro, em que ponto do sono estava, e a casa — a nossa casa — suspensa numa quietude que jamais chamei de paz, esperava, e desci as escadas sem acender luz, e na garagem, a corrente — aquela, de domingo — me aguardava com a indiferença dos objetos, e o que veio depois não é bonito de contar, e se fosse bonito, não seria verdade.

Voltei com a corrente enrolada no braço como quem traz um cachecol, para disfarçar, para falar com o corpo "é só pano, só pano", e no quarto, o ventilador preguiçava, e a persiana desenhava barras de sombra no chão, e eu, de pé diante da cama, olhei como quem se despede de um país, e então passei o metal no pescoço dele com uma delicadeza que não combina com metal, e houve um segundo, apenas um, em que desejei acordá-lo para lhe dizer "foge", mas a mão apertou, e o aperto, que começou pequeno e tímido como uma frase que pede licença, encontrou logo a força dos dias acumulados, e a respiração dele que primeiro se confundiu com a minha resolveu, de repente, não sair mais, e os músculos buscaram um ar que o mundo tinha escondido, e eu chorei, e continuei, e a corrente, esse velho laço de domingo, cumpriu um destino que nem nos piores de meus sonhos eu teria escrito, e quando o silêncio chegou, não chegou sozinho, chegou com um frio de fora e um calor de dentro, e com uma pedra no estômago da casa.

Depois — e esse depois é uma escada quebrada —, a cozinha me recebeu com seus azulejos como sempre, e a gaveta das facas se abriu como sempre, e a lâmina, que tantas vezes conheceu cebolas, tomates, pão, roçou meus olhos com a inumanidade que as coisas têm quando usadas contra o que lhes foi pedido, e a dor, que veio alta e clara e limpa, não era maior do que a dor de ver, e então a escuridão, que eu escolhi, não foi castigo, foi abrigo, e quando, tateando o aparelho, liguei para a polícia, e inventei que um estranho invadira nossa casa, e que meu marido fora vítima, e que eu, ao tentar socorrê-lo, fora atacada, e que a faca, rápida, me roubara o rosto do assassino, eu não mentia apenas para eles, mentia para mim, e para uma parte do mundo que ainda acreditava na minha mão.

Depois, houve as sirenes, as vozes, a pressa dos passos, os panos que alguém pressiona contra sangue, os protocolos, e alguém disse meu nome como quem chama um parente pelo apelido antigo, e eu respondi com a voz que ainda tinha, e contei a versão possível, e chorei o pranto que se chora quando se tem testemunhas, e cumpri, diligente, as etapas da inocência, e ouvi, atenta, os conselhos do advogado, e assinei onde havia de assinar, e deixei que me levassem para onde havia de me levar, e no hospital, entre gases e sombras, escutei de uma voz que não sei de quem era, que eu era muito corajosa, que tinha tentado salvar meu marido, que era vítima

também, e eu agradeci, e agradeço, porque a compaixão dos outros é o cobertor que nos dão quando nós mesmos nos expulsamos de casa.

E o mundo seguiu, porque o mundo segue, e o delegado me visitou, e sua mão ficou parada sobre a minha na exata medida do protocolo e do consolo, e me disse que estavam investigando, e que a cidade não estaria em paz até pegarem o homem, e eu, por trás da gaze, acenei, e a minha cabeça, por trás do pano, fez os gestos certos, e toda a minha educação de filha de mãe que diz "agradece, minha filha" falou por mim, e de tudo o que aconteceu depois, talvez o que mais tenha me marcado não foi o que disseram, mas o que não disseram, porque há um silêncio ao redor dos que choram que, de tão respeitoso, quase nos convence de que somos bons.

Por muito tempo — e tempo é nome falso para o que se estende —, eu revisitei, deitada, os cômodos da casa como quem visita uma exposição de ruínas, vendo nos objetos as duas vidas que eles tiveram, a de antes e a de depois, e via a almofada que escorregava do sofá, e via o copo que ele usava para água depois do turno, e via a camisa que eu detestava e que, mesmo detestando, dobrava com o mesmo cuidado, e toda essa arqueologia miúda me ensinou que o amor não é inocente, mas é verdadeiro, e que a verdade, também quando é faca, corta pelo fio que a gente mesmo afiou, e aprendi — e isto é uma coisa que não deveria ser ensinada — que se pode ser duas coisas ao mesmo tempo, e que ser duas coisas ao mesmo tempo é uma condenação que não cabe numa sentença.

Sei que, para muitos, a história termina quando a polícia fecha um caso, quando as manchetes cansam, quando a cidade decide que precisa voltar a sorrir de verdade, e eu não discuto com essa economia de dor, porque ninguém deve carregar para sempre o peso que não é seu, e no entanto, para mim, a história continua, porque, ainda que eu tenha escolhido a escuridão para não ver, há luz dentro da memória, e a memória insiste, como um inseto na lâmpada, em bater as asas contra aquilo que não se apaga, e então eu volto à sala de luz pálida, à mesa em que o papel espera, à mão que desenha um rosto que não existe, ao lavabo onde a água cai com som de pregos, e a cada retorno, eu me pergunto se, em algum ponto remoto, havia outro caminho, uma linha que se desviasse um centímetro, uma fresta de porta que se fechasse um segundo antes, um beijo que demorasse mais, e sei que essa pergunta não é ciência nem justiça, é apenas o consolo pobre dos que querem dormir.

Talvez, se eu pudesse escrever um retrato do mundo sem mãos, eu diria que as coisas doem menos quando aceitamos que não somos donos dos mapas, e que as linhas, mesmo quando saem do nosso lápis, foram traçadas por uma geologia anterior, camadas e camadas de sedimentos de infância, de cidade, de verão, de goiabas no chão, de manchetes torcidas, de

delegacias com vento frio, de homens que lavam as mãos demoradamente, de mulheres que aprendem a desenhar para que o mundo tenha um rosto sobre o qual reconhecer-se; e eu, que agora não desenho mais com os olhos, aprendi uma outra espécie de desenho, que se faz por dentro, quando a lembrança passa, e a linha, ao invés de riscar o papel, risca o silêncio.

Eles disseram que eu era testemunha, e eu agradeci a palavra como quem aceita um copo d'água numa sala quente, porque a palavra testemunha, com sua promessa de verdade e sua aura de inocência, é um abrigo, e eu, cansada, aceitei abrigos; mas sei, e digo sem pressa, como quem agora pode falar devagar, que eu não fui testemunha, porque testemunha é quem vê e conta, e eu, que vi cedo demais e tarde demais, e contei de menos e de mais, não mereço a palavra que me deram, e não a recuso por altivez, recuso-a por justiça, porque justiça, embora me doa, é a única linha que ainda me guia a mão; eu fui — e é uma coisa que se diz como quem acende uma vela e não como quem escreve um cartaz — cúmplice.

E no entanto — porque sempre há um no entanto —, se me perguntarem, como às vezes perguntam nas salas onde os psicólogos nos convidam a nomear aquilo que jamais coube na boca, se eu me arrependo do amor, eu direi que não, porque o amor, que me levou àquilo que me levou, também me trouxe até aqui, e aqui, ainda que seja um lugar escuro, é um lugar vivo, e no escuro também há linhas, e nelas, quem sabe, um dia, eu encontre uma forma de desenhar, com as palavras que me restam, um rosto que, de tão verdadeiro, me permita enfim descansar.

A vida que poderia ter sido

Marcelo da Silva Ribeiro

Encolhida, olhos arregalados, Josefa Luíza rola impaciente na cama; é mais uma sombria coruja a espiar o breu da noite. *Inté pareço pedra ou bicho. Quem deita só, acorda do mesmo lado que deitou; que fio de noite mais comprido!*

Volta Suzy a atanazar seu juízo. Era amiga de fé, alegrava a casa, tinha procedimentos de pessoa. Não se arreliava com as traquinagens de Galego – a lhe puxar orelhas e rabo, pisar-lhe os pés, arrancar comida da boca – por aquilatar ser desproporcional um revide.

Às vezes, absorta no quintal, as privilegiadas ventas captavam o distante cheiro dum perfume ou de batom. Erguia as orelhas para tentar auscultar o quase imperceptível tilintar dos brincos. Sorria. A patroa arranjara um novo *rato*, iria dançar *uma lambada*. Adeus tristeza e solidão. Sabia que ela gostava de homem, e Suzy ficava feliz ao vê-la animada. Empinava o focinho para o céu e latia afetuosamente para os urubus, festejando os lindos voos com que se faziam arquitetos.

Viera de ninhada grande, contentava-se com pouco, mas não conseguira minimizar sua sensibilidade, responsável por não aceitar de bom grado reprimendas; daí a economia ao ofertar ou receber carinhos. Ser cadela não lhe dava direito a cometer despautérios. Nem falta de respeito. Quanto a sexo, escolhia ruas afastadas ao ser assediada, grande séquito de amigos a segui-la. Preocupava-se com eventual infiltração de desordeiros e não admitia passar vexame em rua amiga, nas proximidades do lar. Odiava escândalos. Não era uma qualquer para se entregar aos primeiros candidatos, atraídos pelo cheiro que, de tempo em tempo, emanava. Sonhadora como a patroa, ansiava por relacionamento duradouro. Esta, quando percebia certa inquietação da cadela, entendia que a fêmea aflorava, urgia a necessidade de carinho e sexo. Estimulava, então, saídas – para namorar, espairecer, acalmar o juízo. Sentir-se viva. Foi num desses passeios que Suzy pegou barriga. Claro que a gravidez traria desarranjos. Além da questão pecuniária e de a casa ser pequena, a aporrinhação de filhotes, urinando e defecando a qualquer hora. Risco de tropeços e quedas. Até que aprendessem a se comportar, uma vida. Mesmo percebendo aumento da barriga da amiga, Luíza, envolvida com problemas de amor e de trabalho, descuidou-se da atenção à gestante. Galego, mais crescido, não mais contava com a paciência da Suzy de outros tempos. Desconfiada, acautelada, passara a se esquivar de brincadeiras temerárias. Ele, ressentido, evitava-a.

Ignorando estar grávida, imaginava-se doente. Magoou-se com o abandono em momento de tanta precisão. Atônita, teve receio de morrer. Luíza passava o dia fora, trabalhava como doméstica. Solução foi frequentar a casa vizinha, onde as duas senhorinhas solteironas a recebiam com tanta amabilidade. Lá encontraria atenção e o carinho negados em seu próprio lar. Recebeu tratamento fidalgo. Desconfiou que iria ter filhos, mais pelos mimos que pelas conversas. Alisavam sua barriga, disponibilizaram panos limpos e travesseirinho para repousar a cabeça. Exageravam na comida, nos cuidados e falavam baixinho para não prejudicar seu repouso. Sentia afago nos olhares adocicados. Regressando à noitinha, Luíza ia buscá-la, agradecia o apoio, pedia desculpas pelo incômodo.

Certa manhã, a patroa já na rua, Suzy passou a sentir dores intermitentes, tipo cólicas. Tomada por respiração ofegante, teve medo. Arrastou-se, pesada, até a casa amiga. Entrou no quarto, viu a porta do guarda-roupa escancarada. Aboletou-se e o calor das roupas abrandou o frio. Acomodou-se. Fez força. A barriga se foi aliviando. Extenuada, sentiu um escurecimento nas vistas. Desmaiou. Ao recobrar a visão, as senhoras, sentadas em cadeiras, a observavam sorridentes. Viu-se invadida por doçura imensa que nunca experimentara. Disseram-lhe ser ternura. Tomou consciência de estar viva e cercada por vários cachorrinhos, a mordiscar e repuxar seus peitos, a lhe lamber o ventre. Era mãe!

Surpresa foi a reação de Luíza. Invadiu o quarto transtornada, partiu para humilhações, xingamentos. Bradou estar envergonhada, disse-lhe o diabo. Desconsiderou anos de amizade. Pior, recusou-se a abrigar os filhotes em casa. Iria livrar-se deles. Largou-os no entroncamento da estrada que vai do Lagarto para cidades circunvizinhas. Logo percebeu ter ganho uma inimiga. Naquela noite, Luíza foi assaltada pelo primeiro sentimento de culpa. Ainda enfraquecida, a cadela planejou sair de casa, assim que possível, à procura dos filhos. Aplacada um pouco a sua dor, limitar-se-ia a visitar esporadicamente a rua. Abaixaria a cabeça ao passar pela porta de Luíza. As recordações eram muito dolorosas. Indeléveis. Fora humilhada em demasia. A consideração seria às irmãs bondosas, onde usufruíra de conforto e carinho. Suzy nutria bons sentimentos. Gratidão era um deles.

Haviam sido as três, Suzy e as vizinhas, atingidas por arma poderosa: a surpresa. A comoção as paralisara. Mais complicada foi a elaboração de resposta por parte da mãe ultrajada. Esperava algum desconcerto por parte de Luíza. Conhecia objeções suas a gravidezes. Presenciara – em certas ocasiões e por motivos outros – o fel de intempestividades. Tolerante, Suzy admitiria um desalinho passageiro, coisa de pouca monta. Ficara chocada, aniquilada. Um destroço. Preparada para um desconchavo, encontrou-se petrificada por medo e espanto. Sem ação. O ato de parir lhe trouxera outra concepção do existir: amor, paz, docilidade,

amadurecimento. Mistérios da maternidade. Seu mundo se alargara. Despira-se do egocentrismo, era agora um coletivo. Assim que Luíza se retirou com os filhotes – arrotando muxoxos e vitupérios –, as samaritanas se empenharam em amenizar o sofrimento de Suzy, dando-lhe banho, colocando perfume; um primeiro passo para o resgate da dignidade e do amor-próprio arranhados. Maria, melhor cozinheira, preparou suculenta canja de galinha.

A preocupação maior das irmãs era com o moral de Suzy, não a queriam decaída, sem motivação de viver. Suzy ruminava: onde Luíza os largaria? Seriam bem tratados? Já teriam noção de que foram arrancados da mãe ou apenas sentiriam necessidade de quem deles cuidasse, um conceito vago, abstrato, desprovido da importância dramática e de individualização? Manter-se-ia Luíza arrogante e perversa? Voltaria a vê-los? Onde e quando? Quando? Quantas incertezas! Suportaria angústia tamanha? Enquanto se enchia de perguntas sem respostas, as pálpebras foram ficando pesadas e os pensamentos já mostravam desobediência à lógica. Um começo de pergunta se prendia ao término de outra. Esgotada, entregou os pontos. Dormiu profundamente, sono de perder o osso.

Disfarçou para não entristecer as senhoras. Mas a Suzy que conheceram morrera. Luíza a matara. Daqui para frente, sem sentimentalismos parvos, iria apenas sobreviver.

Assim que se viu nas ruas, deu início à procura. Que não tardasse o reencontro, temor de ser esquecida. Saberia reconhecê-los, mas a convivência fora um quase nada, eles ainda atordoados com a luz do mundo, desalojados abruptamente do aconchego. Não dispuseram de tempo para reter cheiros e imagens. Não se importaria se os encontrasse apegados a mãe adotiva. Mostrar-se-ia grata. A sua felicidade era vê-los saudáveis e bem cuidados. Não tem encontrado solidariedade nos antigos admiradores. O que a eles interessava, já não pode oferecer. Preocupações e sofrimentos anestesiam desejos.

Seu lar agora é imenso. Tem o tamanho da sua liberdade, desobediente a regras e horários. Dorme sob marquises, em fundos da igreja, ao lado do cartório ou debaixo de banco de praça. Vagabundeia tanto que anda com os pés esfolados. Tem mancado e tosse bastante. Chega a cuspir sangue de quando em vez. Descuida-se da higiene. Sente-se só. Evita visitas às irmãs. É moradora de rua, carrega muitas inconveniências, desperta receios, anda adoentada, causaria transtornos. Anos de vida irregular têm acelerado sua decadência. Envelhece a olhos vistos. Detecta claros sinais de senectude. Perda progressiva de visão, olfato e audição. Passa a admitir a impossibilidade de reconhecer os filhos pelo cheiro. Atrapalha-se nas lembranças, confunde fatos, lugares, pessoas. Intriga-se ao descobrir perda da intensidade de sentimentos, quase nada lhe desperta tumulto interior. Sim, vem perdendo a capacidade de vivenciar emoções, degustar afetos, experimentar novidades. Quase mais nada a comove. Até as

lembranças traumáticas se apresentam distanciadas, envoltas em plástico ou veludo. Uma espécie de anestesia moral. Anda mesmo cansada de tudo e de todos. Desconhece a idade, mas sabe que sua raça não é de viver muito. Coisa de dez, doze anos. Consciente de que adentrou a faixa de risco. Natural que, aos poucos, enlouqueça. Como tantas mães que desatinam ao perder crias. Ainda que os não veja, late para o nada, como se enviasse uma missiva sem destinatário. Pouco importa que a tachem de insana. Descobriu uma grandeza. Que se pode ver sem olhar, ser possível enxergar com o coração. Ainda nova, duvidara. Achara uma tolice. Enganou-se. Não mais precisa de olhos para encontrar a família. Filhos, netos e talvez tataranetos. Quantos? Sabe apenas que é uma fieira, desaprendeu a contar. Anda mesmo dementando? O fato é que esse jeito novo de mesclar presente e passado – não se atendo a verdades – tem-lhe servido de consolo, amenizado sua amargura, a inútil caminhada das horas e dos dias. Não há densidade, mas é o fiapo de emoção que resta. Vem, é verdade, perdendo aceleradamente a noção de tempo e espaço. E daí? Adorável ver os pequerruchos em estripulias que nunca fora de se permitir. Uns apaixonantes maluquinhos. Se os tivesse encontrado mais cedo, ainda saudável, participaria das brincadeiras. Iria apostar carreiras e os deixaria ganhar. Seu troféu seria sorver a satisfação deles, degustar seus pulinhos de alegria, comuns em idade descuidosa. Sentir-se-iam pequenos heróis. Quanto feliz ela seria.

Tem piorado da tosse, mostra-se sem apetite e não há forças sequer para se levantar. Engasga-se com frequência. Anda quase sem pelos e o sol do Lagarto lhe queima sem piedade o couro nu. Durante o dia, arrasta-se à procura de sombras. Moscas pousam em feridas que não cicatrizam. As pessoas se afastam ao vê-la. Uma ou outra leva a mão ao nariz, vira-lhe o rosto. É com estoicismo que suporta tanto desprezo e humilhação. Passa o tempo prostrada, tem sede e uma sonolência sem fim. Sente-se, verdadeiramente, um farrapo. Não acolhe mínimo traço de revolta. Apenas se dobra ao desencanto profundo. Com o mundo, com ela própria. Perdeu definitivamente a esperança. Resiste, contudo, ao desespero. Não tem encontrado razão alguma para manter-se de pé. Esbarra diuturnamente no vácuo da sua existência. Questiona-se: *pra que ficar viva, pra quê?*

Chega! *Pode a noite descer.* Ouve um latido rouco, distante... por certo, um colega acometido igualmente de abandono, desprezo, solidão. Mais um perdido na noite vazia. Abana com lerdeza as orelhas. Percorre-a, agora, um intenso e estranho calafrio. Encolhe-se o mais que pode. Não, não está chovendo. A noite apresenta-se morna. O céu, cheinho de vagalumes. Ou seriam estrelas? Certeza é tremer seu corpo por inteiro. Falta-lhe ar. A rua está deserta. É madrugada. Tosse agora um pouco mais intensamente e deixa escapar um filete vermelho diluído na baba espessa e malcheirosa. Olha para a lua cheia e busca captar, embora se lhe

apresente embaçada a imagem, um trisco de beleza e claridade. É a imagem derradeira que deseja levar do mundo, a que fique impregnada em suas retinas. Algo como se um último retrato visto permanecesse intacto no olho do morto. Falam isso, tem dificuldade para acreditar nessa maluquice, mas quem é Suzy, um resto de cachorra, para duvidar? Está calma. Cerra com vagar as pálpebras e despede-se mansamente do seu longo sofrer, da inutilidade a que se viu condenada. Intui ter encontro marcado com a paz. Soube, ainda jovem, da existência de um santo que conversava com animais – cães, lobos, peixes e pássaros. Irá conhecê-lo? Saberá ele notícias da sua ninhada? Será que existe um cantinho para cachorros no céu? E moradora de rua, sem pelos e malcheirosa, receberá o mesmo tratamento de cachorro de gente rica, perfumado e com pelos penteados? Reencontrará os pais? Aguardará a chegada dos filhos? Quem dera... quem dera. Permite-se, num derradeiro esforço, esboçar um sorriso curto, levantar parcialmente a pálpebra direita, balançar um quase nada a cabeça e a cauda. Fecha, agora de vez, as pálpebras.

Amanhece. O céu, aos poucos, inaugura um límpido azul. Cerca de seis soturnas aves escuras se põem a riscar em círculos a incipiente luminosidade. Não se enganam. Suas ventas competentes esquadrinham apetitoso banquete. Afinal, a vida prossegue e a arquitetura também precisa manter-se em forma.

Agiota

Gabriel de Deus

Injuriado! É como me sinto. Aliás, não me recordo do último puto dia da minha vida que não tenha acordado injuriado, isso, claro, quando consigo dormir. Acostumei-me a conviver com a sensação de perigo, de apreensão, da dúvida de saber o que aconteceria ou não. Dívidas! Malditas sejam! Maldito seja eu, que não estudei. Ou pior, maldito seja eu que não tive a ideia de ser agiota. Alguém a teve antes de mim. Calhordas! Só de falar essa palavra minha pele se irrita, veja como fico, veja só!

Quando me dei conta já morávamos juntos, minha esposa Quésia e eu. Ela trabalhava há anos no mesmo lugar, um escritório de contabilidade no centro da cidade. Quanto a mim, fiquei desempregado por um ano, foi quando Quésia segurou as pontas, firme, não deixando que nada nos faltasse em nenhum momento. Nossa relação sempre foi boa, brigávamos de vez em quando, como todo o casal e tínhamos poucos momentos de amor, como todo o casal casado. Quésia sempre ganhou mais do que eu, não muito, mas era mais. Neste ano em que fiquei parado peguei por ela uma admiração enorme, tamanho foi o desprendimento dela, fazendo horas extras, economizando nas compras do mês, passando dificuldades ao meu lado. Que mulher, eu pensava. Isso me deu uma motivação extra para procurar o melhor trabalho que fosse, para que pudesse recompensá-la, contribuir também e poder aliviá-la das tensões do dia a dia, que não eram poucas.

Tentei muito, até que consegui. Fui aprovado para ser garçom em um restaurante grande, perto do centro. Não era meu emprego dos sonhos, mas para começar estava bom. O salário era pouco, mas nos dias de maior movimento eu poderia faturar com as gorjetas. No primeiro mês trabalhei muito, sempre pensando na prosperidade de nossa casa, em como poderíamos crescer como família. Quésia e eu não falávamos disso, mas sempre sonhei ser pai, mas antes, tinha que garantir comida para duas bocas. Recebi meu primeiro salário e com as gorjetas, fui para casa animado, orgulhoso de mim mesmo. No caminho, passei em uma senhora que vendia flores. Comprei um arranjo grande, caprichei no bilhete e fui para casa. Quésia ainda não havia chegado. Deixei as flores sobre a mesa e fui me preparar para recebê-la. Ela chegou logo depois, viu o buquê e leu sorrindo o bilhete. Me abraçou e me beijou calorosamente, dizendo: "Muita gentileza sua me compras as flores com o seu primeiro salário, adorei o bilhete.

Quanto custou tudo?" "Nada perto do nosso amor, minha querida", respondi. Ela insistiu: "Não, sério, quanto custou?" Tomei-a pela cintura e disse, apaixonado: "Por que falar

de dinheiro agora? Esse foi o primeiro passo para o nosso futuro, nossa nova vida, vamos para o quarto". Ela segurou minha mão e ainda de maneira doce, me disse: "meu amor, não fale bobagens, vamos fazer assim, esse buquê, como foi especial, não vou colocar na sua caderneta, tá? Mas dá uma economizada, não saia gastando por aí." Caderneta? Que caderneta? Indaguei e ela replicou: "ai, amor, a sua caderneta de gastos, tá aqui, ó," disse ela pegando um caderno escolar, grande, com anotações, notas fiscais e sublinhados de cor vermelha preta e azul em datas e observações. "Esta aqui é a sua caderneta, tenho aqui

todas as suas despesas deste último ano, que você ficou desempregado". Assustado e sem entender, retruquei: "Dos nossos gastos, você quis dizer?" Ela, firmemente, disse: "Não, somente os seus. Anotei tudo direitinho, religiosamente, até com observações para você não se perder ou esquecer, olha": Peguei o caderno em mãos e comecei a ler. Tinha muitas anotações. Uma delas dizia: "R$50,00 – dia das mães, presente dona Nilva, flores + conjunto de louça + cartão" e em outra dizia. "Janta em casa – prato de massa com molho e queijo ralado + suco = R$22,00". Senti que empalidecia e tremelicando a mão perguntei se falava sério. "Vai mesmo me cobrar por tudo que consumi nesse um ano? É um absurdo!" Calmamente com a cabeça ela fez que sim, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo e completou: "amor, fica calmo, fiz os cálculos todos os meses, cruzei com a inflação e a taxa de juros que estão cobrando aí fora, em um ano e meio, regradinho, você me paga tudo, mas tem que se controlar, tá? Vem cá, vem, me beija". Juros? Eu ainda tentava entender quando ela me arrastou para a cama, me despiu e com muito desejo subiu em mim, mas eu não conseguia. Não podia tocá-la, não conseguia. Estava com o corpo paralisado. Ela fez uma caderneta com meus gastos e agora está me cobrando. Não sei como ela saiu de cima de mim, quando voltei a realidade ela já estava tomando banho e eu, no escuro do quarto, rolando na cama com os olhos esbugalhados. Assim foi toda a noite. Ela voltou e dormiu como uma criança, leve e tranquila. Como será que ela consegue?

Assim que acordamos, na mesa do café, ela de mente relaxada e à vontade, perguntou-me como tinha passado a noite, não respondi nada. Estava pensando na verdade em uma maneira de entrar no assunto novamente, da tal caderneta. Ela tomou uma xícara de café com leite e uma torrada e eu ainda tentando abrir a boca. Ela levanta, arruma a cadeira e antes de sair, com a mão no meu ombro, dispara: "amor, não esqueça de me trazer seu contracheque hoje de noite, tá? Vou anexar na sua caderneta. Tô indo trabalhar, te amo" e me dando um beijo na testa, sai. Eu estava em choque, olhei para o chão da cozinha várias vezes, com a sensação que ele tinha caído e eu estava suspenso por um fio de cabelo. Rejeitei o café, tomei dois goles e parei, não conseguia mais engolir nada. Demorei a tocar no assunto novamente. Tentava mastigar aquilo dentro de mim de todas as formas possíveis, pensei em várias possibilidades,

inclusive na chance de eu estar muito errado e ela certa, de repente, até mesmo pesquisei sobre finanças compartilhadas, casamentos modernos, não achei nada que me consolasse.

Fui trabalhar pesaroso, assim foi por quase uma semana. No sábado, tomei coragem e antes de sair da cama, tentando aparentar tranquilidade, chamei-a para conversar. Perguntei se achava mesmo que estava certo me cobrar daquele jeito, afinal de contas, eu não era um gigolô, tampouco um vagabundo, sempre fui trabalhador, apenas estava passando por uma fase ruim. Ela interpôs: "Eu sei, meu amor, nunca achei que você fosse vagabundo, tanto que nessa fase ruim eu te apoiei, cobri os gastos que você teria e não tinha como pagar. Corte de cabelo, passagem de ônibus para ir ver a sua mãe, sua comida. Se eu não tivesse comprado comida você ia comer o que?" Na minha incapacidade de dizer uma só palavra ela continuou: "E tem mais, né meu bem, se eu te ajudei, nada mais justo que você me pagar de volta, afinal, quem trabalhou fui eu, quem fez hora extra fui eu também, até me espanta esse seu questionamento. Oh, aqui tem nosso planejamento do mês, o quanto gastamos individualmente e a soma". Extasiado olhei o papel que me deu e nos meus gastos, o valor era maior que o meu salário cheio, já somando todas as gorjetas de um mês movimentado. Argumentei: "Mas se somarmos os nossos salários dá e sobra, esse valor não fica pesado para ninguém. Do seu sobra quase dois terços do valor. "Sim, do meu sim, mas acho justo que as despesas sejam divididas por dois, você não acha? Nada mais justo para mim". "Mas somos um casal, o amor da vida um do outro..." tentei, ela interrompeu: "Sim, mas isso não tem a ver com amor.

Amor não se mistura com dinheiro, uma coisa não tem nada a ver com a outra, eu continuo te amando muito. E tem mais, os juros que estou te cobrando são baixíssimos, um ano e meio passa rapidinho, claro, se você não esbanjar, né?". Esbravejando eu respondi: "Quésia, isso é um absurdo, um disparate, como assim juros? Caderneta? Quando casamos foi por amor, o que você acha que está fazendo? De onde tirou essa ideia? Onde foram parar os juramentos? Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença?" Prontamente, ela responde: "Ora, e por acaso te abandonei na sua pobreza? Te apoiei, paguei suas contas e ainda te amando, se não te amasse tinha ido embora".

Confesso que minha cabeça deu um nó, fiquei confuso. Direta e fria como um banco, impiedosa como uma calculadora. Minha esposa.

O mês correu e mal nos falamos, percebi que ela anotava tudo que entrava e saía da geladeira e da despensa, corri o olho em uma das anotações enquanto as fazia, no quarto, bem na parte que dizia "ele comprou meio quilo de arroz e fez uma panelada, mas não comi" e assim fazia com tudo, xampu, sabonete, com todas as compras. Um dia antes de pegar meu segundo

salário ela pediu o cartão do banco, no qual recebia. Isso porque já feito os cálculos e pelo visto, eu ficaria devendo. Tudo que eu recebera não cobriria minha parte.

Claro que o que faltasse, seria anotado, destacado e cobrado futuramente a uma taxa módica de juros. Cedi o cartão. Passei a economizar tudo o que achava que já economizava, passei a beber menos café, tomar banho gelado. Usava a gilete para fazer a barba até o último fio possível, aquele que já quase rasga a pele do rosto. Tentei ao longo do mês chamá-la para falar sobre tudo novamente, rever os juros, a tal caderneta, mas foi tudo em vão. Ela estava decidida e inflexível. Na última conversa, onde quase implorei que pensasse a respeito, comovida, argumentou que não poderia ceder, pois já contava com meu "ressarcimento" para um projeto paralelo e que não poderia mesmo, com ênfase no mesmo, me dar um desconto que fosse. Mencionei pedir separação, mas desisti quando ela me disse que seria pior, pois como ex-marido, minha taxa de juros seria maior e ainda não teria direito a cartão de crédito e outros benefícios, estendendo para dois anos e meio, o tempo para pagar tudo. Quésia estava tal qual um agiota profissional. Sem saída, sem sono, sem vontade de fazer qualquer coisa, segui rumo ao terceiro mês. Falei com amigos, contando minha história como se fosse a de outra pessoa, perguntando se já viram algo igual, o que fariam se fosse com eles. Todos espantados, alguns nem sequer acreditavam. Comecei a procurar no jornal outro emprego, em turno inverso, para ajudar a amortizar a dívida, mas um emprego já tinha sido difícil, dois seria pior, mas não desisti. Fiz horas extras, bajulava os clientes, visando gorjetas. Estava exausto. No fim do mês, na minha reunião periódica com a minha esposa/agiota, ela estava séria, com uma caneta e uma calculadora sobre a mesa. "Meu bem, esse mês ganhou mais pelo que vi, meus parabéns, foi fruto do seu esforço e valentia. Mas, sinto dizer, a taxa de juros aumentou, está dando em todos os jornais, não sei se você tem acompanhado. Vou ser obrigada a refazer os cálculos. Eu não queria, me desculpe, mas foi preciso. Minhas contas são pagas com base nessa taxa nova, que aumentou, nem estou te cobrando a taxa da rua, você está super no lucro". Lucro. Eis uma palavra que não ouvia há meses, ou pelo menos, não relacionada comigo. Acatei, pensei em consultar um advogado sobre isso, mas não tinha dinheiro para pagar os honorários de um no momento, quem sabe daqui a dois anos e meio. Minha qualidade de vida caiu muito nesse tempo. Só poderia cortar o cabelo uma vez a cada quarenta e cinco dias, o que me deixava inquieto, com um aspecto desleixado. Também comia mal, abusava de comida pronta,estava engordando e também não conseguia mais ir ver minha mãe, o valor da passagem estava alto e eu rigorosamente sem nada.

Passei a me deitar sempre de costas para ela, sem dormir. Pensava a madrugada quase que toda naquela situação, na minha dívida, que só aumentava e justo com a pessoa que mais

amava. No meio da noite, ela, dormindo profundamente, às vezes passava seu braço sobre meu corpo, me abraçava. Não tinha coragem de tirar seu braço, pois precisava demais daquele carinho, mas não ficava totalmente tranquilo, aquilo não era o suficiente para me fazer dormir. Um dia, a caminho do restaurante cochilei. Sonhei que tinha sacado todo meu salário, juntado umas poucas roupas em uma mochila e fui correndo para a rodoviária. Peguei o primeiro ônibus que saia. Aliviado com a pouca dignidade que me sobrava, mas um carro em alta velocidade se atravessou no caminho, obrigando o ônibus a parar. Era ela. Saltei pela janela com minha mochila e saí em disparada, mas ela correu mais, me jogou no chão, pegou a mochila com uma mão e com a outra me mostrava uma nota fiscal.

Senti que comecei a ficar doente. Sem comer, sem dormir. Meu chefe me pediu que ficasse uns dias em casa, recusei prontamente. Ficar em casa significava ficar sem gorjetas e sem gorjetas de uns poucos dias, aumentaria em mais dois meses minha dívida. Fora que doente, precisaria de remédios, de cuidados, mas que ela me cobraria com a leveza de um albatroz, com juros "da casa". Tentei trabalhar, mas meu chefe pediu que não. Fiquei dois dias em casa, com febre, tom de pele esverdeado e muita dor de cabeça. Ela se ofereceu para comprar-me uns comprimidos, ou mesmo me levar ao médico. Gritei, alterado, que não queria mais nada que viesse dela, com os nervos à flor da pele. Tinha alucinações. Ela ficou os dois dias sem trabalhar, ao lado da cama cuidando de mim sem remédios, eu insisti que não os comprasse. Fazia-me carinho com a ponta dos dedos na testa, enquanto eu tremia febril. Me olhava lânguida, com um sorriso leve. Me trazia comida na cama, ligava a televisão e botava no meu canal preferido. Senti que morreria ali, sobre a cama. Não tinha forças mais para me levantar e a dor que tinha na cabeça só aumentava. Era uma questão de tempo. Olhei para ela, sentada ao lado da cama, com uma xícara de café e na banqueta alguns remédios, que havia comprado sem minha permissão. Pensava o quanto ela me cobraria por aquilo. Ela me olha, doce e suave e diz: "viu só meu amor, como estamos juntos na saúde e na doença?"

Calcinhas

Jaqueline Mendes de Almeida

Naquela tarde, no quarto, peguei a calcinha branca sem renda, tipo fio dental. Não encontrei a bege rendada, minha preferida. No chuveiro, costumava vestir a que estivesse pendurada. Era refém das escolhas da minha mãe. Nunca descobri seu critério. Ali no chuveiro fazia com a que tinha. Não era brincadeira nem nada sério. Era só vontade. Com o corpo já enxaguado, vestia e me olhava da cintura para baixo. Deixava o chuveiro aberto, me afastando e voltando para a água, com medo de pai ou mãe me descobrirem pelo som. Sentia a calcinha molhada, quase transparente, colada no corpo, e me masturbava. Depois lavava com o sabonete e pendurava como se eu nunca a tivesse tocado. Tudo em um ou dois minutos, para o banho parecer normal.

Na primeira vez, chorei como se estivesse sem roupa na rua. A culpa passou a noite comigo, me virando de um lado para outro na cama. No dia seguinte, lá estava de novo uma calcinha pendurada. Se ainda estava ali, então ninguém tinha percebido. Cada dia uma diferente. Passei a gastar mais água no banho observando os detalhes: o corte, o tecido, o desenho da renda, a altura da cintura, o pequeno desgaste na malha, a linha descosturada. Mal passou uma semana e vesti de novo. Senti vergonha, mas fiz de novo. E de novo.

Era a idade de muitos limites e pouca privacidade. Eu morava em um apartamento no primeiro andar de um conjunto habitacional. Dividia meu quarto de pouco mais de dez metros quadrados com roupas e objetos de meu pai e minha mãe, que dormiam em outro cômodo. Solidão apenas no chuveiro. Quando minha mãe passou a me deixar ir sozinha na padaria, achou que eu já podia ficar em casa sem ninguém, e começou a sair à tarde para vender bordados. Ela arrumava a cozinha depois do almoço e voltava depois de horas. Mal clareava, meu pai saía, e nunca voltava antes do anoitecer. Eu ficava em casa, brincando ou fazendo lição.

As tardes de liberdade me entregaram como presente a gaveta de lingeries de minha mãe, com muito mais formas, cores e significados do que no chuveiro. Minhas roupas eram calça jeans, bermuda tactel e camisetas monótonas. Sempre vinham com alguma estampa esquecível, escritas em alguma língua que não entendia, com desenhos que não escolhia. A curiosidade me atiçou em uma tarde silenciosa. Lembrei da cômoda no quarto. Larguei o lápis sobre o caderno enquanto olhava para a gaveta fechada. Senti o calor subindo por dentro, da barriga, passando pelo peito até chegar no pescoço. Quando o rosto começou a ficar quente, já havia decidido abrir. Só para ver como era, sem mexer, apenas olhar. Sabia que minha mãe

demoraria para voltar. Peguei uma calcinha, segurei e pus na frente da cueca. Aquela não era a que eu mais gostava. Troquei por outra. Medi e testei essa e mais uma e mais outra. Senti a lycra e o prazer de tocar a textura com as digitais das duas mãos. Coloquei a calcinha na bochecha e a escorreguei devagar. Com os olhos fechados, sorri. Pensei no que aconteceria se eu vestisse. Com a pinça trêmula formada pelo polegar e indicador, dobrei com cuidado e a fiz voltar para o mesmo lugar. Fechei a gaveta sentindo o sangue como fogo. Pensei que me descobririam. Voltei para a lição sem conseguir pensar. Olhava ao redor buscando alguma pista que deveria apagar.

Tatear era bom, mas incompleto. No dia seguinte, vesti. Me preocupei em desvestir e deixar a gaveta arrumada a tempo de não ser vista. Os dias me deram um método. Sempre fechava a janela e a porta do quarto. Vestia uma calcinha, me admirava em um espelho, ficava com ela por alguns minutos, mais à vontade do que no chuveiro. Não esquecia do relógio. Dava o tempo, guardava tudo, combinando pressa e cuidado. Se aos ouvidos chegasse algo diferente, interrompia. A dose de ousadia aumentava uma gota a cada tarde. Colocava por cima uma bermuda e passava pelo menos meia hora com uma calcinha enquanto estudava. Mal conseguia me concentrar. Muitas vezes me perdia nos ponteiros dos minutos. O medo de me descobrirem crescia junto com o desejo. Mesmo com toda tensão, a alegria era maior que tudo que conhecia. Já não fazia apenas para sentir o tecido. Me sentia um pouquinho mulher, e era melhor ainda. Contados os minutos, tirava a roupa, devolvia a lingerie à gaveta, vestia uma cueca, revestia a bermuda, continuava a lição. Quando a atenção disparava com o menor barulho de chaves, trancava a porta do quarto e me desmontava com o coração acelerado. Quase sempre era alarme falso.

A rotina ensinou que o tesão só vinha com as de lycra. As de algodão eram como cuecas. A cor importava menos que a malha. A maior parte da gaveta era de calcinhas grosseiras e feias. Não tinha vermelhas, e eu nunca soube o motivo.

Sentia sem dar nomes. Queria mais, como vício. Precisava de mais. Avancei sobre os sutiãs. Janela sempre fechada, nunca fora do quarto. Esticava a coluna e encostava o queixo na base do pescoço, como se pudesse me afastar para me ver. Simulava sustentar as mamas que não tinha, fazendo conchas com as mãos. Me imaginava com seios preenchendo o tecido. Não queria seios grandes, apenas seios. Tirava o sutiã e o guardava. Punha uma bermuda por cima da calcinha e uma camiseta para continuar o instável ritual de estudo.

Meses depois, já estudava com calcinha e sutiã por baixo. Quando fazia frio, punha uma meia-calça. Cruzava as pernas para sentir ainda mais. Em um devaneio, me vi numa praia, com um maiô florido, meu preferido na gaveta. Caminhava sem ninguém por perto, com os pés

ganhando onda a onda. Olhava para o céu azul e depois para o maiô. Passava a mão pelo corpo para senti-lo. Ia para areia, me deitava numa canga, e ficava lá, sentindo a roupa. Ia longe demais. Rapidamente, voltava a atenção aos livros.

Certo dia, encontrei um batom esquecido numa gaveta improvável. Mais um acessório para minha aventura. Primeiro, testei na mão para ver quanto tempo levaria para sair com água e sabonete. Era vermelho. Em seguida, borrei a boca e lavei algumas vezes até achar que sabia usar. Na segunda vez em que ousei, me assustei com alguma porta no térreo sendo aberta. Arranquei a primeira folha que apareceu de um caderno e a esfreguei na boca. Perdi a aula de Biologia sobre cromossomos. Ainda deu tempo de tirar e guardar as roupas antes de minha mãe entrar em casa.

A tarde em que escolhi a calcinha branca era só mais uma. Estava mais à vontade meses depois da primeira vez do chuveiro. Eu havia crescido a ponto de perceber as calcinhas ficarem apertadas. Quando senti a malha fria com as pontas dos dedos, a mão parou de tremer, sem perder o temor. Coloquei o sutiã preto, liso e sem bojo. Não formavam conjunto, mas era a minha combinação. Não notei um fio puxado ao vestir a meia calça. Só percebi quando deslizei as mãos das coxas até os tornozelos. Passei o batom e me imaginei com o rosto maquiado e cílios grandes. Senti tanto tesão que saí do quarto. Olhei para os lados como entrando em território hostil. No banheiro, me masturbei. Não cheguei na metade quando ouvi a porta da sala se abrindo.

Fodeu, pensei. O corpo gelou, o rosto ardeu, as pernas amoleceram. Um medo como de morte me tomou. Bati a porta. "Tá tudo bem?", perguntou minha mãe na cozinha. Disse que sim. Seu tom de voz era estranho. Imaginei o que ela fazia do outro lado. Ela descobrira: as lingeries, os batons, as punhetas. Respirei fundo. Tinha que pensar rápido. Me desmontei e lavei a boca. As roupas estavam em minhas mãos. O único esconderijo para elas no minúsculo banheiro era a máquina de lavar. Deveria funcionar até alguém querer lavar roupa. Só precisava tirá-las de lá na hora certa. Quando ouvi o som da torneira aberta da cozinha, corri para o quarto. Fechei a porta e vesti a roupa espalhada. Fingi ler, sem fazer ideia do que estava escrito. Ela abriu a porta e me olhou, sem se desviar do caminho para um armário atrás de mim. "Você está pálido", "Estou?", e ela saiu sem insistir, com um sabão na mão. Meu coração batia no pescoço. Eu era uma aberração. Não estaria ali, com o corpo formigando por completo, se eu fosse normal. Horas se passaram enquanto eu imaginava o que aconteceria se não conseguisse devolver a lingerie à gaveta. Me imaginei no sofá, meu pai em pé, andando de um lado para o outro na sala, berrando, contando para quem pudesse ouvir sobre a humilhação que eu era para ele. De como não adiantou nada me colocar no judô, no futebol. De meu fracasso como filho.

De como ele me abandonaria. Da rejeição que eu deveria sofrer em vida. A mãe contaria para a vizinha, que poderia contar para o filho, que espalharia para todo mundo. E na escola? Merecia um castigo, só não podia ter colegas sabendo. Isso seria o pior fim.

Pensei em planos diferentes. Sairia discretamente do quarto, resgataria as roupas, ajeitaria tudo como antes. Queria mais alívio do que ar. Ficou difícil quando meu pai chegou. Sempre que eu passava pelo banheiro, ela ou ele estava no quarto ou por perto. Como se farejassem algum problema sem saber qual é. Deixei para a madrugada.

Meu pai estava em pé ao lado da minha cama quando acordei. Luz apagada, escuro do lado de fora. "O que é aquela roupa na máquina? Não posso acreditar que você usou as roupas da sua mãe". Fiz cara de irritação, neguei movendo a cabeça rápido para os lados. "Foi você quem colocou as roupas lá? Pode contar para mim". Disse não, me virei para a parede dando as costas para ele e me cobri. Queria meu sono e minha paz de volta. Ele saiu quando eu já me escondia na coberta, dos pés à cabeça, como se me fechasse em uma casca de ovo para fugir do futuro. Apertei as pálpebras.

Me vi de body preto e tutu branco. Em meus pés, sapatilhas prateadas. Em uma sala com espelhos, corriam, gritavam e pulavam meninas e meninos, todo mundo com a mesma roupa. Eu estava em um canto, sem me mover, mas feliz. Quando dei um passo à frente, senti a água colar meu maiô florido. Estava no meio de uma piscina, boiando. Ia começar a aula de natação. Só havia meninas nas raias, todas com óculos, toca e maiô de todas as cores. Elas olhavam para mim, me davam tchau, tombando levemente a cabeça para o lado e com sorrisos. Uma pessoa me chamava por um nome que não era o meu. Sorri, fui até ela e sentei em uma roda com colegas da escola. Com algumas delas nunca havia conversado. O sol era forte. Trocávamos papel de carta. Elas também sorriam. Eu segurava uma pasta. Tudo era cor de rosa, com estampas da Moranguinho, Ursinhos Carinhosos, Bem Me Quer. Usava uma Melissinha igual à das colegas. Senti frio. Em pé, na calçada de uma rua vazia, olhei para cima. Prédios muito altos, janelas apagadas e letras ilegíveis sobre as fachadas cinzas deixavam a noite escura. A garoa umedeceu meu rosto. Olhei para baixo, me vi com um vestido muito curto e em um salto difícil de me equilibrar. Apertei a boca e percebi o batom engordurando os lábios. Um carro preto surgiu de uma esquina, acelerou em minha direção, freou na minha frente. Empurrei o cobertor para longe.

Na cama, me escondi o máximo que pude. Não tive sucesso em controlar a mistura de nojo e culpa. Tudo aquilo tinha que ser esquecido. Levantei e fui para o banheiro. Fugi do pai, da mãe, de mim. A máquina de lavar estava vazia. Fui para o chuveiro. Não encontrei nada

pendurado. A água escorreu por mim como se o tempo a fizesse me lavar por dentro. Ou atrasar o pior.

"Bom dia". Recebi dois de volta. Me sentei à mesa para o café. O assunto era trabalho e contas vencidas. Ele lamentava a piora no escritório depois da privatização. Ela enumerava os esforços na jornada dobrada. Eu me movia apenas para levar xícara e pão à boca. No pequeno vitrô da cozinha, o céu branco de nuvens. Observei com cuidado ele e ela, que tinham olhares perdidos em qualquer ponto da mesa ou da parede. Nem sequer uma onda sonora para perturbar o mar de constrangimento que eu havia criado. Terminei e continuei na cadeira. Eu deveria ser o assunto em instantes. Ele levantou primeiro, indo para o quarto. Ela, em seguida, recolheu nossas louças e as levou para pia. Ele se despediu, abriu a porta e se foi. Olhei pelo vitrô, acreditando que dali alguma luz pudesse cortar o céu e despejar sobre mim algum alívio.

Não. Meu pai nunca mais tocou no assunto. Se minha mãe soube, escondeu muito bem. Talvez tenham acreditado quando neguei. Talvez não pudessem suportar.

O certo é que aceitei o pacto. Só não para sempre.

Cargo e castigo

Daniel Linck

- Ei, defunto, vê se me dá sorte no nosso passeio depois - eu digo, mirando o pedaço de caixão visível no espelho retrovisor. Dou meio sorriso meio honesto meio amarelo meio ríspido. Sorriso três terços. Suspiro, tiro a chave do carro, pauso e reflito alvejando o celular, apoiado no suporte e com GPS aberto. Eu sei o caminho até esse cemitério. Fecho o aplicativo, abro o Tigrinho. - É aqui que você vai me dar sorte, tá? Vai canalizando aí. Te vejo depois.

Céu pobre de nuvens, rico em cinzas. Ao invés de motorista de funerária eu deveria ser poeta de Instagram. Nunca escrevi um poema, e se fosse fazê-lo, não me imagino cuspindo coisas fora do âmbito da depressão. Não que meu trabalho me deixe triste. Não que me deixe feliz, também. Ele paga meus remédios, então por um lado, quase lá..., mas não me vislumbro versando sobre amor. Ou algo espiritual. Dar algo mastigado, que faria sucesso. É, meus poemas inexistentes seriam à moda chiclete, textura mastigue-ou-morra (botar fora?), textura quiçá-engasga-melhor-engolir. O contrassenso seria cuspir. Porque cuspir, na linguagem da minha cabeça-poema, é replicar sem digerir (e ninguém ia querer replicar). Dirigir. Não havia me ocorrido a semelhança.

"Digerindo traumas com a minha direção", "Dirigindo almas com caixão", "Digerindo corpos vazios, dirigindo espíritos em oração". Parece mais stand-up do que poema. Sou tímido, se não faço um quem dirá o outro. Talvez mais debochado que tímido, mas só de fora para dentro. O passe (espírita e futebolístico) vem de fora, a bola vitral-espelho-reflexiva se rebate nas paredes enferrujadas de dentro (caramba, imagina se quebra. Seria séria causa de derrames).

Tem um padre, dois na verdade, e agora também um pastor, que trabalham de passagem aqui na funerária. Não vou com a cara de nenhum deles, mas cumprimento. Eu cumprimento todo mundo, incluindo os mortos. Os meio-período só se despedem. O defunto que ficou lá no carro teve um pedido peculiar, queria ser enterrado com dois caixões, um cheio de si e outro vazio, cheio de metáfora. Quando ajustei os dois no porta-serão-covas, deixei o mais pesado embaixo. De um jeito engraçado, o mais pesado não tinha ninguém, só é feito de madeira mais maciça e possui mais detalhes. Outra coisa engraçada, eu não tenho carro, só dirijo os do patrão. Vavá deixa que eu estacione no pátio de casa, logo o pessoal do bairro sabe o que eu faço. No plantão dessa madrugada foi a segunda vez que levei alguém da minha rua. Mais um dia de morte em vida, mais uma vida em dia de morte.

Na entrevista de emprego eu só imaginava dirigir, entregaria as outrora-pessoas para o cemitério, onde o corpo simbolicamente desceria ao desconhecido do outro lado, e seria isso. O processo de delivery reversa sequer era suposição. As escalas, os plantões... e a quantidade de entregas por mês - não há vivo que compreenda. Só a prática. Recebo as ligações, vou até o local, com sorte consigo carregar sozinho – é horrível pedir auxílio de algum familiar – os elevo à maca e os embarco, tal qual Caronte e sua canoa, minha direção de remo. Em dias de chuva, interpreto as dificuldades suplementares nesse humor, em odes às esquinas-puro-poças e às ruas-lagos-mar. Torna a vivência, de leve, mais leve, mais cênico-sobrenatural.

Dispensável dizer e inevitável apontar: o pensar na própria morte, trabalhando com a dos outros. De início o fiz em excesso, ao ponto de redigir carta de demissão. O patrão me deu folga, pagou janta e me fez um trato: um dia único na semana, para tais reflexões, nos demais agir como o que é, "só meu trabalho". Quatro meses e além, tanto pela necessidade de salário quanto de suas súplicas na-minha-gaveta-demissões-não-cabem-mais, decidi pela quarta-feira. E por quatro anos mantive, quarta-o-dia-de-pensar. E por quatro anos outros motoristas viam e iam, sem olhar para trás. De certo modo me tornei o motorista com mais experiência, o exemplo mais antigo morreu. Hoje é quarta, porém nesta decidi postergar.

Adquiri isqueiro e hábito por influência da Rosa, a maquiadora.

- Me dá um fogo aí – ela diz quando sai da loja, expediente noturno concluído. São cinco da manhã. Tivemos apenas um morto no plantão, meu pai. – Como cê tá?

- Não vou pensar muito hoje não. Tô de boa.

Seus beiços fazem um bico, seu olhar se levanta duvidando – Então tá.

Fumamos uns minutos em silêncio.

- O trabalho ficou bom viu – ela recomeça. – Acho que eu mandaria bem se fosse minha mãe. Ainda não convenci a coroa, ela teima que não quer nem que seja aqui, seja lá quando acontecer. Diz pra eu ficar quieta se não quem vai me maquiar, ainda viva pra depois ela me matar, sou eu. Enfim. Ficou bom.

- Eu vi, agradeço.

- Uma vibe meio Elvis Presley.

Dou risada, não achei. Ele nunca teve tanto cabelo assim. Um pouco queixudo, pode ser, mas que ideia. Suspiro. É, eu ri, mas agora não gostei do comentário. Inevitável pensar que se eu morresse ela poderia me deixar em uma vibe meio Elvis Presley. E que só ela ia pensar isso, mais ninguém. E de algum jeito isso era pior. Não nego que ela maquia bem, só na cabeça ela é meio sem noção.

- Na minha vez me deixa tipo Elton John.

- Quer uma fantasia de Carnaval?

- Pode ser. Menos morto, sei lá.

- Tá – o cigarro termina – vou indo lá. A Jenifer chega daqui um pouco, qualquer coisa.

- Tá tá, bom descanso.

Eu já pensava o seguinte antes de trabalhar aqui, e talvez por isso mesmo trabalho, mas creio que já nascemos dentro de um caixa onde cabe a vida inteira, e nunca saímos dela, apenas somos enterrados (ou queimados) com ela no fim. Eu me reviro dentro de minha caixa quando espelho-reflito essas coisas. O defunto quis duas, insistiu nesse pedido cinco meses depois de observar quão adaptado ao cargo eu me apresentava. Desviou-se de contar a razão. "E a vazia", ele repetia, "tem de ser mais cara, aproveitar o desconto familiar". Talvez pretendesse um "papel de mãe a vida toda". Acho... que não fez papel nenhum. Digo, estou vivo, tive comida, apanhava-mas-não-ao-ponto-de-ainda-reclamar-disso, vez ou outra me comprava algum livro. A gente não conversava, e ele não gostava de ler, só de reclamar de mim e dos outros, mas ele estava lá, não-ausente.

É difícil lembrar dele quando eu era mais novo. Só consigo pensar nos últimos anos, ele aposentado, deitado na cama e obcecado com quaisquer filmes chineses e coreanos de "Cinderela" e "CEO". Morreu de quebra da bola vitral-espelho-reflexiva, sua televisão ainda acesa, seus olhos abertos ainda desligados. Foi sua esposa atual que telefonou.

Tive madrastas demais. Não possuo memória de mamãe, só fotos e imaginação. Ele nunca falou muito dela, também, só que era uma boa mulher. Meus familiares maternos moravam longe, e os paternos ainda mais. Nasci e fui trazido para cá. Ele era concursado da prefeitura, deve ter namorado e traído "um gabinete de mulheres". Não tiro da cabeça que ele matou mamãe, de desgosto ou falta de gosto, sei lá. Talvez eu tenha lido romances demais.

Seus ex-colegas me deram os pêsames antes, quando o corpo ainda se expunha no saguão, mais para esposa atual do que para mim. Vavá disse que eu devia tirar o dia, mas eu não quis. "Deixa que ele eu levo", fez cara de preocupação seguida de "então tá, só não bate o ponto". Eu bati. O padre falou que ele era uma luz na vida de todos, discordei, me chamou para dizer algumas palavras, preferi não. "O luto é forte demais meu filho, eu entendo. Quem sabe na hora do enterro, irei te perguntar de novo". A esposa discursou por mim e pelo time de futebol. Reverenciava um outro homem, enunciava rápida e sem pausas, chorou apenas no final. Noutra vida teria sido prefeita, nesta trabalha com quem ocupa o cargo. Minha saliva ficou amarga, ouvindo tudo. Discerni certa inveja, no gosto, misturada com uma ardência inédita e familiar.

A hora chegava. Ficaríamos recebendo conhecidos dele por mais uma hora, para olharem um porta-retrato tamanho humano, depois teria início a procissão. Fui ao banheiro de clientes, me livrar dos cuspes cuspindo, e meu estômago embrulhou. Teria de trocar. Abri a porta, olhei-aceso o carro, olhei-desligado os caixões, permanentes em seu lugar, e parti escadas acima, rumo ao banheiro que ontem limpei. Ao sentar senti um romper de tensões, pernas moles e vontade de chorar. Uma vontade medicamentada, torpe e insuficiente, vontade sem força, vontade incapaz. Recostei-me neste trono de desconforto, buscando um alento em minha história, algum remendo de explicação. Não havia, eu não o conhecia, ele era presença e não pessoa, e agora nem pessoa poderia se tornar, só um corpo, corpo e no meu cerne memórias, incertas e ruins, me xingando por interromper sua ligação com minha internet discada, noutra me dando um soco de madrugada após tirar o computador da tomada, gritando para que eu fosse dormir, noutra nós ainda mais novos, eu chorando de saudades quando ele viajou uns meses a trabalho. Eu gostava dele, quando criança. Não entendo como ou sequer sei descrever como era, mas gostava. Minha infância me soa alienígena, o enterro de uma outra criança, não eu. Ele já foi criança também, e pelo que sei, em condições mais agudas às que conheço. Ele não gostava de falar, da infância até gostava, mas no geral. As coisas se resolviam ou botando tudo fora ou escondendo tudo para dentro. Às vezes botando tudo para fora para esconder para dentro. Meu telefone corporativo toca, é seu Vavá – Meu filho, cê tá bem? Onde cê tá? – meu corpo maldito, digo, meu remédio maldito, me surpreendo ensopado, sôfrego sem fôlego e suado, as sinapses disformes, resfriamento natural descontrolado – Oi seu Vavá, tô bem, tô bem, saindo do banheiro aqui só. – Onde cê guardou o carro? – ele diz. Hein? De súbito corro porta a fora sem norte, levantando calças, perdendo sapatos, desço as escadas em direção àquelas caixas, à minha sorte do dia, ao jogo que mudaria minha vida, àquele Elvis perdido, àquelas epopeias de não-abandono e teimosia.

Zumbido. Inalo as sinfonias próximas, onde o desconhecido em forma de seu passado presta homenagens às suas fotos e imaginações do que ele um dia fora. Não há veículo, meu braço segurando o celular treme, respondo e não me escuto, incerto se Vavá ouve algum som – não está aqui. "A chave", ele diz, "a chave", eu repito, "tá contigo?", ela está, "você trancou?", eu achava, "meu celular", eu digo, "GPS", eu explico, "tentar encontrar". Subo as escadas por onde vim, pego outras chaves, corro para outro carro e tento enxergar o rastro do defunto meu pai.

Trânsito trancado, gente demais ansiando esvanecer deste segundo neste lugar, tempo fechado, raios lá fora, cinzas-viram-chuvas, ruas-viram-rios, meu lombo dói, meu rosto arde, desequilíbrio vertendo corpo em mais suor. Porque raios eu não tirei o paletó e o chapéu, porque

raios meu inconsciente cênico-literal ri e se imagina em filme. A merda estava quase, eu tinha certeza, se Vavá não tivesse ligado eu não ia saber, eu ia me aliviar, eu não demoraria demais. Fecho os olhos, mas não posso, buzinam em minha volta, celular corporativo no colo, localização atual cinco minutos na frente, eu não sei dialogar, eu grito, buzino, sirenes, eu acho, polícia, ambulância, socorro, ladrão. Sinais vermelhos prenunciam mau agouro, passo-os crendo só na sorte nunca no azar. Desvairado, digiro um veículo funerário sem caixas, só macas, engolindo cuspes vertentes de meus olhos, lábios mordidos em sangue e revoltas de anos atrás. Talvez para ele eu também tenha sido só um filho, não alguém que ele conheceu. Eu acelero, derreto borracha e o combustível dilacera sinapses mais, faíscas de hotwheels comprados em mercado, beyblades que brigavam, tantos brinquedos e materiais escolares, tanta não-vontade e incompreensão, tanto medo e não-saber. "O senhor já deve ter imaginado, mas eu não gosto só de meninas, eu gosto de meninos também." O veículo funerário que você procura está a dois minutos de distância. "Não, eu nunca imaginava". O veículo funerário está a um minuto, ele está na sua frente, ele vai bater, você bate nele, você o ultrapassa, ele desvia, a sirene grita, você treme e olha para trás, uma colisão, o veículo funerário capota e se você não parar também vai capotar.

Você para. Você desliga o carro e sai pela porta, tropeça em pé e joelhos, o veículo funerário vai pegar fogo, e com ele seu tigrinho, com ele seu pai defunto e aquele outro caixão. Você nem vê o ladrão. Você nem sabe se ele existe. Uma, duas, uma multidão grita contigo, uniformes pretos flutuantes lhe dão um chute e agarram seus punhos que nunca revidaram, inocentes, culpados e vazios. "O fogo", apaga, não deixe aquilo continuar. Mais uma morte em vida, mais uma vida em dia de morte. "Tá tudo bem", seu Vavá vai dizer, "ainda preciso de você, cê ainda vai dirigir". A esposa dele não é a minha, eu não sei se um dia terei esposa, se algum dia vou ter ou já tive alguém. Ela vai ser entrevistada, hoje e amanhã, até aparecerá naquela ainda viva televisão, e eu não. Ainda bem, eu não queria. Mas é dele que ela vai falar, é sobre ela que a memória de quem ver vai se ater. A manchete de jornal no dia seguinte se imprime sozinha, "veículo funerário é furtado e mata um". Eu não leio a matéria. Seu Vavá aproveita, do espaço e de mais morte, das páginas e o anúncio lateral à matéria principal, da família do tão breve motorista, da revenda de um caixão-por-ocaso-estava-lá. "Desconto família", ele garante, dado o acidente e explosão. Algo sempre sobrevive dos destroços, insiste em reaparecer. Uma carcaça ou duas, desocupadas, e uma caixa maciça em detalhes, lotada de metáfora, ornada em cinzas-pó-do-sol.

Cessar fogo

Anna Valenzuela

Confesso: só fodi o israelense no virtual.

Devo me atrair por um tipo de homem hesitante, que não sabe se quer ou tem coragem de atravessar a linha que vai para o real.

E talvez seja isso mesmo o que me excita. O instante da paralisia. O segundo em que o pavor deixa o desejo ainda mais exuberante. A culpa rodrigueana.

Também porque os medrosos como você são meio bonecas quebradas.

Outro dia deixei escapar na terapia que o que me encanta é esse jeito de criança que sofreu bullying. Me causa ternura. Vontade de cuidar. Cuidar, mas só um pouco, não o suficiente para que se cure e fique são. Quero manter o brinquedo pifado. Claro que o corte veio aí.

Mas, voltando ao cidadão de Tel Aviv, acho que você vai curtir essa história mesmo assim.

Sabe aquele lance do tesão que é como morango silvestre, que a gente encontra onde menos imaginava? Pera, isso é o amor, não o tesão? Enfim.

Pois esse cara é um executivo de fintech e o hobby dele é ser baixista de uma banda com outros dois amigos. Pois é, eles também têm hobby, tenho certeza que você tá pensando isso. E quer saber? O som deles não é ruim, viu. Entre um e outro Matti Caspi, que é tipo um Djavan de lá, eles metem um Sangue Latino em hebraico. Lide com isso.

Outra: ele também acha Erasmo Carlos um puta cara cool — aham, ele já ouviu Gente Aberta. É um gringo que, sem falar português nem ter morado aqui, conhece areia e sal pra além de Copacabana: acampou em Trindade no final dos anos 90.

Quer mais? Além do olhar de cachorrinho, ele tem um quase mullet e óculos de grau em acetato iguais aos seus. Sim, ele poderia ser encontrado facilmente aqui na Santa Cecília usando a sua ecobag.

E pra deixar esse judeu ainda mais parecido com você, ele me irrita profundamente: fica lá da terra sagrada dele me mandando oi e pedindo para eu contar sobre cada nova trepada. E lá vou eu para o meu serviço humanitário.

Ele não parava de me atormentar no whatsapp. Tá, mentira. Não precisava insistir muito: um "hey there" e eu já estava pronta pra contar sacanagem em inglês.

Mas teve um lance que virou alguma chavinha.

Uns dias depois do 7 de outubro, postei no Instagram aquele vídeo do Chomsky dizendo que a Palestina não tem apoio internacional porque seu povo é pobre.

Nada de novo pra nossa velha dialética, mas aí já viu. Ele respondeu meu story perguntando se eu "estava odiando Israel naqueles dias". Era a semana seguinte ao atentado do Hamas, e o Estado dele tinha começado a barbarizar por terra. Aquele horror.

"Não é uma questão destes dias, baby. A política internacional do seu país, puta que pariu, não é das mais bacanas desde sempre."

"Você acredita mesmo que se trata de um antagonismo entre pobres e ricos, malvados e bonzinhos? Jura que você nivela a questão de Gaza a isso?"

Olhei pra prensa em cima da mesa e pensei que era melhor preparar um café — sei que você gosta desses detalhes.

"Eu não consigo acreditar que você, que me manda vídeo seu todo fofo tocando Cajuína no piano, concorda com as merdas que teu primeiro ministro tá fazendo."

"Eu odeio o Netanyahu, óbvio que nunca votei nesse bosta. Sou de esquerda, mesmo."

"Aham. Sionista de esquerda…"

"Sim. Olha só, fui em todas as manifestações anti-guerra desde criança. Agora é diferente. Você não suportaria ter o Hamas como seu vizinho."

Me olhei pelo espelho do buffet da cozinha: vi o Lou Reed estampado na minha camiseta, a calcinha de tule e a chaleira apitando com a água fervendo atrás de mim.

"Sério. Eles são visigodos. Você assistiu ao que fizeram? Viu os vídeos? Os estupros transmitidos pros pais, as execuções em frente aos filhos, as pessoas queimadas vivas?"

"Ainda estão investigando o quanto disso é fake… De qualquer forma, você acha que essa retaliação, porque, desculpe, só sendo muito cínico pra chamar esse massacre de autodefesa, vai melhorar em alguma coisa o clima da vizinhança?"

Escrevi isso enquanto misturava o café com a água e lembrei daquele cara que me corrigiu dizendo que a prensa, na verdade, é francesa.

"Não tá na cara que, pra cada órfão palestino que vocês fazem, brota um militante do Hamas?"

"Juro que entendo o que você diz. Eu concordo. Mas, vai por mim, não faz diferença ter mais semente de Hamas. Já estamos em uma floresta. Passou a ser impossível viver aqui sem que eles se rendam e sejam depostos."

"Bom, por que será que virou uma selva, né…"

Rolou uma pausa. Ele digitou e parou. Então perguntou.

"Espera, preciso entender uma coisa. Você é contra a existência do Estado de Israel?"

Dei um gole pensando que o café tava meio fraco e respondi:

"Não exatamente, mas tenho algumas dúvidas…"

"Isso é muito antissemita."

"Pronto. Sabia que ía chegar nisso."

E era assim sempre. Ele acende as últimas velas do Shabat por lá, eu caio de boca numa feijoada de boteco por aqui.

Ele traz todos os tratados e tentativas de criação de dois Estados. Eu devolvo que então eles foram idiotas por não terem apoiado o Arafat.

Ele volta pra casa com a pele salgada da praia de Hilton, eu procuro minha calcinha em alguma cama da Barra Funda.

Ele solta que para acabar com o nazismo milhares de civis alemães também foram pro saco. Eu soco que por isso tantos protocolos foram assinados na convenção de Genebra.

Ele me chama de Francesca Albanese. Eu acho sexy.

Os dias nascem e morrem assim: quentes, sujos e úmidos na trincheira.

"Hey there! Como você tá? Então hoje você vai questionar a Declaração de Balfour?"

"Por que não?"

Respondi isso enquanto atendia a porta só com a parte de cima do pijama.

"Não fode! A Inglaterra era um império ali fazendo o que bem entendia."

"O que me intriga é a forma como isso foi usado depois da segunda guerra."

O vizinho perguntou se eu tinha um filtro de café pra emprestar. Respondi que não tinha, eu uso prensa árabe. Falei apontando pra ela na mesa.

"Caralho… Nós éramos sobreviventes do holocausto!"

"E, em vez desse império junto com toda a corja antissemita europeia garantirem proteção, não só aos judeus, mas a todo mundo que se fudeu nas mãos dos nazistas, eles resolveram apoiar a ideia de manter vocês longe e encapsulados…"

Pega aqui. Pode levar. Cê sabe usar, né?

"Então você admite o antissemitismo geral!"

Respiro. Bebo um gole do café, passo por algumas das dezenas de fotos que já trocamos pelo whatsapp.

"Deixa de ser ridículo. Ninguém nega o antissemitismo nem tudo de escroto que fizeram com os judeus!"

"Now we are talking. Então é totalmente legítimo um povo que quase foi exterminado querer se agrupar pra se defender!"

"Sim. É. E também é totalmente legítimo um povo que tem as casas invadidas por vizinhos cuzões não aceitar isso de cabeça baixa."

Escrevi isso e reli com um dos olhos fechados, esperando a bomba explodir.

"Você é a típica militante de esquerda que adora concordar com a direita quando é pra foder judeus."

Quase ri. Dei mais um gole e parei numa foto dele sem camisa, olhando pro lado, em frente a uma parede de azulejo cor de rosa. A tamareira tatuada no braço direito.

"Eu não me conformo que vocês não se sensibilizam com o que tá rolando."

"Você acha mesmo que eu gosto de ver bebês morrendo?"

Como a gente sai disso e volta pra putaria? Bem, não me orgulho de contar.

Um dia falei "ai, pára, tá chato, parece que a gente é casado: brigamos todos os dias e nunca trepamos". Ele leu, ficou um tempo sem responder e depois mandou:

"Tenho uma reunião aí em São Paulo em algumas semanas. Talvez você devesse aproveitar pra me punir pelas minhas ideias sionistas…"

Eita.

Claro que você quer que eu vá direto pro encontro. Como a sua cabeça funciona na mesma frequência que a dele, você imagina como foi, não?

O esperei na porta do Al Janiah.

Pois é. Tom – sim, ele se chama Tom – topou ir comigo pro reduto árabe na Bela Vista.

Casa lotada. A banda ao vivo tira as almas do corpo. O cheiro da kafta grelhada se mistura com o do cardamomo e da hortelã fresca.

Enquanto o israelense mira as bandeiras vermelho e verde por todos os lados, eu caminho sob o olhar de Leila Khaled, Comandante Ramona e Angela Davis nas paredes pichadas.

Na pista, palestinos. Finjo timidez, sorrio pra baixo. Quando levanto os olhos, o mais bonito deles, um alto enrolado no keffiyeh, me chama pra dançar.

Chego perto e, agora o encarando, passo meus dedos pelo cabelo escuro e cacheado, depois pela barba militante. Ele me puxa pra si e eu cedo, como se nos procurássemos desde sempre.

Estamos quentes.

Vou encostando minha boca naquela risada – risada de quem sabe que o mundo lhe deve o cálculo das estrelas com juros infinitos – e vejo o escolhido por Deus monitorando cada movimento nosso. Eu o ignoro.

Olhando pros lábios mouros, pergunto só movimentando os meus: qual seu nome?

Baracat. Ele coloca cada sílaba do nome dentro da minha boca. Ba ra cat.

Me esfrego no peito muçulmano. Estamos suados. Viro de frente para Tom, que observa de longe quieto, enquanto colo as costas no meu parceiro de dança. A gente se aperta cada vez mais. Ele cheira a musk.

Aponto o bar com o queixo, sinal para Tom buscar um drink.

Ele obedece, como você faria.

Quando volta, Baracat está com a mão por dentro do meu vestido. Tom se aproxima, chega tão perto que o nariz quase toca o do outro. O mesmo perfil, penso.

Me entrega a bebida olhando pra mão do árabe que sente minha pele sob o tecido.

Pego o copo e toco o gelo com a ponta da língua. Respiro o ar da boca de Baracat, inalando minha cura. Dou um gole no Arak. A temperatura dos nossos corpos continua a subir.

Engulo o drink rindo, livre como Sherazade: servida por meu sionista de estimação enquanto um servo de Allah antecipa em mim seu banquete de Shahid.

E, então, a poesia que você esperava.

"Gozei", Tom revela no meu ouvido.

"Shalom", sussurro no pescoço dele.

Duas mães

Renato Moura

Vinda da Patagônia, a frente fria gela Buenos Aires. Numa mesa discreta, quase no fundo do salão principal da animada cafeteria, María de las Mercedes pouco se importa com a algazarra dos que comemoram a vitória da seleção argentina. Não tem ideia de quem foi derrotado. Seu marido Raúl, amante do futebol, certamente sabe. Mas ele está em casa, bem aquecido. Alheia aos festejos, bebe por beber o último gole do seu café com creme e acena em seguida para o garçom. O que mais quer é pagar a conta, sair logo dali, já sente fastio dos risos, dos brindes, das conversas picadas que não consegue deixar de ouvir.

O garçom demora um pouco a atendê-la. Quando se aproxima, olha para sua blusa de seda branca e, com a solicitude de sempre, pergunta se pode lhe trazer um guardanapo, água quente e um pouco de bicarbonato para limpar os respingos de café. María agradece, mas dispensa a gentileza. Sorri sem jeito porque não viu as pequeninas manchas escuras, tão reais quanto as duas primeiras horas de sexta-feira que seu relógio de ouro rosa teima em acusar. Já é tarde e Raúl deve estar morto de preocupação. Ela, habitante de uma realidade muito própria, mantém sempre o celular desligado quando sai, há duas décadas tem a imperiosa necessidade de se esquecer do mundo. E, a exemplo dos anteriores, o ano corrente não corre, se arrasta.

Cortantes como lâminas bem afiadas, as rajadas do vento do final de agosto deixam as ruas desertas. Mal sai da cafeteria, María calça as luvas e trança o cachecol em volta do pescoço. Enquanto espera pelo táxi, presta atenção a dois rapazes. Um deles, magro e alto, tem olhos claros. O outro, mais baixo, o ajuda a colar cartazes nos postes. As palavras de ordem em letras vermelhas, velhas conhecidas, logo mexem com ela, mas o jovem de olhos claros a inquieta bem mais, é muito parecido com Arturo. Não fosse a insistência do calendário em lhe dizer que já se passaram vinte anos, poderia ser ele em carne e osso. Perturbada, atrapalha-se ao tirar a carteira da bolsa. Quando o rapaz, um pouco hesitante, pega o dinheiro que jamais imaginaria ganhar de alguém naquela noite, ela lhe diz para comprar uma jaqueta nova. Em seguida, enfia-se no táxi recém-chegado.

...

Mercedes Maria despeja lentamente o resto do café frio numa caneca de plástico. Por que apressaria o movimento? Para apressar o fim da angústia? Não conseguiria. Com a caneca suspensa no ar, prega os olhos no fogão, tão carente de limpeza quanto a geladeira sobre a qual descansa uma cesta de vime vazia. Por vários dias, pedaços de pão ficaram ali, endureceram e

alimentaram as formigas até irem para o lixo. Quando os jogou fora? Já não se lembra, tampouco faz questão de se lembrar. Mais cedo, apesar do blecaute que lançara boa parte da avenida da praia no mais profundo dos breus, deixara a janta da patroa pronta e a cozinha dela impecável. Pecou, porém, não faz um minuto, quando engasgou e cuspiu o café, que imediatamente tingiu sua blusa de malha branca com nódoas enormes. Deu de ombros, era um demônio insignificante frente ao outro que, às duas da manhã, não lhe dava sossego.

A madrugada, até então a mais fria daquele agosto, desaba em silêncio sobre o morro. Quase sem vontade, Mercedes pega o jornal que trouxera da casa da patroa e pusera com displicência em cima da pequena mesa da cozinha. Sua intenção era lê-lo no ônibus, durante o trajeto de volta. Não o fizera, a conversa entre duas mães, que falavam animadamente dos projetos dos filhos, lhe roubara toda a atenção.

Como destaque de primeira página, o jornal traz uma matéria sobre a escola cujo samba enredo do próximo carnaval faz menção ao morro onde Mercedes mora, mas isso não desperta o interesse dela, que prefere ler outra notícia. Não sabe onde fica a Bósnia nem por que houve massacres por lá, mas uma palavra a deixa curiosa. Pronuncia-a com certa dificuldade, é estranha ao seu dia a dia. Quando Artur voltar, perguntará a ele o que "étnico" quer dizer. Massacre, pensa, houve também no seu morro justamente no dia em que Artur desapareceu. Mais tarde, depois que o sol nascer, sairá de casa para fazer mais um penoso reconhecimento de corpos. Por certo e por Deus, não reconhecerá o do filho. Cheio de vida como é, Artur há de aparecer, Deus Grande vai trazê-lo de volta. Mas quando? Quando? Quando? — pergunta-se aflita. Livra-se do jornal e fica de pé, as pernas rijas como vigas de aço. Ao ensaiar alguns passos, pisa em falso e cai. Ergue-se, nada lhe aconteceu, os efeitos do tombo não são nada comparados à dor que o desaparecimento de Artur lhe causa.

...

O segundo domingo de agosto amanhece absurdamente cinzento. Isso foi previsto, o Serviço de Meteorologia informou que a frente fria seria uma das piores dos últimos anos. Que seja, María pouco se importa com os rigores do clima. Mas, como lhe importa ficar livre de gente inoportuna, desligou os telefones. Alguém poderia chamá-la para almoçar fora, o que não cogita fazer. Bons vinhos, carnes nobres, faustosas sobremesas há muito não lhe enchem os olhos. Há muito não tem apetite, as duas maçãs que come diariamente bastam para que se mantenha viva. Os domingos cinzentos de agosto a angustiam. Num deles — ainda fresco na memória — Arturo desapareceu. Em rede nacional de Rádio e TV, três homens fardados juraram que os desaparecidos não tinham sido mortos nem presos pelas forças de segurança. Por certo, haviam fugido do país com dinheiro roubado dos bancos. Falaram a verdade? Ela

não podia saber, mas rogara muito a Deus para que o filho reaparecesse, não suportava mais o flagelo da espera.

Às duas da tarde começa a chover. Chuva fina, que não vai prejudicar a manifestação na *Plaza de Mayo*, marcada para as três, pensa María. Estática sob o caramanchão do jardim, precisa se apressar se quiser rever o rapaz de olhos claros. Como ele teria gasto o dinheiro ganho de surpresa? Arturo não o gastaria com qualquer besteira, só que o rapaz não é Arturo, é um estranho, um impostor, um sósia, um clone. Mesmo assim, precisa revê-lo. Não acha razão que explique, mas a premência incontrolável de falar outra vez com ele governa seus pensamentos.

Deixa o jardim e atravessa o amplo salão da casa. Os cristais, as pratarias, as esculturas de mármore, o piano de cauda, os móveis e os quadros novamente lhe pedem para não dar atenção a Raúl, que mais cedo voltara a dizer o quanto seria bom mudar a decoração da casa. Vai atendê-los, não quer mudar absolutamente nada, do maior ao menor objeto tudo ali guarda a essência de Arturo. Se Raúl não tem essa percepção, problema dele, ela não pode apagar o inapagável. Pensando assim, pega a bolsa, avisa ao marido que vai à *Plaza de Mayo* e sai de casa.

Ao chegar ao seu destino, depara-se com o palanque abarrotado de microfones e de caixas de som. Isolada por barreiras, a Casa Rosada parece alheia ao que acontece. Pode se dar a esse luxo, tem uma história que vem de longe, da época em que no seu lugar havia uma fortaleza espanhola, demolida tempos depois para a construção do prédio da Alfândega. A mando de um presidente, fora pintado com cor semelhante ao rosa em fins do século XIX. Após passar por várias reformas, hoje se acha um pouco maltratado, mas não deixou de ser uma testemunha silenciosa das vidas daqueles que o ocuparam. Ao pensar sobre tudo isso, María se lembra de Evita Perón. Imagina-a correndo por trigais e pastos imensos, pés descalços, vestidinho surrado, olhos sequiosos por aventuras e descobertas. Evita... Sonhara ser uma mulher de prestígio, e fora. Carismática, deslumbrava o povo com feitiços de fada e encantos de bruxa. Evita... Tantas vezes discursara para essa mesma praça apinhada de gente. Eterna lenda, eterna fonte de lágrimas que nenhum lenço é capaz de secar. María fecha, então, os olhos por um instante. Não se inclui entre os órfãos de Evita, mas como eles tem lágrimas insecáveis, lágrimas de mãe que jamais deixará de chorar a perda do único filho. Sempre diz isso a Raúl, que sempre lhe responde com um ruidoso silêncio.

Súbito, algo lhe toca o rosto. A seu lado, um rapaz nada parecido com o sósia de Arturo agita freneticamente a bandeira de uma central sindical. María começa, então, a esquadrinhar a praça com olhos de detetive. Se localizar quem deseja ver, o que fará desta vez? Dará mais dinheiro a ele? Para comprar o quê? Botas novas seriam muito úteis aos seus intermináveis périplos de militância. Talvez lhe diga isso ou outra coisa qualquer, tanto faz, mas admite que as

chances de o ver são irrisórias. Mesmo assim, só sairá dali quando já não puder diferenciar face alguma na multidão que soca o ar com punhos aguerridos.

...

O Morro em que Mercedes mora parece um labirinto a céu aberto, tanto que até alguns dos seus moradores passam apuros para encontrar certos lugares. Ela, porém, conhece todos os caminhos e nenhum a assusta. Toma o mais curto, também o mais perigoso, e com passos céleres vai em direção à Praça de Maio, não suporta mais o vazio com que a tarde chuvosa de domingo enche seu peito. Faz isso porque, quando criança, Artur se escondera por lá depois de levar uma surra de Serapião, padrasto dele na época. Homem de pouquíssimos afetos, Serapião fazia trabalhos de pedreiro quando lhe davam serviço, o que era raro. Bebia muito, e o pouco que ganhava gastava com a bebida. Mercedes o conhecera num baile da comunidade. Ao se dar conta, já o tinha como marido. Certa manhã, olhos açodados por uma vermelhidão intensa, Serapião dera falta das moedas que deixara ao pé da imagem de São Jorge. Culpara, então, o enteado pelo sumiço delas e o surrara com um cinto de couro. Artur fugira de casa, e Mercedes tivera dias horríveis. Quando encontrar o filho lhe parecia impossível, achara-o, sujo e morto de fome, no coreto da Praça de Maio. O encontro feliz fora há dez anos, mas ela acredita que poderia se repetir neste domingo, se fosse da vontade de Deus Grande.

Lixo demais no chão, limpeza de menos nos bueiros, a Praça de Maio é refém do próprio fedor. Balanços comidos pela ferrugem, vaivéns quebrados, gangorras emperradas revelam também o quanto tudo ali se acha em estado de completo abandono. Com o nariz tapado, Mercedes circula pelo velho coreto. Apesar de boa parte da estrutura ter se deteriorado, ainda serve de palco para políticos ou para pregadores de alguma fé. Não, Deus Grande não quis que Artur voltasse a se esconder ali, admite ela com profunda tristeza. Sujo e morto de fome, apenas um cachorro manco a observa. Então, alma tomada pela aridez dos desertos, retoma lentamente o caminho de casa.

...

Ao deixar a *Plaza de Mayo*, María é só desalento. Não ter reencontrado o rapaz de olhos claros foi como bater com a cabeça na quina de um móvel pesado. Sente, por assim dizer, a dor maiúscula que Arturo sentiu quando, ainda pequeno, enfiou a testa num dos pés do piano de cauda.

Chega a casa com a cara mais fechada do que quando saiu. Sem tirar os olhos da TV, Raúl lhe pergunta sobre a manifestação. Por vezes, a tranquilidade dele a irrita. Finge que não o escuta, nada tem para lhe responder, nada viu senão espectros difusos, nada ouviu senão o que já esperava ouvir. O verdadeiro propósito de ter ido à *Plaza de Mayo* não quer revelar, é coisa

muito sua, Raúl não iria entender. Vai, então, até o antigo quarto de Arturo, intocado desde o desaparecimento dele. Antes de abrir a porta, detém-se diante da foto esmaecida de Perón e Isabelita. Olhar altivo, cortante como os ventos do sul da Patagônia, Perón sempre teve o apoio de Raúl; o seu, raramente, pouca importância dava ao que o presidente fazia ou deixava de fazer. Foi uma figura marcante, admite, mas, tal como a morte de Evita, a dele não lhe causou qualquer comoção. Tampouco a queda de Isabelita.

Já no quarto, pega um dos livros da escrivaninha cheia de papéis amarelados. É um atlas de anatomia, que abre ao acaso. Em cores ainda não devoradas pelo tempo, um retrato de Vesalius a deixa com as mãos trêmulas. Não pela fisionomia austera, mas pela nota que o acompanha: "maior anatomista da Renascença, tornou-se célebre porque fez...".

María põe o atlas no mesmo lugar e começa a folhear um volumoso compêndio de bioquímica. Anotações a lápis no capítulo sobre a origem da vida chamam sua atenção. Pouco as entende, mas pergunta-se por que a ciência se preocupa tanto em desvendar mistérios que somente a Deus cabe conhecer. Para se assemelhar a Ele, responde sem mover os lábios. Tem certeza de que Arturo seria um médico como poucos. Seria, mas lhe tiraram a vida antes que terminasse o curso. O ar lhe falta. Tenta respirar melhor, não consegue, a tristeza a aperta e o peso dela derruba o livro sobre a escrivaninha. A cabeça ainda lhe dói. Comprime-a entre as mãos, quer esmagar a dor antes que a dor a esmague. Inútil, a dor se espalha por todo o crânio, que lateja demais. Ao mirar as fotos das paredes, tem a impressão de que Marx sabia o que é sentir uma dor infinita.

Entregue ao que não pode e nem quer esquecer, segura com força o crucifixo de ouro branco que não tira do pescoço, a cabeça latejando, latejando, latejando... Sente uma imensa vontade de gritar o nome do filho, mas algo prende seu grito no fundo da garganta.

...

No quarto de Artur mal cabem a cama, o armário de duas portas e a mesa de estudos. Antes de entrar, Mercedes pousa os olhos na imagem de Cristo, pendurada ao lado da porta. Pele clara, olhos de profundo azul, Jesus tem um ar tranquilo e amigo. Artur disse que essa imagem é a representação europeia de um homem cuja aparência era seguramente outra. Tenha razão ou não, para ela isso não faz a menor diferença. Entra. Sentindo as mãos e os pés formigarem, nota que o acordeão de oito baixos está coberto por teias de aranha. Tocava-o na meninice e o deu a Artur com a esperança de que ele se interessasse pela música. Não se interessou. E ela? Voltará a tocá-lo algum dia? Prometeu fazer isso se o filho reaparecer. Todos os domingos de outubro, subirá os incontáveis degraus do Santuário da Penha e tocará na porta

da igreja, da primeira à última missa. Os trocados que receber dará a quem a olhar com olhos de fome.

De frente para o armário, Mandela, braço erguido, parece lhe dizer que a luta do povo preto é mais importante do que a caridade. Teria razão? Ela é preta, é pobre, é prisioneira dos mandos e desmandos da patroa, mas se tudo isso é da vontade de Deus Grande, como pode se rebelar? Como? — pergunta-se, angustiada.

Junto à cama, a preguiça de um velho relógio tortura sua paciência. Artur vai mesmo voltar? Daria a vida para que voltasse. O formigamento nas mãos e nos pés se espalha e já lhe toma quase o corpo inteiro. Maldiz o relógio, remexe a mesa de estudos, abre ao acaso o atlas de geografia. Seria mais fácil achar a Bósnia ou ter o filho de volta? Critica-se: que pergunta estúpida, estúpida como os policiais que subiram o morro há dez dias, estúpida como a espera que não tem fim. Deixa de lado o atlas e folheia o livro de química. Por que Artur pôs pontos de interrogação em tantas páginas? Não estaria prestando a devida atenção às aulas? Ou o assunto é mesmo difícil? Gostaria de saber a razão de todos esses porquês, mas se Artur não volta para lhe dizer...

A noite caindo, aperta com força o crucifixo de latão que nunca tira do pescoço, fecha os olhos e grita o nome do filho. Um som animalesco lhe sai da garganta para que o mundo inteiro conheça a imensidão da sua dor.

...

Sem sair de onde está, María de las Mercedes não sente mais a cabeça latejar. Também não sente seu corpo. Sente-se leve, totalmente leve, agradavelmente leve, flutuando entre as paredes. Arturo... Irá finalmente reencontrá-lo? Onde? Ouve, então, um grito longo, potente, desesperado. Através do janelão cujas cortinas abriu momentos antes, vê que sob a chuva fina uma mulher preta, de olhos miúdos, lhe pede um abraço.

Depois de gritar, Mercedes Maria ouve, como já ouviu tantas vezes, apenas o silêncio da sua interminável solidão. Não sente mais nenhum formigamento, aliás não sente mais o próprio corpo. Começa, então, a levitar entre o assoalho e o teto do quarto completamente escuro. Artur... Irá finalmente reencontrá-lo? Onde? Através da janelinha cuja persiana suspendeu há pouco, vê que sob a chuva intensa uma mulher branca, de olhos claros e grandes, está de braços abertos para acolhê-la.

Em carnaval também se ama

André Falcão de Melo

Pense numa menina linda! Era um pitéu, um filé, uma gata, uma coisa, uma..., sei lá, a mulher era demais, me'irmão! Falando sério. Sem exagero. A rainha daquela empresa em Maceió. E a circunscrição do seu reinado é porque era lá nascida e lá trabalhava. Mas disputaria esse título nobiliárquico natural em qualquer lugar deste país, quiçá do mundo. Ôxe, poderia dizer, até, do universo! Duvido que houvesse alienígena mais bonita. Descomedimento, não! Juro! Mas me vou abster de descrevê-la. Cada um de vocês — caro leitor ou leitora que se esteja prestando a ler o que narro — que imagine alguém que pudesse provocar esse estupor de admiração estética que acabo de alardear. Certamente, não estarão longe do desenho harmônico que a compreendia.

Mas, como nem tudo é perfeito..., era chata. E, aqui, vou fazer o mesmo apelo dantes: pense numa menina chatinha! Metida, a figura. Há quem entenda que sua beleza justifique assim o fosse. Mas não para Sandoval. Sei, sei que o nome do cabra, por sua vez, é meio feinho, mas o sujeito era tido como bonitão. Não se engane. Quem vê cara, não vê coração. Ou, adaptando o dito popular às circunstâncias: quem só vê o nome, não vê o dono. Não era, porém, em matéria de beleza, uma versão masculina de Soninha (assim a chamavam). E, se era, o defeito é meu, que não sou especialista no ramo masculino dessa ciência.

A vida da bela (e presunçosa) jovem era comum. Ingressou, há pouco mais de dois anos, por concurso, naquela empresa pública. Formada em Direito, nunca exerceu. Graduou-se porque queria um título e desejava (talvez nem deseje mais) passar num concurso público ligado à área jurídica. Nada diferente dos anseios de grande parte da população juvenil do país. Porém, se não despertava admiração por sua essência, também não era execrada por possuir defeitos relevantes. Salvo a prepotência, notoriamente decorrente da consciência de sua beleza e, naturalmente, do mau uso dessa percepção. Em suma: uma jovem normal, não afeita a maldades. Mas era metida. Que era, era.

Ele, como querido por muitos, naturalmente se via invejado por outros tantos. Afinal, além da boa aparência, era inteligente, carismático e trazia (e observava) bons princípios éticos. Mas era ciumento e tinha lá seus orgulhos.

Agora, deixemos como está e fiquemos por aqui. Acho que a descrição feita, dum e doutro, embora silente em detalhes físicos, é suficiente para vocês terem uma idéia razoável de nossos heróis.

De qualquer sorte, fosse como fosse a antipatia sonsa da Soninha, o fato é que Sandoval estava impressionado com a garota, e mantido o interesse por aquela miragem, mesmo após vir a saber da sua, digamos, presunção. Também, não é pra menos. Vou nem dizer o porquê, pra não ser repetitivo. Tá, eu digo. Tava linda demais, a moça. E, pra completar, aquelas músicas de carnaval das antigas (frevos e marchinhas) — que o remetiam aos carnavais de clube de sua adolescência, quando vinha do interior passar o reinado de Momo na Capital, hospedando-se na casa de parentes — davam um tom nostálgico e levemente romântico àquela concorrida noite carnavalesca da cidade. E o impregnavam. Ela, embora somente houvesse participado dos chamados carnavais de clube, com suas orquestras de frevo e bandas, ainda criança, sentia um imenso prazer em participar daqueles festejos, tão distantes dos sertanejos e funks da atualidade. O quadro, assim, estava a desenhar-se: uma linda mulher, um clima de saudade e romantismo, uma vontade, desconhecida embora, de conhecer o amor. De ambos. Claro, eu disse que ela era metida, não que não pudesse se apaixonar.

Assim que chegou, a viu. Foi, talvez, o que se diz ser amor à primeira vista. Ela o notou, também. Mas rapidamente. De soslaio. Tão de leve que Sandoval não conseguiu sequer ter uma idéia segura disto. Mas o viu, sim. Asseguro. Tratou logo de perguntar quem era aquela beldade. Esclareceram-lhe e a sua fama de menina antipática. Tentaram dissuadi-lo. Alguns por amizade, outros por inveja. Medo de que Sandoval conseguisse o que tantos apenas sonhavam ter.

A verdade, todavia — e sinto-me obrigado a esclarecer o(a) leitor(a) amigo(a) —, é que Sandoval não causara em Soninha a mesma sensação. E se sim, ela não deixou antever nem pra mim, que lhes conto esta história e deveria sabê-lo, na qualidade de narrador onisciente e onipresente. De qualquer maneira, quando chegar ao fim do conto a minha ignorância não terá o menor relevo.

Também não posso deixar de narrar que Sandoval, orgulhoso como era, apresentava muita cautela para abordar uma mulher por quem se visse seriamente interessado. Era, nesse tema, um tímido. E a timidez — dizia para si mesmo —, se o privava de alguns voos, ao menos o protegia de outras tantas quedas. Mas, não se engane, o receio não chegava a abortar suas pretensões. Tinha medo. De um fora, de ser humilhado. Mas não a ponto de paralisá-lo.

Assim, à míngua de amigos comuns que os apresentassem, um ao outro, avaliou que a melhor abordagem seria chamá-la para dançar. Quando? Aí são mais quinhentos. Sabedor, já, de sua fama, e como continuasse em seu pedestal, resolveu não lhe dar a mínima. Apenas fazer-se visto por ela. Finalmente, percebeu que ela o vira. E o olhou. De relance, é verdade. Mas o fez algumas vezes, quando imaginava que ele não fosse perceber. Estava, assim, se dando por satisfeito. Até então.

Os minutos — ou eram as horas? —, entretanto, se passavam. Nem ele ia dançar, nem ela. Ao revés, flagrou Soninha virando o rosto para um pretendente que se havia aventurado a convidá-la a dançar. E o fez com absoluto desdém. Desprezo, mesmo. Aquilo feriu Sandoval por dentro. Não que não houvesse gostado de ela não ter ido dançar com o sujeito. Mas detestava humilhação. De resto, o sentimento de solidariedade à vítima viera juntar-se à antipatia, que também já começara a nutrir, e ao inicial enlevamento, que, de qualquer sorte, ainda perdurava. Tudo num aparente paradoxo. Vai-se entender o amor, né leitor(a)?

O fato é que, ao tempo em que se via encantado pela moçoila, também percebeu dedicar-lhe certa irritação. Àquela menina, pudesse — pensava —, aplicava-lhe uma lição. Gostaria de lhe dizer que ela não era melhor do que ninguém, apenas porque bonita, que ela tinha que respeitar as pessoas, tratá-las com educação, essas coisas. Totalmente apaixonado! Para tanta ira contida, só mesmo tomado pela paixão.

Tomou o último gole de cerveja. Indagava a si mesmo se havia chegado o momento de chamá-la para dançar. Ela ou qualquer outra que aparecesse no caminho, já que considerava a hipótese de levar um fora daquela pretensiosa, apesar dos olhares agora mais amiúde trocados. Resolveu acender um cigarro. Chegou a tomá-lo em sua mão, pô-lo entre os dedos, mas quando ia acendê-lo, isqueiro ainda no bolso, a orquestra começou a tocar sua música preferida. Não podia esperar mais. Inclusive, já estava ficando tarde. Ou cedo, considerando-se ser, já, adiantada madrugada. Partiu, resoluto. Medo arrefecido pelo incentivo dos olhares furtivos correspondidos, e pelas cervejas que ingeriu.

Soninha estava recostada em uma pilastra, ora observando o movimento do salão, ora conversando amenidades com alguma colega. Parecia distante, em sua realeza. Foi quando percebeu a vinda de Sandoval em sua direção. Seu coração começou a bater forte. Não disse que ela já se havia enamorado também? A distância entre ambos foi encurtando, e ela se aperreando. Quando ele estava já se aproximando e, abrindo-lhe um sorriso, parecia vir convidá-la a dançar — para o quê mais iria até ali, àquela altura, não para isso? —, Soninha, antes mesmo de ele balbuciar qualquer palavra, antecipou-se e dirigiu-lhe um gesto contundente de que não queria dançar, acenando em sua direção, negativamente, ao tempo em que deixava transparecer em sua face um misto de expressão de enfado e insatisfação.

Sandoval não podia acreditar! Pudesse voltar... Mas já estava quase esbarrando na garota quando recebeu o soco. Sim, leitora e leitor, desculpe-me, mas foi como um murro. Nessa hora, até eu, que nada faço a não ser lhes contar essa história, solidarizo-me na sua humilhação. O que poderia fazer? Aceitar a negativa, que mais parecia uma reprimenda pelo desaforo de ter tido a ousadia de lhe dirigir a palavra que, aliás, sequer foi dita? Foi então que lhe veio a luz.

— Como? Desculpe, mas vim perguntar se você tinha fogo para acender o meu cigarro — disse, mostrando-lhe o dito cujo felizmente ainda apagado entre os dedos. Soninha sentiu as pernas fraquejarem, a face enrubescer. A expressão de cansaço e desdém, que havia um segundo ostentava, transmudara-se num sorriso amarelo. Não sabia o que dizer. Balbuciou um pedido de desculpas.

— Pensei que você vinha me chamar para dançar. Não sei dançar essas músicas... — concluiu, com um sorriso amarelo, visivelmente transtornada. Nada passou desapercebido por Sandoval, que a esta altura sentiu voltar o chão aos seus pés e o domínio da situação.

— Bom, então, já que fósforo vejo que você não tem, nada impede que dancemos, ora! Vamos lá? Eu também não sei. Aprenderemos um com o outro — disse-lhe Sandoval, expressando a maior simpatia que pôde, com um largo sorriso nos lábios. Soninha, completamente desnorteada, sem forças para resistir, e tentando remediar o vexame por ela própria açodadamente causado, aceitou o convite.

Todos olhavam perplexos. Os verdadeiros amigos, torcendo por um e outro, cheios de admiração. Os nem tanto, babando de inveja. Aliás, a bisbilhotice foi tanta que, num piscar de olhos, o salão ficou repleto de curiosos amigos comuns, a dançar ao redor do casal, de modo a não perder um só detalhe.

Sandoval não se deu por satisfeito. Lembram-se que sentira um certo desejo de vingar seus pares, horas atrás? Agora, sentia com ainda mais fervor a vontade de lhe dar uma lição, que pusesse abaixo aquele nariz empinado de uma vez por todas. Deixou passar algum tempo — algo parecido com a metade da música, já que não podia se arriscar a ser convidado a sair do salão por Soninha tão-logo findasse a que estavam dançando —, afastou um pouco mais o seu corpo do dela e, escancaradamente, enfiou a mão no bolso da camisa, de lá tirando seu isqueiro. Acendeu o cigarro, com ele, na frente dela. Tragou. Tudo sob o seu olhar atônito. Ele sorriu, enquanto soltava a fumaça para o lado. Soninha, que há tempos procurava o chão ilusório de rainha em que estava acostumada a pisar, sentiu-se literalmente planando. Tentando um sorriso, agora já amarelo pálido, disse-lhe, em tom de brincadeira:

— Cachorro — ao que ele lhe respondeu, sempre sorrindo:

— Tô cansado. Pensando bem, quero dançar mais não. Vamos sair?

— Está bem — disse-lhe. E saíram, cada qual para o seu lado, sob o olhar estupefato dos presentes.

Alguns meses depois

— Menina, a noiva está linda, deslumbrante mesmo!

— E que simpatia! Que sorriso! Vou querer um vestido assim no meu.

— Quanta felicidade desses dois... hummm...

— Ai, ai, que inveja...!

— É o casal mais bonito da cidade, sem sombra de dúvida.

— Olha o guardanapo da recepção! Que mimo: S & S.

— Soninha e Sandoval.

Entre as minhas pernas

Bruna Du

Que bom que você me encontrou. Obrigada por ter vindo, e por me contar. Está mais calma? Quer uma água? Fica à vontade. Não, eu não tenho pressa. Não precisa se preocupar. Sim, eu conheço ele, sim. Trabalhamos juntos por um tempo. Na verdade, eu vim para cá por causa dele. Eu sou de outra cidade, mas não conseguia desenvolver meu trabalho lá, estando perto da minha família. Eu venho de uma família bem tradicional, em que todo mundo é médico, advogado ou engenheiro. Eles até gostam de arte, chega a ser um contrassenso, mas não dos artistas. Para eles, os artistas são todos bêbados e vagabundos. A não ser que consigam ficar famosos e ganhar dinheiro. Daí ainda são bêbados, mas bem-sucedidos. Enfim, breve contexto só para explicar porque eu precisava me afastar. Não tinha espaço. Era muita cobrança e eu não conseguia me desvencilhar do julgamento deles. Eu até tentei estudar algo relacionado à arte na universidade, mas não consegui comprar a briga até o final. Meus pais me disseram que enquanto eu dependesse financeiramente deles, tinha de obedecê-los. Então eu comecei a procurar jeitos de conseguir me bancar e, ao mesmo tempo, estudar o que eu queria. De preferência, longe dali. Foi daí que comecei a pesquisar residências artísticas em outras cidades, que oferecessem um dinheiro que me permitisse me sustentar à distância e também seguir na minha pesquisa. Na época, eu tinha começado a fazer esculturas e essa residência caiu como uma luva. Fiz um portfólio de fotos com as produções que eu já tinha e fui aprovada para ficar um ano trabalhando com um artista em seu ateliê. Não precisei pensar duas vezes, fiz minhas malas e vim. Como você já deve ter adivinhado, o artista era ele.

A gente se deu bem de imediato. Você sabe como ele é encantador, e eu nunca tinha conhecido um homem assim. Tudo o que ele falava me interessava. Não eram as conversas de dinheiro, casamento e filhos a que eu estava acostumada. Ele falava sobre luz e sombra, forma e volume, cor e contraste. Sobre o belo, e composição de imagens. Sobre o que não se via, mas era possível sentir. Ele era um homem que sentia. Você deve ter percebido como ele é sensível. Dá para ver em seus trabalhos, mas convivendo com ele isso fica ainda mais evidente. Ele te entende. Fala com o olhar. Entra em um ambiente e consegue sentir na hora como estão as pessoas, quem está feliz, quem está desconfortável, quem está em um dia ruim. E quando ele te toca. Tudo nele é pele.

Eu o encontrava todos os dias no ateliê pela manhã e ficávamos o dia todo trabalhando juntos. E continuávamos juntos mesmo depois que o trabalho acabava. Conversávamos por

horas. Às vezes, a conversa era tão boa que abríamos um vinho e cozinhávamos no próprio ateliê, para não ter de se separar. Ele me fazia um monte de perguntas, queria saber tudo sobre mim, mas não de um jeito invasivo. Sempre com muito cuidado, genuinamente interessado. E me contava dele também. Aos poucos, fui aprendendo cada detalhe de sua trajetória. Como tinha dificuldade de amarrar os cadarços quando era criança e por isso até hoje colocava-os para dentro do sapato para não ter que dar o laço. Como sempre tinha sido um menino sensível e, por isso, só tinha amigas meninas na escola quando era menor. Como fez amigos homens quando entrou para o time de futebol, e os meninos passaram a gostar dele porque era bom de bola e todo mundo queria ter no time. Como descobriu sua paixão pela escultura brincando no ateliê de sua mãe, que também era artista plástica. Como sempre teve o apoio dos seus pais, porque eles eram artistas também. Como eu me daria bem com sua mãe, que pintava quadros lindos. E como ele ia me levar para ver seu pai tocar na Sala São Paulo.

Para não nos separarmos, ele começou a me levar em seus compromissos depois do ateliê. Ele sempre tinha um show, peça de teatro ou exposição em galeria para ir. Parecia conhecer toda a cena artística da cidade. Era sempre um amigo dele no palco ou na produção e, aos poucos, eu também fui virando amiga desse grupo de artistas. Eram todos muito simpáticos. As mulheres eram carinhosas e me faziam sentir querida. Perguntavam se eu estava conseguindo me adaptar à cidade nova, se precisava de alguma coisa. E os homens me inseriam em todas as conversas, me tratavam como igual, o que também não era muito comum no meio de onde eu vinha. Nos grupos em que eu circulava, conversa de mulher ainda era fofoca ou intriga e nunca éramos consultadas sobre nenhuma opinião, a não ser que fosse algo do universo estético. Essa roupa combina, qual o melhor corte de cabelo, que sapato devo comprar. Essas perguntas eles sempre guardavam para nós, mas, de resto, nosso papel era ser bonita e simpática, apenas. Mas com os homens do grupo dele era diferente. Eles discutiam qualquer assunto comigo, e sempre perguntavam o que eu achava. Eu me sentia vista, como eu realmente era, e pertencente. Sentia que poderia contar com eles caso precisasse.

Passando o tempo todo juntos, não foi surpresa para ninguém quando ele me beijou pela primeira vez. E demorou, viu? Você também deve ter percebido como, no fundo, ele é profundamente inseguro. Atrás do grande artista, como costuma acontecer, ainda tem um menino que acha que ninguém o entende. Que ninguém vai gostar dele porque é diferente dos demais. E que morre de medo de ouvir não. Ele só me beijou quando já não restava a menor dúvida quanto ao que sentíamos. E em pouco tempo, comecei a não voltar para casa nem para dormir.

Eu não sou uma pessoa muito extrovertida. Eu sei que não parece, porque me entreguei muito para ele, e estou aqui te contando tudo isso mesmo sem a gente mal se conhecer, mas para mim não é fácil me abrir para alguém. Eu realmente confiava nele. Ele me via de um jeito que ninguém nunca tinha me visto, e que acho que eu sempre quis ser vista. E tinha um jeito de ouvir e acolher minhas inseguranças que me cativava. Eu sentia que ele me aceitava como eu era, mesmo no que eu mesma tinha dificuldade de aceitar. Talvez por causa justamente dessa personalidade dele, de abraçar tudo o que vem da gente, sem julgamentos. O que pode ser muito bom, mas também muito perigoso.

Quando ele me chamou para mudar para sua casa, porque não fazia sentido eu gastar quase toda a bolsa que recebia pagando aluguel, eu não pensei duas vezes. Parecia certo, e eu me sentia muito feliz ao seu lado. Adorava cada momento, principalmente as manhãs. Dormia muito bem com ele, sonos profundos em que fazia verdadeiras viagens. Sonhava com lugares distantes e maravilhosos. Nunca lembrava direito da noite anterior, o momento antes de adormecer era sempre meio nebuloso em minha cabeça. Por alguma razão, as memórias se embaralhavam, e eu nunca conseguia lembrar exatamente o que acontecia quando íamos para a cama, mas devia ser só o cansaço. Isso me entristecia, porque queria gravar todos os instantes que passava ao seu lado, mas era impossível. Era como se uma névoa cobrisse minha visão nesses momentos. Talvez eu estivesse precisando trabalhar um pouco menos, devia ser isso. De toda forma, acordava abraçada a ele todos os dias e ele sempre começava o dia perguntando como eu estava, se me sentia bem, se tinha dormido direito, e eu me sentia segura e cuidada.

E então começou a acontecer. Eu ainda acordava bem, mas, a cada noite dormida ao seu lado, meus pelos pubianos acordavam maiores. E não maiores com um crescimento normal. Eu digo maiores mesmo. Perceptivelmente maiores. A primeira vez que isso aconteceu, acordamos os dois e fomos tomar banho. Quando me olhei no espelho, estranhei toda aquela pelugem que crescia entre as minhas pernas. Lembrava nitidamente de ter me depilado no dia anterior. Achei que estava ficando louca e até perguntei para ele se lembrava como eu estava na noite passada, mas ele disse que não tinha reparado. Só que daí na noite seguinte a pelugem cresceu ainda mais. Já não eram os pequenos pelos que se acumulavam sobre a minha virilha, eram grandes cachos pretos que avançavam para as minhas coxas. E isso foi se agravando cada vez mais. Deixei de comentar com ele, porque ficava com vergonha, e comecei a acordar e correr para o banheiro direto para cortar com a tesoura os pelos que haviam crescido. Só que não adiantava. Eles podiam até cair na hora, mas isso fazia-os crescerem ainda mais no dia seguinte. Os cachos foram se adensando e o comprimento aumentando, até um dia em que acordei com uma vasta cabeleira até os joelhos e fiquei desesperada. Não queríamos tocar no

assunto, mas não dava para ignorar. Ele veio conversar comigo e disse que entendia que muita coisa tinha acontecido na minha vida. Eu tinha saído da cidade onde tinha crescido, ido para um nova cidade, começado um novo trabalho, e agora um relacionamento com um homem bem mais velho do que eu e com quem eu já estava morando junto. Era muita coisa para processar. Ele disse que entendia, e não queria me sobrecarregar. Disse que me amava muito, e queria que eu ficasse bem, isso era o mais importante. Talvez eu estivesse precisando de um pouco de espaço, e ele queria respeitar isso. Me ajudou a procurar um novo lugar para alugar e foi muito atencioso nesse processo. Fez toda a mudança comigo. Mas, quando eu estava instalada na casa nova, ele começou a se afastar. Sob a justificativa de que queria respeitar meu espaço, parou de me levar para sua casa, já não ficava mais conversando comigo quando terminamos o trabalho, também não me beijava mais e foi ficando cada dia mais duro em meus braços.

Um dia, nossos amigos nos convidaram para um show e ele apareceu com outra mulher. Doeu demais. Ainda que os amigos continuassem me procurando, comecei a me afastar do grupo por vontade própria, mas ainda tinha que conviver com ele todo dia, era o meu trabalho. E ficou pesado demais para mim. Resolvi voltar para a casa dos meus pais, pelo menos por um tempo. Precisava me recuperar, e depois voltaria para São Paulo, quando arranjasse um jeito de me manter aqui que não dependesse dele.

Fiz minhas malas e fui embora, nem o avisei. Também não contei aos meus pais porque tinha voltado. E certamente não contei a ninguém o que estava acontecendo com meu corpo. A grande cabeleira preta continuava lá, mas eu já tinha aprendido a disfarçá-la. Comecei a andar só de saia, de preferência bem grande e rodada, para disfarçar o volume entre as pernas. Minha mãe até estranhou, eu que sempre fora um grande adepta das calças. Mas acho que ela estava tão feliz de eu estar explorando mais minha feminilidade que preferiu não comentar com medo de que isso me fizesse retornar ao meu antigo guarda-roupa.

Até que uma noite, tive um pesadelo horrível. Acordei de madrugada chorando, com a sensação de que estavam me invadindo. Alguém tentava roubar o meu corpo e eu precisava lutar por ele. É meu. Ainda é meu. Eu me abraçava e me tocava conferindo se estava inteira, se não tinham levado nenhum pedaço. E, aos poucos, as memórias foram voltando. A névoa foi se dissipando e cada toque me devolvia um toque dele, as lembranças das noites antes de dormir ao seu lado.

A transa com ele ainda é a melhor que eu já tive. Como eu disse, ele é muito sensível e tudo é sobre pele. Transar com ele é um experiência sensorial, ele sente prazer em cada poro. Mas há algo que não pode ser dito. Algo que se esconde nas camisinhas tiradas no meio do

caminho, na sua mão sobre minha vagina quando estou dormindo, na sua voz em meu ouvido pedindo que eu aguente um pouco mais. No seu beijo em meu ombro dizendo que me ama, no seu abraço quando fala que não pode viver sem mim, no seu sorriso de manhã perguntando:

– Tá tudo bem?

Na manhã seguinte a essa noite, caiu o primeiro cacho. E assim sucessivamente, até eu ficar completamente pelada na virilha e voltar a ter uma noite tranquila. Daí comecei a dormir sem parar. Passei semanas dormindo, mal conseguia levantar da cama. Minha mãe achou que eu estava doente e me levava comida. Eu dormia dezessete, dezoito, às vezes vinte horas seguidas. Até que um dia acordei bem disposta. Levantei, fui dar uma volta, ajudei minha mãe com os cuidados da casa. E percebi que meus pelos tinham voltado a crescer. Os mesmos que eu tinha antes, com tamanho, textura e volume normais, pequenos, só que um pouco mais cacheados agora. Pequenos cachinhos que se mantém só onde devem, e que hoje eu até gosto mais.

Quando me senti recuperada, escrevi para uma das amigas de São Paulo. Ela ainda era amiga dele, mas tínhamos ficado bem próximas e ela me escrevera algumas vezes perguntando por que eu tinha sumido. Disse que tinha tido um problema de saúde e precisara voltar para a casa dos meus pais, mas que agora já estava bem. Queria voltar para São Paulo e precisava de sua ajuda. Ela disse que eu podia ficar em sua casa por um tempo, tinha alguns contatos, ia me ajudar. E aqui estou eu.

Nunca mais o vi. Disse a essa amiga que preferia não encontrá-lo, e não dei muitas explicações. Acho que ela pensou que eu ainda era apaixonada por ele e também não me perguntou nada. E nunca contei isso a ninguém, até você aparecer.

Tenho certeza que sim. Tenho certeza que ele fez isso com você. E que você não está louca. Que não é coisa da sua cabeça. E que você não está exagerando.

Não somos nós as aberrações.

Hashshashin

"...como se não nos extinguíssemos aos poucos". (L Sabóia/M H Nóvoa)

Roberto Vendramini Carvalho

Uma pontada aguda no lado esquerdo do rosto. Tomou o analgésico com um gole do café requentado, a última cápsula da cartela, de um vermelho translúcido. Se fosse um tubarão, aquele dente seria substituído por outro, novinho. Sorriu com amargura. Teria que comprar mais, ou ir ao dentista.

Já quase não saía, nem falava com ninguém. No trabalho, havia inventado um problema cardíaco, tratamento demorado, talvez um marcapasso, sabe como são essas coisas. Para as pessoas próximas, havia dito que Laura ficaria um tempo fora, em Florianópolis, pra cuidar de um irmão, vítima de um atropelamento, coisa feia. Se alguém ligava, não atendia, se deixava recado, retornava para dar uma desculpa e evitar uma possível visita.

Entrou no ônibus, só um lugar vago, ao lado de um senhor já de cabelos brancos. A proximidade compulsória, aquela de fricção de auras, o incomodava. Lá fora, ruas estreitas, a arquitetura assimétrica das casas, cores desbotadas, uma jovem grávida varria a calçada, uma criança empinava uma pipa, um motoqueiro transportava um botijão de gás. Aquela feiura familiar quase o reconfortava. Fechou os olhos, mas as imagens do sonho voltavam à sua mente. Quando desceu, o ar frio e úmido de junho, a fauna urbana em movimento, trabalhadores e desocupados, estudantes e malandros. O porteiro de um prédio jogou uma vassoura num cão que vasculhava os sacos de lixo. Gente simples e boa. Repassou mentalmente o que tinha planejado, dentista, analgésico, cigarro, não necessariamente nessa ordem, mas precisava manter o foco nas coisas práticas.

Chegou a uma praça, entrou numa galeria e subiu até o primeiro andar. Onde esperava encontrar o consultório do dentista, havia um escritório de contabilidade. Desceu, encontrou uma farmácia e comprou o analgésico. Quase não reconheceu a imagem do estranho barbudo refletida na vitrine. Quando saiu, avistou uma loja do outro lado do corredor, com a porta de aço abaixada, mas com uma porta menor ao centro, aberta, na qual estava escrito: livros baratos. Entrou. Havia algo familiar e, ao mesmo tempo, incômodo naquela cena que lembrava algo que ele havia vivido ou lido em algum lugar. A penumbra o cegou por instantes. O lugar parecia maior do que se poderia esperar visto por fora. Livros em enormes prateleiras de metal, no chão,

sobre mesas empoeiradas, em todos os lugares, quase todos romances baratos, manuais de autoajuda, coletâneas e best-sellers sem valor. Ficou um tempo garimpando algo que o interessasse.

---Procure à vontade, filho.

Não havia notado o homem no balcão, curvado sobre um livro, como um abutre sobre seu repasto. Paletó escuro, cabelos brancos e ralos, magro, rosto até meio encovado, parecia estar doente.

--- Logo reconheço um amante da literatura.

O velho o olhava por cima das grossas lentes dos óculos, olhos claros, mas sem brilho. Dissimulando o desconforto, aproximou-se e deu o dinheiro para pagar o livro que havia escolhido. O velho colocou o livro numa sacola de papel, junto com outro de capa marrom. Seus movimentos eram lentos, como se os executasse após cuidadoso cálculo.

---Cortesia da casa.

Agradeceu com um gesto mudo e saiu apressado, como um peixe tentando se livrar dos tentáculos de um polvo. Entrou num boteco, comprou cigarros, pediu um copo d´água e tomou ali mesmo uma dose industrial do analgésico. Na parede, um calendário engordurado da Seicho-No-Iê trazia a inscrição: *Em qualquer Circunstância Existe Possibilidade Infinita.* Desistiu do dentista.

No percurso de volta pra casa, no caderno de cultura de um jornal que não se lembrava de ter comprado, um hai kai o atingiu como uma cusparada:

cheguei perto

chamei três vezes

não é que defunta

Tentou relaxar, mas seus ouvidos começaram a zumbir e fragmentos do sonho brotaram novamente em seu cérebro como fungos em madeira podre: um homem sobre um camelo o persegue, o sol inclemente a tudo quer extinguir, como sabemos as coisas nos sonhos, ele sabe que quando anoitecer será seu fim. Uma voz ecoa no deserto: assassino.

Em casa, ajeitou o abajur, o conhaque e os cigarros. No conto Demônios, título do livro que ele havia comprado, uma edição de 1943, Aluízio Azevedo descreve um mundo no qual a natureza está se diluindo, corrompida por insondáveis desígnios. O equilíbrio é substituído pelo caos, o Sol não nasce com sua luz benfazeja, o tempo para e tudo morre. Somente o protagonista e sua noiva sobrevivem ao inexplicável horror.

Ele leu e, se alguém não tivesse batido na porta, teria ficado ali sabe-se lá quanto tempo mais, fumando e bebendo, tentando não pensar em perseguições, não pensar, simplesmente. Ficou imóvel, em silêncio, suava e seus dentes rangiam um pouco. Quem poderia ser? Um

vendedor? Um parente à procura de Laura? Não atendeu.

Na capa do livro que o velho lhe dera, gravada em caracteres dourados, a palavra Hashshashin. Nada na contracapa, nem autor, editora ou ano da publicação, mas as folhas amareladas, o leve cheiro de mofo e a ortografia levavam à dedução que fora editado há pelo menos 50 anos. Leu as primeiras páginas. Estilo seco e direto, narrativa ágil, embora um tanto confusa, certas passagens eram longas e detalhadas, outras terminavam abruptamente. Conforme avançava, elementos iam se combinando e formavam um quadro além da possibilidade de entendimento, mas fascinante. Acendeu outro cigarro como se com aquele gesto pudesse manter o já precário controle das coisas. Ele saboreava aquelas palavras com um misto de prazer e pavor. Tinha nas mãos um livro que narrava a vida de um personagem sem nome, sua infância, sua solidão, suas aspirações, as pequenas vitórias e os inúmeros fracassos. Uma rajada de metralhadora não teria lhe causado maior espanto. Aquele livro narrava sua vida. A descoberta do amor, as noites febris, os medos, Laura...Novamente aquela voz: assassino. Não conseguiu prosseguir a leitura. Precisava falar com alguém que pudesse ajudá-lo a entender aquilo, mas já não havia ninguém. Só lhe restava procurar o velho que lhe vendera, não, que lhe dera o livro. Ele poderia tirá-lo daquele labirinto, ele o salvaria, como um farol para um navio em meio à tempestade, uma ilha para um náufrago perdido no oceano.

Novamente na rua, tentou racionalizar as coisas. Talvez houvesse uma explicação aceitável para aquilo, uma falha no processo natural dos acontecimentos, uma anomalia na ordem das coisas, como no conto de Aluízio de Azevedo, ou uma indecifrável sincronia, um salto quântico no tempo, fosse lá o que fosse salto quântico. Pensou nos tecedores de tapetes maometanos, que incluem um erro proposital em suas obras, em homenagem à deidade perfeita que os fez imperfeitos, e notou que aquela ideia não o ajudava a entender melhor a situação. Talvez...sua mente criava subterfúgios, frágeis, mas indispensáveis para sua sanidade.

A dor voltara e o lado esquerdo de seu rosto já estava inchado, mas ele tinha coisas mais importantes a resolver naquele momento. Pegou um táxi, o motorista, um senhor calvo que ostentava a natural soberba dos justos, sem saber da impossibilidade do que pretendia, tentou iniciar uma conversa, alguma coisa sobre o clima nessa época do ano ou algo assim. Ele limitou-se ao silêncio. O sujeito não se abalou e passou a cantarolar alegremente uma canção, como se estivesse no convés de um transatlântico. Ele desceu do táxi e percorreu a distância que o separava da galeria. Andava rápido, quase correndo. No local, onde horas antes existira um depósito de livros, existia agora uma prosaica casa lotérica. Talvez tivesse se enganado, mas lá estava a farmácia com a vitrine que refletira sua imagem. Entrou no bar onde comprara cigarros e balbuciou uma pergunta. Inicialmente, o homem lhe dirigiu o olhar reservado às crianças e aos

loucos, mas depois levantou o braço com o indicador esticado como quem vai falar alguma coisa, mas já ninguém o ouvia.

Voltou para casa. Tinha que decifrar aquela charada. Consultando enciclopédias e um dicionário etimológico, descobriu que o chefe de uma seita ismaelita do Norte da Pérsia, chamado Hassan-I Sabbah, por volta do século XI, antes e depois de cada batalha, concedia a seus guerreiros, impiedosos degoladores, os prazeres do sexo e do haxixe, que passaram a ser chamados de hashshashin, palavra árabe que deu origem à palavra assassino. Enquanto lia as últimas páginas, uma tranquilidade inesperada tomou conta de seus sentidos, como a calma no centro do furacão. Com deleitosa morosidade, antegozava cada palavra daquele livro insólito. Uma brasa de cigarro queimava a poltrona. Leu e recordou toda sua vida, inclusive fatos que sua memória trabalhara para ocultar: o jorro vermelho sobre a pele clara da mulher, a cabeça pendendo inerte, a luz da lua distorcida pelos movimentos concêntricos e divergentes da superfície da água quando jogou o corpo na represa em Nazaré Paulista. Depois, o silêncio na casa vazia, o sonho recorrente, o velho no depósito, o livro, até o momento em que ele aponta a arma para a própria cabeça enquanto lê sobre seu fim e aperta o gatilho.

História em cinzas

Rafael Oliveira

1.

ANTES DE A GUIMBA terminar de rodopiar como uma ginasta num tablado, a sola do coturno de Marcelo a pisoteou com um som duro e a deixou, no piso de concreto do posto de gasolina, achatada como se fosse uma estampa. À frente, numa das bombas de diesel, uma placa escrita à mão informava: "Proibido Fumar", mas ninguém disse nada, porque a verdade era que o frentista, um careca já próximo de se aposentar, preferia ter de lidar com um princípio de incêndio que ter de falar com aquele cara, Marcelo, o possível viciado que decidiu deliberadamente ignorar uma regra tão básica quanto a de não fumar num posto, e, por isso, certamente ignorara e ignoraria quaisquer outras regras sociais, incluindo, entre elas, as leis.

O sol já havia saído do topo do céu há algumas horas. Agora, lançava uma luz amarela cor de mijo sobre o concreto da pista da rodovia, espalhando-a sobre o recuo cheio de xique-xiques e também sobre as areias salpicadas de bromélias. O verde que sobrou das poucas folhas de alguns umbuzeiros e de algumas barrigudas espraiava-se até o longe, ficando cada vez mais marrom e lilás por se misturar ao amarelo da ureia solar. Poucos carros abasteciam naquele momento. Alguns até faziam menção de ligar a seta e entrar, mas, vendo o que viam, arremetiam e voltavam para a rodovia. Logo, sob o telhado de amianto em que se lia PETROBRAS, havia apenas outros dois carros além do Opala Coupé de Marcelo, cujo banco do motorista estava ocupado por Dáblio, o grandalhão de cabeça raspada. Os dois carros eram estes: um Puma GTB e um Ford Belina de família.

Ao lado da Belina, que estava abarrotado por uma porrada de malas de viagem e atochado de crianças, mamães e cachorros, o papai bundão o abastecia e não parava de olhar Marcelo.

Às vezes ventava.

— Que foi, otário?

Marcelo perguntou. Mas sabia que o que o velho não parava de olhar por detrás dos óculos de grau estilo aviador, e acima do bigode já quase grisalho, eram as tatuagens que ele, Marcelo, tinha riscadas nas mãos e nas maçãs do rosto. Eram o cabelo estilo James Dean e a jaqueta preta com a ponta das golas levantadas. Os demônios e a teia de aranha; as palavras "FUCK", abaixo do olho esquerdo, e "YOU", do direito. Junto de um curinga sem cor, cinco contornos pretos, não preenchidos, que formavam gotas de lágrimas próximo às letras FU e

OU. Ou seja, o que Ricardo não parava de olhar era a própria alma de Marcelo, o tudo e o todo que ele era e que ele representava; seu futuro e seu fim.

— Perguntei — Marcelo repetiu —, o-que-foi, o-tá-rio. — Todas as sílabas articuladas como se se falasse com um surdo.

Já o papai bundão e otário, o gordo e broxa, não disse nada – aliás, ele não podia dizer nada. Além daquele bandido, ainda havia outros dois, um homem e uma mulher. Dentro do Opala, tendo revirado a bolsa de crochê de Amandalee (a terceira dos "comparsas"), onde primeiro encontrou a foto da filhinha dela usando um vestido florido, Dáblio achou um papel amassado, no qual estava contido um poema escrito à mão, sem rimas e sem título, cuja primeira estrofe era enorme e dizia assim: *Poderiam os médiuns reescreverem a história deixada pelas cinzas dos inquisidores queimados, eles, pelas bruxas de Salém?* Então diante desse cenário, ali, sob aquele sol poente, Ricardo fez somente aquilo que podia fazer: baixar os olhos para não criar confusão. Olhar a frente do para-choque do Opala, e só. Mas a mamãe histérica, não. A chata, a com a voz mais alta e mais irritante que os latidos do cachorro irritante que eles tinham, tentando conter a apreensão das crianças no banco de trás, arreganhou a ordem como unhas num quadro negro:

— Ricardo, vamos embora AGORA! Eles são marginais!

É, Ricardo, somos mesmo, e é melhor ir andando, e é melhor ir embora logo.

E Ricardo, como o bom pau-mandado que de fato era, e que todos que tinham olhos podiam mesmo ver que era, logo tratou de terminar de urinar gasolina para dentro da velha Belina e obedecer à mulher. O cidadão-de-bem Ricardo Marinho logo tratou de pagar o combustível ao frentista, fazendo-o meio que sob falso protesto, sob falsa macheza, e dizer que não, nada de troco! Então, deu uma última olhada para Marcelo e mandou a mulher e o cachorro calarem a boca – uma demonstração pública e probatória da existência de suas bolas, ainda que estivessem murchas e guardadas ali, numa cueca boxer. Um teatro, cuja função era a de dizer a Marcelo uma coisa: que ele, Ricardo, também era homem; e ele, Ricardo, podia ser violento também, se quisesse, e talvez até tivesse um .38 guardado no porta-luvas, quem sabe?, pronto para deixar uns furos na camisa de um marginal como Marcelo.

Pois é, quem sabe?

Já Marcelo, com as mãos nos bolsos, sentiu uma esponja de catarro se embolar no fundo da garganta. Escarrou-a, e o cuspe caiu estalado na cara do chão.

Sob o sol de fevereiro, em direção a oeste para onde ele se punha, partiu em férias a família de Ricardo Sem Bolas.

E sob o mesmo sol de fevereiro, os que iriam na direção de onde ele nascia, ali ficaram.

Os Marinho partiram. Sobraram então somente o frentista e o Puma GTB azul; sobraram Marcelo, Dáblio, Amandalee e os caras do Puma, que estavam todos dentro da loja de conveniência, comprando cervejas e salgadinhos.

Perto, ouviu-se a descarga do banheiro no qual Amandalee estava. Mas nada dela.

O frentista, esse nem mais ousava olhar para o Opala verde sobre o qual Marcelo tinha, recostados, os bolsos da bunda do jeans. O homenzinho limitava-se a olhar para dentro da loja, e rezar. Rezar para, se-fosse-um-assalto, que acontecesse logo, que levassem logo tudo e fossem embora; que os caras ainda lá dentro, os do Puma, ficassem confinados e sem possibilidade de reação. Que só aceitassem o fato e ponto, e era melhor assim. Porque eles eram quatro, e todos grandalhões, atletas com camisas de torcida organizada. Típicos não-Ricardos. Típicas imitações de heróis da TV inconsequentes, jovens, que veem filmes do Sylvester Stallone e acreditam que podem replicar as cenas da fantasia na vida real. Cabelos repartidos, sorrisos sorridentes. Muita vida ainda pelos anos do caminho.

— Vai demorar muito? — disse Dáblio, inclinando a cabeça para fora da janela. Suava e fumava. Suava e se perguntava como era possível Marcelo aguentar o calor com aquela droga de jaqueta. Com a mão para fora, pendurada pelo antebraço da grossura de um tronco pousado na janela, o grandalhão de cabeça raspada e brincos do tamanho de anéis olhava tudo ao redor através do para-brisas sujo. Suas costas musculosas pinicavam e colavam molhadas no estofado de couro rachado.

Mas antes que Marcelo pudesse lhe responder, a porta do banheiro unissex se abre, e, de lá, sai Amandalee. Óculos redondos e rosa. Tatuagem de mandala num dos braços magros. O cabelo liso e repartido ao meio, preso por uma tiara de couro trançado, escorria como cachoeira livre por sobre os ombros até a altura dos seios, os quais eram tapados apenas por dois triângulos de crochê. Do cós da calça pantalona, Amandalee retira uma faca retrátil e pressiona o botão para cuspir-lhe a lâmina. Ela se abaixa ao lado do Puma, depois se endireita, guarda a lâmina e, então, a própria faca.

— Não — disse Marcelo a Dáblio — Acabamos.

Ao perceber que não tinha mais fósforos, Marcelo guardou de novo no maço o cigarro com o filtro molhado de cuspe. Olhou para a loja de conveniências pensando em comprar mais, mas ouviu o sino da porta e as gargalhadas, a falação dos quatro amigos que saíam.

Danem-se os fósforos. No carro tinha acendedor.

E então disse: — Vamos embora.

Amandalee pôs na mala os galões comprados, cheios de gasolina. E aí as portas do Opala bateram, ao mesmo tempo em que as do Puma também. O motor do Puma ligou, ao mesmo

tempo em que o do Opala também. O frentista observou aqueles dois e as cacofonias de seus sons. A inversão distorcida de ambas as realidades daqueles grupos.

E, nessa reverberação, um carro seguiu para o leste.

— Tem certeza? Depois que começarmos — disse Dáblio —, não vai dar mais para parar.

E Marcelo só disse: — Marcha — fazendo dois tapas estalarem metálicos na lataria do Opala; dois como se o fizesse na anca de um cavalo.

Estava decidido.

E aí o carro, o Opala deles, foi para o oeste.

2.

LEONARDO VEZ OU OUTRA olhava o próprio reflexo no retrovisor. Com as duas mãos segurando o volante revestido com capa de couro, e os olhos-de-gato sumindo rapidamente por debaixo do Puma, ele se inclinava para frente como quem tentaria ver a sujeira num dente, mas então o que olhava era a própria pele: os cabelos loiros ficando ralos, a linha acentuada do maxilar e as olheiras cada vez mais fundas. Vinha perdendo muito peso ultimamente, e todos notavam, mas nem ele nem ninguém sabia o porquê.

Alguns quilômetros depois, olhou-se de novo. Não havia problemas em desviar ocasionalmente a atenção da estrada. Não que ele já tivesse estado nela, mas agora só havia retas e retas, sem entroncamentos ou interseções. A última confluência em muitos quilômetros já havia passado há meia hora, vinda de outras rodovias menos conhecidas que desembocavam ali, retornos dos quais praticamente somente os locais se lembravam ou usavam para voltarem à estrada principal.

— Léo, você está um vampiro, cara — disse Nilton Jay. A voz estava pastosa, saída do nariz. Na mão, segurava uma latinha de Schincariol ainda fechada. Viajava no banco do carona com a janela aberta.

Ouvindo-o, Léo apenas sorri e o manda calar a boca.

A luz interna do Puma estava acesa para que todos os cinco pudessem se ver. No rádio, Barão Vermelho cantava um chiado Posando de Star. A brisa que entrava pelas janelas era fresca, mas nem um pouco suficiente para refrescar o espaço confinado no qual estavam os quatro brutamontes, dois deles ombro a ombro. Aliás, ela, a brisa, sequer afastava o cheiro de suor e sovaco, peido, cerveja e loção pós-barba que se embolava ali dentro.

Então, Nilton Jay, virando-se para trás, para onde estavam espremido Tadeu e o outro cara, cujo nome não importa porque, em princípio, sequer constará no registro de investigação

preliminar da polícia quando encontrarem os pedaços espalhados de seu corpo; virando-se para esses dois desafortunados, Nilton Jay sorri e diz:

— Apostam que eu consigo beber em menos de 10 segundos?

Leonardo ri enquanto vê uma placa de limite de velocidade indicando o máximo de 60 km/h. A placa vem e some na escuridão como um papel que escapa dos dedos num vento. Acima deles, o céu é um tapete de estrelas. Abaixo, os faróis do Puma GTB são duas ilhas de luz iluminando faixas intermitentes, que disparam em direção ao fundo do carro rajadas retas e brancas de uma metralhadora de tinta. Além disso, há olhos-de-gato indicando onde é o meio e onde é o acostamento da pista. Poucas vezes se veem carros vindo na direção oposta. E mais rara ainda é a aparição de carros no mesmo sentido, seja antes ou depois do Puma. E melhor que fosse assim mesmo, porque Léo começou a sentir o volante pesado.

— Preparados?

Nilton Jay sacode a latinha e fura sua lateral com uma chave Phillips para fazer com que a cerveja lá dentro comece a espirrar como se disparada por um compressor. Espuma e shhhhhhhhh molhavam o banco e as jaquetas.

— Porra — disse Léo, que fez um S na estrada – e aí viu que realmente o Puma estava com a direção pesada –, enquanto os outros, eles só diziam "vira, vira, vira!".

Do lado direito, por trás da contenção de metal ladeando a pista, foi como se a imagem de uma nova placa tivesse apenas piscado, aparecido e puff, tão rápido a velocidade com a qual Léo havia passado por ela. Era um losango amarelo com uma seta preta, uma que parecia ter sido reta, mas que então havia murchado. Se Léo tivesse visto, teria a identificado: ela significava pista sinuosa à frente. Isso explicava a placa anterior, a de limite de velocidade. Mas Léo não a viu.

— Vocês viram o que estava na placa? — perguntou Léo, mas os outros dois ainda estavam vendo Nilton Jay terminar de virar a cerveja; e o próprio Nilton Jay estava com os olhos espremidos, sentindo a cerveja vazar pela lateral das bochechas e também pelo nariz.

E havia algo também escrito à mão, pichado, mas isso Léo também não conseguiu ler. Inutilmente, ele tentou olhar o retrovisor, mas a única coisa que viu além da própria pele embaçada e suada, das olheiras fundas e dos olhos arregalados, foram os parafusos que seguravam as costas do losango.

E os faróis.

Lá no fundo da pista, bem lá trás, surgindo agora no topo do aclive pelo qual passa a rodovia, os dois fortes faróis cujas luzes refletiram no retrovisor interno de Léo e lançaram uma

faixa branca em horizontal sobre seus olhos, apareceram e pareciam crescer na velocidade de uma gota de água se espalhando por um papel.

Instintivamente, Léo desligou o rádio.

No ar noturno, sob a quietude, ouvia-se o ronco silencioso do GTB, o cricrilar de insetos, e vez ou outra algum coiote. E o que mais?

— Silêncio — Léo ordenou, com os olhos mirados para o retrovisor interno. — SILÊNCIO!

Nilton Jay estava uivando janela afora, comemorando seu novo recorde da cerveja. Os outros atrás, os que estavam nas pontas e próximos aos vidros, também o imitavam. Auuuu-auauauau-auuuuu!, gritavam. Mas assim que Léo mandou que se calassem, se calaram. Leonardo Bragança, o camisa 9, o principal do time, o líder deles. A estrela do futebol cuja função havia lhe rendido o apelido de Capitão Bragança. Para Nilton Jay e para os outros rapazes, não só aqueles dentro do Puma, mas os que compunham todo o time, incluindo o treinador, Léo era um espelho – era o cara a ser copiado: era o cabelo repartido, os olhos verdes, os dentes mais brilhantes do Texas, nos quais depositavam suas esperanças. Portanto, quando Leonardo falava silêncio, silêncio se fazia. Claro, há um bom tempo ele não tem rendido como um dia já rendeu: suas estatísticas haviam se empalidecido como ele próprio; caído, como seus próprios cabelos. Mas o Léo ainda era o Léo.

— O que foi? — disse Nilton Jay.

Olhando pelo retrovisor lateral para ver o que Léo via, mas não enxergando nada além de um montão de outros nadas e das poeiras iluminadas de vermelho pelas lanternas traseiras do Puma, ele disse:

— O que houve, fera?

— Aquele carro — disse Léo, a testa nadando em suor —, o cara está muito acima do limite.

Sim, mas e daí?

Nilton Jay virou-se para trás para ver o tal cara. Tadeu e os outros dois também. Giraram ao redor do próprio tronco, e as cabeças ao redor do eixo do pescoço. Porém, lá trás, os faróis que agora não eram mais apenas dois pontinhos luminosos, e sim duas boas moedas de um cruzeiro, se apagaram. Desligaram e sumiram.

Mas o murmúrio do motor, o barulho que Léo a todo custo tentava ouvir, continuava. E agora, no silêncio da noite e no silêncio do carro, sem nenhuma sombra de dúvidas, porque havia ouvido aquele mesmo som durante toda a infância enquanto o pai trabalhava nos motores e carburadores daquele tipo em sua oficina, ele disse:

— É um Opala.

3.

— TUDO BEM, SENHOR. Tudo bem. Pode repetir, mas devagar dessa vez?

Uma das mãos do policial Rebouças segurava o fone junto ao ouvido enquanto a outra apoiava a testa suada. Ele tinha a certeza de sentir um suor escorrer por detrás do joelho, molhando a calça cáqui, e descer por um fio frio dali para o calcanhar.

Do outro lado da linha, o homem obedeceu e repetiu devagar as coisas que havia dito.

— Então o senhor estava próximo ao município de... — uma voz estridente de mulher se sobrepôs à do homem que telefonava —, entendi, e aí... — mas novamente a voz da mulher se sobrepôs, e então a do marido.

No teto, o ventilador da delegacia girava tão rápido quanto o ponteiro dos minutos de um relógio. A luz do sol já não entrava mais pela janela, nem empurrava as sombras para as paredes como se elas fossem feitas de caramelo quente. Agora, só havia a luz artificial das lâmpadas.

— Então, ele tinha drogas?

Na linha, o homem emitiu uma única sílaba.

— E ele estava num posto? Cheirando a cocaína enfileirada em carreira acima do capô do... do... — Rebouças folheou o bloco de papel em cima da mesa para reler o tipo de automóvel —, em cima do Opala. É isso?

Uma única sílaba.

— E o senhor acredita que ele esteja vindo na nossa direção — na linha, a voz da mulher se intrometeu novamente. — Minha senhora, só posso ouvir um de cada vez. A senhora dizer que não viram eles na direção na qual vocês tomaram não significa automaticamente que eles estejam vindo na minha direção, entende?

Rebouças já sabia como a conversa iria prosseguir. O homem iria tentar tomar as rédeas do fio do telefone, mas a agitação da mulher o faria cair da cela. A mulher iria falar que é uma pagadora de impostos como tantas outras pessoas no Brasil, e que ele, Rebouças, como o homem da lei que era, tinha o seu salário pago por ela e pelo marido; que era obrigação dele, como policial, investigar o fato, nem que fosse preliminarmente, sob pena de estar cometendo prevaricação.

E antes que ela pudesse falar quaisquer dessas coisas, Rebouças fez menção de desligar o telefone. Seu dedo chegou a pousar sobre o gancho, mas aí ele achou ter ouvido alguma coisa.

— Como? Pode repetir?

E a pessoa repetiu exatamente o que ele achou ter ouvido.

— O número da placa é o qual?!

4.

QUANDO OS FARÓIS DO OPALA voltaram a se acender, já estavam colados à traseira do Puma de Léo Bragança. Por entre os buracos do volante, atrás do vidro do painel, o Capitão pôde ver que o velocímetro vibrava bem acima do número 60.

— Por que esse babaca não passa? — Nilton Jay havia colocado o braço em L atrás do encosto de cabeça do próprio banco, girado a própria cintura e agora olhava o janelão traseiro, que era só uma explosão dourada.

— Não sei.

Mas, foi só Léo falar isso, que se ouviu a diminuição do ronco do motor do Opala. Foi como se o próprio ar tivesse se afrouxado, e aí houve o distanciamento de um carro do outro.

— Puta cara louco — disse Tadeu, também olhando para trás. No lábio, um bigode espumoso da cerveja que trazia à mão. Seu dedo médio voou para fora da janela de Nilton Jay, mandando quem quer que fosse ir se foder.

Apesar de os arbustos azul-petróleo passarem como borrões de um lado e de outro da estrada, e as faixas intermitentes sumirem-aparecerem-sumirem-aparecerem abaixo do GTB, a silhueta negra das formações rochosas no horizonte, e as próprias estrelas, pareciam paradas. Paradas como se dissessem que não, não importa o quanto se corra, não se chega verdadeiramente a lugar algum na caatinga.

Atrás, o barulho do Opala voltou a aumentar, chegando a uma altura que eles não tinham ouvido antes. O ronco preencheu o vazio silencioso do lugar e, ao lado do GTB, passou pela contramão, fazendo com que o carro do Capitão Bragança balançasse e sibilasse um barulho de vácuo, como o de uma boca sugando o ar após um susto.

— Tinham quantas pessoas dentro? — um dos caras de trás perguntou, e Leonardo disse:

— Três.

Não que ele tivesse conseguido enxergar. Os vidros do Opala eram escuros e, ao contrário do carro deles, a luz interna não estava acesa. Não havia nada que lhe iluminasse o interior, então era impossível discernir quantas pessoas havia ali dentro. Mas ele, Léo, havia visto aqueles três esquisitões no posto, não havia? Os dois caras com jeito de bandido e a mulher hiponga no banheiro?

— São eles, aqueles filhos da puta — Léo disse, olhando para Nilton Jay.

E aí, antes que Nilton Jay pudesse dizer "cuidado!", o Capitão pôde ver as pupilas do amigo se dilatarem e brilharem em vermelho, seguido do som da freada.

Para que você evite uma colisão, dizia o pai de Léo, você não deve apenas frear e deixar com que seu pé se afunde no pedal, rezando para que os freios funcionem suficientemente bem para que não haja a colisão. Para que você a evite, dizia o pai do Capitão, você deve frear e, chegando próximo ao obstáculo, largar o freio e virar o volante. Se não o fizer, a chance é maior de o carro patinar e colidir.

O pneu do Puma de Léo cantou o grito mais terrível que jamais havia cantado. No chão, faixas largas de borracha preta e queimada pintaram o asfalto, onde fumaça branca surgiu e se evaporou. O Capitão largou o pedal e jogou o volante várias vezes para a esquerda, avançando sobre a contramão e indo em direção à caatinga. Do lado direito, um vulto preto disparou – VUP! – e ficou para trás. Era o Opala Coupé. Latas voaram pelo assoalho, e ombros esmagaram ombros. Papéis e salgadinhos caíram do painel sobre o colo de Nilton Jay, mas nenhum deles, à exceção de Léo, viu quaisquer desses caos. Os olhos de quase todos estavam fechados. E, enquanto fechados, o carro fez uma curva e apontou os faróis para os arbustos, as areias e os mandacarus. Depois se ajustou e voltou a iluminar as faixas e olhos-de-gato de antes.

— Que desgraçado! — Nilton Jay gritou. Os lábios trêmulos ao redor da boca quadrada.

Ainda tremendo, ele gritou para a janela: — O que você quer, seu filho da puta?!

O ronco do Opala ainda estava ali, presente, como um quinto passageiro vindo atrás.

— Lá vem ele!

Em pouco tempo, os carros se emparelharam de novo e se tocaram. O atrito das portas provocou faíscas e mais gritos.

BAM! BAM!

— Vai bater de novo!

Mas não.

Em vez disso, o vidro do carona do Opala se abaixa. Léo vê Marcelo. Ele tinha razão, era o marginal do posto. Até aí nenhuma surpresa. A questão era o porquê.

O vidro então volta a se levantar, e ambos os carros vão em mão e contramão, bochecha a bochecha.

De cima, parecia que estavam grudados como que por um ímã.

Mas não demorou muito para que o Opala voltasse a se afastar para cabecear o Puma, tentando o jogar para fora da pista. Bam!

BAM!

BAM!!

Na quarta pancada, com a lataria de ambos já arranhada e desgastada, Tadeu tocou o ombro de Léo e o apertou. Para o Capitão, ele disse:

— Por favor, cara, acelera.

O Opala veio para a quinta porrada. Mas aí o GTB acelerou. Do painel, o ponteiro branco vibrou acima dos 80. A pancada veio – BLAM! – e cegou uma das lanternas vermelhas; fez os pneus de trás rabearem e soltarem fumaça.

— Acelera!

Como um avião cruzando o céu, o ponteiro chegou logo aos 90, e então, aos 100. As coisas que passavam pelas laterais dos acostamentos, como postes ou pequenas propagandas, passavam fazendo um som de assopro quando pelas janelas voavam e desapareciam.

O ponteiro: 110 km/h.

Léo sentiu o volante do Puma tremer sob sua mão já trêmula.

O ponteiro: 120 km/h.

A visão de Léo parecia ter entrado num túnel visual. Um círculo de nitidez se projetava à frente como se fosse a saída desse túnel. Ao redor, as paredes dele eram um borrão desfocado.

O ponteiro: 130 km/h.

O Opala estava distante. Cada vez mais distante. Distante... E os amigos falaram:

— Mandou bem, cara!!

E os amigos disseram "boa".

E eles disseram: "Bota ele pra mamar." Aliás, isso foi o que disse um dos dois do banco de trás, antes de chegarem sem ver, à frente e enfim, às curvas sinuosas. Eles estavam num Puma GTB, a 130 km/h, confiando, sem saberem, num pneu que tinha um corte feito à faca, fino e reto, raso, mas suficientemente eficiente para fazer acontecer o que aconteceu. A batida.

E a última coisa que esse cara disse, sua última palavra na Terra, foi exatamente essa: mamar.

5.

RETORNANDO DO MAR DOS MORTOS, cuspido dele como um náufrago em direção à ilha da realidade e da dor, Leonardo Bragança ainda tinha o som e a última imagem que havia visto gravados na cabeça. O som era a de um estouro – a câmara do pneu, ele supôs. A direção travou, e o carro começou a rodar, a 45º, a 90º, a 180º, 720, 1440... em todos os eixos cartesianos, x e y. O que ele, Leonardo, viu foram as luzes dos faróis do Puma rasparem como se fossem holofotes pelos paredões de pedra do desfiladeiro por onde a estrada prosseguia. Depois, um solavanco terrível e, aí, a imagem marrom e azul-escura da paisagem ficar paralisada.

Borrada. Pendendo para a esquerda como se houvesse sido pintada sobre uma tela e a tinta fresca dela tivesse escorrido para uma das bordas.

A testa de Léo tinha um corte cuja fenda era quase da grossura de um dedo adulto. Dela, escorria sangue grosso e escuro, quase como uma baba, e esse sangue se embolava na areia do chão sobre o qual, de lado, Léo estava deitado. Um pano jeans amordaçava-lhe a boca, e outro prendiam-lhe as mãos. Estava encharcado, molhado não sabia de quê. Nenhum cheiro lhe vinha ao olfato já que o nariz havia sido arrebentado em mil pedaços na explosão da pancada que deu contra o volante.

— Não! Não toca nele — disse o homem da jaqueta e do cabelo Quiff. Perto, a silhueta do careca grandalhão, maior até que a dos zagueiros do time universitário, parou as mãos no ar e as recuou.

Léo pôde vê-los embaçados, boiando em meio à confusão de cores e dores de sua vista. Estavam à frente da luz que saía do Opala verde. Seu mundo estava na diagonal, ainda caído e girando, e ali, naquele embaralhamento, Léo sentiu a ardência causada pela areia chutada em direção ao seu rosto. E, com ela, a ordem para ele se sentar. Grãos de cascalho fustigaram-lhe os lábios, e Léo pôde notar, mesmo com a mordaça, que parte de seus dentes estavam irregulares e arranhavam a língua.

— Oquichequer? — ele tentou dizer, mas sentiu a vista rodar e a cabeça latejar. Os ombros doíam como se estivesse virados na direção contrária à da articulação.

Próximo, longe do acostamento ou da curva da rodovia, mais para dentro do paredão de pedra virgem do desfiladeiro, o Puma GTB amassado era uma bola de papel alumínio. Embaixo das ferragens dele, Léo viu um antebraço com os dedos semiabertos, mortos. Mas o que lhe causou renovada vertigem foi o fato de que havia um espaço vazio entre o fim do cotovelo e o metal do carro.

Mesmo com a face dormente e a pele esticada sobre o inchaço da cabeça, que agora parecia um balão, Léo pôde sentir as lágrimas mornas escorrerem em curva sobre as bochechas. Nilton Jay e Tadeu estavam caídos de lado, também amordaçados. Os olhos de Nilton Jay se mexiam por baixo das pálpebras de forma quase teatral. Às vezes se abriam e revelavam semicírculos brancos, convulsionantes, para então voltarem a se fechar. Mas Tadeu, os dele não. Léo pôde ver sua boca entrefechada e reta, lábios duros e secos. Enquanto abaixo do nariz de Nilton Jay a areia fina do deserto se espalhava, abaixo de Tadeu ela permanecia assim fixa, como ela era.

— Pôa, oquichequer da gente, ca'a?! Oquichequer! — Léo chorava e dizia: — Fa'a!

E o que Marcelo queria, Amandalee trouxe de dentro de sua bolsa de crochê. Uma fotografia; a fotografia de uma criança de sorriso largo e cabelos ruivos, vestida ela com um vestido florido e ajoelhada na grama da entrada de uma casa onde, na garagem, podia-se ver um Opala emplacado "CZ0399".

Ao apontá-la para Léo como um policial apontaria sua própria identificação e distintivo, Marcelo viu-lhes os olhos vermelhos, cujas pupilas já estavam dilatas, ficarem ainda mais arregalados, e, no meio das íris, a escuridão de um espaço vazio.

6.

NILTON JAY JÁ HAVIA RETORNADO do mar dos mortos antes mesmo de Léo. Ele pôde ver os últimos momentos de Tadeu, que disse até morrer: me desculpe treinador, me desculpe. Ao redor, os três caras arrastaram os corpos dos que ainda estavam vivos e os amarraram. Não dos que estavam apenas conscientes, mas dos que estavam vivos. Nilton Jay, a despeito da dor e da náusea que sentiu, deixou com que todo o seu corpo ficasse mole e sem resistência, realmente frouxo, realmente morto, impedindo que seus pulsos ficassem juntos o suficiente para serem amarrados por Dáblio com a firmeza que deveriam ter sido.

Caído, ele pôde ouvir o choramingo de alguém, de algum daqueles três; de um dos homens, só não pôde ver qual. E então o barulho de água caindo, como se despejassem o conteúdo de um balde, aos poucos, aqui e ali. O cheiro do sangue se confundia com o cheiro da gasolina despejada, e ambos estavam fortes o suficiente para aumentar a sensação de enjoo e embriaguez.

— Acho que ele está acordando — disse a hippie, e Nilton Jay gelou. Então, ouviu-se o homem, o de jaqueta, mandar ela pegar a bolsa. Falavam de Leonardo.

E aí, de olhos fechados, pôde ser ouvido:

— Não, não toca nele!

E ouvido:

— Oquichequer?!

Nessa hora, quando os três prestavam a atenção no Capitão, Nilton Jay rolou devagar sobre o próprio corpo, conseguindo afastar os punhos de amarras frouxas só o suficiente para que os braços conseguissem se abrir em um arco largo, através do qual ele passou as pernas.

Levantou-se, e, da vista de todos, por entre as sombras, rezou e sumiu.

7.

COM OS OLHOS SEMICERRADOS, Léo disse:

— Não facho ide'a diquêm sejela, ca'a — ele mordia a mordaça jeans enquanto tentava se justificar, falar que nunca tinha visto aquela garota da foto, seja lá o que ela tinha a ver com aquela loucura toda.

Acima deles, o céu estava repleto das mesmas estrelas paradas, e sem lua. Algumas nuvens surgiam e corriam rápido, desaparecendo como espuma num mar escuro.

Marcelo sentou-se na areia, ao lado de Léo, logo após guardar, no bolso de trás do jeans que vestia, a foto da criança. A cara do Capitão estava desfigurada, como a de uma imagem na superfície fragmentada e assimétrica de um espelho quebrado. Para aquele reflexo torto de um garoto bem comportado, com um futuro promissor, o exemplo do Patriota, Marcelo apontou um dedo.

— Isso aqui tem dois significados — o dedo retornou, e apontou exatamente, no rosto do próprio Marcelo, onde ficavam as cinco tatuagens que não eram nada mais que cinco contornos de gotas de lágrimas, próximas aos olhos.

— O primeiro dos significados — Marcelo disse —, tem a ver com algo que você fez. O segundo, tem a ver com algo que eu vou fazer com você.

Então, a mão desceu até o interior da jaqueta e, de lá, puxou um papel dobrado, o qual Marcelo jogou no chão perto de onde Léo estava sentado.

— Se você for a um tatuador profissional, desses que você encontra nas cidades, se ele entender o que está fazendo, normalmente se recusará a desenhar. Sabia?

Eram várias folhas presas por um grampo diagonal já enferrujado.

— Uma dessas, você só consegue estando no lugar em que estive. E sabe o que dói? É que por estar lá, preso, eu não pude fazer nada.

Pesavam e eram muitas, como o vento que as soprou deixou entrever.

— Nada! — disse Marcelo — A não ser tatuá-las, esperando a esperança.

Mas o que importava mesmo era aquilo que estava logo à frente, na primeira página. Para aquilo, Marcelo apontou e disse: — Lê.

Os olhos marejados de Léo desceram até as folhas e, mesmo à sombra, viram o timbre do Hospital Municipal do Rio de Janeiro encimando muitos e muitos parágrafos de texto, repleto de siglas e números. No centro, em letras negritadas, e grande o suficiente para que o próprio Léo, mesmo todo arrebentado, conseguisse ler, estava escrito:

Sorologia ..... POSITIVO

— Eu poderia simplesmente não fazer nada, e você iria morrer do mesmo jeito. Sabia disso, Léo? As pessoas já notaram. Não é difícil chegar à conclusão. E se você foi o primeiro deles, provavelmente os outros três também adoeceram — ele disse.

E disse: — O karma é engraçado. Ele acelera para uns, não acelera para outros. Mas meu pé está no pedal do de vocês.

Então Marcelo olhou para onde Tadeu estava caído, e seus lábios ficaram tensos e retos. Notando isso, Dáblio virou-se, e assim também Amandalee.

— Cadê o outr...

Mas antes que Marcelo tivesse podido terminar, Nilton Jay correu das sombras em direção ao grandalhão branquelo e acertou-lhe uma ombrada no meio das costas, exatamente no meio da espinha, o lugar em que qualquer regra desportiva proibiria qualquer interação, justamente pelo risco de lesões sérias e paraplegia.

— Hugh!

Ao sentir a porrada, Dáblio trancou o maxilar como se fosse um punho fechado e sentiu a dor cortante ser primeiro projetada à frente do corpo e então subir até a base do pescoço. Involuntariamente, suas pernas cederam como se tivessem evaporado, e o zagueiro grandalhão de centenas de quilos desmoronou por cima de Marcelo, derrubando-o de vez no chão.

— Consegue?! — perguntou Nilton Jay a Léo, ajudando-o a passar ambas as mãos por baixo dos pés.

Léo gritou quando um dos ombros deslocados chacoalhou frouxo dentro do músculo, mas aguentou por tempo suficiente para conseguir pular as amarras da mão e ter o corpo livre para correr, ainda que parcialmente prejudicado.

Nilton Jay ajudou-o a se levantar. Marcelo tentava sair debaixo do corpo de Dáblio

— Corre! — Nilton Jay disse, e Léo correu.

E ele também iria correr. Mas veio a facada.

Léo se virou no eixo do quadril para ver o porquê do grito, antes de ouvir o baque surdo. Suas passadas jogavam terra para cima. Ele se virou apenas por tempo suficiente para ver os olhos de súplica arregalados de Nilton Jay. Atrás dele, Amandalee e uma faca ensanguentada. Os olhos arregalados e morrendo do amigo suplicavam, e a face lhe dizia a mesma coisa que tinha dito ao fim da festa do último dia do ensino médio. Ela dizia: o que a gente fez, cara?

8.

— EEEI! DÁ UMA OLHADA para cá, belezinha — a voz por trás da câmera é de Tadeu. Ele filma uma garota loira que está com um copo vermelho de plástico nas mãos.

Quando a câmera se aproxima demais do rosto dela, ela mostra o dedo do meio e as enormes unhas pintadas de branco para a tela.

Há um corte, e então uma piscina nos fundos de uma bela casa com janelões de vidro do tamanho de paredes inteiras. Colegiais saltam de um trampolim em meio a um mar de outros garotos e garotas, de sungas e biquínis, refrescando-se na água.

Outro corte. Tadeu, Nilton Jay e mais alguns garotos estão bebendo cerveja diretamente de dois canos transparente de plástico que se conectam a barris de metal. Os canos saem do barril e levam cerveja amarela e espumosa diretamente para as bocas eles. Em seus peitos largos, está escrito a batom: ÚLTIMO DIA.

Outro corte. Alguém está por trás da câmera e dando zoom para capturar a bunda de uma das garotas de biquíni. Mas alguém esbarra em quem está filmando e a imagem treme como num terremoto. Ela desfoca. E quando retorna, a garota já não está mais parada onde estava. Contudo, na esquina da casa, num beco ainda dentro do terreno, mas longe dos olhares dos demais, espremidas entre a parede e a cerca, tem duas outras meninas. Elas estão se beijando. Uma delas é ruiva, e a outra, de cabelo preto e curto, com um visual um pouco diferente da sua versão atual, é Amandalee.

— Peraí, peraí, peraí — pede o rapaz que está filmando. — Caaaara! Vocês têm que ver isso.

Novo corte. E aí a imagem está mais ampliada. Ainda há zoom, mas as duas pessoas se beijando estão agora enormes na tela... e aumentando... e aumentando. Então, a pessoa filmando esbarra na churrasqueira e faz barulho de metal, chamando a atenção das duas moças. Elas se afastam, constrangidas, como se tivessem tomado choque e, então, passado a procurar algo no chão.

— Não, não! Podem continuar — diz o rapaz, com um sorriso na voz. E aí ouve-se uma outra voz feminina, fora da tela, dizer: — Deixa de ser babaca.

Um novo corte. E a cara que aparece é a de Léo. Toda a linha horizontal de seu nariz, de uma ponta a outra, está vermelha. Ele está sentado no sofá branco da sala, rodeado das pessoas da sua equipe. Homens e mulheres conversam, espalhados pelos outros cômodos, enquanto música alta dos anos 80 toca no fundo. Os olhos de Léo estão caídos e já possuem as olheiras que, nos anos seguintes, só iriam piorar. Ele ostenta um sorriso pateta na cara. E, para ele, a pessoa que está filmando diz assim:

— O que você acha disso, Capitão?

E o Capitão ri, enquanto leva um dos copos à boca. Ele olha ao redor, e no arredor os caras do time olham para ele com uma seriedade de quem espera a resposta de um guru no topo de uma montanha.

— O que você acha, Capitão? — o cara insiste.

E Léo diz: — Acho que alguém devia ensinar a elas uma lição.

Em seguida, o cara do vídeo grita e uiva; e os caras ao redor gritam e uivam, para o espanto de Leonardo, que se assusta e se encolhe com aquela reação.

Capitão Léo começa a ensaiar alguma coisa, mas o álcool que tomou fez do seu pensamento uma área pantanosa, por entre a qual a fala tentava se arrastar como se tivesse lodo até bem acima das galochas. Assim, antes que ele pudesse sequer começar a dizer o que queria, a pessoa filmando diz:

— Peraí, peraí, peraí.

Então, o vídeo dá um zoom terrível em direção ao chão. Depois, sobe desengonçado até um cômodo ao fundo, onde as duas meninas que se beijavam agora têm uma conversa pouco amistosa. A de cabelos lisos e pretos gesticula e aponta na direção do time de futebol reunido na sala. Parece gritar alguma coisa. Com isso, o cara filmando perde o foco como que se tentasse se esconder. Depois, a mesma garota, Amandalee, pega sua bolsa de crochê e a coloca no ombro, indo embora da festa a passos duros.

Há um corte.

Alguém está filmando a menina que ficou, a ruiva. Está bem próximo a ela, que tem um sorriso no rosto e os olhos verdes, enormes e úmidos. A menina está aérea como um balão flutuando no vento. E a essa pessoa, nesse estado, quem está filmando diz:

— Quer mais? — e ela pergunta o quê, e a pessoa, cuja voz era a de Léo, diz: — Bebida?

9.

DE BLUSA BRANCA, ainda sem qualquer tatuagem de lágrimas nos olhos, Marcelo anda. Para. Anda. Para. E vai se arrastando com a sandália de tira arrebentada pelo corredor cinza. Nas mãos, algemas. Um policial o conduz à sala de entrevistas, onde ele esperava ver alguém mais familiar na cadeira, como por exemplo sua irmã, que há anos não via: mas quem ele viu foi sua cunhada.

Quem ele viu, e não esperava ver, foi Amandalee.

Chorando.

Nenhuma notícia ruim deve ser dada por carta. Mas aqueles dois jamais se veriam pessoalmente (ou pelo menos Amandalee achava isso), e o que ela lhe explicou foi o que ele

jamais soube: o que havia acontecido anos antes. Ao falar, segurava para ele, em meio à explicação sobre karmas e retribuição, uma foto; a foto de uma mulher ruiva e uma criança loira num vestido florido. A foto da irmã e da sobrinha de Marcelo.

E para ele, em meio às lágrimas, Amandalee disse:

— Ela aguentou — os dedos se afrouxavam involuntariamente da mão trêmula —, aguentou apenas o suficiente para que a Ana nascesse. E então...

E então, a foto caiu. Ela escorregou e bateu no metal da borda da mesa. Oscilou, oscilou... e caiu; como alguém que ponderasse e então pulasse de uma ponte.

10.

OS FUSCAS BRANCOS da polícia local iam a toda velocidade pela rodovia interestadual, em sentido contrário, seguindo em direção ao oeste. Seus giroscópios explodiam um milhão de cores iguais pela caatinga e pela flora que os circundavam. No horizonte ao longe, o negror do céu noturno dava lugar a um laranja sujo no qual, em meio à sua claridade, subia-lhe uma coluna preta, um triângulo invertido de fumaça.

Lá no meio da chapada, Marcelo fumou um cigarro, mesmo que não tivesse mais fósforos.

Sentado no chão molhado de gasolina espalhada, próximo ao metal retorcido e cortado que um dia fora um Puma GTB, ele olhou uma última vez a foto da sobrinha e viu, ali nela, uma imagem muito similar do que um dia havia sido sua irmã caçula.

No frio, o vento empurrou sobre Marcelo a cacofonia de sons distantes que eram as sirenes dos carros policiais, fazendo com que chegasse junto dela, também, a areia. E aí ele soube que havia dado o tempo, soado o gongo; que ele tinha que fazer o que veio fazer: tinha de preencher o espaço interno da última gota de lágrima.

Quando os Fuscas de Rebouças chegaram, muitos e muitos minutos depois, já era tarde. O Puma GTB já havia virado uma bola de fogo. Um acidente provocado por garotos bêbados, como constou no relatório. O crepitar das chamas ocupava toda a noite. O cheiro era adocicado, queimado, e também o era o de gasolina. Vez ou outra, ocorria um estampido mais alto, um pneu furando ou um vidro se estilhaçando. Batidas ocas talvez, mas mais nada. O fogo em pouco tempo consumiu tudo, e os policiais não puderam fazer qualquer coisa, a não ser ativar os bombeiros, que chegaram quando tinha menos ainda o que se fazer.

Ainda que o vento houvesse feito o trabalho de cobrir parcialmente o rastro dos pneus do Opala, e nada nem ninguém tivesse noticiado o que aconteceu (como o frentista, que assegurou terem o Puma e o Opala ido em direções opostas), ainda assim, nenhum policial

conseguiu fazer vista grossa ao fato de que havia restos mortais e cinzas de um corpo na mala do carro queimado. O problema era: por que não checaram? Essa pergunta não cairia bem na ficha funcional de nenhum deles, de modo que sequer cogitaram fazê-la. Então, claro, a colisão talvez tenha sido tão violenta que tenha empurrado a pessoa por entre as ferragens, fundindo-a ao compartimento de trás, mas... Mas. Toda a conclusão era só uma dúvida. Caso encerrado. Arquivo. Dentro dele, o relatório de que também haviam encontrado um acendedor parcialmente carbonizado, que não pertencia de fábrica ao Puma GTB ou a qualquer de suas versões, além de pedaços cheios de bolhas de uma foto a qual eles supuseram ser a de uma mulher e a de menina loira brincando em frente a uma garagem, cujo carro nela guardado, a placa não foi possível ler.

Uma foto vinculada a outro caso, mais antigo. Inconclusivo; também arquivado e encerrado.

Outra história não contada.

Mais uma – para sempre e agora – finalizada, terminada sem registro; a não ser em nada mais que apenas isso: registrada em nada mais que apenas cinzas.

Jacaré

Leandro da Silva Adriano

Não lembro exatamente quando, acho que eu tinha uns quatorze, quinze anos, por aí. Sei é que o Jacaré apareceu no meio da turma sem cerimônias, estávamos sentados na escadaria do condomínio, de frente para uns escorregadores e balanços, e ele surgiu, jogou uma bagana de cigarro pra longe, deu aquela baforada de boca torta e disse *fala, gurizada!*, mesmo sem conhecer ninguém. Os guris acharam ruim, mas as gurias nem tanto. Ficava óbvio que ele era uns dois ou até três anos mais velho do que a gente. Tinha aquela segurança de quem pensa que já manda e era um pouco mais alto do que todos, tirando a Dalva, que sempre nos achou uns tampinhas.

O condomínio era tão grande que havia várias turmas espalhadas. Era uma zona aquilo, uns dez blocos ocupavam a quadra inteira, gente pra caramba, classe média alta, baixa e os pobres. Hoje eu sei que era todo mundo meio pobre e que a gente é que inventava os níveis sociais lá dentro daquele pombal, de acordo com o tamanho dos apartamentos, ou dos carros que alguns pais tinham.

Nós nos conhecíamos, frequentávamos o mesmo colégio, até que nos dávamos bem, mas algo não tão claro fazia com que nos organizássemos em pequenos grupos e ficássemos em espaços separados, como nós, na escadaria de frente pro parquinho, ou a turma do Rino, nos bancos de concreto em frente à cancha de areião.

Pensando bem, não posso dizer que nos dávamos com o Rino, talvez só a Dalva se desse. Ele era o que chamavam de maloqueiro. *É bem maloqueiro esse Rino*, falavam assim, longe dele. Sabe um cara que olha pra gente como se quisesse tirar algo? Às vezes até tirava mesmo, como no Natal em que ele apareceu na praça sem nenhum presente e voltou pra casa com uma bola novinha. Ele que me botou o apelido de Piolho. Eu devo ter feito uma cara estranha quando ouvi, e ele perguntou *qual é, Piolho, não gostou?* A turminha dele riu e alguns repetiram *Piolho, Piolho*. Eu fui o Piolho desse dia em diante.

Meu pai detestava apelidos. Ele dizia que isso era coisa de marginal. *Pode ver nas notícias policiais, tem sempre um Alemão que é amigo dum Beiçola, puxadores de carro.* Meu pai era violento, e eu já tinha que me virar com o boletim, agora tinha que me preocupar também com que ele não soubesse do apelido. Outra bronca dele era com cigarro. Nunca gostou, e agora que o Jacaré tinha começado a andar com a gente, cada vez que eu chegava em casa ele sentia a fumaça impregnada em mim. Me prensava num canto e perguntava *tu não andou fumando, né, guri?*, e

pegava minhas mãos com força, pra cheirar. Eu dizia que não, que tinham passado fumando por mim, daí levava um tapa na cabeça e ouvia aquele *não quero saber de filho meu com cigarro, hein!*

Eu tinha um melhor amigo, o Tico. Estávamos sempre juntos. No verão, já em meados de novembro, íamos a pé pra um clube bastante longe. Ninguém mais ia lá, era só pra soldados e cabos e familiares de soldados e cabos, então eu e o Tico podíamos ir, os outros eram tão pelados que passavam os três meses só jogando bola no condomínio mesmo, ralando joelho naquele areião. Eu e o Tico, depois de caminhar uma dúzia de quadras praticamente ladeira acima, avistávamos o clube ao longe, a pequena mancha azul da piscina, e então ainda tínhamos que descer uma avenida longa e curva, de asfalto e sem casas ao redor. Era um matagal só, na verdade eram grandes terrenos baldios, com seus cinamomos e touceiras de capins altos e algumas cercas de arame farpado. Chegávamos suados no clube e logo tomávamos aquela chuveirada obrigatória pra entrar na piscina. Nosso negócio era dar pontas estilosas. Um dia estávamos de costas pra água, os calcanhares fora da borda, preparados pra dar um mortal, quando ouvi aquele *fala, gurizada*. O Tico conseguiu dar uma pirueta, mas eu dei um paletaço n'água. Saí da piscina ardido e umas gurias deram risadinhas. Eu e o Tico fomos até o Jacaré, ele não chamou nem nada, mas a gente se sentia meio que na obrigação, uma mistura de medo com não perder a chance de aprender algo.

A volta era o pior de tudo. Fome, cansaço, pele repuxada por cloro e aquela lomba de asfalto pra subir. Começamos a voltar com o Jacaré de vez em quando, não era sempre que ele dava as caras. Eu nunca perguntei, mas obviamente ele também era filho de milico. E notei que ele não fumava no clube, fiquei pensando se ele escondia o vício de um pai violento como o meu. Acho difícil, pelo cheiro forte, e eu procurei, mas nunca vi nenhum roxo nas pernas ou braços dele, então descartei a ideia.

Era comum eu chegar em casa louco pra abrir a geladeira e devorar o que visse por ali. Também era comum eu encontrar minha mãe e minha irmã quietas e cheias de hematomas, geralmente eram nas pernas ou braços, mas às vezes tinha até no rosto mesmo. Daí minha mãe passava maquiagem pesada de dia e usava óculos escuros pra não dar muita explicação quando saía pra ir ao armazém. Minha irmã faltava a aula pela mesma razão. Eu até perdia a fome. Já antes de colocar a mão na maçaneta, sentia aquele silêncio que não é de paz, não sei explicar como é isso, é estranho achar que silêncio tem peso. Empurrava a porta bem devagarinho e, bingo, as duas quietas no canto delas, e meu pai estirado no sofá com a TV ligada e num bom dum sono. Eu só tomava uma água gelada, ia pro quarto e me deitava olhando pela janela.

Eu não curtia nada jogar bola, quando a pessoa não nasce pra isso, não adianta insistir, mas os outros acabavam insistindo por mim e eu sempre passava o maior vexame. Era parente, professor de educação física, a turma dos blocos, todo mundo sabendo que o cara é um pereba e forçando a barra. Parece sadismo isso, comigo e com eles mesmos, porque ainda ficavam bravos quando eu dava passe errado ou isolava a bola. Mas pelo menos, com eles, quando terminava o jogo, terminava o martírio.

Um dia eu estava passando pela cancha de areião, e o time do Rino jogava contra um pessoal que eu não sabia bem quem era. Inventei de olhar um pouco o jogo, ali na beirada, e o goleiro do time do Rino foi interceptar a bola no alto e levou uma cabeçada do atacante, daquelas que a gente ouve osso com osso e diz *putz, se quebraram*. Mas o atacante só esfregou a cabeça, enquanto o goleiro se contorcia no chão com o supercílio sangrando. O Rino levantou o goleiro pelas axilas e perguntou se *a mariquinha tava bem*, mas ele bambeou as pernas e ficou de joelhos. Sinceramente, eu não sei por que eu continuei ali. O Rino ordenou: *Piolho, toma essas luvas e vai pro gol*. Vi o goleiro deles saindo do campo, o sangue já escorria pelo pescoço, empapando a gola. Os caras do outro time deixavam o Rino de um tamanho normal, eram até mais altos e alguns mais fortes. O jogo recomeçou comigo botando a bola pra rolar, só que eu, além de ruim, não estava acostumado a jogar de luva, não senti direito a bola na mão, ela realmente escorregou no lançamento, o Rino tentou chegar, pulou forte, mas não foi o suficiente, só deu uma espanada de cabeça, a bola ficou na medida pro atacante deles encher o pé de sem-pulo. Eu fiz golpe de vista e a bola entrou no ângulo. *Qual é piolho, não tomou gotinha pra paralisia?* O Rino era cheio da gracinha, mas era um craque ali dos blocos, e, assim que a bola foi posta em jogo novamente, driblou uns três numa sequência e deu um passe limpo pro Zulu fazer o dele.

Eu estava comemorando aliviado quando vi o Tico e o Jacaré se aproximando. Eles me cumprimentaram e ficaram por ali, atrás do gol. O Rino chegou perto de mim e falou *vê se não estraga tudo agora que a gente empatou, hein, Piolho!* Uma fumaça passou entre nós, o Jacaré nos observava, no canto da boca o cigarro. Daí chegou a Dalva e a sua famosa calça de listras brancas e azuis, estradas que iam ao infinito. Se o jogo já estava acirrado, virou uma rinha de galo. Os caras do meu time começaram com aquelas palhaçadas de dar paninho no meio do campo pra se exibir, daí a irritação foi geral, a gente via a maldade nos cotovelos e quando davam carrinho. O Jacaré se chegou na Dalva, ofereceu cigarro e piadas, o Rino viu e, ao invés de ir em direção ao gol adversário, veio dominando a bola na direção do nosso campo e deu um bago. Tenho que admitir, a mira era proporcional à sua falta de caráter. Com a bolada na cabeça, o cigarro do Jacaré voou pra longe. A Dalva deu um gritinho agudo e foi socorrê-lo, colocou as duas mãos no rosto dele, eu achei que iria rolar um beijo. Mas foi outra coisa que aconteceu.

O Rino parecia uma locomotiva que saiu dos trilhos, tentou dar uma cabeçada no Jacaré, que se esquivou e deu de concha no ouvido do Rino. Os dois times, e tudo que era curioso que passava por ali, fizeram um círculo pra ver o espetáculo. Ninguém se meteu, e ninguém arredaria pé até que se conhecesse o vencedor. O Rino olhou bem pro alvo dele, o Jacaré olhou bem pro Rino, e um mormaço começou a preencher o interior da roda. Já na segunda investida do Rino o Jacaré deu-lhe um rabo de arraia e o Rino caiu de costas, eu nem entendi direito aquele enrosca-enrosca, quando vi o Jacaré estava com o Rino preso em uma chave de braço. O Rino era orgulhoso, talvez demais, e demorou pra bater com a mão livre no chão em sinal de desistência. Mas era forte aquele desgraçado, quase não deu um ai.

A turma do Rino, meio constrangida, foi acudir o seu líder, e o pessoal do outro time foi dar tapinhas nas costas do Jacaré. Mas antes que o Rino deixasse a cancha, o Jacaré o chamou e disse que não queria saber dele se metendo comigo e com o Tico. O Rino, num vermelhão, olhou pra gente e parecia que ia abrir a boca pra falar merda, mas só mordeu o lábio e foi embora com a turma dele.

Eu voltei pra casa louco por um banho e um sanduíche com leite, mas tava aquele silêncio. Tomei meu copo d'água gelada e fui deitar, olhando pela janela.

Um dia o Tico não pôde ir à piscina comigo, eu achava um saco ir caminhando aquela lonjura sem ninguém pra botar conversa fora. E lá fui eu sozinho me refrescar, não precisava de termômetro pra saber que a temperatura estava animal, a gente enfiava um graveto onde tinha asfalto e aquilo parecia um chiclé. Dei minhas pontas, fiquei lagarteando na borda da piscina, próximo às gurias. Elas ficavam se engraçando com uns fortões de sunga, e eu era um magricela de bermudão até o joelho, mas gostava de ficar por ali, fechava os olhos e me ria das mentiras deles. Daí ouvi a voz do Jacaré, cumprimentando a *gurizada*. Eu queria ter aquela facilidade pra chegar, não ter problema de ser o centro das atenções, ao invés de ficar de canto. Ele tinha um jeito dele de abrir os braços quando descrevia um lugar que era como se desenhasse as coisas, batia forte no peito quando se gabava, tocava no ombro dos outros pra chamar mais atenção ainda.

Depois de muito trovar, ele me notou e veio sentar comigo na borda. Começou com aquela galinhagem de fazer que vai atirar o outro n'água, mas ficou só na ameaça. Eu me divertia e, no final das contas, acabava por me achar importante. Fizemos uma aposta, era pra dar uma ponta e tentar atravessar a piscina mergulhando, de lado a lado. Eu aceitei só pelo esporte, certo de que ia perder. Mergulhamos com as barrigas próximas dos azulejos, às vezes tínhamos que desviar de umas pernas que se intrometiam no caminho. Quando chegávamos à parte mais funda, dava pra ver uma sujeira que não se notava lá de cima, esticávamos os braços e

puxávamos a água com as mãos em concha, um bolor revoltoso subia e se dissipava, era um efeito bonito de se ver. Havia um silêncio quase total, uma leve pressão nos ouvidos, a algazarra lá de cima se ouvia bem ao longe, era uma calma sem peso que se sentia ali.

O meu estômago sempre me avisava a hora de voltar pra casa, então me despedi do Jacaré, queria chegar antes de o Sol ir embora, e ele disse *peraí que eu vou junto*. Subimos aquela lomba curva e de asfalto mole, meus chinelos chegavam a colar levemente no chão. Eu tirei a camisa e senti uma ardência súbita nas costas, era o Jacaré se divertindo, puxando uma pele minha que descascava. Alguém tinha capinado os terrenos baldios durante a tarde, havia vários montes de mato seco entre os arames farpados. Ele me ofereceu um cigarro, eu disse que *era melhor não*, então ele acendeu o dele e parou o olhar sobre o matagal seco. Deu uma tragada e ficou mexendo naquela rodinha de metal do isqueiro, fazendo um barulho irritante. Ainda bem que pensamento não tem cheiro, porque dava pra ver que tava passando um rio de merda por aquela cabeça. Eu disse *vamos, que eu tenho que chegar logo em casa*, e ele fez a merda que estava pensando, encostou o isqueiro no feno e o acionou, disse *agora é cada um por si*, e saiu correndo a toda.

Fiquei paralisado, não queria acreditar que o fogo iria se alastrar, mas o fato é que não levei muito tempo pra me tocar que eu tinha que sair dali o quanto antes, meus chinelos ficaram pra trás e eu me fui de pés descalços mesmo, feito um maloqueiro, feito um marginal, feito um fugitivo e sabe-se lá mais o quê meu pai poderia pensar de mim. Olhei por sobre o ombro, a fumaça já começava a ficar espessa e a cobrir a avenida de branco. Uns carros passaram buzinando e eu corri ainda mais, só queria chegar logo no topo e quebrar à esquerda rumo aos blocos. Consegui, mas encasquetei com um Fusca que começou a fazer o mesmo trajeto que eu, vinha devagar e constante, uma assombração mecânica prestes a me engolir. Eu me desloquei agachado pelas calçadas e me enfiei embaixo de uma caminhonete estacionada. Fiquei ali por um bom tempo. Quando saí, o Fusca já havia desaparecido.

Cheguei ao condomínio exausto. As solas dos meus pés estavam pretas de piche, eu suava aos borbotões, o que ajudava a formar bolhas e fazer a fina pele que estava por descascar se desprender com facilidade dos meus braços. Antes de chegar no meu prédio eu ouvi *Piolho, e agora que tu tá sem o teu amiguinho?!* Eu tentei falar que meu dia estava péssimo, que me deixassem em paz, mas o Rino não daria bola pra qualquer coisa que eu dissesse. Ele veio ao meu encontro e eu não sei bem o que me deu, acho que foi muito sol na cabeça, eu também fui pra cima dele, a cara do Rino ficou toda errada com a surpresa, porque eu investi mesmo, dei um soco forte do lado do ouvido dele e comecei a berrar feito um louco. Ele saiu correndo com a mão na orelha, parecia uma criança borrada indo chamar a mãe.

Coloquei a mão na maçaneta, eu tremia de cansaço e euforia. Entrei em casa e fui direto pra cozinha abrir a geladeira. Fiz um sanduíche com toda a mortadela que tinha. Fiquei ali sentado na banqueta da cozinha, comendo feito um bicho que não tem fundo no estômago. Então eu vi os coturnos chegando sorrateiros e se posicionando na soleira da porta. Não levantei a cabeça, fiquei apenas olhando o brilho daqueles coturnos bem engraxados e comparando com os meus pés descalços e pretos de asfalto, minhas unhas encardidas como a de um mendigo, a pele do dorso do pé já craquelada, querendo se soltar. Ouvi sirenes ao longe, senti o cheiro da fumaça, senti o cheiro do cigarro, lembrei de como era boa a sensação de calma em um mundo submerso, e, então, levantei a cabeça para encará-lo.

Navegar é preciso, viver não é preciso

por Aurora (pseudônimo)

Marco Antônio Da Costa

Dizem que o mar não tem cheiro; mentem.

Há um odor agudo de sal, alcatrão e cordame que me toma os pulmões e substitui o mundo. Desde que deixamos Lisboa, tudo é rumor de água e madeira; sob meus pés, o convés canta um hino de rangidos que nunca se repete, como se a nau aprendesse a falar a nossa língua aos poucos — e nos respondesse. Partimos com o mapa incompleto e um desejo inteiro. O capitão confia nas estrelas, o piloto nos cálculos, e nós confiamos no costume de obedecer. Eu, apenas escrevente e marinheiro quando falta braço, tento aprender o idioma do vento.

As noites, no início, foram de um azul que parecia escorrer das velas. Nas horas mortas, deitado entre as pipas de água, ouço a náutica respiração da nau — os mastros puxando o ar, as enxárcias suspirando — e penso no que dizia o romano antigo: navegar é preciso. Preciso, não de necessidade, mas de exatidão: ângulos, alturas lunares, rumos, léguas. O astrolábio cintila na mão do piloto como um brinquedo de santo; o quadrante risca o céu com números, como se a abóbada fosse aritmética. As constelações atravessam a nossa pele e só os olhos sabem.

Viver, porém, não cabe na conta. Viver é o osso que dói num dia e silencia noutro; é a saudade que morde, a superstição que cresce, a risada que desobedece. A bordo, a vida é um bicho que se esconde nos bolsos da rotina: lustrar o convés, engraxar polias, nhandear cabos, contar feijões, espantar ratos, aparar calos. Às vezes, penso que o mar nos devora com ternura: primeiro a paciência, depois o medo, por fim a lembrança do chão. Falamos pouco, porque a fala gasta água. E sonhamos muito, porque o sono é o único vinho abundante nesta arca.

Houve dias de vento justo em que a nau parecia cavalo de feira: obediente, vaidosa, certeira. Os marujos cantavam modinhas trôpegas, batendo o compasso com as colheres de estanho. O grumete mais novo, Lourenço, trazia notícias do porão como quem traz cartas de casa: "A pipa de carne ainda segura, senhor; o bacalhau cheira, mas é cheiro de saudade." Ríamos. E havia tardes em que as aves se adiantavam à nossa história: atuns rasgando prata na superfície, fragatas desenhando equações indecifráveis, e uma luz que parecia prometer um continente inteiro guardado atrás do horizonte, como um segredo infantil.

Até que o tempo mudou de humor.

Foi de uma hora para outra, como as dores que começam sem aviso. O barômetro do olhar do capitão desceu; os joelhos dos mais antigos travaram; um silêncio abriu fenda entre o

bramido normal das águas. De repente, a tarde ficou verde, as nuvens empilharam ferro, e o vento perdeu a elegância. O piloto, que até ali era um cortesão de astros, tornou-se pedreiro de ordens: "Pano de baixo! Almofadar vergas! Preparar bombas!" As mãos correram, e meu coração foi junto.

O primeiro golpe do vendaval não foi vento — foi mão. Uma mão velha e úmida que agarrou a nau pelo pescoço. As velas inflaram como pulmões em desespero; os mastros urinaram faíscas — fogo-de-santelmo, disse alguém, mas parecia bênção e ameaça ao mesmo tempo. O mar, que até ontem fora um cão de guarda, virou fera solta: subia paredes verticais, derrubava homens, mordia o convés. A proa mergulhava no escuro e emergia com a espuma nos olhos. A água entrou por todos os nomes do medo.

— Bombas! Bombas! — gritou o contramestre, e os braços se fizeram pás.

O piloto rugiu ordens que cortavam o vento:

— **Caçar a bujarrona! Recolher pano de cima!**

Marujos subiram pelas adriças como gatos assustados. A bujarrona, antes inflada como peito de gigante, esvaziou-se num soluço e desceu em queda rápida, rangendo nos cabos. O convés tremeu sob o peso da água que ainda escorria dela, e o mastro adernou, aliviado.

Cada balde arremessado devolvia à nau uma respiração miserável. O Lourenço escorregou; alcancei-lhe a gola no último instante, e senti a vida no peso do pano molhado. Os cabos cantavam um idioma de aço; as talhas gemiam seus Pai-Nossos; as velas uivavam como animais presos. E o céu — ah, o céu — era um teto que descia para esmagar os homens. Relâmpagos cortavam o ar em prumos; o trovão não respondia: mandava. Eu me descobri falando com a minha mãe como se ela estivesse amarrada ao mastro grande, e prometi mais joelhos do que tinha, se saíssemos.

O capitão, empapado, caminhava pela tolda como quem conhece os degraus de um altar. A cada passo, a nau obedecia um pouco. O rosto dele não tremia — e isso era a nossa ilha. Na arrebentação aguda de um raio, vi-lhe a boca se abrir como se fosse um sino, e o que soou não foi reza, foi ordem que atravessou os ossos:

— **Marujos! Navegar é preciso, viver não é preciso!**

Não era bravata. Era a matemática da sobrevivência. A nau precisava de exatidão: menos pano, mais peso à proa, leme a um quarto de bombordo; precisava de escutar o que a quilha dizia às ondas e responder sem lirismo. A vida, do lado de cá da frase, só atrapalhava — chorava, lembrava, temia. Engoli minhas lembranças como quem engole água, e obedeci.

Um estai partiu com som de espada; uma vela trapeou-se em crucifixo; um marujo — o velho Gaspar, que tinha mãos de faroleiro — desapareceu num recorte, como se a água o tivesse

desejado por décadas. Vimos seu gorro uma vez, duas, três; na quarta, virou passado. Ninguém buscou voz para lamentar: o lamento não boia. O contramestre grunhiu uma prece curta, e recomeçamos a ser homens de ferramenta.

A noite nasceu de parto seco. O vento nos empurrou para dentro do seu pulmão, e ali tudo era ruído sem forma. As bombas trabalharam como coração; os braços criaram calos dentro dos calos; o sal abriu pequenas bocas nas mãos; o sangue, quando veio, pareceu limpa água. Em certos momentos, senti que a nau não era de madeira: era de vontade. Amarramos uma vela de fortuna, reforçamos o brandal, redistribuímos as pipas, pusemos as agulhas a respeitar a loucura do aguaceiro. E, no ouvido, ainda ecoava o brado do capitão, repetido por cada pancada de onda: navegar é preciso — precisamos desta precisão — senão a vida termina aqui, no instante, sem sequer um adjetivo.

Não sei quanto tempo durou. Pode ter sido metade da criação ou o intervalo entre duas respirações. Um clarão mais alto do que o mundo abriu fenda na chuva; o vento, de súbito, perdeu dentes; o mar, cansado do próprio furor, sentou. A nau diminuiu o soluço e, como bicho que acha a toca, encostou no seu silêncio. Muitos caíram sentados; outros, ajoelhados; eu fiquei de pé por milagre ou estupidez. O capitão olhou para nós com um cansaço piedoso e disse apenas: "Contar." Contamos os vivos com as mãos e os mortos com o coração. Gaspar. Houve um minuto em que ninguém quis ser humano. Depois, fomos.

O dia seguinte cheirou a madeira lavada. O sol abriu costura no céu e secou o convés como uma mão. Estendemos panos e culpas; remendamos o que tinha nome; distribuímos água limpa como prêmio; e os olhos, que na véspera só viam escuro, agora achavam beleza no cinza. Lourenço, o grumete, me trouxe uma cuia de caldo e uma notícia de criança: "Tem peixe voando, senhor." Era verdade: os pequenos flechavam a borda como cartas lançadas por um deus paciente. Rimos de novo, mas devagar, como quem pisa chão novo.

Enterramos Gaspar no mar com toda a liturgia que cabe numa borda: pano branco, pedra, três palavras sobre a coragem, e o sal como epitáfio. O capitão, que não pregava, tirou o gorro e fez com o olhar a coisa mais parecida com uma igreja que já vi. Largamos o corpo como se devolvêssemos um livro ao qual tínhamos arrancado páginas. O mar fechou sem rumor. E seguimos.

Vieram então os dias pós-tempestade, em que cada pequeno sinal ganhava tamanho de profecia. Uma brisa com cheiro de folha — "terra tem cheiro?", alguém perguntou, e ninguém soube responder. Galhos perdidos, feitos de uma madeira que não era nossa. Um tronco trabalhado por mãos humanas, polido como palavra antiga. As aves multiplicaram-se, de brancas, pretas, graúdas, vagabundas; dormiram sobre as vergas como se a nau fosse árvore. O

piloto, que voltara a ter pulsos de bibliotecário, conferia a agulha com obsessão. À noite, eu via estrelas novas como moedas lançadas de outra mão e pensava se o céu também tem suas Brasilidades.

Com a calma, voltaram as histórias. O cozinheiro jura ter visto uma ilha inteira, do tamanho de uma igreja, feita apenas de tartarugas empilhadas; o moço do leme garante que, no auge do vendaval, uma voz de mulher se ergueu do porão, pedindo pão e fogo; Lourenço diz que sonhou com um campo onde o mar fazia curvas como trilhas de boi. Eu, que perdi a vontade de ironias, ouço tudo como quem recolhe búzios para uma casa futura. À noite, tiro do surrão a pena e escrevo para ninguém, para o escuro, para a língua que ainda não existe: "Se a terra vier, que venha com um nome que caiba na boca."

Em alguns amanheceres, a luz punha um ouro pálido sobre as ondas, como se alguém houvesse polvilhado farinha de milho no horizonte. Noutros, uma neblina alga recortava o mundo em ilhas de segredo. A nau avançava em silêncio de teatro, a quilha serrando o invisível, e eu sentia que todos nós, até os mais ferros, tínhamos ficado mais moles por dentro: a tormenta ensinara a concha a ter ouvido. O capitão, raro de palavras, deixava às vezes cair uma frase que ficava saltitando pelo convés como peixe: "Precisão não é certeza." Eu anotava como quem rouba.

Então aconteceu.

Foi Lourenço quem gritou; tinha que ser. O menino tinha os olhos mais próximos do futuro. Estava na amurada de estibordo, limpando um gancho, quando a voz lhe saiu em formato de sino, rasgando o ar com uma alegria que não se ensaia:

— **Terra à vista!**

No primeiro segundo ninguém acreditou: a frase é um milagre que o ouvido teme gastar. No segundo seguinte, todos corremos, tropeçando uns nos outros, como se o horizonte fosse uma mesa posta. E lá estava: uma linha de verde escuro erguendo-se da água, primeiro como fumaça, depois como ombro, por fim como corpo inteiro — uma terra que parecia recém-lavada do dilúvio das nossas esperas.

O capitão não sorriu, porque há alegrias que dispensam rosto. Mandou reduzir pano, ajustar o rumo, preparar a âncora — cada verbo batia na madeira como martelo batendo na cruz e libertando, não pregando. Os marujos, antes de correr, deixaram um segundo para o silêncio, e nesse segundo ouvi de novo a frase que nos salvou na tempestade, mas agora redimida de ferro e chuva. Não sei de quem veio — talvez da própria nau, que aprendera a falar — mas soou atrás dos olhos:

"Navegar é preciso."

E o coração respondeu: "Viver, não."

Aproamos devagar. As aves faziam pontes entre nós e o desconhecido, e um cheiro de folha amassada, mel e barro subiu como um hino novo. Os homens, que sabiam os salmos da fome, aprenderam outro canto: o do espanto. Vi mãos calejadas tremendo como as de um recém-nascido; vi joelhos que nunca tocaram chão descobrirem a utilidade dos joelhos; vi olhos que perderam o hábito da beleza ficarem cheios como pipas. Eu, que na véspera me prometera menos lembranças, desejei agora uma memória infinita. Quis escrever cada folha daquela costa com a pena inteira do corpo.

Ao fundearmos a uma distância respeitosa, as águas tornaram-se claras como intenção, e os peixes viraram lâminas de sol por baixo. A terra parecia respirar: elevações suaves, um verde que não conhecíamos, um silêncio cheio de vozes futuras. Alguém murmurou que os anjos haviam vindo morar ali. Eu, que não creio fácil nos anjos, concordei em silêncio.

No porão do pensamento, Gaspar nos olhava. Pensei nele como quem pensa um pai, e agradeci pelo pedaço de caminho que ele nos deu com as mãos. O capitão mandou preparar o batel; descemos em duas fileiras de espera. O piloto, ao meu lado, apertou o astrolábio como quem segura um talismã, e eu entendi enfim: os instrumentos nos trouxeram até a beira, mas é a vida — essa imprecisa que não cabe em pauta — que vai pisar o primeiro passo.

Antes de descer, roubei um instante para escrever duas linhas no meu caderno molhado. A tinta correu, porque as coisas importantes são assim, escorrem. Escrevi: "Viver não é preciso — mas é urgente." E fechei.

Quando o batel tocou a água, o mundo estava todo em suspenso. A terra, paciente, parecia esperar a nossa primeira palavra para começar a existir de verdade. E nós, costas queimadas, mãos feridas, olhos lavados, éramos crianças de novo diante de uma casa nova. O velho brado do capitão, agora manso, correu pelos nossos ombros como um manto:

— Homens… devagar.

Remamos.

O silêncio entre a última onda e a primeira pegada será a minha última memória. Se um dia a morte vier de novo em forma de vendaval, quero responder-lhe com a frase que nos sustentou sobre o abismo e nos trouxe até este braço de chão: **Marujos! Navegar é preciso, viver não é preciso.** Porque só assim — obedientes à exatidão quando o caos grita, entregues à imprecisão quando a terra chama — a travessia se cumpre inteira.

E, se me perguntarem que nome tem este lugar, direi que é o nome que a água escreveu em nós: um nome que ainda não sei, mas que nos saberá.

Nem da caça e nem do caçador

Camila Herculano Soares Rodrigues

Arrastando a sandália de couro pelo corredor, os tufos de pelos escapando da regata camuflada, um boné cobrindo a careca, assobiava melancólico o homem que iria viajar, enquanto realizava o ritual de alimentação dos pássaros. Sete gaiolas. Um casal de periquitos-australianos, juntos, um pintassilgo, um corrupião, um curió, um trinca-ferro e dois canários, separados. De uma em uma, abasteceu o comedouro com alpiste, trocou a água, retirou as bandejas com fezes. Enquanto ele os mobilizava, um som meio diabólico se espalhava pela casa, sobretudo a partir da gaiola dos periquitos. Na tensão, os pássaros musicais se calam e os de gorjeios sociais gritam.

Do quintal, um vira-lata "fiapo de manga", tomado pela angústia dos pássaros, uivava percebendo que a viagem era inevitável. Arranhava a porta, perseguia o rabo e preparava o olhar para implorar quando o dono aparecesse.

Ele jogou a bolsa de viagem, camuflada e puída, sobre a cama e nela os binóculos, o toca-fitas, o maço de cigarros e o litro de destilado. Subia um odor difícil de descrever: algo de morte, de pena de ave, de náilon esquecido. O cheiro típico das posses de um caçador, como gostava de ser chamado.

Foi até o quintal e pegou o cachorro no colo. O rabo chicoteando suas costas e a língua tentando lhe acertar lambidas aflitas. Tocou a campainha da vizinha para entregar o cachorro e a chave da casa. Uma mulher emagrecida, com uma barriga pontuda que escapava, entre o short jeans e a blusa colada, abriu a porta e estendeu uma mão, esperando o dinheiro, enquanto alisava com a outra mão o ventre. Oco, ele supôs. Tinha um olhar seco demais para estar grávida. Ele recomendou cuidados aos pássaros e lhe entregou duzentos reais em cédulas de vinte. Ela contou.

— Fica quantos dias fora, caçador?

— Não sei. Mas, se eu demorar, a gente acerta a diferença depois.

— E a ração?

Entregou mais cem reais e se aproximou encostando o nariz no focinho frio do cão que lhe arrastou a língua na metade inferior do rosto, provando os resquícios de broa com café de ontem que ele comeu ao acordar.

Na carroceria do carro, cobriu a espingarda com uma lona e, por cima, pôs a barraca de acampamento, a bolsa e as gaiolas retangulares, onde esperava carregar de volta os troféus de sua glória. Pá, pá. Portas fechadas. Caçador no volante.

No banco do passageiro, hoje vazio, repousava um pequeno isopor com cervejas, as quais ele ia vertendo enquanto dirigia. Gostava de dizer que não dirigia alcoolizado. A bebida de verdade guardava para mais tarde. Agora tomava apenas cervejas. Umas quatro ou sete.

Desviava dos buracos da estrada numa dança habilidosa, subindo a ladeira. Mas havia uma cratera logo na descida. Infalível. As gaiolas flutuaram na carroceria, chocando-se de volta num estrondo. O boné roçou o teto. Ao tentar retomar a velocidade, a cada giro da roda, o som de um chicote estalava no ar e a direção ficou pesada. Pneu furado. Encostou. Furado não, rasgado.

Pegou o macaco e ensaiou iniciar a troca, na expectativa de que alguém encostasse para ajudar. Seguro de seu carisma pessoal e da sorte que protege os bêbados, contava com uma providência divina que não veio. Ninguém parou. Fez então os procedimentos necessários e, alguns palavrões depois, estava de volta ao volante.

Mais que nunca a caçada era necessária. Completou o caminho na estrada e chegou ao local indicado num mapa feito à mão num pedaço de papel de embrulho. O portão, enferrujado e escondido por matos espontâneos nas laterais, era clássico e imponente para olhos sensíveis. Parou o carro e já de longe avistou o conhecido, que acenou e veio até ele, coçando o cabelo cinza, atrás esvoaçante e na frente pregado na testa, de óleo e suor, falhando em disfarçar o desgosto de receber visita sem aviso prévio.

Dois estranhos um em frente ao outro. Quem poderia supor que seria assim quando combinaram de caçar juntos logo ali no fim de semana passado? Foram apresentados por um amigo em comum, seresteiro. Ele anunciou que Benedito tinha uma propriedade pertinho de Aracoiaba, "do açude se avista a Pedra Aguda e tem marreco a rodo". Ali na seresta de pé de serra parecia óbvio marcarem esse encontro. Amigos à primeira vista.

Mas, no portão, o constrangimento era mútuo e evidente. O canário na gaiola ao lado da porta de entrada cantava escandalizado pela tensão que pairava no ar. Por fim, Benedito disse as frases certas (com a entonação errada), e ele entrou. "Fique à vontade". "Temos cervejas na geladeira". Lourdes, a esposa de Benedito, uma senhora cansada demais para se supor uma idade, olhou-o de cima a baixo e, sem mexer quase nenhum músculo da face, disse "a casa é sua".

Ele se instalou no quarto de hóspedes, pendurou a espingarda no armador que ficava ao lado da janela e foi planejando a caçada da noite, que o sol já ia descendo. Algumas cervejas

depois, já não havia nenhum prurido entre os dois, e, tão logo se fizeram íntimos de novo, o hóspede arriscou:

— E aquele canário, hein? Tem preço?

O anfitrião, sem disfarçar a ofensa, respondeu seco:

— Não se meta com ele. É de estimação.

Acabou a conversa. Por enquanto. Diante do espelho do açude, ele montava a tarrafa e preparava a armadilha, que a caçada dele era de marreco vivo. Os queria no seu entorno, olhinhos de lantejoula preta, o canto ecoando "irerê". Não que ele não os comesse. Mas havia uma espécie de ética. Tinha de ser uma refeição solene, algo de sobrenatural: comida íntima e celebrada.

Colocava o antigo toca-fitas para rodar o som dos marrecos cantando, o "chama", dizia. Espingarda ao alcance para se defender do azar, que às vezes visita o caçador noite adentro, no corpo de uma jaguatirica ou de um guaxinim. E era esperar. Que eles viessem nadar no espelho, encurtando a espera com uma bicada na aguardente. Se viessem, pá! Era puxar a armadilha e comemorar. Se não vinham, e a noite virava em vão, seria a oportunidade certa de reconhecer a própria miséria numa espiral de falsa epifania regada a embriaguez.

No dia seguinte, sim, chegaria a cavalo a verdadeira humilhação. O gosto de mofo na boca, a culpa por estar só, toda a autocomiseração possível. Então, visitado por uma plena consciência, que durava o tempo de uma ressaca, sabia que não vinha sendo bom para ninguém, nem para si. Mas o tempo de uma ressaca sempre pode ser encurtado. É o tempo até a próxima dose.

Já estava há quase uma semana na chácara. Visitante e anfitrião cada vez mais afinados. D. Lourdes recolheu-se de tal forma no andar de cima que era como se viajasse. Por três vezes o caçador a viu. Uma vez alimentando uma gataria numa vasilha grande e subindo as escadas levando uma tigela menor. Noutra vez ela sangrava o pescoço de uma galinha no quintal, aparando o líquido numa vasilha avinagrada para o molho cabidela, com a indiferença de quem corta uma cebola. A cozinheira fazia tudo, mas sangrar galinha sangrava não. Um gato branco, felpudo, assistia à cena lambendo os beiços. E, por último, ainda a veria no dia de sua partida.

Três noites de caçada já tinham se passado, e o saldo, oito marrecos zonzos, já estava guardado num viveiro improvisado com tela em um antigo tanque desativado. Todos os dias o caçador lançava novas investidas sobre o canário enquanto bebia com o anfitrião. Valores altos, escambo com marrecos e outras aves. Muita coisa na mesa e nada colava. Já estava se dando por vencido, com o tempo se esgotando. Em três dias estaria de volta ao trabalho no banco, negando financiamento, concedendo consignado. Mas um empréstimo caía bem. Passou a

insistir pelo empréstimo do canário, só para usar de chama para fisgar um outro que cantava livre todas as manhãs. Benedito, cansado de dizer não, aceitou. Que mal faria?

O visitante foi até a cidade, atrás do gaioleiro, e conseguiu uma arapuca. Na manhã seguinte, tudo aguardava pela ingenuidade do pássaro. Ele estava eufórico. O pássaro se aproximava, mas, tímido demais, não adentrava o alpendre. Então ele teve a ideia exata: colocar a gaiola geminada no chão do terreiro e ficar de olho. Tomando uma cerveja, eles assistiam ao espetáculo iminente. O caçador estava em perfeito silêncio. Isso aborrecia Benedito, que vinha se afeiçoando a ouvir seus causos exagerados. De algumas histórias gostava tanto, que lhe pedia para repetir.

— Conta de novo como conheceu a sua ex-mulher.

Ele começava:

— Eu fui contratado por um infeliz para fazer uma seresta na janela dela. Tava apaixonado por ela, o desdito.

E ia dando ares novos à história antiga, aparando detalhes. Mas, não ali, esperando o canário incauto só o silêncio vingava. Nem sinal do caso se solucionar. Benedito desistiu da vigília e foi dormir sua sesta. Uma hora depois, uma urgência se montou e o caçador precisou ir ao banheiro. Ao retornar, ainda no corredor comprido da casa, pôde ver o gato, felpudo, o amarelo escapando da boca, como que inteiro ainda. A gaiola! Lembrou. Estreitou-se tudo. Era a queda livre.

Correu para o quarto, antes só de desespero. Mas viu a espingarda pendurada e, logo ao lado, emoldurado pela janela, o gato rabeando. Pegou a espingarda, acionou o gatilho e se lançou buscando mira na janela. Pá. Acertou o gato. O canário saltou, mas rolou imóvel no chão. Ouviu a correria de passos sobre seu quarto e, da janela do andar de cima, D. Lourdes urrou. Correria escada abaixo.

— Logo a *Mimiiiii*!

Correram Benedito e Lourdes juntos, juntando, nessa ordem, o canário e a gata.

Pá. Pá. O visitante dava partida no carro. Pelo retrovisor podia ver a Pedra Aguda, mas não o açude. Podia ver Benedito lhe mostrando o dedo, mordendo a boca de fúria. Não podia ver Lourdes rolando no chão, suja de sangue. Podia ver o tanque dos marrecos. Não podia ver a gaiola vazia no chão.

O arquimago em sua torre

André Salomão das Neves

O caos começa com um relógio Casio à prova d'água. O marco zero. Um acessório banal, desses comuns que 3 a 5 brasileiros tiveram, têm ou terão. Um item crucial no *starter pack* capixaba, além das sandálias havaianas, mochilas Company e pulseiras de miçangas. O plástico da pulseira do relógio estava macerado e mastigado. O brevíssimo tempo sobre os ladrilhos do calçadão de Conceição da Barra foi a medida certa para que pérolas de sal envernizassem sua superfície. O canto superior direito estava trincado, e essa ferida vítrea se ramificava ao longo do display de LCD como teia de aranha.

Ou caído, ou escapado, ou escorregado do pulso magro e suado de um estranho, sem produzir som de queda, nem ausência na pele, nem qualquer que fosse o sobressalto de quando damos falta de um item que, agora, pertence às raias da dúvida. O crepúsculo sobre o mar cor de cobalto era uma linha tênue que separava a tarde do fim de tarde enfim. O horizonte em queda recortava o Tempo em duas partes: uma para mim, outra para você. Os ventos salgados logo, logo teriam ocultado por toda a eternidade o relógio desafortunado se não fossem as mãozinhas pardas de Humberto — um garoto de 10 anos, 3 meses e 254 dias — que na hora H, encontrou no relógio perdido o brilho do Santo Graal, resgatando-o dos lençóis do esquecimento.

Os olhos de Humberto criança eram capazes de escanear os objetos mais depreciados e irrelevantes e transformá-los nos artefatos que os faraós colecionavam em vida para herdá-los no pós-morte, ou em versões reduzidas da Caixa de Pandora, prestes a explodir de tanto significado selado. Não importava se era um chinelo desmembrado desenterrado em Itaúnas, ou um álbum descartado de cartões telefônicos da Telemar, ou moedas, infinitas moedas, de 1 e de 5 centavos, encravadas nos paralelepípedos da pousada Varanda da Praia. Quando Humberto escavava essas relíquias, era assaltado por uma vibração esquisita e, sem embromação, sentia o impulso de dar abrigo aos ídolos desdenhados que habitavam suas peregrinações.

O quão triste é um boneco Max Steel sem uma criança para imbuí-lo de vida, tal qual um pequeno deus, e batizá-lo como se se tratasse de um ente senciente. O quão triste é a rua de um bairro suburbano em época de período eleitoral, depois de um dilúvio de *flyers* de deputados e vereadores ineptos que raramente se convertem em votos. O quão triste é um Corolla seminovo com ar-condicionado de fábrica e trava elétrica largado há duas semanas no

estacionamento melancólico de um Supermercado Casagrande, em meio a bolas de feno e matilhas de caramelos.

De forma virulenta, a tendência Achados e Perdidos de Humberto Colodetti rapidamente ganhou contornos criminosos. O acaso se transformou em plano calculado, e o prazer proibido, num alvo cada vez mais inalcançável. O dique do Humberto adulto se rompeu, encharcando cada instância de sua vida com uma tendência cleptomaníaca e uma paranoia pulsante. Os limites da Constituição Federal não eram limites para o gozo furtado. Ele aprendeu a viver aquém da lei, embora não soubesse precisar a quem servia. Os seus desejos eclipsavam sua personalidade de modo escatológico, reduzindo-o a um pontinho irrelevante no seu oceano interior. Ele era o que era porque roubava? Ou ele roubava porque era o que era?

O resto de sua adolescência e o começo da vida adulta ficaram marcados por coleções de amenidades. Ele maquinava, traçava, afanava, levitava, roubava, furtava e dissimulava. Um Houdini do crime. O próprio Max Steel em suas missões de alta periculosidade. Os anos corriam a galope, e Humberto ganhava experiência em ser invisível e insensível. A obsessão de possuir o que não era seu irrompia do solo de sua racionalidade como um obelisco de titânio. Era como se objetos vibrassem com uma luz azul pálida, pulsando aura arcana, implorando para que Humberto, o arquimago, recuperasse-os e os levasse à sua torre. Esses artefatos de poder. Esses cálices de energia. Quando conseguia enfim tê-los, ele conseguia aplacar a ânsia beligerante do Smaug que habitava o covil que costumava chamar de "mente". Ou, pelo menos, conseguia mantê-lo satisfeito até a próxima empreitada, que nunca falhava, sempre reprisava.

O incêndio mental começou quando Humberto se viu varando madrugadas para estudar minuciosamente, com uma lupa e marcadores de texto, a planta de um galpão de verduras, ou de uma boutique chique, ou a de uma concessionária Hyundai recentemente inaugurada. Ele lia e relia os catálogos de empresas especializadas em segurança. Quanto mais perigoso, maior era o gozo. Se você não for pego, a cleptomania é como ganhar, dia após dia, na Quina das Loterias Caixa.

Não era como se Humberto estivesse alienado de sua tara corrupta. Nem tudo são flores. Quando pensava sobre o aspecto psiquiátrico de suas obsessões e anomalias, compreendia que, sim, estava profundamente doente. O obelisco rasgava sua massa cinzenta e sangrava. A torre inclinava como a de Pisa. Em seu autodiagnóstico, ele se convenceu de que o mais saudável seria largar a fissura a conta-gotas. Uma autossugestão tão dominante quanto sua vontade de continuar entupindo seu bangalô de pertences alheios. As meias-verdades que nos contamos são responsáveis pela maior fração do nosso alheamento. E assim seguimos, convencidos de que a verdade se esconde em nossos umbigos.

Logo nos primeiros anos de fato roubando, furtando e prometendo aos céus que logo, logo pararia, na semana que vem ou na outra, chegou o dia em que Humberto exagerara na ousadia. Ele passou dos limites que ainda perseveravam. Nem de longe era o Houdini Mãos Leves que idealizara, a imagem esfumada e sonolenta que confeccionara para si. A câmera de uma Farmácia Indiana capturou a imagem monocromática de um rapaz de 38 anos depositando perfumes Natura nos infinitos bolsos de um sobretudo xadrez. Foi flagrado numa situação fragrante. Logo a situação começou a cheirar mal. O Fórum de Linhares exumou cada detalhe atrevido de seu passado. Foi detido e sentenciado a 2 anos de cadeia, mais 3 e meio de prisão domiciliar, o que não era de todo um problema. Por sorte, nunca descobriram o interior de seu bangalô. A torre estava guarnecida por ameias e bestas.

O impulso fóssil de roubar nunca foi totalmente subjugado. Ali, perto do coração, numa quina obscura, de arestas indiscerníveis, numa gruta onde estalactites gotejantes acompanhavam a hibernação de um urso pardo, mesmo após um período na cadeia, uma vozinha apreensiva, ao pé do ouvido de Humberto, não desistia de repetir o mesmo refrão: *Ainda é pouco. Ainda é pouco. Pegue o precioso. Pegue tudo que for precioso. Você sabe que quer mais, seu bobinho.*

Humberto estava largado na poltrona creme de seu bangalô na orla de Itaúnas. Pelos cômodos, flutuava, como o rastro luminoso da Tinker Bell, em volume baixo, o LP do Elvis. Sua mão esquerda guardava um copo chato com dois dedos de cachaça. Nem meio cheio, nem meio vazio. Para Humberto, *peremptoriamente vazio*. Os dedos da mão esquerda dançavam sobre os jeans. Os olhos cinzentos quebravam como a ressaca, observando o aleph perto do criado-mudo e ao lado das samambaias. O álcool já não era capaz de silenciar seus demônios, dizendo "Chega, ei, deixe o Elvis se apresentar em paz, seus filhos da puta". Ele balançava suavemente a bebiba dormente que, na semiobscuridade marrom pastel do entardecer, ganhava tons ferruginosos, assemelhando-se a qualquer outra birita menos a que de fato pretendia beber. Os seus dedos dançaram até a polaroide sobre o colo. Humberto esvaziou o copo de cachaça num longo trago, ergueu a fotografia na altura dos olhos embaçados, piscou duas ou três vezes e suspirou profundamente.

Os seus lábios carnudos acompanhavam a canção do Rei.

Like a river flows.

Surely to the sea.

Ele deitou a cabeça e fechou os olhos.

Darling, so it goes.

Some things are meant to be.

Humberto estava aqui agora. Não saberia dizer se sua residência era um bangalô preenchido por entulho ou entulho revestido por um bangalô. O toca-discos insistia em suas ideias melancólicas, desejando inflar sua cabeça para que voasse para longe, bem longe. Mas Humberto estava *aqui agora*. Os arredores desapareciam em meio a pilhas e mais pilhas de revistas Veja e Mundo Estranho, colecionáveis risíveis do McDonald's de suas viagens à capital Vitória e caixas de papelão dos mais diversos tamanhos, entreabertas e com os dizeres "Cuidado. É frágil". Trinta e três anos de crime que assombravam suas madrugadas. A idade de Cristo. E, embora Humberto, diante de estranhos e familiares (também estranhos), chamasse esses entulhos de "entulhos", de fato eles possuíam uma aura sacra. A luz azul nunca foi embora.

Ele não era um mero acumulador, como essas pessoas compulsivas que eram documentadas no Home & Health e prontamente esquecidas quando zapeávamos os canais da TV Philco. Não, não. Ele, Humberto Colodetti Cipriani Vieira, nome de rei, era um arqueólogo da contemporaneidade. Sitiado por castelos de caixas e nuvens de sacolas plásticas, canetinhas Faber Castell, posters descascados, copos Stanley, livros nunca lidos, filmes nunca assistidos, preservativos nunca vestidos, Humberto se sentia como um arquimago isolado em sua torre. Pelas basculantes resplandecentes do banheiro e da cozinha, ele observava os domínios dos homens comuns. Às vezes, pensava em como seria ser um deles em vez de ser um deus. Pensava em como teria feito menos *estrago* se fosse um deles.

Bingo. Claro que ele buscou terapia holística porque queria solucionar essa equação emaranhada de corpo, mente, emoções e espírito. Viveu seu calvário psíquico por três longos anos no consultório da doutora Vivian, uma terapeuta de coque frouxo do centro histórico de Linhares. O casamento em crise. A presença-ausência dele e da filha. O bloco de gelo que se apertava no tapete de jacquard da sala de estar do bângalo. Tudo isso, tudo aquilo. Os seus impulsos cleptomaníacos não o demoveram dos erros mais comuns dos humanos: casar e ter filhos e *viver* a desgraça de casar e ter filhos. O curto-circuito do seu sistema límbico o levou àquele lenga-lenga de exumar traumas e feridas que deveriam permanecer eternamente sepultados.

O derradeiro capítulo das sessões com a doutora Vivian fora 5 anos atrás, quando os focos de incêndio familiar começaram a surgir em lugares ocultos do bangalô: nos armários embutidos da cozinha; na calha engasgada com folhas secas; na miríade de Barbies de Lara que dormiam nas estantes de madeira ilegal. O consultório de Vivian continha mobília multicolorida e assentos estofados tipo ninho suspenso, que tentavam adicionar um quê de intimidade amiga, mas acabavam infantilizando até mesmo os mais ásperos dos homens de Rio Bananal. O ar-condicionado estava sempre no 16, e as frases subliminares da jovem terapeuta lutavam para

atravessar a borrasca e alcançar os ouvidos anestesiados de Humberto. Ele se ocupava com um cubo mágico. O falatório de Vivian era ruído branco.

Ela largou sobre o colo o bloco de notas de couro verde-bandeira como se se rendesse, apertou os olhos cansados e maquiados e depois se espreguiçou como um gato. O trabalho na mente de Humberto era um trabalho na terra. Vivian precisava plantar sementes de sugestão para que de Humberto brotassem duas ou três frases de evidência. O diagnóstico óbvio crescendo por dois meses, ali na lousa em branco entre acusador e acusado. Enquanto os dedos de Humberto se entretinham com os ladrilhos multicoloridos do puzzle em suas mãos, Vivian concentrou sua autoridade como um ki e disse:

"Humberto."

As três sílabas caíram como estalactites afiadas no carpete bege-avermelhado do consultório glacial. Embora Humberto mantivesse os olhos no cubo mágico, o seu nome conjurado vibrou em seus tímpanos como um diapasão. As suas orelhas estavam espichadas como as de um elfo.

"Você não é ingênuo, e seu caso parece bastante óbvio, sabe", Vivian disse com um semblante que misturava pesar e preguiça, "Essa necessidade, essa volúpia por tudo, provavelmente é fruto de um lapso irracional… talvez por um trauma, talvez como uma carapaça emocional". Ela sentou na pontinha de seu ninho, os braços ao redor do corpo como uma coruja, e atravessou Humberto com o seu olhar azul-gelo, abrindo dois buracos na parede branca atrás do paciente. "Você quer ter tudo porque na verdade não tem nada, Beto". Ele ergueu a cabeça pois pensou ter ouvido errado. Beto. O apelido fruto da mente simples de Marise que, nos lábios rosáceos de Vivian, soava ofensivo, a quebra do contrato entre terapeutas caros e pacientes prestes a se afogar. Não era função dela dizer verdades: essas sujeirinhas pretas sob as unhas que nos lembram de nossos hábitos imundos.

Ele resolveu o cubo, colocou três notas de cem sobre o *sousplat* de crochê da mesinha de centro e se despediu.

As sessões acabaram aí.

De fato, cada um dos objetos resgatados por Humberto resumiam um capítulo de maior ou menor importância de sua vida. Ser um acumulador era enxergar com clareza as infinitas possibilidades e ramificações que a vida oferecia. Sendo um homem no auge dos seus 60 anos, ele não podia abrir mão dessas pequenas potencialidades. Elas mantinham sua cabeça acima da lâmina do mar indiferente que é a Vida. Eram o caleidoscópio que compactava sua identidade nublada. O seu Graal.

O disco do Elvis chegou ao fim, e o silêncio que se seguiu era assustador. Diante de Humberto, estava o corredor estreito e de pé-direito baixo: a garganta que dava no banheiro de azulejos verdes. O maldito banheiro. Com olhos mortiços, ele estudava a porta entreaberta, a maçaneta de latão e a escuridão palpável de seu interior. O banheiro parecia ondular como uma miragem, seja por causa da embriaguez de Humberto, seja porque esse cômodo ocupava ene dimensões no espaço-tempo. Na segunda, o banheiro nem passava pela cabeça de Humberto. Na terça, quando abria a sua porta, sentia um bolo na garganta. Na quarta, ao acender a luz fosforescente, o banheiro se transformava n'*O banheiro*.

Nas tardes preguiçosas de domingo, quando o plano principal era virar o caneco até ser assolado pelas ondas entorpecentes da droga ou por uma cirrose fulminante, o banheiro virara o seu sarcófago. Tudo morria ali. Qualquer vontade, qualquer sombra. Vomitava e lembrava. Vomitava, lembrava e chorava. E queria morrer. Simples assim. Sem figuras de linguagem para complicar o que naturalmente era complicado. Isso, morrer e se ver livre desses choques naturais que assolam a carne. Dormir enfim.

Ele nunca compreendeu porque ele e Marise mobiliaram o banheiro com um boxe de vidro *e* uma banheira. Apesar de sempre ter sido um homem dado a excessos, achava que dispor de duas formas diferentes de se banhar era um capricho desmedido. Bom, nunca questionou Marise, porque nunca questionava Marise. Um pedaço generoso de suas opiniões morria na garganta, seja por medo, seja por vergonha.

A lâmpada acendeu com o clique do interruptor.

A memória subiu espiralando como os vapores de um pântano, estacionando uns metros acima da lâmina pútrida da água e se condensando até formar um fogo-fátuo. De início, esfumado e ininteligível, mas rapidamente ganhando consistência e nitidez. Humberto era uns 10 anos mais moço e estava com as costas contra o mármore da banheira. A luz piscava a intervalos preguiçosos. Sobre os azulejos tão reluzentes quanto esmeraldas, resplandeciam pocinhas ensaboadas que se acumularam quando a água da banheira transbordou. A Marise era a causa do dilúvio. O cabelo castanho-claro estava reunido numa piranha de plástico logo acima da nuca repleta de pintas. Suas omoplatas estavam contra o peito peludo de Humberto. Enquanto ela esfregava os joelhos avermelhados, ele, com as mãos submersas, procurava e acariciava, com movimentos circulares, o ventre de sua esposa.

O verão em Itaúnas chegava ao seu zênite, e as janelas e as telas das portas estavam escancaradas, implorando pela brisa suave da noite. Lara estava no sótão, provavelmente, brincando com suas aquarelas e de fones de ouvido. Ela gostava de ouvir suas bandas de punk rock e rock progressivo no talo, e assim era sugada para seu mundinho de cores frias, quadros

de natureza-morta e revoluções íntimas. Era uma garota que mudava furiosamente a passos lentos. Cada passo, um cataclisma, uma ferroada quente nos lençois da realidade. Uma supernova em miniatura que preenchia de matéria sombras carbonizadas que percebemos com o canto do olho: líquens amarelo-esbranquiçados e vermelhos como labaredas, coqueiros desfraldados pelos ventos litorâneos, samambaias jurássicas e uma floresta de eucaliptos descascados. No verão de 5 anos atrás, o seu hobbie era a produção artesanal de sais aromáticos. Atualmente, era a pintura. Essas mudanças abruptas de hábitos eram circunvoluções de uma adolescente que tentava se compreender e se interpretar.

Marise miava a cada gesto de Humberto, e ele não escutava, dos corredores labirínticos do bangalô, um piu de sua filha. Deveria estar hiperconcentrada em suas efusões artísticas, desenvolvendo ideias como se cultivasse um cérebro numa jarra. Então estava tudo bem. Tudo sob controle…

Os dedos safados de Humberto começaram a escorregar pelo púbis de Marise. *Lara nunca ouviria, não é mesmo?* Os dedos roçaram os primeiros pelos pubianos. *De certo modo, eles estavam seguros, e a porta do banheiro estava trancada à chave.* Ele começou a dançar seus lábios sobre os pelos eriçados da nuca de sua esposa. *E mesmo o barulho não é um problema.* Humberto preencheu uma das mãos com o seio esquerdo de Marise. *Não, não chega a ser um problema de fato.* Quando ele apertou o seio, Marise limpou a garganta, e sua pele ficou momentaneamente arisca, retraindo-se ao toque de Humberto como se agora os seus corpos fossem os polos idênticos de ímãs antes tão acostumados à atratividade magnética.

O rosto de Humberto ainda estava afundando nos cabelos castanhos presos de Marise, que recendiam a sal, shampoo de ovo e nostalgia. O feitiço de sua voz o sequestrou de rompante.

"Sabe", ela sussurrou enquanto colocava mechas soltas atrás das orelhas. O seu murmúrio era o movimento, na maior parte do tempo invisível, de placas tectônicas. "Nunca é o momento oportuno para dizer certas coisas. Trabalho, casa, dormir. Trabalho, casa, dormir. A rotina massacrante de sempre. O problema em ser adulto é que não sobra tempo para ser outra coisa, Beto. É difícil, e estamos carecas de saber". Ela virou o torso nu e ficou olho no olho com Humberto. Suas sardas faziam com que, mesmo com 56 anos, ainda parecesse jovem, muito jovem. "No entanto, nesta noite, eu tomei coragem. nessa noite, eu preciso confessar o meu cansaço."

Humberto, é claro, ficou sem palavras.

"Nós tentamos tratar você. Vivian tentou. Diego também, e agora as consultas psiquiátricas com o Honório. É uma luta. Mas você tem conhecimento de que sua cleptomania é o menor de nossos problemas. Não me importo mesmo que o bangalô fique entulhado de

revistas, caixas amarrotadas e amostras de perfume. Acho até meio útil. Não dá para saber quando precisaremos de uma Makita. Sei que é um problema profundo, Beto", ela apontou para o peito dele, "Sei que aí dentro tem uma corda invisível que te fisga e te puxa para essas situações constrangedoras. É complicado, mas dá pra levar."

"Eu odeio e *me* odeio por te proporcionar esses constrangimentos", disse Humberto com sua voz rouca. "...meu amor", ele complementou.

"Aí está", surpreendeu-se Marise, com jovialidade, espargindo espuma, água e sombras na cabeça de Humberto. Com uma expressão de pesar, ela disse: "O ato falho."

"Não compreendo", disse Humberto, franzindo o cenho.

"Meu amor. Você fala, mas não está falando de fato. O 'meu amor' vem depois. E não pense que estou maluca. Talvez essa seja a melhor indicação de sua ausência. Sim, Beto, *ausência*. Desde quando casamos, você sempre transparece alheamento. Às vezes, até parecia alienígena nos jantares que íamos. Nós estávamos conquistando as coisas, e você sempre parecia insatisfeito. 'Mas com o quê?', eu me perguntava. Casa, carro, um bangalô, o litoral de Itaúnas inteirinho para nós. Demorou um casamento inteiro, mas finalmente entendi."

O coração de Humberto bateu como o obturador de uma câmera, registrando o rosto emoldurado por fios molhados e o sorriso lépido — mas triste na essência — de Marise. Ele não sabia, mas já estava chorando. A primeira lágrima que cai é sempre invisível.

"Aí vem bomba", ele disse engasgado. Colocou as mãos diante do rosto como que para se proteger dos fragmentos de uma granada.

Marise não achou graça. O buraco era mais embaixo.

"Você é obcecado por tomar. Você nunca fica satisfeito. Não sei se em alguma vida anterior, você foi Alexandre, o Grande ou Ivan, o Terrível. Existe algo em seu DNA, Beto, que não consegue ficar em paz. É uma parte destrutiva. Você quer se agarrar a tudo, mas acaba se agarrando a nada", Marise pousou os dedos nos lábios arroxeados do marido, "Não, não me interrompa. Não dessa vez". Ela buscou ar para continuar. "Também não me olhe assim. Não sou a megera que você pensa que sou. Não sei se os antipsicóticos não fazem efeito ou se você é resistente demais à psicoterapia e à hipnose. Ou em geral à *mudança*. Esse casal, eu e você, já tentou de tudo, pulando de galho em galho como dois macaquinhos ansiosos, tentando consertar um defeito de fábrica, mesmo que fora da garantia. E, agora, estamos na casa dos 60. A pior do tabuleiro. Nem velhos demais, nem suficientemente jovens para cuidar de uma adolescente em crise. Por que tomamos decisões quando já é tarde? O fim da vida é logo ali. Mas é o começo da vida de Lara, e ela precisa de uma mãe, compreende? Não consigo ser babá

de duas pessoas. E, agora, você está realmente me olhando torto, então acho mesmo que você deve estar pensando que sou uma tremenda filha da puta."

"Não, filha da puta não. No máximo, canalha. E confusa", disse Humberto.

"Ah, não importa. O que importa é o seguinte, *meu amor*…"

"O cinismo é mesmo necessário?"

"Me desculpe. É difícil pra mim."

"É difícil pra mim também."

"Certo."

Marise voltou a ficar de costas para Humberto. Agora, a água da banheira estava glacial. Na superfície, um gelo fino se solidificava e nele os dois patinavam. Seus corpos já não se tocavam, e as paredes do banheiro se aproximavam. "Não pare, por favor", implorou Beto. "Tire rapidamente como um band-aid."

"Eu não consigo mais, Beto. Você vive em seu próprio mundinho colorido, colecionando objetos que encontra na rua como se fosse o mesmo menino de sempre que encontrou o relógio perdido nas dunas de Conceição da Barra e que colecionava conchinhas, pedrinhas e canudinhos. Sei que não é culpa sua, mas também não é culpa *minha*. Estou sozinha nesse casamento largado às traças. Só, profundamente só. Sou uma estrangeira na minha própria casa e com uma filha autista estrangeira nesse mundo. O problema central, Beto, é que, ao longo dos anos, você depositou pequenas doses de sua energia nessa coleção de objetos como se fossem amuletos, e agora você é somente uma casca do homem com o qual me casei. É como um fantasma vivo, e seus dedos espectrais tocam minha nuca e eu me sinto uma…"

"Uma o quê? Diga."

"Uma das suas coisas."

Humberto, apesar de cultivar paciência enquanto sua esposa lia a lista de acusações, interrompeu Marise porque sentiu que era seu dever moral demonstrar que estava contrariado, ou até mesmo ofendido, e replicou: "Olha aqui, eu também preciso falar umas coisas. Você não pode simplesmente ir decidindo assuntos que envolvem ambos, Marise…"

"Beto."

"E eu não posso, nem devo, é claro, acatar tudo que você diz como se eu fosse a porra de um túmulo."

"Humberto."

"Não sei onde você quer chegar com essas baboseiras."

"Amor!"

Ele ficou atônito com o grito pouco comum e interior.

"Isso foi decidido no momento em que você colocou um anel no meu dedo", Marise começou a chorar silenciosamente. "E você sabe disso. Sabe bem disso. Você não vai melhorar, Beto. Não a tempo, querido."

Humberto ficou uns 5 minutos em silêncio total. Ele sentia que seu coração estava sendo envolvido por dedos longos e gélidos que se assemelhavam aos dos fantasmas de Shakespeare. O espanto da situação espremia dele qualquer vontade de refutar Marise. O ânimo catatônico. A miopia diante de situações assim tão delicadas e feéricas. O que doía profundamente é que ele sabia que o que sua esposa dizia era a mais pura verdade.

"Posso soar repetitiva, mas a cleptomania não me afeta diretamente", ela fungava e confidenciava com palavras cinzentas como as das noites sem lua, "mas afeta o homem que eu amava e afeta o amor bonito que havia entre nós. Não me importei quando você roubou minha atenção no campus da UFES, quando éramos dois cordeiros ao ar livre, explodindo de vontade de sair, beber, transar e querer como se fôssemos os últimos humanos sobre a Terra. Não me importei quando você roubou minha mão, ou quando roubou meu dinheiro suado. Também não liguei quando você sequestrou meu útero, sua propriedade, e pôs em mim, primeiro, um filho natimorto, e, depois, como se não bastasse, uma filha que está se transformando numa mulher esplêndida, mas que não consegue se adaptar a essa realidade caótica e ainda precisa de uma mãe. Não me importei quando você afanou as horas do meu dia para cuidar de um bangalô bagunçado, de um casamento bagunçado, de uma rotina bagunçada. Porque eu te amava. Porque ainda amo", Marise uniu as palmas das mãos, como se orasse ou esperasse ser algemada por seus crimes insólitos. A água da banheira estava petrificada. O momento parecia eterno. "Agora, há algo que você roubou de mim que não sou capaz de perdoar. Ah, isso não. E isso não vou te dar o prazer de saber. Até porque já não importa. E, entenda, bastava ter pedido, Beto. Bastava ter pedido."

"Por que não importa?"

"Porque acabou."

"Você não vai me dar uma justificativa mais honesta, Marise?"

"Não."

"E posso saber por que não?"

"Vai que você rouba isso de mim também, não é mesmo?"

Humberto deixou a cabeça cair sobre o ombro esquerdo e ficou encarando um ponto vago, perto do lavabo. Em seguida, ele sentiu ondinhas quebrando contra o seu peito quando Marise se ergueu e saiu da banheira. Ela entrou no boxe e arrastou a folha de vidro. "Os papéis

estão na mesa de centro", disse. Simples assim. Não hesitou ao abrir o registro da ducha. Veio, viu e venceu.

Nos dias seguintes à rubrica na papelada, o bangalô foi subtraído de uma parcela ínfima de seus pertences. Contudo, os espaços vazios deixados para trás eram bocas feias, desdentadas. De madrugada, sussurravam palavras peçonhentas que tiravam não só o sono de Humberto, mas qualquer resquício de paz de espírito.

Mas, no final das contas, Marise estava mais ou menos certa. Nas semanas seguintes, Humberto conseguiu se convencer, por meio de uma autossugestão violenta, de que pouco ou nada havia mudado em sua residência. As saudades da ex-esposa, escondeu numa esquina recôndita de sua memória, como o que fazemos a um par de meias que ganhamos de Natal e que empurramos para o fundo de uma gaveta empoeirada, do lado das pastilhas de naftalina. Ele começou a sentir falta da esposa do mesmo modo como sentia falta de sua infância na casa dos avós em São Mateus. Eram memórias que se distanciavam à velocidade da luz, perdendo-se no multiverso fantasmático da rememoração e da reconstrução. O casamento deles era como o gato de Schrödinger: se casaram, mas nunca foram casados, se amaram, mas sem serem amados. Quem saberia dizer o que restava do matrimônio original? Eles ainda eram as mesmas pessoas que tomaram a decisão de se unir décadas atrás, com 30, 40 anos e já tão velhos para tal empreitada? Não, óbvio que não eram.

O que restou para Humberto do casamento foi uma polaroide de Lara aos 5 anos. Ela estava dependurada num balanço e sorria como um esquilinho. No bolso da jardineira jeans suja de lama e gravetos, Marise havia bordado o Pluto. Para Humberto, Lara era como uma filha proibida. Uma que nunca se permitiu conhecer por inteiro. E, claro, ela foi embora com a mãe. Ele não sabia especificamente o que sua filha pensava sobre o pai que vivia alienado da realidade, perdido em sua imundície, sequestrado pela futilidade de inutilidades, mas apostaria o rim esquerdo em que, apesar de também ser uma obcecada confessa, acompanhava a relatora, Marise. Devia pensar que Humberto era um pai ausente porque de fato ele era.

E, enfim, solitário, divorciado e apartado de tudo, ele conseguia dimensionar o quanto sentia falta da filhota e da esposa, mas principalmente de Lara. Recentemente, passava as noites em claro imaginando todas as possibilidades que abriu mão de viver com ela. Marise e ele tinham uma história. Um enredo fechado. Viveram o que viveram. Por outro lado, ele e Lara? A pequena Lara? Como fora estúpido. Como tomara as piores decisões, consciente ou inconscientemente. Humberto nem mesmo tentou correr atrás da própria prole, seja por profunda vergonha, seja por inabilidade parental, seja por ser um humano disfuncional.

Nessa brincadeira, passaram-se anos, e nada melhorou. Absolutamente nada. Ele era um ladrãozinho incorrigível. Um vampiro que sugava tudo e todos e que, atualmente, gozava de tempo de sobra para nunca conseguir gozar com as putas de beira de estrada que levava ao bangalô. Não conseguia porque a dor nunca dava trégua. O que restava era a autopiedade, a cachaça e o LP do Elvis, rodando num loop infinito sob a agulha do tempo.

O mais engraçado, em sua vida, é que o feitiço se voltou contra o feiticeiro. Ele fez tanto esforço para ter tudo, e realmente conseguiu tudo, para, no capítulo final, no último ato desse teatrinho, ver-se distanciado do seu bem mais precioso, que, durante sua história criminosa, foi incapaz de perceber. No momento derradeiro de sua vida, a sua pérola foi roubada. Restavam as lembranças fugidias e azuladas e uma concha vazia e leitosa no leito do oceano Atlântico.

Humberto desligou o interruptor do banheiro, fechando as cortinas e permanecendo nos bastidores. No batente da porta, hesitou por dois ou três segundos. A corrente de ar gélida da madrugada sibilava através das basculantes. Ele entrou no cômodo penumbroso com passos vacilantes e as selou de uma vez por todas. Também fechou o espelho-armário que a brisa teimava em abrir. Nas raras noites em que conseguia pegar no sono, as portas do espelho batiam e Humberto acordava com o estrépito vítreo como se finalmente houvesse chegado seu fim. Porém, para o seu azar, nunca chegava.

Ele seguiu pelo corredor estreito, apagando as lâmpadas e fechando o trinco das janelas dos outros cômodos entupidos de porcarias. Pegou o copo vazio de cachaça, levou-o à pia e o lavou com detergente. Na geladeira, não havia comida estragada. Retornou aos cômodos, um de cada vez, removendo as sacolas cheias das lixeiras. "Que coisa", ele pensou. Fez a cama e a barba e aspirou o carpete da sala, limpando atenciosamente debaixo da mesa de centro, o algoz de seu divórcio com Marise.

O relógio digital sobre o rack marcava 3:45 da matina. No dia anterior, ele consultara em seu smartphone que o dia atual seria de ressaca: o ingrediente perfeito para suas pretensões. O seu coração vacilava, é claro. A região mais antiga do nosso cérebro, onde ficam os estímulos de fuga ou luta, combaterá qualquer intenção homicida ou suicida. O corpo humano quer prevalecer apesar de a mente querer derreter. Entretanto, mais frequentemente do que o saudável, a mente subjuga a matéria, e nossos impulsos esquizoides nos levam a cometer atrocidades, obscenidades e injúrias. É sabido que isso não é exclusivo de Humberto. A mente é um troço poderoso. *Mind over matter, baby*, já diria Isaac Newton, ou Mahatma Gandhi, ou Fernando Henrique Cardoso. A verdade é que já não era tão relevante assim.

O bangalô estava recheado por pilhas colossais de objetos furtados, roubados e afanados. O mostruário de uma vida de crime. Pobre Beto. Se resolvesse levar tudo ao oceano,

provavelmente levaria algo em torno de um ou dois séculos. Logo de cara, precisava se desfazer de parcela considerável de suas relíquias. Ele sentia pontadas esquisitas atrás das orelhas e soluçava um pouco. Sua testa e as laterais do rosto suavam em bicas. *Puta merda*. Seria melhor assim. Seria melhor assim… O que fez foi dar tchau aos seus pertences mais mundanos. O *crème de la crème* entregaria, junto de si, ao mar de Itaúnas. Sobre a cabeça de Humberto, desabou uma montanha de dor psíquica. Tal qual um homem doente, ele sentiu que um tumor era expurgado a navalhadas de seu abdome. O cessar de um vício é um acontecimento que se assemelha a ter uma perna mutilada sem anestésicos. Ou a ser castrado com um bisturi oxidado e incandescente. Ou pior do que isso. Ele apertou as laterais da cabeça. Os objetos passavam em sua mente como num filme acelerado.

Revistas gibis balas bonecos eletrodomésticos chinelos tênis Rebook botas de acampamento Caterpillar lanternas descartáveis bolas de futebol bolas de rugby bolas de basquete furadas pneus miniaturas de carros iluminuras conservadas pés de coelho serpentes sepultadas em jarros de formol bicicletas Caloi um triciclo multicolorido um quadriciclo azul e rosa fitas cassete um cacete de plástico um plug anal verde-oliva dezenas de playboys temperos alecrim manjericão um pote de pistaches um pote de amêndoas bolorentas computadores Positivo notebooks Iphones smartphones Motorola celulares Nokia um boné do Fluminense pranchas de surfe um mostruário de iscas o bestiário de Borges o Conde de Monte-Cristo uma coleção de livros lidos uma outra coleção de livros ainda não lidos enfeites de Natal enfeites de Páscoa quilômetros de pisca-pisca mobília dos pais mortos documentos de cem anos atrás uma poltrona cor de creme um copo vazio de cachaça uma mesa de centro infernal um contrato de divórcio um casamento arruinado uma mente doente uma compulsão virulenta Marise ai Marise me desculpa me desculpa o seu marido foi um homem fraco ex-marido a polaroide de Lara suas pinturas tão brilhantes Lara Lara Lara…

Sua filha perdida.

O plano de Humberto era chorar o que tinha para chorar e reunir o que tinha para reunir. Subiu ao sótão, onde sua filhinha pintava aqueles quadros abstratos, repletos de significados do universo, e pegou uma porção de caixas de papelão, sacos plásticos e fita isolante. Ele juntou somente o que era mais importante: os seus livros e discos favoritos, um cachecol que fora presente de Marise quando viajaram à Vancouver, o horizonte de destilados e vinhos, a fotografia e algumas pinturas de Lara e, sem dúvida, seu documento de identificação — não era seu objetivo tumultuar a vida dos bombeiros e da polícia de Conceição da Barra e região.

Não queria aparecer nos jornais do Espírito Santo; sua vida simples dispensava letras garrafais. Poderia ser simplesmente mais um dado nas subidas e descidas de um gráfico obscuro do IBGE. Sem fazer carnaval fora de época. Timidamente sussurrado entre paredes, ou narrado ao redor de uma fogueira, num camping no Pico dos Bandeirantes, sob a aurora boreal, como

se fosse o folclore de um tempo imemorial. Ninguém precisava lembrar. Ninguém precisava esquecer. Nesse momento de sua vida, Beto só queria morrer.

To sleep. No more.

Em paz.

Humberto empilhou as caixas e as sacolas no carrinho de mão que estava largado no meio das roseiras do quintal (meu Deus, é claro que ele tinha um). O perfeccionismo suicida fez com que ele conferisse se a porta da frente estava fechada corretamente uma dezena de vezes. A torre do arquimago, repleta de códices arcanos e papiros mitológicos, estava finalmente selada. Nem um conventículo de bruxas seria capaz de conjurar um pentagrama capaz de sugar sua maldição. Nem uma missa negra, nas quais as pessoas mijavam em ídolos e rezavam enquanto plantavam bananeira. Nem mesmo os mestres da biblioteca de Alexandria possuíram o código que quebraria o enigma de um palimpsesto tão quimérico. Há certas coisas na vida que não podem ser resolvidas num passe de mágica. O luto, o pesar e a melancolia são feitiços irreversíveis que alteram profundamente a configuração da mente. A morte é a magia que muda uma vida, para o bem, ou para o mal.

A morte é a única magia possível.

Entre o bangalô e a extensa faixa de areia da praia, havia um labirinto de eucaliptos magricelos. O cheiro pungente de resina materializava imagens, na mente de Humberto, dos perfumes florais de Marise e das nas naturezas-mortas de Lara.

Quando saiu da floresta, os raios desmaiados do amanhecer quase cegaram Humberto, que, por um nanossegundo, ficou desesperado. Era o momento do *grand finale*, assim, ele precisava dos olhos para ter sucesso em seu exorcismo dessa realidade. O lado ancestral do seu cérebro nutriu, por uns instantes, espasmos de esperança de que Beto interromperia seu plano. Contudo, ele estava energizado pelo pesar e ansioso por um capítulo final repleto de significado, como as obras de Lara. Ou era novamente sua razão sendo atacada pela necessidade de controle? Ou a cleptomania abrindo as asinhas e querendo roubar sua própria vida? Ele torcia para que a morte interrompesse sua mente adoecida. Já não era capaz de sustentar essa enormidade de caos mental.

Ele não seria demovido de sua vontade de encerrar sua própria vida, proporcionando fim à dor. Dando um encerramento digno, enfim, para uma história que foi longa demais e esgarçou o modo como percebemos a passagem do tempo. Humberto era velho, mas se sentia velho *em demasia*. Ele colecionou vivências, experiências e evidências *em demasia*. O que ele sentia era um cansaço da vida em si. Era um homem esgotado, encardido e eternamente enlutado. Um homem vítima do Tempo e filho das Circunstâncias. A medicina psiquiátrica não teve êxito ao

abraçar suas neuroses, solucionando suas doenças psíquicas. Humberto se sentia mental e fisicamente arruinado. Era um cachorro atropelado agonizando sob o Sol escaldante da BR-101. Enquanto ele acompanhava o Sol se erguer no Oriente encurvado, ele torcia profundamente para que a hemorragia cessasse, que o sangue dourado parasse de gotejar do fígado empalado de Prometeu. Colecionou demais. Roubou demais. Transou demais. Sofreu demais. Viveu e sentiu até que não vivesse e não sentisse mais nada. E tudo bem. Humberto estava aceitando a derrota. Ele estava cansado de arguir, persistir, lutar e gritar com o modo como as coisas funcionam nesse planetinha e em todo o Universo, provavelmente. Era uma aposta. A vida é uma aposta e vertigem. A vida também é náusea. É um trem lotado de passageiros do passado, presente e futuro prestes a descarrilar. Humberto não queria pagar para ver. Queria sentir, pela última vez, a adrenalina que obtia de situações nas quais furtava e roubava. O *estar vivo*. Estar vivo enquanto morria. É aqui que mora o xis da questão. As vontades, os desejos e as obsessões que são extensões do que chamamos de Vida. E o suicídio também. É uma jogada cantada: tirar a própria vida. O chororô que vem na sequência. Um corpo morto boiando. Ninguém saberia. Ninguém nunca descobriria o que Humberto sentia ao possuir o que não era seu. E assim terminaria a vida de um homem. E assim continuaria a vida de Marise e de Lara.

Com água na altura dos tornozelos, Humberto derramou, caixa após caixa, na água alcatroada e borbulhante, os pertences mais importantes que colecionou ao longo de seus 60 e poucos anos. Inicialmente, como era dia de ressaca, dada a violência das ondas geladas, os objetos insistentemente eram regurgitados na areia farelenta e avermelhada. Os siris surgiam de buracos inundados e cutucavam com suas pinças de madrepérola os artefatos de Humberto. Ele passou um bom tempo devolvendo ao oceano o que ele insistia em vomitar, como se não aceitasse ser cúmplice do crime adstringente de Beto. Depois de uma hora e vinte minutos, ele conseguiu se livrar de cada um de seus pertences. Em poucos minutos, alguns afundaram e sumiram enquanto outros boiavam aqui e ali. Enfim, era hora de fechar as cortinas do teatro. Foi bom enquanto foi bom. Ele se despiu, fez uma concha com as mãos, jogou uma cortina de água espumosa nas faces e começou a caminhar sob as águas. Os passos eram lentos; estava curtindo cada milissegundo da vida que escolheu deixar para trás, dando tchauzinho pelo retrovisor do carro que acelerava madrugada adentro. Rapidamente, a água batia na altura do esterno: o lugar onde seu coração sobrevivia e no qual Marise descansou a cabeça antes de lançar seu ultimato — do qual era agente, mas não arquiteta — em outra era, em outra vida. Agora, somente o pescoço e o rosto de Humberto estavam acima da lâmina perturbada do oceano. Ele impulsionava o corpo a intervalos regulares para não ser engolido pelas ondas. De novo, o estímulo do corpo vivo. Mera bobagem. Ele caminhava, sumia nas ondas e caminhava um pouco

mais. O sol estava gordo, lindo, divino. O céu rosa-pálido, meio amarelado, cortado por estrias cor de fuligem e brilhante e suspenso por cordas invisíveis como um fogo-fátuo. Finalmente, os pés de Humberto foram engolidos por um buraco. O seu corpo submergiu e, logo, ele sentiu as primeiras injeções de água salgada em seus pulmões envelhecidos. Estava cercado por cortinas revolutas, cor de piche, borbulhantes. Ele pisou num ouriço, assim, quando soltou um grito surdo, os pulmões foram imediatamente preenchidos pelo mar gelado. A superfície parecia a quilômetros de distância, e o Sol se fractalizava em luz branca. Os nervos de Humberto começaram a suavizar, e os músculos das coxas e das panturrilhas pararam de lutar. Em meio aos seus pertences que boiavam, tão valiosos, tão mesquinhos, tão pueris, o seu corpo começou a despencar em direção ao leito do Mundo, à sua residência final. Os fragmentos de sua mente viciada e entorpecida se rearranjaram e se colaram, ganhando, depois de décadas acumulando neuroses como um ralo de banheiro acumula fios de cabelo, uma unidade coerente. E agora estava claro, muito claro. Ele se rendia ao mundo etéreo. Finalmente estava conseguindo abrir mão da matéria. E assim Humberto pôde adormecer sobre as almofadas e lençois cálidos da Morte. O seu jazigo merecido.

E bastava ter perdido, Beto.

O confronto final

"Deve-se aprender a viver por toda a vida e,
por mais que tu te espantes, a vida toda é um aprender a morrer."
Lucius A. Sêneca

Nagib Abdo

Tão logo abri os olhos, entendi que aquele era o dia do confronto final. Morava sozinho em meu apartamento, desde que me lembro. Levantei-me e caminhei até a cozinha, onde ingeri medicamentos, como em um dia ordinário: o comprimido amarelo para diabetes, o branco para acalmar a pressão, alaranjado cuidando da arritmia cardíaca e a cápsula de duas cores mantendo o Alzheimer sossegado. A lista de fármacos e afazeres, aderida cuidadosamente ao armário, próxima ao filtro de água, oferecia-me certa autonomia e confiança. Ainda não estava senil de todo, acreditava. Fiz a barba mirando o reflexo, tomei um banho demorado, vesti-me como de costume e, mesmo antes de ir à padaria da esquina tomar o café matinal, logrei recordar do enfrentamento que me aguardava.

Retornando à casa e ao espelho, desandei a observar-me, meticulosamente. Os cabelos perseveravam, devidamente grisalhos. Uma cabeça de cotonete emoldurando rugas, denunciando a evolução da idade, como um carimbo inconteste em foto de passaporte. Médico aposentado, quarenta anos de ofício, compreendia com serenidade o transcurso implacável do tempo sobre nossa configuração, desgastando órgãos e escamoteando as feições originais. O definhamento nunca vem só. Envelhecer, malfazejo por si só, possui vários aliados poderosos. A gravidade participa, incontinente, do processo de arrasamento, doa a quem doer. As bochechas despencam, assistidas pelas orelhas; sobrancelhas, pálpebras, dorso do nariz e o infame queixo duplo criam o singular aspecto triste e sinistro do vetusto. O cintilar do astro rei apura o acabamento, instigando o surgimento de manchas, pintas, sardas, mucosas ressequidas e cútis fosca e áspera. Gordura facial e ossos também desistem do barco que soçobra, como o fazem os ratos. Cismas, sentimentos amargos e ruminantes, anatomia emocional errática, peculiar a cada indivíduo, agem como um ardil, cilada que nos amesquinha. Habituara-me a sentir orgulho das marcas do ocaso, todavia, depois de algum tempo, passei a vê-las com desconfiança, como testemunhas de ignomínias que desferi contra desafetos ou mesmo simples descuidados. Deixei de aceitá-las pacificamente, dedicando-lhes rancor, até mesmo asco. Desde sempre entendi minha atuação mambembe nessa encenação grotesca, equivocada, utópica,

disfarçada de existência. Enfim, nem mesmo minhas entranhas mais furtivas conseguiram se esquivar.

Decidido a despedir-me dessa imagem, pus-me a memorar os pais, irmãos, amigos queridos da infância feliz, dos desafeiçoados e da enxurrada de pessoas que cruzaram minha vida, algumas desfrutando de valor, outras, em sua maioria, insípidas, desengraçadas, desincorporando períodos exageradamente longos, preciosos, de minha vivência. Também recordei a querida biblioteca, reduto de centenas e centenas de livros lidos, relidos, fantasiados e gravados, hoje escombros literários, que pouco ou nada haviam acrescentado à minha fosca história. Grandes clássicos sacramentando e reiterando o óbvio, a insensatez. Sem relutância, havia desfeito de tudo apropriando-me, sem ilusório pudor, unicamente da certeza do quanto era probo.

Depois de observar atentamente o que sabia já estar velado no coração, retoquei o traje, aprumei-me e lancei um olhar diligente à réplica da espada de Damasco, fixada em minha sala de estar, sob a qual se lia, em discreta placa de aço escovado: "...cuidado com o derramamento de sangue - sentir prazer ou torná-lo um hábito - pois o sangue jamais descansa..." sultão Saladino. Linda recordação do sabre, de aparência única, com padrões distintos de faixas e manchas que evocam o fluxo da água; lâmina extremamente afiada, grande resistência e elasticidade, forjadas no Oriente Médio a partir de lingotes de aço de Wootz e que, no século XII, tanto acovardaram os cruzados invasores.

Por descuido da memória, esqueci-me de empunhá-la, como planejado, e sai para passear a esmo, transitando por ruas que mal conhecia ou, sequer, para onde me conduziam, mercê das reminiscências. Semblantes desconhecidos. Não mais que vultos, visões céleres a desvanecer no nevoeiro, como as que avistamos através das janelas de carros e ônibus em rápido movimento.

Subitamente, dei-me conta do que havia motivado minha jornada, essa aventura insana pelas ruas das redondezas: o confronto final. Previa, com a expertise de um fatídico, que aquele seria meu último dia de vida. Só não recordava mesmo o que saí para confrontar. Talvez pequenos feitos, lugares queridos, resgatando memórias que não mais conseguia controlar. Medicamente, entendia exatamente o que estava a me devorar. Reconhecia os sintomas: perda da memória recente e da capacidade em reconhecer caminhos já trilhados; sentimentos desconexos, irritabilidade, agitação, insônia, alterações auditivas e visuais, passividade e isolamento. Astuciosamente, havia me afastado da família e amigos, ajeitando o caminho como me convinha. Ainda no estágio inicial da doença, conseguia enganar razoavelmente bem aos

demais. Devaneava com frequência, entretanto, recuperava-me a seguir, para ficar perdido e confuso novamente, nesse vaivém entre a demência e a aparente lucidez.

Abruptamente, como se um semáforo rubro ordenasse, travei e virei-me à direita. Reconheci de imediato o imponente conjunto da Faculdade de Medicina, onde tantos anos especulei compêndios e analisei cadáveres. Nenhuma sensação incomum me atingiu naquele átimo. Olhando, porém, à minha esquerda, fui seduzido por uma edificação magnífica, em arquitetura barroco-rococó, em pedra-sabão e fachada típica das igrejas coloniais de Minas Gerais. Azulejos, de inspiração portuguesa compunham a construção. O coração, lépido e constrito, parecia prestes a estourar. Colégio querido, onde, certamente, experimentei inúmeros e ternos anos da infância. Aproximei-me da grade lateral, comovido, fascinado, inerte mesmo, quando um adolescente se aproximou e dirigiu-se a mim.

— Tudo bem, velho? Parece ter visto fantasma - falou com feição debochada.

— Estou bem, jovem, não esbarrei em assombração - respondi. - Apenas em mim mesmo, correndo por estes pátios, fazendo proezas - complementei saudoso.

— Gente! Corre aqui - gritou o menino. - O idoso está com Alzheimer.

Depois, afastou-se ligeiro, gargalhando. Não fiquei amolado. Quando criança, muitas e muitas vezes afrontei centenários, chamando-os de caducos, gagás, corocas e outras grosserias. Alzheimer era quase um elogio.

Numa trégua da deslembrança, voltei-me mais uma vez ao propósito inicial: o enfrentamento, fosse qual fosse a contenda. Caminhei resoluto, pausadamente, como se soubesse para onde ir, observando, admirando mangueiras em flor, encantado com o vaivém de carros, coletivos, pessoas apressadas em alcançar seus objetivos, invisíveis para mim. Surpreendi-me sorrindo, franzindo o cenho, falando sozinho, cumprimentado desconhecidos, esfregando mãos e dedos freneticamente. Ansioso e inquieto, tentei afagar a cabecinha de uma criança, ternamente; a mãe a afastou, receosa. Faria o mesmo diante de uma criatura decrépita, embolorada, desalinhada, talvez perigosa. Perseverei na peregrinação, ciente do meu propósito que, por impulsos do destino, não memorava exatamente qual era.

Viajava, cada vez mais lento, até avistar uma bela e admirável igreja, a pouco mais de cem metros. Ofegante, estanquei por instantes, confiante de que as lembranças me alcançariam. Estranhamente convicto, identifiquei aquela capela. Casei-me lá. Meus filhos ali foram batizados. Muitos dos meus transpuseram aqueles umbrais sagrados. Quieto por algum tempo, algo trêmulo, dirigi-me para seu interior, até que uma figura enorme, negra, empunhando uma catana, interceptou-me.

— Deseja algo? — Perguntou o gigante. – Posso ajudá-lo, senhor?

Acautelei-me por instantes depois, ousado, pronunciei-me.

— Você é negro como São Benedito, mas não me parece cozinheiro. Empunha uma espada de Ascalom, como São Jorge, tampouco pareço um dragão. A que veio afinal? — Inquiri, buscando, em vão, sacar o sabre de Damasco e intimidar o cruzado.

De um sorriso largo, de dentes grandes e brancos, surgiu a resposta.

— Patrão, não sou nenhum santo e minha espada é uma marreta. Nada mais que isto. Trabalho como pedreiro na reforma da igreja. Posso ajudá-lo? - insistiu. Parece confuso!

— Não senhor! Confuso? Talvez um pouco. Obrigado e desculpe. Belo trabalho o seu. Linda catedral. Agradeço a dedicação. Ela merece. Vou retornar para casa. Um pouco cansado, certamente. Fique com Deus! - Despedi-me, absorto.

Rápido, como supunha ainda ser, alcancei o apartamento, despercebido do tempo e trajetos percorridos. De soslaio, olhei para a espada de Saladino e sorri, carinhosamente. Meio-dia e a merenda me aguardava. Optei por uma refeição ligeira. Despi-me como de habitual, dobrando escrupulosamente a roupa, depositando-a sobre a poltrona do quarto, escoltada pelos sapatos e meias, simetricamente dispostos, pronto para o cochilo da tarde, abrigado pela manta preferida.

Aquecido e confortado, passei alguns minutos ocupando a mente com reflexões erráticas, satisfeito por ter encaminhado a contenda ao seu final, seja ela qual fosse. Contudo, antes de selar definitivamente os olhos, julguei descortinar o futuro, percebendo uma luz mortiça, tênue, pálida, quase imperceptível, esvaindo-se morosa, cautelosa e agonizante, estranhamente fugaz.

O semáforo, estagnado no vermelho, categórico, intimava parada obrigatória. O confronto final havia atingido o seu desfecho.

Olho mágico

Nicolas Malucelli

Pela minha janela não vejo senão estilhaços. O telhado de uma igreja, copas de árvores, prédios em pedaços, interrompidos uns pelos outros. Junto ao muro há um hotel cheio de janelinhas quadradas. Em cada uma há um retalho. Metade de uma cortina, um vaso sem flores, um relance de um quadro pendurado na parede. Enrolados em lençóis, contornos do que adivinho serem corpos. Pernas postas lado a lado, braços e cabelos pendendo à beira da cama. Algumas janelas estão escuras e outras refletem luzes não sei de onde. Se tomo distância dos detalhes vejo essa composição de quadrados coloridos. Azulados, amarelos e pretos. Me parece impossível conceber a veracidade dessas visões. Se me perguntarem… Me colocando logicamente, é evidente que posso responder que em cada um desses caixotes vivem pessoas. Agora, acreditar nisso de fato, decantar essa ideia em minha cabeça parece um passo bem mais complexo. Na constância da minha realidade elas não passam de figuras transitórias. A cada vez que olho estão dispostas diferentemente. Dentro de suas molduras, seus arranjos são sistematicamente alterados e se tornam gratuitos. Difícil imaginar que algo tão sem motivo possa ser uma vida. Inclusive, isso complica tremendamente o exercício de me debruçar sobre alguma delas individualmente. Desisto. Deixo meu olhar vagar. Mais ao lado, em uma fresta entre o hotel e um outro prédio, encontro um intervalo de rua. Uma brecha. Uma faixa diagonal que me mostra duas pistas separadas por um poste de luz. Em cima passam carros à esquerda, embaixo à direita. Luzes brancas em um sentido e luzes vermelhas no outro, de modo que o tempo que tenho para ver cada carro é de no máximo um segundo. Não sou capaz de diferenciar suas silhuetas. Elas vão perdendo a definição até se embaçarem como uma sequência de cheios e vazios. Um ritmo que me é indecifrável. Me sinto um leigo a encarar uma partitura. Percebo o desenho de cada uma das notas mas nem suspeito que música possa estar ali sugerida. É tão remota a possibilidade de que passem pessoas atrás desses vidros escurecidos que me contento em acompanhar o andamento.

Pois talvez, nesse momento, o vi. Margeava o muro pelo lado de dentro. Caminhava sozinho e cabisbaixo, como sempre. Eu o vejo há muito tempo. Desde que fui criança. Só que aqui enxergo como ele é diferente do restante. Como se destaca do entorno. Ele é uma coisa em si. Não diria uma coisa resolvida, terminada, mas um ser ileso de certa forma. Nunca entendi muito bem. Sabia que ele andava e olhava o chão e sabia que evitava pisar suas linhas. Contava os paralelepípedos do piso e se frustrava quando era irregular a geometria. Não sei, nem nunca

soube, o que ele faz com o resto de seus momentos. Ali estava ele, bordeando o muro até desaparecer atrás da torre dos fundos. Decidi ver mais de perto. Desci e me posicionei bem ao centro entre as quatro torres. Sentado em um banco junto às árvores aguardei. Logo veio ele, alheio a qualquer desordem. Com os braços rígidos ao longo do corpo, organizava cada um de seus passos. Estendi a palma da mão e lhe fiz um cumprimento brando, cuja resposta foi um aceno brusco com a cabeça. Os olhos oblíquos, ele não desviou a atenção do rumo. Prosseguiu. Depois de alguns minutos, me dei conta de que o trajeto não tinha um destino, tinha um método. Seguindo alguma regra que me era desconhecida, ele volteava cada uma das torres em laço. Com a calma dos séculos, seu foco era apenas aquele. Um passo depois do outro, quase sem dobrar os joelhos. Seguia ereto, o pescoço rígido, certo do percurso. Era como se ele tivesse mapeado o circuito tal um piloto. Antecipava seus desvios, conduzia seus movimentos com antecedência. Controlava sua velocidade à exigência da rota, completava uma curva com a mira na próxima. Sem nunca hesitar. Havia uma grande harmonia em seu trajeto e aquela circulação hipnótica foi me absorvendo. As distâncias eram bem proporcionadas, as transições eram delicadas. Por mais absurdo que fosse aquele ato, nada parecia descabido.

Um momento, sem prenúncio, adentrou uma das torres. Levantei e fui atrás. Atravessei o salão de entrada, passei pelo balcão para os fundos, mas não o encontrei. Ouvi um estrondo abafado. Abri a pesada porta da garagem e desci as escadas. Eu também já ouvira que ele perambulava pelo subsolo. Sem encontrá-lo de pronto, fui me esgueirando por entre os retrovisores enfileirados. Me embrenhei naquele depósito de carros desolhados e um estranho magnetismo atraía meu tato. Assim a sós, me sentia tentado. Vinha com a ponta das mãos até quase tocá-los. Flutuava os dedos sobre as reentrâncias metálicas. Desprotegidas, carentes de seus donos, sem o vigor que costumam exibir. Rodas quietas que não ameaçavam seu habitual perigo. Faróis apagados, esvaziados de qualquer brilho. Toda essa parafernália esquecida aqui, aguardando, me espantava como um despropósito. Nunca tinha verdadeiramente transitado por aqui e, rondando, notei alguns cantos esquecidos. Regiões distantes do trânsito cotidiano onde se amontoam os carros enguiçados. Carros emperrados entre tantos outros que nunca sairiam, volumes mortos cobertos por grossas capas que aqui esperam etiquetados. Cada um acompanhado de sua numeração escrita no piso. Em amarelo - 216; 217. Nesse estado dormente, lembram animais empalhados. Foi quando me ocorreu essa ideia que o vi, no reflexo de uma janela, passar lentamente. Ainda sem pressa, sem destino certo, os braços inertes ao longo do corpo. Fora da superfície, ele toma mais distância das paredes. Prefere desfrutar da amplidão das passagens que a essa hora são só suas. Tem lógica que ele refaça seu traço aqui embaixo. Se ajusta melhor pelos pilares bem enfileirados e aprecia a regularidade das marcações.

É capaz de ser ainda mais preciso, de ter ainda mais controle sobre seus arredores. Incrível que, mesmo protegido, mesmo aqui escondido do céu, não se permite um desvio sequer. Nenhum enfeite. Certo de que ninguém o vê, sorri consigo mesmo quando evita cortar um caminho. Pisca os olhos contente toda vez que resiste em pegar um atalho. São detalhes que talvez ninguém tenha se esforçado em reparar. Acusam seu hábito de bizarrice e desmerecem o capricho. Quem diria. De algum lugar muito distante dentro de mim, quase instintivamente, começo a entender o que ele faz. A forma como ele se move faz cada vez mais sentido e me enche de calma seguí-lo assim calado.

Ao vê-lo demorar atrás de uma curva, segui seu rastro. Passei por entre os estreitos caminhos sobrados entre um carro e outro e, de susto, me deparei com ele e sua espera diante do elevador. Sem saída, fiquei. Ele puxou a porta, entrou e eu entrei atrás. Lentamente o elevador nos fechou e pôs-se a subir. Para ele é natural não dar conta de mim e, com isso, posso examiná-lo bem de perto. Sem nenhum constrangimento. Desta distância vejo como suas unhas não são roídas, como sua barba não precisa ser feita. Acho que há tempos que o sol não toca sua pele. Como de costume, eu olho para baixo e reparo que seus sapatos quase não estão gastos. Vejo de que modo ele respeita a geometria do piso, mas que aqui isso não o tranquiliza. Fica claro que estar parado é angustiante. Ele mal sabe se portar neste cubículo. Não me dá muito espaço e se esforça para garantir o equilíbrio. Estar com os pés bem centrados se torna de fato uma questão de sobrevivência. Ele acompanha, os olhos fixados, conta em silêncio e desenha com os lábios cada andar que subimos. Ao chegarmos, não se despede. Abre a porta, sai e eu refaço passo a passo. Ele se curva, levanta o tapete e desliza a mão até esbarrar em suas chaves. Não demonstra grandes escrúpulos com seu esconderijo rudimentar. Destranca e empurra a porta. Conforme ele gira, giro eu também. Junto à sua sombra.

Do lado de dentro, de um canto, observei-o sumir pelo corredor. Não acendeu as luzes, então tive um tempo em sua sala, acompanhado dos vultos de seus objetos. Sem conseguir enxergar grande coisa, fiquei a ouvir os ruídos de sua vida trivial. Pelos tremores, acompanhava como se movia de um cômodo para o outro. Ouvia o abrir e fechar de suas gavetas, o trancar e destrancar das portas - mesmo sabendo estar sozinho. Prevendo sua chegada, me escondi atrás do espelho. Dali pude estudar, discretamente, a forma como se move. Em casa, não precisa sondar o piso para evitar suas linhas meticulosamente. Aqui não se sente nem repelido nem vigiado pelas paredes. Chega a encostar carinhosamente nas quinas ao fazer suas curvas. Não se acua pelos cantos e passa de um ambiente ao outro despreocupado, sabendo perfeitamente o que esperar. Conhece as dobradiças, pega nas maçanetas sem pudor. Governa o espaço. Era quase mágico como as luzes se acendiam e se apagavam com sua passagem. Demorei algumas

vezes até adivinhar como ele arrastava, imperceptível, o braço pelo interruptor. Ele regia seus gestos de modo que pareciam todos encadeados, todos coesos, concatenados. E quando não havia nada a se fazer, não fazia nada. Eventualmente, se fechou em seu quarto e tive a casa para mim. Sempre com passos finos, percorri os cômodos, um por um, a não ser pelo seu quarto vedado. Me guiava pelo corredor escuro tateando o rodapé. Curiosamente, eu não sentia o ímpeto de mexer nas suas coisas ou de fuçar os armários. Achava tudo bem posto em seu devido lugar. Em um fundo de sala encontrei uma janela. Me deti ao perceber como era diferente da minha. Não pela vista em si, mas pela forma com que a luz entrava. Como se o cômodo tivesse esperado o dia todo até que a noite viesse iluminar o silêncio de seus móveis. Sem surpresas, com a inércia de uma cordilheira, que atravessa imperturbada a madrugada para enfim se afundar na luz serena da manhã. Aqui não há violação. O luar penetra o vidro sem alarde e se apossa da casa. Lembro com desgosto da minha vista desmembrada. Não consigo, entretanto, apontar o que exatamente fazia da sua janela mais quieta do que a minha. Imerso nessa cena decido, pelo menos por agora, ficar.

De início, apenas de noite eu rondava. Reconhecia seu território com cautela e durante o dia me escondia no fundo de um armário empoeirado. O que eu podia ver era só uma faixa de luz que se espremia pela fresta da porta que me fechava. O amarelo do sol que vinha escorrendo até desaparecer. Enquanto ele estava a solta tudo o que eu tinha eram seus barulhos, então me concentrava em entender os seus indícios. Ouvia a disposição de seus andeios e começava a enxergar a lei bastante precisa que ordenava os seus ruídos. Em sua ausência, aproveitava para mapear a casa. Palmo por palmo, cercava sua toca sempre fechada. Desenhava cada uma das quinas, estudava os potenciais esconderijos, calculava o tempo de cada trajeto, de cada fuga possivelmente inevitável. Guardado, nos longos períodos quietos, eu refazia em pensamento a sequência incansável de seu cotidiano. Todas as vezes idêntica. No começo, eu ponderava sobre quais seriam seus próximos deslocamentos e aguardava que a composição de seus sons confirmasse minha previsão. Agora, absolutamente convicto de seu rumo, começo a vê-lo. Em minha mente vejo o volume de seu corpo. Vejo sua forma singular de se mover. Enxergo nitidamente a ilustração de sua silhueta cruzando os cômodos. Cômodos que agora eu conheço de cor. Simultaneamente, ouço os seus passos. Passos contados, que me servem de metrônomo. Sua marcha pelos corredores entra em uníssono com meu raciocínio. Seus gestos não passam de reações do meu pensamento. Preso neste escuro esse é meu grande prazer. Sorrio loucamente ao me sentir o condutor de seus movimentos. Sou eu o maestro escondido, agarrado à partitura invisível de sua vida.

A esse ponto, eu sabia o suficiente. O suficiente para circular pela casa junto dele. Entendi que o melhor para evitar de ser pego de súbito era andar em seu encalço. Sempre um passo atrás. Eu não podia depender de vestígios, pois ele não deixava rastro algum. Nenhuma pista sequer. Me vi obrigado a seguir sua lógica, a medir suas inclinações. Espiava seus caminhos sempre que possível, farejava por onde seguiriam suas pegadas e não tomava o menor dos riscos. Me movia sem o menor dos ruídos e não havia um instante em que eu não o tivesse em meu foco. Naturalmente, me habituei aos seus sinais. Foi deixando de ser um exercício mental para ser um reflexo muscular. Cada vez mais intuitivamente meus pés refaziam sua rota. Com menos e menos esforço, meu corpo imitava os seus meneios. Eu provava a paciência de um relógio atrasado, que não tem pressa em retomar os minutos perdidos. Me tornei seu eco silencioso. Deixei de contar os dias e é esse agora o meu tempo. Um tempo suspenso, abstrato, tão paralelo quanto as espirais que nossos caminhos trançavam pela casa.

Eventualmente, me apossei daquela simetria adiada. Conquistei tamanha confiança naquela posição que comecei a perder o senso de espreita. Desaparecia a tensão. Sabia em quais esquinas me esconder, quais distâncias tomar. Como um caçador que já não depende da caça e, portanto, não sente o desafio. Às vezes tem a presa em sua mira, sabe o cálculo perfeito de sua fuga e, quase entediado, abandona a arma. Se contenta em seguir o bichinho de longe. Com seus olhos agudos, contempla sua fome. Eu o conhecia inteiramente deste ângulo. Atingi a certeza de que este sujeito é incompatível com qualquer perigo que eu corria ao perseguí-lo daquela forma. Ele não hesita, ele não deambula e, acima de tudo, ele não volta atrás. Decido que é preciso mudar completamente de perspectiva. Inverter os papéis é o que me parece alcançar a radicalidade necessária. A partir de então, sou eu que fujo dele. Ao mínimo som do que se assemelha a um trinco, escapo assustadiço. Constantemente em estado de alerta, em uma atitude oposta a toda cautela que fiz questão de tomar até o momento. Me agrada o risco. Sem a constatação redundante de sua presença, sinto-o através da ameaça que me representa. Durmo encostado no corredor e acordo prontamente ao mais sutil rangido de sua cama atrás da porta. Esperando pelos seus retornos posso repousar, mas basta o tilintar de suas chaves do lado de fora para que minhas vértebras fiquem eriçadas. Sinto meu corpo cada vez mais sensível aos estímulos. Vivendo assim, logo me pareceu óbvia a importância de seus costumes para a exata antecipação de seus movimentos. Determinei, portanto, que comeria como ele e que dormiria como ele. Sairia logo antes dele entrar e, assim como ele, não deixaria nenhum vestígio. Olharia pela janela como ele e, quando nada houvesse a se fazer, nada faria - rigorosamente como ele. Eu me esquivava por pouco de seus tempos, me esgueirava por um triz. Inclusive, por vezes me deixava encurralar. Sem rota de fuga, me colocava à pequena distância de um desvio de seu

caminho. Me omitia na medida de um braço esticado, de um excesso de curiosidade, de um floreio, sabendo que ele não teria nenhum. Rapidamente notei como essa mudança aguçava ainda mais meus instintos. Resolvi, por isso, ampliar essa mímica vidente em direção aos seus gestos. Seus trejeitos que eram os responsáveis por sua convicção. O traço retilíneo de seu caminhar era a expressão direta de seus braços rígidos ao longo do corpo. As suas curvas cirúrgicas eram consequência de seu olhar que não pisca. Captei seus acenos, repeti seus sinais, copiei sua postura, refiz sua pose, assimilei sua silhueta - eu era todo justo e cabido. Eu repisava cada passo, reiterava cada inclinação, engolia cada detalhe. Nada era resultado de uma elucubração lógica. Agir de determinada maneira não vinha da memória muscular. Eu me tornava unicamente o sintoma inevitável de tudo ao meu redor.

Depois de muito, estávamos sincrônicos. Eu vivia tudo que ele viveria dentro de poucos instantes. Era seu espelho premeditado. São poucas as existências que permitem essa conformação. Assim como ele não deixa vestígios eu não lhe dou sombra de minha presença. Nenhum indício de vida que seja. É quase como se ele tivesse talhado seus dias para isso. Quase como se ele soubesse… Pois foi justo quando entrávamos no paralelismo indefectível que veio o dia em que ele não apareceu. Esperei horas e não havia fim para o seu atraso. Atribui a ocasião a uma mera eventualidade. Um extraordinário imprevisto. Por falta de outros hábitos, continuei o meu dia como ele o teria continuado. Também para não perder o costume. Mas, passou uma noite e depois os dias foram passando um atrás do outro, e o seu vazio foi aos poucos corroendo minha solidez. Se já não era algum incidente isolado, havia de se tratar de uma mudança bem maior, a qual ainda era desconhecida de minha parte. Vasculhava todos os cômodos repetidamente, desconfiando incessantemente da minha minúcia ou da minha memória. Varria os quartos desesperado para encontrá-lo. Verificava até meus próprios esconderijos. Examinava cantos esquecidos, fundos de armário, olhava embaixo dos móveis. Nada parecia absurdo a não ser a possibilidade dele estar dentro do seu quarto, fechado e trancado como sempre. Eu me certifiquei de que ele saiu. Ouvi as portas batendo e sei que ele deixou a casa. Desamparado, perdido, sentei na sala de estar. O sentido de meus momentos estava oco. Perdi minha sombra. Retomei a consciência e me vi sem saber o que fazer dos meus olhos. Estava muito agitado para tentar dormir e também não conseguia simplesmente repousá-los sobre um objeto qualquer. Me veio a ideia da janela e me vi terrivelmente exposto. A luz inundava minhas pupilas e eu me sentia invadido. Desviei o rosto, fui arrastando o olhar pela parede, pela porta e me deparei com o olho mágico. Instantaneamente um imã. Meus membros foram induzidos, meu corpo foi atraído até ele. Agarrei o batente com as duas mãos, grudei o rosto na porta e me enfiei no olho mágico. A margem preta em torno do visor circular me protegia, uma moldura densa. Eu via o

hall de entrada completamente convexo, as paredes brancas curvadas e a porta do elevador distorcida. Difícil dizer o quanto fiquei nesse ponto de vista, mas, durante aquele tempo, meu mundo era um globo vítreo. Nada além daquela esfera ocular envidraçada. Quando já não havia questão de comer, de dormir, apenas permanecer vigiando, aguardando pela sua pessoa. Colado nessa mira, apontado para a fenda escura do elevador, fixo a sua imagem em minha mente. Vejo seu contorno embaçado surgindo pela abertura, abaixando lentamente e procurando as chaves por baixo do tapete. Quando se levanta tem o rosto de frente para o meu. Sua cabeça arredondada ocupa meu campo de visão. Como está distante sua feição de minha memória. Não consigo concretizar sua aparência. Há muito não sou eu quem vê. Não posso estimar o tempo passado desde o seu sumiço, pois é o próprio o meu relógio. Minha paciência, construída com tanto empenho, desmorona diante desse eclipse. A última coisa que me importa nesse momento é ser descoberto e atormentado, grito involuntariamente. Num átimo, me falta um nome. Me falta, de repente, qualquer resquício daquele quem. Me espanta a desaparição completa do que eu havia me obstinado em seguir. A ausência de qualquer testemunho do dono daquela vida. Aquela vida cujos míseros fios soltos serviram para tecer a minha. Num momento, a aterrorizante ideia de que, talvez, ele tivesse me enganado. De que, talvez, ele tivesse percebido o mecanismo que eu havia construído e que, agora, era eu quem estava em suas mãos. Um medo absoluto tomou conta de mim. Senti o descontrole dos meus instintos, os mesmos instintos que há muito eu mantinha domesticados. Insurgiram com todo seu ímpeto selvagem e me lançaram a mais drástica das fugas. Sai para fora da casa. Me vi perdido de meus passos, desaprendido de andar aqui fora. Me esqueci do mundo e, agora que me revejo nele, não posso suportá-lo. Extasiado, cambaleio por esse corredor gelado, um corredor alheio a mim, arisco. É quando ouço a pancada da porta batendo. É ele que me fechou para fora, ou foi o azar de um vento? Volto maquinalmente até a porta e meus pensamentos se afunilam. Me sinto infinitamente atraído de volta para dentro. Vejo o olho mágico tapado. Me curvo e alcanço as chaves por baixo do tapete. Destranco a porta, abro e ninguém está aqui. Tudo parecia como sempre, mas eu não sentia mais dúvida. Uma imperiosa decisão se apossou de mim e caminhei pelo corredor até o quarto fechado. Segurei a maçaneta, fria, e quando a girei a porta se abriu. Vazio também, tudo em ordem, tudo muito bem decantado. Mexi nas coisas como se fossem minhas e estranhamente nada disso me atordoava. Quando vi estava deitado na cama e o pressentimento de que alguém poderia chegar não me agitava. Tudo estava sereno demais para não ser minha derradeira armadilha e, curiosamente, isso apenas me deixava mais pesado, mais absolutamente consciente de que eu não poderia escapar. Uma profundidade me engolia pelas cobertas, um

adormecimento se enroscava em meus pensamentos. Caí em um sono denso e dormi longamente.

Quando acordei, minhas mãos eram as minhas. Não tive dificuldade em me levantar nem em aceitar as roupas que estava vestindo. Vi a lâmpada no teto, a quina com a parede e escorri até a fresta acima da porta. Em seguida a maçaneta, o trinco, a fechadura, minhas mãos, meus pés, as linhas do piso, 2, 3. Quando notei, era eu quem estava contando os ladrilhos.

Onde está Prometeu?

Jobert Gaigher

(Acho que é Outono, pois as folhas secas estão espalhadas no quintal da casa velha. A madeira da varanda range com o vento, e a pintura descascada das paredes revela resquícios de um passado que já não há. É um lugar desolado, solitário, esquecido no tempo. O cheiro é de poeira e ferrugem. Silêncio melancólico, quase fúnebre, que se quebra de repente:)

(– Você, você está louco. louco. louco. Você é um inútil. Inútil. Não, não pode mais, não, fazer nada sozinho.)

– Ele disse que você está louco. Que você é um inútil. Não pode fazer mais nada sozinho.

(A imagem do quintal se estilhaça como um vidro quebrado. Sobra apenas um quarto escuro, com uma janela estreita que deixa entrar a luz pálida de fim de tarde. Lá fora ainda é outono, mas aqui dentro o ar é abafado, doente. A voz que irrompera era grave, cortante e autoritária, que se repetia em ecos de reverberação metálica, como se viesse de dentro das paredes. O cheiro é de mofo, náusea, tempo parado. O chão range como ossos velhos. O espaço é tribunal:)

– Isso é um mal-entendido… foi só distração. Nada grave. Por favor, não fica bravo não.

– Claro, claro… sempre o mesmo lamento, sempre a mesma desculpa. Aceita que dói menos.

– Aceita que dói menos? Mal entendido? Por favor, calem-se. Eu não estou louca. Eu sei exatamente o que estou dizendo. Ou não?

– Ele está esperando uma reação. Disse "louco", "inútil", e "não pode". Tem que responder.

– Quem falou que tenho que responder?

– A voz da razão.

– Só porque é a voz da razão não quer dizer que está sempre certa. Ou está?

– Não sou a voz da razão. Sou a própria razão, ou o que sobrou dela. Então me respeite.

– Só se for a razão da queda, que já começou.

– Não adianta culpar a razão, nem ficar se desculpando.

(No quarto escuro, há um parque vazio com brinquedos enferrujados, que rangem sozinhos pelo vento frio que sopra continuamente agora. No gira-gira, as correntes batem contra o ferro, como se ainda houvesse crianças brincando, mas não há ninguém. O chão está coberto de folhas úmidas, marrons, algumas grudadas em poças de água turva. O ar tem cheiro de algodão doce azedo, guardado tempo demais. A cena se move lenta, enevoada, como sonho prestes a virar pesadelo.)

– Eu tenho medo. Não quero ficar sozinha.

– *Ah minha criança, jamais vou te deixar sozinha*.

– Não acredite nessas vozes em itálico. Elas apenas nos enganam.

– E medo é coisa de fracos. Eu conduzo. Deixa comigo. Sempre conduzi. Ele vai ver só.

– Eu quero me livrar disso … Eu quero minha independência. Mesmo que esqueça depois, não importa. Eu quero ser feliz. Eu preciso do fogo. O fogo que não apaga, que me faz lembrar quem sou.

– Você sempre deseja, deseja, deseja. Mas nunca alcança, já percebeu?

– Idiota.

– Ela não é Idiota. Ela é humana. Que mal há em desejar?

(A roda-gigante abandonada começa a girar sozinha. O ferro range, ecoando como um coro desafinado. Cada assento vazio balança no ar. O movimento lento cria sombras tortas sobre as paredes do quarto escuro. As vozes parecem sentar nos vagões, debatendo-se umas contra as outras, presas a um carrossel de repetições.)

– De que importa essa picuinha de vocês, o que importa é que eles insistem em nos reduzir a pó.

– Eu não admito. Não vou admitir. Eu não posso admitir. Deus me ajude. Eu quero morrer meu Deus.

– Morrer ou não, tanto faz. A sentença já está escrita. Dançou neném.

– Mas eu ainda quero brincar. Quero a ciranda das cores. Passear no bosque. Comer algodão doce.

– Cores? Isso é irrelevante. Criança, o importante é que olhem para mim. Pra minha beleza. Minha inteligência. Minha experiência. Vocês sabem com quem estão falando? Sabem quem eu sou?

(Pela janela do quarto escuro do parque, dá pra ver agora um bosque seco. As árvores, sem folhas, parecem braços levantados suplicando clemência. Há fitas coloridas penduradas em alguns galhos, mas elas estão desbotadas, rasgadas pelo vento. A imagem é ao mesmo tempo

festa e luto. Embaixo da velha figueira, um palhaço moribundo, com roupas sujas e rasgadas e um cabelo macabro, pedala lentamente uma velha máquina de algodão doce, que faz um algodão doce sujo, putrefato e desfeito em lama.)

– Olhar, tocar, sentir… e logo perder. É sempre assim. Por que a gente gosta? Por que a gente quer?

(As paredes do quarto escuro são cobertas de espelhos rachados. Em cada estilhaço um reflexo. Em cada reflexo um rosto diferente, mas com o mesmo olhar. O velho, a velha, a moça, o moço, crianças, muitas crianças. Os reflexos se embaralham, nunca permanecem, e se multiplicam até a vertigem. Cada rachadura parece uma sentença já escrita.)

– Ele falou que você está louco. Você é um inútil. Não pode fazer mais nada sozinho.

– Mas eu lembro de tudo. Eles é que não sabem de nada. Ou sabem? Eu não esqueço. Ou esqueço?

– Não é esquecer, é… é só que estava pensando em outra coisa, entende?

– Entendemos, sim. Entendemos que você não passa de uma piada mal contada.

– Piada… eu não gosto de piadas. Eu gosto de quando cantam para mim.

(No quarto escuro do parque, onde as paredes são de vidro e a janela dá para um bosque seco, tem uma pequena escrivaninha velha. Em cima dela uma caixa de música. O eco de uma canção infantil surge, distorcido, como se a corda da pequena máquina estivesse emperrada pelo tempo.)

– *Dorme neném, que a cuca vem pegar…*

(A melodia se estilhaça, perdendo notas, repetindo trechos como corda enroscada. O chão do quarto de espelhos começa a rachar, e a música se mistura com o som de vidro quebrando.)

– Cantam? Isso é perda de tempo. O que importa é quem lidera. E quem lidera sou eu. Deixa comigo. Eu vou mostrar pra eles com quem estão mexendo. Eles vão ver só.

– Liderar quem? Vão ver só o que? Mostrar o que? Mostre pra mim, como faço pra sentir de novo aquele arrepio na pele. Só isso.

(Ao fundo, a roda-gigante ainda gira sozinha, mas agora na escuridão. Apenas uma lâmpada fraca pisca intermitente, iluminando partes do parque morto. O ar é ainda frio. Um cheiro de hospital se mistura ao algodão doce azedo. O julgamento continua.)

– Ele me chama de inútil.

– Então não seja inútil. Deixa que eu responda, pois eu tenho justificativas de sobra. Eu sempre tenho. Ninguém ouve, mas eu explico.

(No quarto escuro do parque, onde as paredes são de vidro e a janela dá num bosque seco, tem também um palco vazio, coberto de pó. A cortina vermelha está puída, com manchas escuras. Um velho refletor pendurado balança devagar, lançando uma luz fraca e sombras que se alongam e se deformam nas paredes desgastadas. O chão de madeira tem buracos, como se a cena fosse ruína de um teatro abandonado. As cadeiras da plateia estão todas viradas, de costas para o palco. O ar está ainda mais frio agora, e o cheiro de mofo, quase insuportável, chega a provocar náuseas.)

– Explicar não adianta. É um teatro vazio. Não consegue perceber que a festa acabou?

– Eu tenho pavor do vazio. Ele é escuro. Eu tenho muito medo da escuridão.

– *Não se preocupe minha criança. Não deixarei o bicho-papão te pegar.*

– O que me aflige é a penumbra do palco. Mereço que a luz esteja sobre mim. Que a plateia me reconheça. Meu talento.

(O palco escurece ainda mais. Do fundo do cenário, uma sombra cresce: alta, sem forma, como uma mancha viva que engole as cortinas. O refletor falha, piscando. No teto, cordas de antigas cenografias pendem como forcas.)

– Luz… chama, desejo, chama outra vez… até que eu esqueça.

– Você é um inútil. Louco, demente, insano e imprestável.

– Chega de delongas e responda de uma vez. Ele está olhando fixo. Está aguardando uma resposta.

– E vem o advogado de novo. Quanto tempo passou? Dois segundos?

(No relógio antigo do canto do quarto escuro, o pêndulo bate lento, mas cada segundo soa como martelo de sentença. O ponteiro avança lentamente, marcando tempos diferentes em cada batida, mas os ecos do "tic-tac" que preenchem o ambiente são ensurdecedores.)

– Quatro segundos. Ele disse que você está louco. Que você é um inútil. Que não pode mais fazer nada sozinho. Responde logo… Ele está esperando uma reação. Está olhando fixo..

– Quatro segundos! Tudo isso? O que responder? Não, eu não estou louca. Ou será que estou? Eu sei o que digo, sei o que faço. Ou será que não sei. Eles é que não veem, ou será que veem..

– O problema é que exageram… eu só me confundi com a porta, só isso. Por favor me desculpe. Minha vida é um peso. Eu não aguento mais meu Deus.

– Porta? Você já não consegue atravessar nem a si mesmo. Mal para em pé.

– Eu quero minha mãe. Ela sabe abrir todas as portas.

– E vem essa criança de novo. Mãe, pai, portas, nada disso importa. O mundo precisa de alguém firme, assim como eu. Eles vão ver só. Deixa comigo.

(Dentro do quarto escuro que enxerga o bosque seco pela janela, os espelhos estilhaçados nas paredes, além de imagens, refletem também o som. Mas os ecos se confundem, e como os rostos que se derretem como cera, se misturam uns nos outros, até que não é possível distinguir as diferentes vozes de um mesmo eco, que uníssono, atravessa os vidros, aumentando ainda mais as rachaduras.)

– Firme? Pra que? Eu só quero o calor de alguém. Um abraço. Um olhar de compaixão.

– Uma criança, um narcisista metido a besta, uma sonhadora apaixonada. Eu estou bem servido de companhias.

– Louco. Louco. Louco. Será?

– Uma criança, um narcisista metido a besta, uma sonhadora apaixonada, e uma neurótica que fica gritando louco, louco, louco, do que mais preciso?

– Eu repito pra não esquecer. Se repito, lembro. Ou esqueço? Se lembro, não perco. Ou perco?

– Quem ficou faltando hein? Está faltando um pouco de histeria nessa conversa, não está? Cadê você, querido?

– Estou aqui. Sempre estou. Não é perda, é distração. Eu estava ocupado, é diferente. Ninguém me entende. A Deus, me ajuda. Por que não me leva desse mundo?

– Ocupado com o quê? Com o nada?

– Nada dói. A escuridão dói. O silêncio dói.

– Tudo dói minha criança. A vida é uma dor.

– Mas é palco. E se eu sou o centro, me esqueço, me reinvento. Sei ser carismático quando me deixam.

(Dentro do quarto escuro de paredes de vidro há um parque e um palco empoeirado com um cenário de um hospital abandonado, com as paredes brancas manchadas, descascando. O corredor ecoa passos que não existem. O cheiro de éter domina. Uma maca vazia desliza sozinha, rangendo sobre rodas enferrujadas. Em cima da maca, há uma rosa murcha, como se estivesse enferma.)

– Prefiro reinventar desejos… que não se apagam antes de amanhecer.

– *Já chega minha esposa, essa sonhadora precisa ser contida.*

– *Contida, meu esposo? Não. Nossa filha precisa de cuidado, de disciplina.*

– Não dá bola pras vozes em itálico. Elas são astutas.

– *Não é astúcia meu neto, é a resignação de aceitar o destino como é.*

– *Não ouça teu avô, meu querido neto. É preciso quebrar correntes, rasgar as regras.*

– *Mas e a moral, nobre crente? Deus está vendo. Sem moral, só ruína. Glória a Deus nas alturas sempre.*

(De repente, um forte relâmpago ilumina o crucifixo torto na parede ao lado da janela que dá pro bosque seco. A sombra do crucifixo cresce, cobrindo o teto. Os ecos de vozes em coro invadem o parque e o palco, como se vindos de todos os cantos do quarto ao mesmo tempo.)

– *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade.*

– *Não foi ouvindo o chato do seu avô ou esse sacerdote repetitivo que você foi feliz na vida minha pupila. O que você precisa é de poesia, de canto, de rito.*

– Por favoooooorrrr! Não deem bola pras frases em itálico.

– Mas elas não param de falar. Elas não calam nunca.

– Se todos falam, eu também falo. Eu explico. Sempre explico. Eu sei quem sou. Eles vão ver só. Eu já falei, deixa comigo.

– Só se forem ver uma comédia. É inútil. Não percebe que eles riem de você?

– Eu não rio. Eu choro. Choro porque estou sozinha. Eu tenho medo das trevas.

(As luzes do palco falham. O hospital escurece. Apenas a respiração pesada ecoa. Uma criança aparece sentada no chão, abraçando os joelhos, chorando. Atrás dela, a sombra do bicho-papão cresce, indefinida, mas palpável.)

– Olhe pra mim então criança, ninguém chora quando me olha. Eu brilho. Sempre.

– Não se iluda Criança, não ouça o Narcisista. É o que mais sofre dentre nós. Seu brilho é breve. Brilho que se apaga, como se apagam os desejos. Tudo o que eu queria é o paradoxo de poder desejar o que já possuo, e não apenas o que não tenho.

– *Você precisa sair. Partir. Ir além.*

– Só faltava essa agora. O Viajante. Resolveu se unir à discussão pra falar de além. Além não existe, Viajante. Só ruínas esperando.

– *Existe, sim. Estradas, mapas, horizontes.*

– Mapas se rasgam Viajante.

– Eu não rasgo. Eu guardo. Eu lembro. Ou será que esqueço?

– Guardar não adianta se você perde as chaves.

– Eu nunca perdi nada. Eu nunca falhei. Eu vou mandar eles…

– Mandar não aquece. Eu quero braços, pele, fogo…

– Fogo é ilusão breve, que se consome e deixa apenas cinzas de lembrança.

– Quem disse isso?

– O mágico. Tava em negrito e itálico, então foi o Mágico.

(O quarto escuro está vazio e em silêncio. Não há palco, nem parque, nem espelhos. Apenas a lembrança de que estavam ali, como rastros apagados.)

– O Mágico que de vez em quando aparece do nada. Que nem aquele palhaço.

– Eu rio do esquecimento. O riso é minha filosofia.

– Falando nele, olha ele aí. Negrito, sobretaxado, em itálico… É o palhaço.

– O palhaço falando logo depois do mágico? Ihhh. Isso é um sinal.

– Sinal? Isso é engano. Isso é armadilha.

– Armadilhas não existem. Só distrações. Eu já expliquei. Por favor. Me desculpe. Meu Deus, me ampare.

– Explicou e ninguém acreditou.

– Eu não acredito no que estão dizendo. Eu tenho pavor que tudo seja mentira.

– Pavor? Ilusão? Deixa comigo. Eu transformo medo em aplauso. Eles vão ver só.

– Aplauso é rápido, desejo é eterno.

– Rápido? Nada é tão rápido quanto as mãos que tomam.

– Não ouça o ladrão meu filho, tomar não é justo. Tomar é violência.

– Justo é ter. E eu tenho. Sempre tive. Sempre terei.

– Mentira. Você perde tudo seu Narcisista idiota, até a si mesmo. Não deveria mesmo ouvir muito as falas em itálico. Elas te sobem à cabeça.

(O quarto escuro continua vazio. Mas agora a janela começa a se apagar, como se a noite entrasse devagar e engolisse o ar.)

– Eu não quero perder ninguém. Nem os brinquedos.

– Brinquedos quebram criança, e você esquece.

– Eu não esqueço porque quero outro. Sempre outro. Que mal há em querer?

– Outro é sempre o mesmo. Repetição infinita.

– O palhaço falou de novo.

– Temos que ignorar o palhaço e o mágico também, ou só as outras vozes em itálico?

– Todas as vozes em itálico devem ser ignoradas, inclusive as em negrito.

– Foi o mágico que disse isso agora? Ih, pirei…

– Infinita palhaçada. Vocês se enganam, se repetem, se destroem.

– Engano é detalhe. O essencial eu sei. Eu lembro. Eu posso lembrar. Ou não lembro.

– Não lembra. Nunca lembra. Me ajude meu Deus. Tenha pena de mim.

– A vida é uma comédia, e a pena um sub-gênero cômico sarcástico e irônico.

– Cale a boca palhaço. Filosofia não dá respostas. O necessário é uma resposta.

(O velho relógio bate sem parar. Ecos de tic-tac se multiplicam como marteladas no fundo da cabeça.)

– Quanto tempo passou? 5 segundos?

– Não sei, mas essa mudez tá parecendo infinita. Tem que responder.

– Eu não quero responder. Eu quero canção. Eu quero brincar. Não quero ficar só.

– *Canção, sim criança. Uma nota que resiste.*

– Só se for pra você que se acha cantor e poeta. Não iluda essa pobre alma inocente. Resistir é tudo o que nos resta.

– Eu não resisto. Eu improviso. Sempre tem uma desculpa nova.

– Desculpa patética. A queda continua. Inevitável.

– Eu só quero cantar. Mesmo que desafinado.

– Não seja criança, Criança. Se houver palco, deixa que eu canto. Eu brilho. Encanto.

– E eu, quando o canto acabar, desejarei um novo canto, pois não suporto o desencanto.

(O quarto está completamente escuro. A janela desapareceu. Nem a noite existe mais lá fora. O ar pesa. A atmosfera é lúgubre)

– O fogo apagou.

– Chorar não funciona mais.

– Gritar me é calmante.

– Implorar não adianta. Ninguém ouve.

– Tem que responder.

– Eu não sei o que fazer.

– Fazer? Tudo fracassa. Tudo cai.

– Então só resta desejar… e esquecer.

– Decidir é inútil.

– Mas eu tentei. Tentei tantas vezes.

– Tentei e falhei.

– Falhamos todos.

– *Abaixar a cabeça é mais fácil.*

– A decisão chega.

– Abaixar a cabeça.

– Silenciar.

– Fechar os olhos.

– Concordar.

– Render-se.

(Todas as vozes, em uníssono, num murmúrio que ecoa como corrente subterrânea:)

– Desculpe. Eu sou um velho mesmo. Que só dou trabalho, né? Não sei por que Deus não me leva.

– Você não pode dizer isso, ela disse que morrer não é opção.

– Ih, vai começar tudo de novo!

– Ela disse que você não pode. Você não percebe que é um velho?

(Num Coral, as vozes gritam em silêncio:)

– Velho. Velho. VELHOOOOOO. Aaaaaaaaaaaaaaaaaah!

(Ausência de som. Silêncio de outono novamente. As folhas secas espalhadas no quintal da casa velha agora estão mais escuras. A madeira da varanda que range com o vento está repleta de cupins. A parede já não tem pintura alguma. O cheiro é de poeira e morte. Quietude melancólica, fúnebre. Um lugar esquecido no tempo, desolado, solitário.)

– *Já passou.*

– Não passou. Nada passa.

– *Passa, sim. Só demora.*

– E quando passa, já não lembramos.

– Eu ainda tenho medo…

– Eu ainda quero brilhar…

– Eu ainda desejo…

– Eu preciso do fogo.

– Cadê Prometeu?

(Ecos longos, distantes, cada vez mais fracos…)

– Velho… velho… velho…

(Então nada. Só o silêncio, denso, absoluto.)

– É Alzheimer. Eu ouvi. Ou será que estou só imaginando coisas. Ouvi ou não ouvi? Pode ser? Claro que não. Ou será que sim?

– Não é. Não pode ser. É só distração.

– Nome bonito para a lenta podridão.

– Eu não quero esse nome. Ele me assusta.

– Não se preocupe Criança. Se for doença, ainda sou líder. Até no fim, eu comando. Eles vão ver só. Deixa comigo.

– Doença… palavra fria. Eu só sinto desejo, mesmo quando esqueço.

– *Alzheimer.*

– *Maldição dos velhos.*

– *Não, não… é só fraqueza. Fraqueza que pode ser domada.*

– É corrente que se deve quebrar.

– *Castigo divino.*

– Ou apenas outro nome para o silêncio.

– Eu choro porque não entendo.

– Eu choro porque entendo demais.

– Chorar é inútil. Sempre foi. Eu não choro.

– Inútil ou não, eu não consigo parar.

– Não chorem. Olhem para mim. Ainda estou aqui.

– Ainda… mas já se desfazendo.

(Um eco final se espalha, fraco, persistente, indistinto, todas as vozes se fundem novamente:)

– Me desculpe. Minha memória já não é a mesma. Sou um velho gagá. Não dê bola para o que eu falo. Velhos só falam bobagens, não é mesmo? Só besteiras mesmo. Bobagens. Não vou incomodar novamente. Prometo.

(Escuridão total. Silêncio. Olhos cheio d'água. Dor no peito, na garganta, na nuca, no joelho. Raiva sim. Ódio sim. Fazer o que. Silêncio. Jajá esquece. Até que chegue outra voz lá de fora. Gritando. Mandando. Pisando. Matando. Aos poucos. Devagar. Silêncio. Até que as vozes internas se calem, enfim. Que as luzes se apaguem para sempre. Que o fogo seja apenas cinzas. Que a dor seja apenas ausência. E Silêncio apenas Silêncio.)

Pela lei dos homens

"Não farás injustiça no juízo; não respeitarás o pobre, nem honrarás o poderoso; com justiça julgarás o teu próximo."
— Levítico 19:15

Augusto Henrique Bennert

I.

Assim que o trago lhe escapou da boca e, em espirais sinuosas, saturou o interior do Toyota Camry, Rúbio achou que nada o faria mudar de ideia.

Era um dia quente de verão, do tipo que engordava seu desprezo pelos próprios hábitos. Preferia ser um homem de corridas matinais, de cervejas geladas ou mesmo de punhetas. Nenhum vício parecia tão escandalosamente incompatível com aquele calor quanto o cigarro.

Sentiu o antebraço esquerdo coçar. Pôs o filtro recuado do *Parliament* entre os lábios e esfregou por sobre o linho da camisa. Ergueu os olhos para o vidro fumê da janela e observou a rua deserta e silenciosa. Era raríssimo que fosse designado aos fins de semana, mas Jarbas garantiu ser essa a única alternativa. Por motivos que escaparam até ao juiz, o fórum estaria disponível para o exame de sanidade apenas na presente data.

A ponta da brasa avançou e ele aspirou o bafo quente e terroso. Pôs o maço no bolso de peito e, do banco de trás, apanhou uma pasta de papel cartão. Fechou os olhos — à caça de coragem —, abriu a porta e saltou para fora.

De pronto, foi engolfado por um mormaço que cheirava a piche e poeira cozida. Mesmo protegida pelo dossiê, erguido acima da cabeça, a testa se cobriu de suor em pequenas gotas dispersas. Atravessou a rua a passos curtos e ritmados e descartou a bituca no pequeno reservatório de areia acoplado à lixeira. Depois, seguiu até a sombra do fórum.

O prédio não era imponente, mas mantinha uma sobriedade que harmonizava com o calor retumbante do cimento. As paredes, tingidas em bege amarelado e triste, evocavam certa turvação, carimbadas pela fuligem nos cantos altos. O brasão da República saltava acima da porta de vidro e sustentava o peso do sol do meio-dia como se fosse parte da fachada desde sempre.

Duas ou três janelas basculantes ladeavam a entrada, protegidas por grades brancas. A porta principal, revestida de película escura, desvelava o saguão somente a quem encostasse o rosto no vidro.

"Doutor Rúbio?", ouviu alguém dizer.

O rapaz não devia contar nem vinte e cinco anos. Era alto — mais alto que ele — e distintamente atlético, mesmo por baixo dos trajes formais e da bolsa corporativa. Achegou-se e esticou a mão direita. Rúbio a apertou.

"Sou Aníbal Romano. O assistente técnico. É um prazer."

O psiquiatra franziu as sobrancelhas, comprimindo o olhar contra a figura. Recordava-se de tê-lo visto de dentro do carro, é verdade, mas não imaginou que fosse *ele*. Não dava pinta de psicólogo, de jeito nenhum. Desprendia um odor de óleo mineral e alguma outra coisa que lembrava desinfetante.

"Rúbio Cardoso. O prazer é meu", tentou soar cordial. "Desculpe a pergunta, mas você é novo? É uma comarca pequena. Não lembro de já ter te visto antes."

"Não, não. Sou psicólogo de formação e comecei a atender designações há uns dois anos. Bastante tempo."

"*Ad hoc*, então?"

"Sim, como o senhor. Achei que o juiz tivesse explicado."

Rúbio riu, desencanado.

"Acho que Jarbas gosta de assistir aos meus improvisos", deu de ombros. "É raro que eu saiba de tudo."

"Entendo", Aníbal meneou a cabeça, jovial. "Então, fazendo o serviço dele: não sou da cidade. Fui indicado pessoalmente pela promotoria para acompanhar o exame."

Rúbio engoliu o incômodo em silêncio. Pensou um pouco, então disse:

"Veio do campo?"

Recebeu uma careta perplexa em resposta. Antes que o rapaz pudesse questioná-lo, indicou sua palma direita com a cabeça.

"Hiperqueratose na base do polegar. E também tem manchas brancas e esparsas. Não é nenhuma mágica; é bem comum no campo, porque se usa luva de jardinagem para manusear todo tipo de ferramenta. Uma enxada, talvez?"

"Quase, Doutor", Aníbal desenhou um largo sorriso. "Machado. Achei que as luvas ajudassem."

"Evitam machucados, sim. Mas é muita umidade. Acabam macerando."

"Anotado", carregou a voz de gratidão. "Vai evitar muita dor de cabeça."

Rúbio assentiu e, acompanhado do assistente, rumou à porta escurecida.

“Continuo um pouco confuso, para falar a verdade”, ele comentou, o olhar preso ao vidro que corria pelos trilhos. “A promotoria, a serviço dos Bianchi, indicou um jovem camponês como assistente técnico?”

“Eu faço meu trabalho muito bem, Doutor”, Aníbal assegurou, um tanto contrariado. “E não sou exatamente um camponês só porque parto a minha própria lenha.”

O saguão dispunha de dimensões generosas, embora, à semelhança da estrutura externa, não transmitisse nenhuma grandiosidade. Diante deles, um detector de metais se projetava em um arco desgastado nas bordas. A esteira de rolos metálicos se alongava à direita do aparelho principal, acomodando uma fila de bandejas de tom preto fosco.

O ar, embebido no aroma de papel velho e limpador multiuso barato, era lançado aos quatro cantos por um antigo ventilador de teto. À esquerda, um balcão em MDF separava o público do corredor estreito que escondia a rotina burocrática.

Na parede oposta, a porta dupla de madeira conduzia ao auditório e aos gabinetes. A luz fluorescente vibrava levemente e mergulhava o salão numa claridade fria que destoava do calor de fora.

Estava vazio, exceto pela dupla de recém-chegados e pela auxiliar administrativa, Lígia, vigilante atrás do guichê. Rúbio conferiu o horário no relógio de punho. Só então, disparou:

“Boa tarde, Dona Lígia.”

“Tarde, Doutor”, ela acenou. “Quanto tempo!”

“É verdade, Dona”, balançou a cabeça enquanto erguia a base da camisa, desocultando a empunhadura de uma pistola Taurus G3C presa ao coldre interno. “Jarbas não me designava há um bom tempo”, soltou a trava de retenção, “mas este é um casinho complicado.”

Ele retirou a arma, segurou firme o cano apontado para o chão e a pousou na bandeja ao lado. Antes que pudesse atravessar o detector, a voz da auxiliar soou, interrompendo-o:

“Não precisa, Doutor. O negócio deu pau.”

Ele parou. Dedicou bons segundos à assimilação das palavras.

“Como assim, Lígia?!”

“Eu sei lá, Doutor! Foi o que me disseram”, justificou, perdendo força a cada pausa.

“Quem te disse isso? Estão cientes de que tem um *réu* aqui dentro?!”

“Estão sim, estão sim. Revistaram o homem mais de uma vez antes de deixar ele entrar.”

“Lígia, esse não é o ponto...”, interrompeu-se, centrado. Sob qualquer ângulo, não era justo que o sermão começasse por ela. “Certo. O que aconteceu, aconteceu. Vamos acabar com isso de uma vez”, recolheu a arma e seguiu para o gabinete principal.

"Doutor", Aníbal ofegou, trotando atrás dele. "É mesmo seguro? Digo, que ele tenha entrado sem passar pelo detector?"

"Você sabe o que ele fez, garoto?", o psiquiatra inquiriu, mas não deixou de caminhar pelo corredor esculpido em massa corrida.

"Sei."

"Você foi indicado pela promotoria. Não deve saber de tudo."

"Sei de muita coisa", o rapaz objetou, desviando de um amontoado de caixas de papelão mal empilhadas. "Sei, por exemplo, sobre o que ele fez com a barra de metal. Digo, *depois*."

"Então você sabe *o que* ele fez. Mas sabe *por que* ele fez?"

Lá adiante, a última porta — mais larga, coroada por um brasão de compensado — indicava o gabinete do juiz.

"E isso importa, Doutor? Para este tipo de crime?"

Logo abaixo da maçaneta, um aviso em papel amarelado lembrava a quem chegasse que era preciso bater antes de entrar. Rúbio sequer diminuiu o passo. Pousou a mão sobre a placa fria de metal e a empurrou, abrindo caminho para dentro.

"Sim, Aníbal. Hoje, isso importa."

II.

Era um homem de mais ou menos sessenta anos, grisalho e malnutrido. O bege do uniforme prisional, ligeiramente amarrotado, adotava um tom castanho-escuro à margem da gola e sob as axilas. O suor também irrompia da testa e das bochechas, espalhando no ar aquele ranço de sal e ferrugem. A travessa perpendicular encaixava-se firme entre os pés da mesa, escondendo suas pernas até a altura da canela.

Ele estava quase perfeitamente centralizado sobre o granito brilhoso. À esquerda, uma estante de madeira escura sustentava fileiras de volumes encapados em couro — uns carcomidos pelo tempo, outros ainda contornados pelo cheiro ácido de papel recém-impresso. O espaço das paredes mortiças sustentava a disputa entre meia dúzia de diplomas e o célebre losango dourado, um pouco esmaecido sob a luz fria.

Os pés, calçados em chinelos de borracha, raspavam no piso encerado toda vez que ele se movia, tentando dispersar o desconforto — e, se estava desconfortável, eram dois os principais motivos: o mais evidente era o brutamontes armado que lhe fazia companhia. O segundo, um tanto mais velado, suscitou a primeira objeção de Rúbio.

"Ele está *algemado*?"

"Está, sim, senhor", o homem retrucou, áspero. "É um criminoso."

"É mesmo? E qual foi o crime?"

Emoldurado pelo batente da porta, Aníbal soprou um murmúrio confuso.

"Isto é sério?", a voz do guarda vacilou no tom. Diante do silêncio, decidiu ceder: "o réu torturou e matou um homem."

"Não, não", Rúbio achegou-se, "engano seu. Ele não matou homem nenhum. Severino Castilho matou um *porco*."

O detento riu baixinho.

"Você é um porco, senhor? Se for o caso, faço questão de que Jarbas fique sabendo."

"O quê?"

"Um porco, senhor", o psiquiatra atropelou, coercitivo. "Você é um porco?"

"Não. Não sou."

"Então, não tem com o que se preocupar. Tire as algemas e suma daqui."

"Ele está detido em preventiva. Precisa voltar para a delegacia."

"Ele vai. Eu mesmo comunico o juiz."

Sustentaram um confronto mudo, olho no olho, por alguns instantes; de súbito, toda a sala parecia tomada pelo mormaço poeirento lá de fora.

"Foda-se", o agente rosnou e avançou até a mesa.

Ergueu os punhos do detido pelo elo central e, num gesto de negligência deliberada, enfiou a chave na fechadura. A catraca dentada ruiu, seguida pelo repetido tilintar das argolas enquanto ele marchava até a saída.

Aníbal quase não teve tempo de desviar. Jogou-se junto ao psiquiatra, recolhendo o corpo quando a porta estourou. Disparou contra o colega um olhar crítico e reticente. Antes que pudesse falar qualquer coisa, porém, Severino observou:

"Você é um daqueles, então?"

A rouquidão da voz evocava sobriedade e humor. Se precisasse descrevê-lo em termos comportamentais, Rúbio arriscaria dizer que estava se divertindo. Dispensou a reprimenda do assistente com um gesto de mão, pousou o dossiê sobre a mesa e se sentou, face a face com o detento.

"O que quer dizer, senhor?"

Aníbal puxou a cadeira de leitura que bordeava a estante e largou-se sobre ela, desgostoso.

"Por favor, Doutor. Me chame de Vino."

"Entendido, Vino. O que quer dizer?"

"Nada, nada", sorriu sozinho. "Nós vamos descobrir logo."

Impassível, ele seguiu — estava particularmente acostumado a ignorar pontuações que lhe soavam confusas. Tateou o bolso frontal esquerdo das calças e apanhou um celular com a tela trincada. Vasculhou a lista de aplicativos e iniciou o gravador de som.

"Certo. É bom começarmos. Antes de tudo, me chamo Rúbio Cardoso."

"Aníbal Romano", resmungou o outro.

"Severino, preciso que me responda com honestidade a partir de agora. Pode fazer isso?", Rúbio retomou.

O velho grunhiu em concordância.

"Como se sente sobre o que fez?"

Neste momento, estava armado para descartar mais uma bronca do psicólogo — havia burlado boa parte da estrutura típica de anamnese, bem como estruturado uma pergunta pouco usual. O sermão não veio.

"Sinto que é errado."

O médico bufou.

"Está cansado, Vino?"

"Como?"

"Perguntei se está cansado. Digo, cansado de justificar. Tanto que prefere mentir."

Desta vez, não escapou do olhar condenatório de Aníbal.

"Ah", o réu vazou uma risada contida e lúcida. "Sim, sim — você *é* um daqueles."

"Não estamos nos entendendo."

"Um dos diferentes, Doutor. Dos compassivos. Não sabia que contratavam médicos negociadores. Foi designação do juiz, não?"

"Não sou um negociador. E foi, sim. Me enviaram... *nos* enviaram", a correção veio embrulhada em rispidez, "para avaliar seu estado mental. As coisas podem ficar melhores para você se eu declarar imputabilidade."

"Se você *for imputável*", o psicólogo retificou, "mas não me parece o caso, senhor."

"Ah, ele também fala", o detento meneou a cabeça. "E você? Está do lado de quem?"

"Do lado da lei. Mas fui indicado pela promotoria, se é o que quer dizer."

"Pela promotoria!", pareceu animado, "bom, então já podemos resolver tudo aqui mesmo. Você pode ouvir seus instintos e espalhar meus miolos pela sala."

"Não estou armado", Aníbal garantiu.

O velho gargalhou, satisfeito em constatar que aquele parecia o único impeditivo verdadeiro.

"Ora, sorte a minha, sorte a minha… querem saber se eu estava louco quando fiz o que fiz, é isso?"

Nenhum dos dois poderia confirmar. Era uma suposição um tanto reducionista, apesar de certeira.

"Bom, eu não sei. Nunca estive louco para saber. Mas posso garantir que foi a primeira vez que senti algo como aquilo."

"Entendo, Vino. Tente descrever melhor—"

"Por que ele te designou?", Severino intercedeu. "Digo, no lugar de outros?"

"Jarbas e eu somos amigos de longa data", o médico disse, indiferente.

"Porque ele é muito profissional", de novo, Aníbal reformulou. "E especialmente conhecido pela *imparcialidade*", moldou o tom em advertência explícita.

Rúbio sentiu o antebraço esquerdo coçar. Entrelaçou as pernas à sombra do tampo da mesa. Precisava de um cigarro.

"Bom, Severino", enfiou a mão entre a capa e a contracapa do arquivo sobre a mesa, "não estamos avançando muito. Vou revisitar a história do começo para garantir que estamos na mesma página. Pode ser assim?"

Pela primeira vez desde a saída do agente penitenciário, o detento pareceu indisposto. Ciente de que a própria concessão não passava de formalidade, ele assentiu.

"Sua filha, Sara Castilho, dezoito anos, deixou a própria casa pela última vez há duas semanas, na quarta-feira, em treze de janeiro. Estava acompanhada de duas amigas, Helena e Elisa. Todas se conheceram no ano passado, no curso de Ciências Sociais. Apesar do pouco tempo de amizade, eram muito importantes umas para as outras."

Severino franziu o cenho. A forma como os acontecimentos eram descritos lhe parecia carregada de subjetividade, e ele não tinha certeza se podia confirmar cada detalhe.

"Helena Figueiredo me contou", apressou-se a esclarecer, percebendo a dúvida. "Foi ela quem me disse que sua filha era muito importante."

O velho torceu o nariz e fechou os olhos. Rúbio continuou.

"Por volta das 22h, as três chegaram no Caldeirão, onde uma festa aberta ao público acontecia. Helena e Elisa beberam. Sara, não: ela nunca bebia. Alguém precisava ficar de olho. Sua filha era muito responsável."

Sentiu a desaprovação do outro roçando seu pescoço.

"Mas usou um copo descartável para beber água. E, para Felipe Bianchi, foi mais que o suficiente."

A sola dos pés rangia contra os chinelos do detento num som úmido e comprimido. Os olhos ainda estavam fechados.

"Não gosto da alcunha deste tipo de droga, preciso dizer", o médico admitiu. "Para mim, barbárie e princesas não se misturam."

Empenhando-se em barrar a censura na garganta, Aníbal sugeriu:

"Rúbio, o senhor não acha que está sendo—"

"Você sabe o que ela faz, Aníbal?", ele retomou a palavra. "A escopolamina, quero dizer. Uma das drogas que Felipe decidiu usar."

Não aguardou qualquer resposta. Deslizando os dedos pelas ranhuras da mesa, disse:

"Em doses controladas, é usada para o tratamento de cinetose — talvez você conheça por 'enjoo de movimento'. Acontece quando os olhos percebem um movimento diferente daquele sentido pelos vestíbulos. Então, a escopolamina deprime partes do cérebro e o centro do vômito."

"Sim, Doutor. Eu já ouvi—"

"Mas Felipe não usou para tratar cinetose, não é verdade?", Crivou-o do próprio olhar cínico. "Em altas doses e misturada a outros compostos, ela produz um efeito parecido com uma síndrome de encarceramento. Praticamente todos os relatos incluem um senso de submissão involuntária, de despersonalização e de descontrole sobre o próprio corpo. Mas não se assuste: vai ver os efeitos são diferentes nos homens adultos. Todos os relatos de que me lembro vêm de mulheres ou crianças. Me pergunto por quê."

"Rúbio, eu entendo. Só quero dizer que—"

"É este tipo de história que sua filha vai ouvir, senhor Romano? Quando chegar à fase das princesas, esta é a Cinderela que vai conhecer?"

Sustentaram o silêncio através do conflito e do mormaço.

"Foi o que pensei", o psiquiatra balançou a cabeça e voltou a atenção ao detento, ainda imóvel. "Na manhã seguinte, encontraram o corpo de Sara no terreno baldio que avizinha o Caldeirão. Estava nua, coberta de barro e de escoriações. A cromatografia identificou mais três depressores do sistema nervoso central além da escopolamina. Conforme a autópsia, houve felação, penetração vaginal e penetração anal."

"Pelo amor de Deus, Rúbio!", o psicólogo estourou, chocando as mãos espalmadas contra a mesa e pondo-se de pé. "O que o senhor está fazendo?!"

"Contando a história."

"Tudo o que eu vi até agora foi despreparo! Como você pode lidar com um homem traumatizado desta maneira?! Sem qualquer pudor!"

"Sente aí, garoto", a voz embargada de Severino ordenou. "Eu já sabia dos detalhes."

O olhar inconformado de Aníbal viajou do réu ao médico um par de vezes. Derrotado, ele tornou a obedecer.

"A informação se tornou pública. Felipe sequer tentou disfarçar o que fez, mesmo durante a festa. Ninguém interveio."

"*O que me preocupa não é o grito dos maus...*", o velho balbuciou para si.

"Ele era um Bianchi, e você sabia disso. Se fosse punido, seria por pouco tempo. Foi quando decidiu agir por conta própria. Acompanhou seus passos através das noitadas — as que ele nunca abandonou, mesmo sob os olhares e sussurros de uma cidade inteira."

"Ah, Doutor... julgamento é só julgamento."

"Em 21 de janeiro, portando um velho revólver herdado do avô, você abordou o homem em um beco escuro e o rendeu. Estava cercado de amigos, mas nenhum se atreveu a reagir. Trancou o sujeito no porta-malas do Del Rey e seguiu viagem até a chácara. Fez tudo com calma, sem o menor esforço para esconder os próprios rastros."

"É uma cidade pequena e desorganizada. Não levariam menos de dois dias para compilar os dados, mesmo para o engomadinho. Era tudo que eu precisava."

"O plano foi um sucesso e você matou o monstro", Rúbio claqueteou a pasta.

"Preciso te interromper aí, Doutor", Severino meneou a cabeça, crítico. "E peço desculpas por não ter interrompido antes, quando você o chamou de porco. Felipe Bianchi não era um porco ou um monstro. Não acho que se possa culpar um monstro por agir em conformidade com a própria natureza. Ele era um homem, e foi julgado pela lei dos homens. Nós somos todos homens."

"*Lei dos homens*?", Aníbal zombou. "A lei dos homens *existe*, senhor, e não respalda a vingança."

"Mesmo? Conheço um antigo rei da Babilônia que discordaria de você — um sujeito que, dizem, é o pai dos códigos legais. É só que, na época, lei e teatro não se confundiam."

"Entendi, Vino", Rúbio dissipou a tensão. "Entendi sua correção. O plano foi um sucesso e você matou o *homem*."

"Você pulou umas coisinhas."

"Vinte e seis coisinhas, para ser mais exato", o técnico reforçou, cada vez mais desconcertado.

"Vinte e seis ossos quebrados. Sim", Rúbio assentiu com a cabeça.

"Tem mais coisa", o réu insistiu.

"Não precisamos realçar tudo, Vino."

Mais uma vez, o detento riu. A umidade dos olhos e o suor da pele já não se distinguiam tanto.

"Estômago fraco, hein?", ele debochou, bem-humorado. "Foi por isso que escolheu a psiquiatria?"

Desta vez, mesmo Aníbal deixou escapar um risinho contido. Apenas alguns instantes antes, sequer parecia capaz de sorrir.

"Ele destruiu sua vida", Rúbio ignorou, "era filho de um figurão. Você sabia que a justiça não seria feita, e—"

"Doutor, por favor", Severino tomou parte mais uma vez. "Entendo a sua tentativa de aproximação através desta parcialidade toda. Mas não sei se está certo."

"Pelo menos mais alguém nesta sala respeita a legislação", Aníbal disparou, impolido, "e é muito preocupante que seja o homicida."

Rúbio inspirou fundo em um gesto de contenção descarada. Fechou os olhos, coçou o antebraço esquerdo e ponderou mais um pouco. Então, prudentemente amaciando o próprio tom, ele anunciou:

"Aníbal, preciso que saia."

"Como é?"

"Preciso que saia do gabinete, garoto. E feche a porta", trouxe a atenção ao entrevistado, prestes a recomeçar a conversa.

O psicólogo não se moveu.

"Você me entendeu, Aníbal?"

"Entendi. E não pretendo desrespeitar a decisão do juiz só porque você é sensível demais para aceitar qualquer crítica ao seu trabalho medíocre."

Pela primeira vez desde o início do exame, Rúbio tornou-se totalmente para o assistente. Deslizou a cadeira por sobre o encerado do piso, encarando-o de frente.

"Escute, garoto. Você é novo no serviço — apesar de entender dois anos como *bastante tempo*", desenhou aspas no ar. "Está disposto a correr todo tipo de risco para não violar protocolos. Eu admiro a sua coragem e espero que possamos trabalhar juntos de novo. O mundo precisa de mais pessoas como você."

Aníbal deixou escapar um sorriso torto, um tanto desarmado.

"Agora, preste atenção", Rúbio endureceu a voz e apertou os olhos. "Neste momento, se você não fizer o que eu estou mandando, eu vou foder você e a sua carreira com tanta força que a única alternativa de recomeço será na porra da indústria pornográfica."

Severino gargalhou. O assistente cravou as mãos na mesa e se ergueu num impulso brusco, tombando a cadeira atrás de si. Achegou o rosto ao do médico, ofegando como um bicho acuado prestes a atacar. A essa altura, já não restava traço algum da compostura anterior, apenas uma forma velada e espirituosa de hostilidade.

"Você me entendeu, rapaz?", o psiquiatra continuou a encará-lo.

O meio sorriso se alargou comedidamente. Aníbal apanhou a bolsa corporativa, atravessou a saída e bateu a porta.

III.

"Vocês ensaiaram isso tudo só para mim?", as palavras de Severino ainda se afogavam em risos interpolados.

Rúbio tombou a cabeça entre as mãos, apoiadas sobre a mesa pelos cotovelos. Inquieto, expirou demoradamente.

"Ora, deveriam ter me dito que seria um espetáculo! Eu teria me vestido melhor..."

O celular decolou do tampo à estante e se estilhaçou em pelo menos uma dúzia de miudezas metálicas e vidro temperado. De súbito, já não havia qualquer gravação ou registro da conversa. O médico arregaçou a manga direita — que envolvia o braço do arremesso — e voltou-se ao detento.

"Pode acreditar em mim agora, Vino? Ou precisa que eu atire na pasta?"

O susto o havia colado às costas da cadeira. Devagar, abaixou as mãos, erguidas diante do rosto, e encarou o avaliador. Permaneceram assim, em silêncio, até que ele percebesse que a continuidade do diálogo dependia integralmente de sua concessão. Um tanto estarrecido, cedeu:

"Acredito, Doutor. Mas não sei o que o senhor quer de mim."

"Quero conversar. Quero conversar *de verdade* sobre o que fez."

"Sabe o que fiz, senhor."

"Me chame de Rúbio. Tudo isto aqui já fugiu bastante da estrutura de um exame formal."

"Como quiser, Rúbio. Você mesmo narrou o que eu fiz", ele reiterou — a voz, aos poucos, tingida de dúvida e curiosidade. "E eu não estava louco. Você pode colocar isso no seu registro."

O médico levantou-se. Perambulou pela sala a passos irregulares e tensos, afundando as palmas no suor do cabelo. Parou frente à bandeira da República, de costas para o réu.

"Não sei se é o que eu quero fazer", anunciou, seco e cortante. "Estou cansado da injustiça."

Finalmente, Severino Castilho entendeu de que tudo aquilo se tratava.

"Injustiça, não é isso?", soou conciliador. "É uma dicotomia da qual não podemos fugir, justiça e injustiça... uma não existe sem a outra."

"É. Mas eu posso fazer alguma coisa sobre *esta* injustiça."

Os olhos continuavam fixos à faixa sobre o círculo azul. Leu as palavras tantas vezes que perderam o sentido, parecendo-lhe desconhecidas — um instante de *jamais vu*[1]. À luz de nova ponderação, admitiu que "progresso" talvez nunca tivesse, de fato, pertencido àquela terra.

"Como o quê? Dizer que sou louco?", Severino riu, desencanado. "Bom, isso depende. Avalie a sua verdade. É tudo o que existe, no final das contas. São tantas e tantas verdades... a injustiça nasce da tentativa de congregar todas elas à sombra de uma só."

"Você vai morrer, Vino", ele marchou de volta à cadeira, escalando o tom. "Quero que entenda a dimensão do problema. É uma cidade pequena e você se meteu com gente poderosa. Se for preso, vão te matar" pensou por um instante. "Talvez te matem mesmo antes disso. Não é o que eu quero ou o que Jarbas quer, e é por esse motivo que insistimos em conduzir a conversa no gabinete dele. Mesmo assim, tenho certeza que algumas pessoas já têm a sua cabeça no topo da lista de prioridades. Apostaria muito dinheiro nisso."

"E não vão me matar em um manicômio?"

"Não existem manicômios", Rúbio meneou a cabeça, rigoroso. "E, sim, podem matar. Todo mundo tem um preço; é só que ele costuma ser menor quando o ápice do seu dia é fumar um maço de cigarros e pegar duas horas de sol", recostou-se no espaldar. "Na prisão é mais fácil, é o que quero dizer."

"Todo mundo tem um preço, eu concordo", o réu tamborilava os dedos por sobre o tampo, mensurando as ranhuras. "Todo mundo pode ser convencido a violar até mesmo a própria verdade quando entende a injustiça como grande demais. *Entende*, veja bem", encarou o psiquiatra. "Justo e injusto, bom e mau. É tudo relativo."

Rúbio estalou a língua e suspirou. Estava farto de relativizações.

"Existem maldades objetivas", ele disse, inclinando-se sobre a mesa, "como a que fizeram com Sara. E existem justiças objetivas, como a que você fez com Felipe."

"Existem?", com interesse, o velho ergueu a voz e uma das sobrancelhas. "Ora, essa é nova para mim. Pergunte para a mãe dele, Doutor. Pergunte se ela concorda com o esfolamento genital ou com o empalamento com barra de ferro — a mesma que usei para quebrar vinte e seis ossos, como o rapazinho bem lembrou. Pergunte se ela entende tudo isso como *justiça*."

---

[1] Oposto de *déjà vu*. Em vez de sentir que algo já foi visto, o *jamais vu* é a sensação de que algo familiar é totalmente desconhecido.

Prolongaram um embate silencioso e desconfortável por vários segundos. Certo de que a resposta não viria (e de que não havia resposta em primeiro lugar), Severino adicionou:

"Fico feliz que esteja do meu lado, Rúbio. Falo sério. O que fizeram com a minha filha foi o *meu* preço. É bom que você partilhe a revolta dos outros — é o que nos torna humanos", voltou a medir os sulcos na madeira.

"Então, estamos acertados."

O médico abriu o arquivo e folheou até o fim. Desprendendo o grampo trilho, separou o amontoado de páginas que correspondiam ao relatório psiquiátrico e retirou uma caneta esferográfica do bolso das calças. Antes que pudesse preencher o cabeçalho, porém, o detento interveio:

"Mas a revolta não deve ser o *seu* preço."

Largou a caneta e passou as mãos pelo rosto, tomado de impaciência.

"Veja", Severino continuou, "não existe um cenário no qual amenizar a minha punição seja possível ou mesmo justo. Eu premeditei um assassinato e torturei um homem das piores formas que pude conceber. Premeditei, entende? De maneira *consciente*. O técnico disse que você é conhecido pela imparcialidade. Seria certo mentir, Doutor? Forjar a imputabilidade?"

"Não fode!", esmurrou a mesa e arremessou a caneta na direção do telefone, "não venha me dar um sermão sobre *mentiras*!", avançou contra o réu, devolvendo a hostilidade de que fora alvo momentos antes. "A primeira coisa que você fez foi mentir! Assim que entramos, disse que achava que o que fez foi *errado*!" desenhou aspas exageradas e zombeteiras no ar.

"Foi o que eu disse, sim", aos tropeços, manteve a compostura.

"E é verdade?", despejou sobre o examinado o hálito defumado de palha e madeira clara. Apoiava o peso do torso sobre o braço esquerdo; com a mão direita, coçava o punho de linho. "Você acha que errou?"

"Acho que existe um certo grau de objetividade moral quando falamos de tortura e assassinato, Doutor, e que não caiba muita ponderação."

Rúbio bufou e torceu o nariz. Ainda em pé, pôs-se a dedilhar o encosto da própria cadeira.

"Você é um hipócrita. Repetiu as mesmas flexibilizações desde o início da conversa, e agora me diz que, no caso do *seu* crime, ponderação é incabível? Que está errado e ponto final?", rolou os olhos pelas órbitas, "coerência, porra! Um pouco de coerência!"

"Sente aí, Doutor. Por favor."

Doutor.

De súbito, a inversão de papéis lhe caiu na consciência, corroendo qualquer percurso mental que tentasse justificar sua fúria — ou a escolha de carreira.

"Caralho, caralho...", cambaleou até a saída, colando a testa à porta. "Eu peço desculpas, Severino."

Engoliu o choro a seco. Sentia o espírito pesar, turbilhonado, escapando-lhe pelos ouvidos. Todas as comoções pareciam assustadoramente materiais — um grande aglomerado de linhas. Eram linhas grossas, linhas finas, eram coloridas, escuras, possíveis e disparatadas. O enxame ameaçava transpor a própria pele, sobretudo do antebraço, rebentando-o de dentro para fora.

"Está tudo bem, garoto. Você está certo. Não fui justo com você. Por favor, sente aí."

Ele titubeou de volta, afundando-se no assento. À moda dos pés, as palavras também vacilaram:

"Não quero ficar parado... não me faça ficar parado e assistir..."

"Você está certo", Severino prosseguiu, "e eu fui hipócrita. A ponderação é sempre cabível. Neste caso, depois de refletir, garanto que o que fiz *foi* errado."

Seguiram compartilhando o silêncio — já não tão incômodo quanto de hábito.

"E você se sente mal?", Rúbio indagou depois de um tempo. A voz, embargada, arrastava cansaço e culpa.

O velho pensou mais um pouco, mirando o gesso lascado do teto.

"Eu fiz muita coisa errada nesta vida. E, sim, tem muitas coisas pelas quais me sinto mal. Coisas que não me deixam dormir. Quando sonho com os gritos dele e acordo suado, por exemplo. Coisas erradas", e desceu os olhos, caçando os do médico. "Mas, particularmente, elas não me assombram. Enxergo todo dia como uma oportunidade nova de descobrir que estava errado. Tudo que é vivo acaba mudando", suspirou com pesar. "É triste que eu logo vá perder esse privilégio."

"Não precisa ser *logo*", a expressão do examinador se acendeu. "Vamos pensar em outra coisa. Já que foi errado, você estaria disposto a se desculpar publicamente? Pode ser que Jarbas dê um jeito de transformar em uma circunstância atenuante, e pode ser que a pena seja reduzida."

Mas, àquela altura, os dois já sabiam que aquelas eram apenas ideias jogadas ao léu — e que havia pouco mais destrutivo que esperança no lugar errado.

"Não, Doutor", o detento balançou a cabeça, "nada de redução, nada de insanidade, nada de teatro. Não vou escapar por um discurso bonito."

"Cristo! Nada neste mundo pode te convencer a cooperar?"

"Tudo que eu tinha neste mundo foi tirado de mim há duas semanas", ele devolveu, sem rodeios. "Ninguém mais depende de mim. Isto aqui é só o rastro da injustiça que me aconteceu, garoto", a voz era sóbria, quase paternal. Severino parecia mais disposto a consolar o médico do que a si mesmo. "As consequências de terem atingido o *meu* preço."

"Vino… por favor. Me ajude", o tom evocava uma urgência estranhamente pessoal. "Não me obrigue a ficar *parado*", afogou um breve soluço. "Eu posso comunicar a defesa. Posso dizer que você está disposto a cooperar. Um pedido de desculpas, só isso, e pode ser que você fique menos tempo preso. Menos tempo para te matarem."

"É que eu vejo valor nas desculpas. Muita gente consegue reconhecer um erro como erro, o que não é sinônimo de arrependimento — e muito menos justifica um pedido de desculpas. Não para quem enxerga as coisas com a seriedade que as coisas têm."

"E o que falta, senhor? De que mais você precisa para se desculpar?"

"Ora, falta tudo", soltou um risinho sossegado. "Desculpas só fazem sentido quando existe intenção de se corrigir."

"Você me confunde."

"Entendo. É porque também pulei uma coisinha", Severino admitiu, entrelaçando as mãos por de cima do tampo. "Bem no início, quando você me perguntou como eu me sentia sobre o que fiz."

"E como você se sente?"

"Sinto que é errado."

O réu afrouxou os ombros e ergueu a cabeça.

"E que, sem dúvidas, faria tudo de novo."

IV.

Estava em uma encruzilhada.

Era o tipo de entroncamento que só revelava a saída a quem observasse de cima, via satélite. Rúbio precisava ver de cima.

A fumaça se esgueirou em curvas, cortada pelos fachos de luz da lâmpada fluorescente do auditório. De pé, com o corpo inclinado, ele buscava afastar o *Parliament* aceso dos sensores ópticos. Tudo não passava de encenação — tinha quase certeza de que nenhum daqueles dispositivos funcionava de verdade.

Subiu os olhos às bandeiras hasteadas por sobre a tribuna. Logo atrás, na parede, Cristo o encarava, preso à cruz que fez dele réu e juiz.

Ora, o que *não era* encenação?

Deixara Severino no gabinete porque precisava pensar, mas preferia que pensar não lhe coubesse. Qualquer reflexão sobre a justiça retornava à memética das teocracias — ele era um psiquiatra são e aquela era uma legislação laica. Não poderia dizer qual das duas mentiras soava menos convincente.

A verdade é que ele *gostava* de Jesus, e a institucionalização da fé não o incomodaria se a fé fosse integralmente institucionalizada. Se o sacrifício dos maridos fosse tão esperado quanto a submissão das mulheres e se o amor a Deus e ao próximo valesse mais que a tradição — *destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas*[2].

Mas a expansão do gene cultural exigia a priorização de alguns dos pilares. Medo, esperança, autoimunidade, narrativa, ritualização e centralidade, se bem lhe vinha à memória. A dúvida se confundia com pecado; o estrangeiro, com pecador. Assim se ergueram os muros entre os povos. O Estado laico era um eufemismo vazio, e os imigrantes enfrentavam mais desprezo que os estupradores.

Severino era um justo com os pés lavados no sangue de um ímpio. Era verdade que deveria se alegrar — os Salmos lhe davam razão —, mas a memética se curvava a um sistema desleal e priorizava o interesse de seus arquitetos.

Nada, ele concluiu. *Não há nada que não seja encenação*.

Mais uma puxada. Sentiu o antebraço coçar. Voltou a atenção à porta de acesso ao tribunal, que conduzia ao corredor. Estava sozinho.

Desabotoou o punho de linho e ergueu o tecido até a altura do cotovelo.

Deixai vir a mim os pequeninos...

As cicatrizes eram todas ovais, acastanhadas e ligeiramente deprimidas, como se o pontilhassem em baixo relevo. Nunca fora capaz de se acostumar ao número delas, de modo que sempre o surpreendiam pelo excesso. Pareciam menos em quantidade quando foram marcadas, uma por vez. Era o triunfo do abuso, ele achava.

Tudo sempre parecia menos.

Um cigarro era apagado em sua pele toda vez que, durante o ato, não conseguia se manter imóvel. Outro, sempre que reclamava demais. Permanecer parado era quase impossível, visto que não herdara a força ou o tamanho do pai. Manuel Cardoso era muito maior e incomparavelmente mais forte.

---

[2] "Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas." — Mateus 22:36-40.

Quanto às reclamações, aprendeu rápido, e somente voltou a se rebelar quando os outros homens chegaram. À época, deveria ter mais ou menos quatorze anos. Percebendo que não poderia contê-lo sem que o matasse, Manuel passou a dopá-lo.

Barbárie e princesas.

Suspeitava que o pai tirasse algum lucro daquilo, embora nenhum dinheiro o pudesse convencer a comprar um cinzeiro. Então, ficou parado e silencioso. Parado e silencioso durante, parado e silencioso depois. Parado e silencioso na escola e depois da escola. Parado e silencioso na universidade, na residência. Parado e silencioso no primeiro emprego, nas festas de família.

Sempre parado. E sempre em silêncio.

Aquilo o envergonhava mais que as próprias memórias. Talvez a legislação, enviesada como fosse, o tivesse ajudado naquele tempo, se ao menos fosse capaz de pedir por ajuda. Não pediu, porque precisava ficar parado. Agora, contemplava a verdadeira lei dos homens. O justo e o ímpio; o olho e o dente.

Assim que outro trago lhe escapou da boca, Rúbio teve certeza de que nada o faria mudar de ideia.

O estampido do tiro o arrastou de seus pensamentos. O som retumbou nas paredes de gesso acartonado e nos labirintos da mente, arrancando-lhe uma queda instintiva, a mão já pousada sobre a empunhadura da Taurus. Detrás de uma das mesas de audiência, Rúbio escutou a cadência rápida e breve de passos cruzando o corredor central, do gabinete à saída. Desprendeu a trava de retenção e apurou os ouvidos. Não ouvia mais nada.

Cauteloso, pôs-se de pé. Nem mesmo o intenso treinamento balístico a que fora submetido desde a primeira designação amenizava a debilidade das pernas e o tremor das mãos que contornavam a arma.

Era um jardineiro na guerra.

Alinhou o cano ao acesso do auditório, deixando o dedo escapar do guarda-mato para o gatilho. Avançou em passos curtos, cada um mais vacilante que o anterior.

No corredor, tomou a esquerda. Poderia dizer que o objetivo era defender Severino, mas sabia exatamente o que encontraria no gabinete — assim como sabia que o atirador estaria no saguão, e o saguão estava à direita.

O fato era que, naquela conjuntura, mesmo Rúbio sentia que a necessidade de escapar pesava mais que a de *ficar parado*.

Desta vez, a massa corrida das paredes parecia se apertar ao redor dele, e cada uma das portas de madeira lisa guardava a promessa de surpresa e morte. O tilintar nervoso do ferrolho vibrava em suas mãos, atravessando o ar junto ao compasso errático de sua respiração. Chocou

o quadril contra um amontoado de caixas de papelão mal empilhadas. Lá adiante, a porta larga e escancarada indicava o gabinete do juiz, e dele se desprendia um cheiro químico e estéril.

Alguma coisa que lembrava desinfetante.

Bastou um olhar rápido. A travessa perpendicular encaixava-se firme entre os pés da mesa, escondendo o cadáver tombado por sobre a cadeira desconfortável. O célebre losango dourado, um pouco esmaecido sob o sangue e os miolos, emoldurava a faixa e o círculo azul. Sobre ela, só uma palavra seguia legível.

Ordem.

Um grito vindo do saguão. A voz de uma mulher.

Rasgou o corredor como quem acredita na força que não têm; olhos fechados, à caça de coragem. Ora, não havia teatro na coragem, havia? Fingir coragem era coragem. Devia ser.

Escancarou a porta dupla com um golpe seco do solado. Do outro lado, o arco metálico do detector emoldurava aquele retrato medonho: o assassino, todo em preto, imóvel como uma estátua, mantinha o dedo enluvado e firme sobre o gatilho. Somente os olhos escapavam através da balaclava — frios, fixos, tão duros quanto o cano do revólver que tocava a têmpora da vítima. Ele prendia Lígia pelo pescoço, espremida entre o antebraço e o torso, ofegante e chorosa.

A Taurus não tardou a anunciar a própria inutilidade. Apesar da resistência inicial — portá-la lhe conferia certa segurança —, Rúbio entendeu que nada poderia fazer daquela posição. Não arriscaria disparar contra Lígia. Se precisasse ser honesto, não sabia se arriscaria disparar, qualquer que fosse o alvo.

(*Primum non nocere*[3]).

"Calma", ele espalmou as mãos, direcionando o cano para o teto. Só então, agachou-se, aproximando a pistola do granito levigado. "Ninguém viu seu rosto", largou a arma, "você fez o que tinha que fazer."

Não tinha certeza, mas os olhos do agressor pareceram se estreitar. Nutria certo interesse mórbido pelas queimaduras de cigarro.

"Agora", Rúbio continuou, composto e estável. "Por favor, deixe ela ir."

O homem fez pressão contra a têmpora de Lígia. Ela gemeu e soluçou.

"Senhor", o médico disparou, meio chamando, meio rogando. "Você recebeu para matar Severino, não é isso? Ele está morto. Ninguém mais precisa se machucar."

A sombra não reagiu ou desviou o olhar. Discutir violência sexual costumava exigir dele um controle quase impraticável, era verdade, mas aquele não era o primeiro homicida descompensado com quem trocava palavras.

---

[3] "Primeiro, não causar dano" — princípio ético fundamental na medicina e em outras áreas da saúde.

Esperava que não fosse o último.

"Eu vou chutar a minha arma até você, pode ser assim?", Rúbio sugeriu.

Ciente de que não receberia qualquer resposta, ele o fez. A Taurus viajou até metade do caminho. Não sabia se seria suficiente para que Lígia fosse liberta, mas também não podia avançar.

Sustentaram o silêncio através do conflito e do mormaço.

De súbito, o homem projetou a refém para frente com um empurrão e espalmou a mão esquerda, que continuava livre. Lígia permaneceu ali, parada, ofegando como se cada fôlego pudesse ser o último.

"Lígia", Rúbio chamou, tentando vestir de calma a voz palpitante. Ela não respondeu. "Dona Lígia", repetiu e fisgou seus olhos desesperados. "Vai ficar tudo bem. Preciso que pegue a arma do chão."

Ela obedeceu de pronto — muito mais rápido do que ele esperava.

"E que não faça nenhuma besteira", acrescentou em sobressalto. "Entregue na mão dele, está bem?"

Ela o fitou. Ele percebeu que a ideia de poupar-lhe a vida não a agradava.

"Vai ficar tudo bem, Lígia", garantiu. "Só não faça nenhuma besteira."

Vacilante, Lígia obedeceu. O homem espremeu a Taurus entre o cinto e o quadril, então gesticulou com o revólver na direção do balcão em MDF, dispensando-a.

Rúbio expirou profundamente, o alívio soprado por entre os lábios como a fumaça do *Parliament*. Fechou os olhos e inclinou a cabeça para o teto. Se fosse morrer ali, pelo menos teria salvo—

O segundo disparo ribombou ainda mais ensurdecedor que o primeiro, tão forte que custou a perceber que não era o alvo. Só compreendeu de fato quando viu o esguicho violento irromper da coxa de Lígia, caída sobre uma poça do próprio sangue e gritando com a dor bruta e desesperada de um animal no matadouro.

"PORRA!", ele berrou e ameaçou um passo. O cano do revólver se ergueu, mirando direto em seus olhos, e ele congelou. "Lígia, pressione! Pressione a coxa, Lígia! Aperte com força!"

Mas ela não podia ouvi-lo. Tentou se levantar; as mãos escorregaram e o corpo desabou de volta, batendo contra as costelas. Empalidecia. Os gritos continuavam, mas perdiam força. Mesmo dali, Rúbio via as lágrimas espessas riscando o rosto e caindo sobre o granito, misturadas ao vermelho vivo.

"Me escute, Lígia, pelo amor de Deus! Você precisa apertar!", a voz embargou.

Os gritos se transformaram em murmúrios fracos, e os olhos dela pestanejaram antes de fechar, como se cada piscada carregasse um peso insuportável. Não estava morta, Rúbio sabia que não. Mas estaria em minutos. Ele avançou mais um passo.

"Não", a voz coercitiva e grave escapou, distorcida pela lã da balaclava. "Parado."

Parado?

O antebraço coçava. Ele estava cansado. Cansado da injustiça, cansado dos arquitetos e de sua memética. Cansado do silêncio. Mas, acima de tudo, cansado disso.

Ele estava cansado de ficar parado.

Decolou até a mulher, cada um dos passos arrastando a sombra de um fim iminente — mas nenhum foi o último. Desabotoou a camisa de linho, desnudando mais uma série de pontilhados esparsos e em baixo relevo. Pressionou o tecido contra a perfuração, contendo os esguichos. Mantinha os braços esticados, rígidos e tensionados; a existência do agressor já mais parecia uma memória distante e desconhecida — um instante de *jamais vu*.

"Bom, quem diria", ele anunciou, mais declarado e nítido. Soava familiar. "Você *tem* estômago."

Rúbio sentiu o coração afundar. Os braços quase cederam, mas ele os travou. Arregalado, desviou o foco à porta escurecida que já corria pelos trilhos.

O homem apanhou a bolsa corporativa que esperava do lado de fora. Jogou a alça por cima de um dos ombros e, jovial, anunciou:

"Eu admiro sua coragem, Doutor."

Sorriu. Rúbio não poderia dizer como sabia; mas ele estava sorrindo. Um sorriso hostil e espirituoso.

"Também espero que possamos trabalhar juntos de novo."

Relações postais

Jose Guilherme Vereza

Prezado Gastão

Finalmente a dor da saudade me acena com tréguas e cá estou eu, como diria nosso avô, "de pena em punho a lutar com as palavras". Não contra elas, espero, mas fazendo-as cúmplices de francos sentimentos. E que sentimentos, irmão! Dói saber o quanto estamos distantes e que esta distância não é nada breve, já que me vejo incapaz de enxergar nas lonjuras da estrada a menor possibilidade de voltar a encontrá-los tão cedo. O que nos resta – eu conjugo nós, pois presumo que nossos afetos estejam atados a laços sanguíneos – é o abrigo das cartas.

Arlete vai passando bem melhor, refeita do impacto da mudança do clima, que lhe produziu algumas alterações nos brônquios e aflições a encharcar meus pijamas.

As meninas Dirce e Luzia não sofreram tanto com a mudança, só a menorzinha estranhou um pouco o mofo da casa e amanheceu na primeira semana com uma branda alergia atrás da orelha, o que foi logo diagnosticado pelo farmacêutico como um eczema tolo. Prescreveu-nos a calêndula de sempre e tudo voltou ao normal.

As obras da casa estão aceleradas e meu gabinete está quase pronto, faltando apenas uma escrivaninha onde eu poderei, além da contabilidade comezinha, dedicar-me às nossas missivas.

Outro dia aconteceu algo que muito nos emocionou. Arlete preparou uma inolvidável galinha ao forno para o jantar, acompanhada de bolinhos de polenta e chicória. Ao repartir o assado, Arlete e eu percebemos as meninas inquietas em pleno momento da refeição, desrespeitando com risinhos o silencia da mesa, o que me fez lançar a elas um olhar de censura e desaprovação. Dircinha olhou para mim e desculpou-se. Luzia, mas espevitada, revelou então o motivo de tanta graça, dizendo que sem a presença do tio Gastão, tia Branca e os meninos, finalmente, elas não precisavam brigar pela moela.

Arlete e eu trocamos olhares e sorrisos. Percebemos nas meninas que a força da convivência de nossas famílias deixou marcas em todos nós. Apesar de agora haver mais moela e menos comensais, sentimos vossa falta.

E assim vamos cozinhando a vida e eu, particularmente, ainda me flagro a remexer nas entranhas os motivos que nos levaram a esta separação. As perspectivas profissionais aqui são razoáveis, mas não o bastante para me convencer de que foi o trabalho que nos empurrou um para fora do outro. Penso no passamento da nossa mãe. Talvez a sua presença conciliadora

fosse responsável pela harmonia entre nossas famílias e o medo de que não pudéssemos nos suportar sem ela nos levou a prevenir antes de remediar. Embora pouco afeita a reflexões. Arlete defende esta tese. Diz ela que sem o carisma de Dona Lucrécia, eu e você voltaríamos aos tempos da infância, quando odiávamos um ao outro e nos ensanguentávamos sem o menor motivo. Acho difícil. Não somos os traquinas de outrora, mas há que se respeitar o sexto sentido e a perspicácia silenciosa das mulheres. É possível que ela esteja com a razão.

Se desavenças houve entre nós ao longo desses anos todas, com certeza, ficaram contidas. E contidas, foram dissipadas, pelo menos dentro de mim.

Já é tarde. Amanhã cedo o trabalho me espera. Recomendações a todos. Aguardamos o carteiro com ansiedade.

Plínio

Irmão Plínio

Registramos a chegada da tua carta com muita alegria. Branca fez questão de ler em voz alta para os meninos e por obra e graça do destino, a oratória aconteceu em pleno almoço, enquanto eu desossava uma galinha, que se exibia dourada e fumegante entre batatas coradas e tiras de cebolas. Todos rimos até o momento em que sua carta se referia ao passamento de mamãe e as conjecturas de Arlete. Branca disfarçou e não prosseguiu, prevenindo-se de incômodas questiúnculas de Rodolfo, que por sinal, está cada vez mais travesso, useiro e vezeiro em nos proporcionar situações constrangedoras.

Veja você, dias passados, Branca recebeu para um chá Dona Carmita e sua filha Angélica, cujo próprio nome traduz a pureza e a inocência de seus 12 anos. Pois não é que o menino Rodolfo surgiu à sala e depois de fitar a donzela da cabeça aos pés, perguntou-lhe em alto e bom som se já lhe haviam sido criados pelinhos no púbis?

Branca hesitou em atirar-lhe uma xícara de chá quente, mas preferiu fazer ouvidos de mercador, evitando acalorar a circunstância. Dona Carmita, educadamente, mordeu um biscoitinho de araruta e de imediato comentou a qualidade da confeiteira. Da menina Angélica não se ouviu um pio, talvez por timidez, talvez por polidez, talvez por perplexidade, talvez por absoluto desconhecimento da matéria. Rodolfo deixou mansamente a sala, sem a curiosidade satisfeita, sem direito a biscoito. Ao cair da noite, o velho cinturão de nosso pai foi posto em prática.

Voltando à cordial missiva, não gostaria de prosseguir com reflexões sobre a nossa convivência, ou como você bem disse, possíveis e contidas desavenças. É prudente colocarmos um ponto final neste enredo antes mesmo de iniciar o parágrafo.

Falemos, pois, do cotidiano.

A vida urgente da cidade nos poupa de sofrer a vossa falta. Cada um ao seu modo, encontrou o antídoto contra a saudade do vozerio das meninas, dos modos doces de Arlete e dos 100 quilos de "bonacheirice e rabugice" do tio Gastão, como definem os meninos tua alternada personalidade.

Branca entrou para a Pastoral das Viúvas da Igreja de São Caetano. Organiza quermesses e saraus beneficentes, onde recolhem alguns donativos, poucos tostões e muito o que fazer.

Rodolfo aproximou-se dos novos vizinhos, filhos do Dr. Marraquino, respeitado clínico geral, que gasta horas e horas com quem aparece na sua frente a discorrer sobre práticas medicinais, farmacologia e anatomia humana, o que deixa nosso primogênito particularmente atento, haja visto, seu desenfreado interesse pela puberdade da menina Angélica.

Rômulo, muito pequeno, ainda não se deu conta da separação. Fica horas e horas a espreitar na varanda a impossível chegada das meninas da escola. Por mais que digamos que elas foram morar longe e que não surgirão tão cedo na esquina da nossa rua, ele insiste em não se conformar. Com o olhar distante, ele pergunta onde é "longe" e quando é "tão cedo".

Aqui ficamos por enquanto, em companhia do vazio da casa e da certeza de que tudo que aconteceu foi o melhor para nós.

Recomendações a todos.

Gastão

Gastão

É com imensa alegria que percebo sensível melhoria no serviço dos carteiros, pois, veja, tua carta não tardou mais de três semanas para chegar às minhas mãos, a partir da data em que foi entregue aos Correios. O que me espantou foi a discrepância entre a data do carimbo no selo e a data em que me escreveste, conforme acusa tua própria letra no cabeçalho. Uma semana, Gastão! Uma semana para me enviar uma carta já escrita! Não me parece uma atitude delicada, muito menos compatível com doces palavras contidas nas tuas linhas e entrelinhas. Em todo caso, fica o registro da minha estranheza com a mesma intensidade da minha esperança de que esta falta de cuidado não seja o prenúncio de atritos entre nós. Não falemos mais nisso, pois.

O menino Rodolfo é mesmo de amargar. Apesar de sua curiosidade pelas atividades do tal clínico, recomendo que não poupes o velho cinturão de nosso pai. Imagino Branca como ficou passada, coitada. Logo ela, que tão bem sabe escolher as palavras como se colhe rosas num jardim. Quanto ao pequenino Rômulo, foi de cortar o coração saber que sente saudade das

meninas. Em nome de Dirce e Luzia, transmita-lhe nossa saudade e diga-lhe que longe pode não ser tão longe e tão cedo pode ser mais cedo do que se imagina.

A vida aqui no interior vai prosseguindo dentro de sua pacata rotina. O escritório vai satisfatoriamente bem, fornecendo o bastante para pagar as contas e criar pequenas reservas para os imprevistos.

Arlete, ao arrumar a casa, deu falta da compoteira de cristal, cujas lembranças me fazem transportar ao tempo em que, ainda garotos, víamos mamãe preenchê-la de docas caseiros. Tempos férteis de travessuras, lembras-te? Bastava Dona Lucrécia retirar do fogão o doce quente e sedutor, e colocá-lo na compoteira para que nós ficássemos à espreita, esperando apenas o tempo de não termos os lábios e o céu da boca queimados pela fumegante guloseima, para que num instante esvaziássemos a dita com a voracidade de dois porcos famintos e egoístas, pois ao ficava a menor sobra para nenhum mortal. Jamais esquecerei do dia em que as colheradas de doce de abóbora com côco eram a conta de servir ao pároco e seu ajudante de missa, comensais de um ajantarado de um sábado ou véspera de dia santo, falha-me a memória quanto à exatidão da data. Antes da chegada do religioso e do beato, fomos energicamente avisados de que não poderíamos em hipótese alguma aceitar o doce, pois se as visitas tinham prioridade na casa de D. Lucrécia, quanto mais visitas que representavam Deus. Pois bem, ao terminar a refeição, lembras-te? Surge da copa a exuberante compoteira com doce de abóbora até a metade. O padre arregalou os olhos, proferindo palavras generosas à doceira e num gesto divino, disse que as criancinhas são sempre prioritárias, sugerindo à mamãe que nos servisse primeiro. A velha Dona Lucrécia, temente a Deus e a seus representantes, aproveitou uma distração do padre e piscou para nós ao tempo de nos perguntar formalmente se queríamos provar do doce, na certa, esperando que mantivéssemos a palavra. Lembras-te do que dissemos? Um retumbante e uníssono sim, do tamanho de um bonde puxado a burro. Apesar da saraivada de piscares de olhos da mamãe, prosseguimos intransigentes na nossa decisão, o que não lhe proporcionou outra escolha senão despejar sobre nossos pratos duas rechonchudas colheradas de doce de abóbora restando ao pároco pouco mais de meia colher e, por uma questão hierárquica, apenas um cisquinho foi destinado ao carola. Quase devolvemos o doce de tanto apanhar, no instante em que o pároco e seu assecla foram embora. Apesar das marcas do cinto, guardo doces lembranças desde episódio.

São exatamente essas doces lembranças que quero reviver no simples tocar e olhar da compoteira, cuja posse foi designada a mim pelo testamento de mamãe. Lembro-te que de quinze em quinze dias parte uma composição de cargas da capital para o interior, quando poderás enviar-me, desde que bem embalada e protegida, a saudosa compoteira.

Por enquanto é só. Abraços e todos.

Plínio

Plínio

Três indignações vieram no mesmo envelope que trazia tua última carta.

A primeira, a percepção clara e nítida de que não perdeste a mania de me chamar a atenção. Supus que a distância seria poupado de tuas reprimendas, mas como pude me enganar! Eis que elas chegam com o carteiro, em forma de rebuscadas palavras, mas, como sempre cacetes e irritantes. Não vou por isso me desculpar por ter esquecido por mais de uma semana sobre o piano a carta pronta para te endereçar. O inconsciente me fez esquecer. Pronto? Estás satisfeito com a volta triunfal de nossas picuinhas? Não me acuses de tê-las recomeçado, pois foste tu quem me cutucaste com vara curta.

A segunda indignação provém de outra percepção clara e nítida, só que dessa vez, de teu deslavado cinismo quanto à história do doce de abóbora. Ora, sabes bem que quem disse o enfático e retumbante sim à mamãe não fomos nós. Foste tu e mais ninguém, sozinho a desafiar a cortesia de nossa velha Lucrécia diante do representante divino. E o que é pior: disseste que apanhamos, mas sabes que quem apanhou fui eu, enquanto fugias como um rato atrás da batina do padre. Em suma, tu disseste sim, nós comemos e só eu apanhei. E por isso, bem sei, que refere-se a este episódio como doces lembranças. Evidente, para mim só restou o gosto amargo de recordá-lo.

A terceira indignação diz respeito ao equívoco que cometeste quanto à história do testamento. A ti foi designada uma baixela de cristal, que tuas próprias filhas trataram de espatifar. A compoteira não te pertence nem a tua mulher, nem às tuas filhas. Fiques apenas com as falsas lembranças que tens dela.

Não vou prosseguir. Nem esquecer a carta sobre o piano. As indignações têm pressa de chegar.

Gastão

Gastão

É com profunda franqueza que cumpro o prazeroso dever de avisar-te que tua carta não me pegou de surpresa. Perdão, irmão, por ter reduzido suas expectativas a pó. Tuas indignações perderam-se pelo caminho, tuas agressões não encontraram terreno fértil para crescer ácidos frutos. Perdão por ter te passado uma ilusão de que estava tudo bem entre nós. Eu já me perdoei por isso.

Resta-me saber do paradeiro da compoteira. Não me atrai a ideia de crer no teu embuste do testamento, sempre fui imune a contos do vigário, conversas de corretores e argumentos de balconista. Bem sabes que o testamento me reservou a compoteira e exijo que me envies imediatamente o documento, sob pena de jamais dirigir palavras, nem a ti nem a tua incauta família.

Dessa vez, poupo-me de formais recomendações.

Plínio

Plínio

Não me rebaixarei à tua sub-condição, enviando-te documento algum. Minha palavra é mais digna que teus ouvidos, minhas letras valem mais que teus olhos, minhas cartas por si só atestam a verdade que te escrevo, salvo uma ou outra palavra de afeto, escapulida em cartas passadas, por descuido do meu pensamento ou por obra e graça de uma desnecessária polidez. Quanto à compoteira, é bom que saibas, foi trocada por esmolas na quermesse de São Caetano. Pobres dos pobres que desta esmola se utilizaram, pois a compoteira que tanto reclamas para ti foi avaliada em apenas um pouco mais que a alma do reclamante. Ou seja, nada, ou para não dizer nada, escassos vinténs mais valiosos que teu caráter.

É chegada a hora de encerrarmos esta lenga-lenga.

Gastão

Gastão

És ladrão. Ladrão de galinhas, ladrão de pequenos furtos, ladrão vagabundo. O produto do teu roubo não te satisfaz. Roubas por roubar. Roubas o que não sabes que estás roubando. Roubas a ti próprio, quando pensas que roubaste uma compoteira de reles valor. Não imaginas que estavas roubando um pouco da nossa infância, simplesmente, porque tu não tens memória, não tens valores, não tens passado. Pobre ladrão de compoteira. Siga teu caminho de gatunos e insensíveis. A miséria do teu espírito não vale a tinta da minha pena, não vale nem o selo dos Correios.

Plínio

Plínio

Não te livrastes de mim, portador de idiotia.

Fizestes-me gargalhar aos borbotões ao me acusares de ladrão de pequenos furtos. Tens razão, tens toda a razão contida neste universo. Se pequeno furto cometi, não foi de uma

compoteira ordinária. Fiques com esta intriga, vergonha de irmão! Enquanto eu desopilo meu fígado só em imaginar teu semblante quando gritares "Eureka!" Diante de uma descoberta tão óbvia e cruel. Aguardo tua carta ansiosamente, pois tenho certeza de que será furibunda e virulenta, para meu íntimo regozijo.

Gastão

Gastão

Tua intriga não me abala. Lamento frustrar tuas expectativas, mas não fuçarei motivos para desprezar-te ainda mais. Os que tenho me são o bastante para ignorar-te. Foste despejado do nosso passado, não moras mais nas nossas lembranças. Já não pronunciamos o te nome, nem quando damos topadas nos pés das cadeiras.

Plínio

Plínio

Invejo-te, vergonhoso irmão. Invejo tua capacidade de não pronunciar meu nome. Infelizmente não podemos dizer o mesmo do teu. Um casal de mendigos passou a habitar nossa rua há cerca de duas semanas. Trouxeram com eles trapos, caixotes, restos de comida, e um vira-lata ladrão de lixo e carniça. Este cão imundo chama-se Plínio. E pelo menos dez vezes ao dia, temos que dizer "Passa, Plínio!" Passa, Plínio".

Gastão

Gastão

Patife, miserável, excomungado! O cão imundo que ora vos fareja não está atrás da sustança do teu lixo. Nem o mais rude animal desconhece o perigo que ronda as tuas sobras. Não te iludas, boçal! O vira-lata ladrão e porco não quer teu lixo, mas a imundície do teu viver. É isso que ele busca. Conforto na sujeira da tua casa, no podre do teu caráter, no mau cheiro do teu pensamento.

Pobre animal!

Mal sabe que o negrume dos seus donos é mais alvo que a brancura azeda da tua pele encardida.

Pobre mulher a tua. Obrigada pela moral a dormir com um traste, ainda encontra forças para bem cuidar de teus filhos, inocentes vítimas de uma aberração genética.

Verme!

Plínio

Plínio

Não meta minha mulher no meio desta pocilga de verbos. Ela bem sabe o valor do homem que tem, assim como tua mulher sabe muito bem o homem que perdeu.

Sim, tua mulher sabe o homem que perdeu, animal corno! Comi tua mulher!

Pois já que não gritaste "Eureka!" ao perceber teus galhos arrastando no alto pé-direito de tua nova casa, obriga-te a saber de minha própria pena.

Antes de desposar minha santa Branca, mergulhei pelas cavernas de tua Arlete, enquanto viajavas a vender meias. E fiques sabendo: ela gostou, gostou e pediu sempre mais, mais e mais.

Foram noites de gozo e esplendor, mas não passaram de noites, pois jamais admitiria alimentar romances com mulher de corno.

A fudelança só cessou quando pedi Branca em casamento. Foram dias difíceis para Arlete, dividida entre o medo de te magoar e o medo de me perder.

Preferiu enfrentar o segundo medo e a partir daí resolvemos esquecer o ocorrido e viver cordiais relações. Só mesmo tua cara de corno me fazia lembrar que tive um caso com tua mulher.

Agora, que sabes o desfecho deste folhetim, mandes chamar um médico, pois com certeza estás começando a ter um derrame.

Gastão

Gastão

Desconheço o conteúdo da última carta que enviaste a Plínio, pois foi queimada por ele mesmo antes de cair fulminado por um acidente vascular. Suponho que confessaste nosso caso. Os indícios são claros. Embora vegetando sobre um leito, Gastão ainda encontra forças para olhar para mim e urrar com os olhos a palavra puuuu-ta. Sim, com os olhos! Olhos de lágrimas e raiva. Olhos de impotência e ferocidade. Olhos que lhe faltaram na hora de perceber o irmão que possuía. Olhos que não olharam para a mulher que tinha.

De nada me arrependo. Se alguma coisa devo, com certeza estou pagando caro, condenada a cuidar de uma posta de carne e ódio, não vejo saída a não ser velar em vida o pai de minhas filhas.

Quanto a tu, esqueças de nossos planos. Não me escrevas, não saibas mais de mim.

Arlete

Arlete

Desconheço o conteúdo da carta que enviaste a Gastão, mas certamente foi isso que tirou-lhe a vida. Teu cunhado foi encontrado morto, ao pé da escrivaninha, engasgado por uma indigesta maçaroca de papel, com indecifráveis vestígios da tua letra. É bom que saibas que sempre soube de tudo. Agora, não há mais nada a fazer, a não ser sepultar com um único defunto, quatro vidas fingidas.

Não me escrevas, não saibas mais de mim.

Branca

Sorte

Bianca de Angelo Banzato

A mão era boa demais, algo que não ocorria há muito tempo, e Chico bateu o calcanhar no chão algumas vezes para testar a firmeza do cimento. Fez força ao arrastar a cadeira de plástico, mas parou quando sentiu os pés envergarem, ameaçando quebrar. De manhã, antes de sair de casa, disse a si mesmo que retornaria logo depois do serviço e, talvez, conseguisse manter a promessa, não fosse o grito animado de Zeca. Sempre gostou de jogar e, após um longo período afastado das cartas, reencontrou seus reis e rainhas na tentativa de aliviar a tensão provocada pelas longas horas de trabalho.

O bar fica na esquina de uma rua estreita e movimentada, onde é comum escutar a buzina dos carros pedindo passagem ou alertando desvios, acompanhados por xingamentos curtos. Naquele dia, o movimento era só de alguns meninos que andavam de bicicleta, fazendo manobras e disputando corridas. O feriado religioso colocava a maioria das famílias dentro de casa ou nas igrejas multiplicadas pela região. Além dos meninos e de uma senhora lavando a calçada, as únicas pessoas vistas na rua estavam no bar: cinco homens sentados em volta de uma mesa vermelha, três deles observando o jogo, enquanto Chico se preparava para mostrar seu tesouro.

As cadeiras e mesas de plástico se amontoavam aos sábados e domingos, ocupadas com entusiasmo pelos moradores dos bairros vizinhos, que apareciam em busca de refúgio, comida boa, álcool e novos ares. As noites de quarta-feira enchiam o bar de torcedores divididos em dois grupos, os de paixão avassaladora e brasão do time no peito e os descamisados de calor incontrolável. Nos outros dias da semana, o movimento diminuía, com fregueses habituais batendo ponto – na hora do almoço ou depois do expediente – para tomarem a cachaça encomendada de Minas.

Chico fazia uma parada obrigatória no bar todos os dias. Os dedos, com restos de sujeira, deixavam a digital marcada no copinho transparente, enquanto a bola de fogo descia por sua garganta. O corpo, cansado de passar doze horas na borracharia, ficava coberto por uma camada cinza de poeira que não saía nem com as melhores buchas. Ao mostrar a mão e o sorriso de vencedor, recebeu, em troca, xingamentos do adversário, logo abafados pelos aplausos e palavrões dos outros homens.

Uma pena Chico ter parado de apostar e só jogar por diversão, fosse na época em que ainda estava com a ex-mulher, poderia esfregar a vitória em sua cara lavada e perguntar quem

era o Zé Ninguém? Mas Rosa se mudou para outro estado, no ano anterior, levando consigo as poucas economias do casal. Para trás, deixou apenas um bilhete amassado no chão do quarto, onde se lia "CHI", assim, com letras grandes e nada mais.

O casamento terminou na segunda-feira, uma semana antes de completarem bodas de algodão. As marcas das brigas pela falta de dinheiro podiam ser vistas nos cômodos. Quase não pensava em Rosa, só na alegria do início da paixão, quando o expediente finalmente acabava e ele podia voltar para casa. Mesmo nas tardes ruins em que o chefe despejava uma série de insultos sobre seu corpo, Chico deixava-se levar para outra região da cabeça, onde a alegria provocada pela Rosa dos primeiros tempos ainda o aguardava sorridente. Vez ou outra, a última noite de discussão voltava para torturá-lo quando estava sozinho, provocando uma tristeza abafada em sua cabeça. Na borracharia, a dispensa após um desentendimento; em casa, o diálogo, a briga, o desprezo e as portas batendo.

Agora já eram cinco demissões, seguidas por recontratações feitas dias depois. Ele se cansava só de pensar, percebendo a vida amarrada em um nó antigo, desses difíceis de desfazer porque a corda é velha demais. A chegada da sorte disparou no peito de Chico algo diferente, uma ideia de mudança que deixava as palavras escorrerem da boca. Ele limpou o queixo por reflexo, antes de pedir mais uma rodada de cachaça para todos, e a nova partida começou valendo o dinheiro do aluguel.

***

Os dedos já estão enrugados de tanto lavar copos, pratos e bandejas de petiscos. A gordura sai com dificuldade e Chico preza pela limpeza completa das superfícies. A concentração nunca deixa seu corpo em momentos como esse, nem o barulho da música e as conversas altas podem atrapalhar a tarefa desempenhada com prazer. Só quando Maria esbarra em seu ombro é que Chico perde o foco e deixa de respirar.

Maria é a esposa de Zeca, que trabalha no bar às quartas-feiras e finais de semana, para ajudar com a alta demanda de frequentadores. Nos outros dias, fica no andar de cima – onde ela e Zeca dividem uma casa de poucos cômodos – fritando salgadinhos para festas de aniversário, reuniões de igreja e chás de bebê. O trabalho é intenso e Maria segue determinada, fazendo zigue-zague entre as mesas, sempre anotando os pedidos em um pedacinho de papel, só para ter certeza de que não vai se esquecer de nada, uma garantia desnecessária.

***

A briga definitiva com o chefe ocorreu uma semana depois daquela partida vitoriosa e deixou Chico em êxtase. As mãos formigavam, enquanto recolhia suas coisas e prometia em

voz alta nunca mais pisar na borracharia. Andou pela rua de cabeça erguida e olhos para o céu, os pés flutuando em direção ao bar.

Tudo aconteceu rápido demais e Chico, no futuro, teria dificuldades para elencar a ordem correta dos fatos, mas eles se seguiram, mais ou menos, assim: uma onda de sorte afogou o jogador nas primeiras semanas após o pedido de demissão. Curiosos apareciam no bar com o intuito de acompanhar as partidas, o que fez de Zeca seu principal entusiasta. O burburinho correu por todos os cantos do bairro e transformou Chico em celebridade. Alguns corajosos se arriscaram na tentativa de ganhar não só o dinheiro, mas a fama de bom jogador. Como o resultado era quase sempre desfavorável, os oponentes rarearam, desconfiados e desiludidos.

Passou a dobrar todas as apostas das partidas ocasionais para fazer o dinheiro render, até que perdeu seis rodadas contra um desconhecido de passagem pela cidade. Chico quis aproveitar a presa fácil e o homem, calado diante das histórias vitoriosas que lhe contavam, decidiu seguir com a disputa. Ao final da noite, para acalmar seu coração e manter o espírito animado dos presentes, Chico pagou a conta de todos e ofereceu uma última rodada de cachaça.

Depois disso, a sorte soltou sua mão e só aparecia de vez em quando, sempre de maneira insuficiente. O aluguel atrasado e a luz para cortar passaram a assombrá-lo. Na cabeça, a voz de Rosa era um papel de parede que ocupava todos os cantos e a única maneira de abafar o barulho era voltar ao bar. Só que resistir aos convites para novas partidas matava aos poucos a esperança e, mesmo sem dinheiro, Chico se pegava pensando na possibilidade de apostar suas roupas ou o anel da mãe, um objeto deteriorado que só tinha valor sentimental.

Seis meses foi tempo suficiente para chamar a rua de casa. A tristeza guardada na cabeça se rompeu e banhou o corpo, deixando os braços e pernas frouxos, sem propósito. Visitava o bar com menor frequência e, toda vez que chegava, era recebido com um salgado e um refrigerante. Zeca tentava esconder entre as conversas cotidianas algumas perguntas mais carregadas. Em uma ocasião, quis saber sobre a família de Chico e percebeu o desconforto em seus olhos.

***

Seguia uma vida itinerante pelo bairro, trocando de calçada a cada três dias. Quando uma tempestade alagou metade da cidade, buscou abrigo ao lado de Zeca e, após algumas doses de cachaça para aquecer o corpo, revelou parte de sua história: o acidente de moto, a morte da mãe e o descaso dos parentes.

No dia seguinte, montou sua barraca em um terreno baldio ao lado do bar. Gostava de ajudar com as mesas e cadeiras na abertura das portas, pedia um pano para limpar as superfícies

e aceitava o salgado oferecido todos os dias na hora do almoço e do jantar. Usava o baralho para se divertir com os bêbados, sem apostar dinheiro algum.

Zeca era, para ele, o símbolo da alegria, sempre com uma palavra de incentivo guardada no bolso. Estava ficando calvo e usava um boné vermelho para esconder as entradas. No ombro, levava um pano de prato engordurado onde limpava as mãos e a testa suada. Trabalhava todos os dias, sem descanso, atento ao humor dos fregueses para oferecer o que achava conveniente. Caipirinha com petiscos na mesa do casal apaixonado, cerveja e fritas para os amigos reunidos e uma dose de campari para o senhor triste que preferia sentar-se no canto mais escuro do bar.

Era magro, mas tinha os braços fortes e uma barriga saliente de quem não encontrava muito tempo para mastigar a comida. O sorriso era lindo, Chico se impressionava com os dentes muito brancos e perfeitos, herdados do pai, de quem Zeca ainda falava com saudade. Também não tinha parentes próximos e Maria era sua única família. Casaram-se após seis meses de namoro e a relação dos dois encontrou força na rotina, entre as mesas sendo postas e a bebida servida. Com o tempo, os salgados de Maria se transformaram na comida preferida de bêbados e crianças, o que gerou uma oportunidade de renda extra para o casal.

Contratou ajudantes ao longo dos anos, mas, com os empréstimos tomados no banco para reformar o banheiro e o depósito, Zeca se viu sozinho no trabalho diário do bar. Lamentava não poder pagar um salário a Chico, protestava contra sua ajuda e passou a servi-lo com mais alimentos e bebidas, buscando meios de retribuir.

Foi durante uma briga, após o jogo de domingo, que tudo mudou.

Dois torcedores rivais se desentenderam por causa de um gol mal anulado e discutiram com fervor e arrogância. A violência se alastrou com rapidez pelo ambiente e a rotina de festa foi interrompida por cadeiras arremessadas. O fundo quebrado de uma garrafa formou uma ponta de lança, de onde ainda pingava cerveja. Chico estava na calçada disputando uma partida com outros fregueses e avançou para o meio do tumulto quando percebeu Zeca tentando acalmar os dois homens. Entre os rivais, Zeca se protegia usando a bandeja como escudo, assustado pelos movimentos rápidos.

Chico se colocou no centro, entre a garrafa e a bandeja.

Quando o vidro perfurou sua carne, não sentiu dor, apenas alívio. O sangue apagou a briga e, desnorteado, o torcedor sumiu como fumaça. Demorou alguns segundos até que os presentes percebessem o ocorrido. De repente, uma mão firme foi posta sobre o ferimento, tentando conter o líquido grosso que escorria entre os dedos. Levaram Chico imediatamente para o hospital e, depois das horas de internação, cedeu à insistência de Zeca para ficar em sua

casa. Maria não protestou, fez a cama no sofá com os lençóis do enxoval e ofereceu um banquete com arroz, feijão, legumes, farofa e bife, que Chico comeu até passar mal.

***

No começo, limitou-se ao andar de cima, esperando a união das partes internas da carne. Chico e Maria conversavam muito e ele gostava de observá-la cozinhar. Deveria estar enjoado de salgados, desprezando as coxinhas e risoles que acompanharam todas as suas refeições nos últimos tempos, porém, sentia um desejo latente toda vez que a comida era colocada no óleo quente. Quis ajudar na hora da fritura, mas Maria não permitiu, alegando que o trabalho precisava de alguém experiente. Seus olhos pequenos e mãos respingadas de cicatrizes testemunhavam a habilidade adquirida com o tempo.

Chico logo se cansou do repouso e desceu para o bar. Primeiro, fez pequenas atividades que não exigiam muito esforço. Zeca ficava atento aos seus movimentos e sempre alertava sobre a possibilidade dos pontos estourarem, como se pegar uma bandeja de copos e duas garrafas vazias fosse demais para o doente. O excesso de zelo não incomodava, ao contrário, provocava pequenos momentos de alegria, obrigando Chico a carregar algo mais pesado de vez em quando, só para ver a reação de Zeca.

Passou a acordar de madrugada, com Maria, para picar os temperos que rechearíam os salgadinhos. O bar abria às dez e ele fazia questão de descer um pouco antes para passar pano nas mesas e colocar as cadeiras no lugar. Tinha apreço pela limpeza do local e não demorou muito até se instalar na pia, oficializando seu trabalho como lavador de pratos. Parou de jogar com os bêbados, mesmo com o recorde de 20 partidas invictas.

Em uma noite, quando Zeca e Maria decidiram assistir ao filme que passava na TV, Chico se mudou para uma cadeira e deixou o casal no sofá. Dormia pouco e as horas de sono eram interrompidas por um sonho recorrente. Ao acordar, com frequência, via-se preso à lembrança de uma mão apertando seu ferimento. "O sofá tem espaço para todos", Zeca disse, enquanto Maria se aninhava no canto, debruçada sobre um dos braços. O dono do bar sentava confortavelmente no meio, com as pernas afastadas. Chico ocupou a outra ponta, atento às bombas que explodiam na tela. Em pouco tempo, o cansaço se aproximou e a visão foi ficando borrada.

Como precisava se manter desperto, esfregou os dedos dos pés na borracha do chinelo. Depois passou a mover as pernas de leve, pensando em sua bunda amassada contra o assento. O braço esquerdo estava frio e quase sem vida, o direito tinha uma quentura natural, provocada pelo contato com Zeca. Não queria causar nenhum tipo de incômodo, ficou com medo de transpirar e a ansiedade acabou produzindo um arrepio.

Os pelos do braço, grandes e pretos, subiram eriçados como um mato alto. O braço de Zeca era mais forrado, com pelos que se encurvavam, agora enroscados aos de Chico. O calor se espalhou por todo o seu corpo, menos na região fria da barriga. Fixou a atenção em Zeca e percebeu que a pele do amigo formava pequenas elevações sob os pelos, enquanto a mão que pertencia ao outro braço acariciava a coxa da esposa. Zeca deu um suspiro e disse que estava cansado, chamou Maria para dormir e saiu em direção ao quarto, sem olhar para trás.

***

Após uma jornada exaustiva de trabalho, Chico e Zeca repetiram os passos de sempre, recolhendo os objetos abandonados pelos fregueses, para, no final, descerem juntos a porta de aço, marcando o fim do expediente. Quando Zeca falou, Chico se espantou com a quebra do silêncio, algo reservado para o andar de cima. Ele queria saber como estava o machucado e pediu para olhar o corte, ali mesmo, sob a única luz ainda acesa.

No momento em que os dedos frios tocaram os pontos sobressalentes da costela, Chico se afastou por reflexo. "Já está quase bom!", a sensação era gostosa e Chico evitou pensar no significado da cura completa. Zeca voltou a tocar nos pontos, aumentando a pressão até sentir um líquido quente na ponta do indicador. O dedo com sangue carimbou uma digital na cintura do outro e os dois observaram a ferida aberta. A pequena boca vermelha queria gritar, mas Chico só escutava o barulho da própria saliva sendo engolida.

Zeca tirou o pano de prato do ombro e o apertou contra a ferida, pegou a mão do amigo e colocou a sobre o tecido, seguindo até a escada que levava para o andar de cima. Ao entrarem na casa, apenas comunicou Maria sobre os pontos que se abriram e viu a mulher deslizar para o banheiro em busca de algodão e álcool. As mãos de Maria prolongaram o bem-estar de Chico que, naquela noite, não acordou nenhuma vez.

Os pontos saíram, um a um, e a ferida inchada abriu por completo, recheada de pus. A aparência do ferimento preocupava Maria, cada vez mais determinada a lutar contra aquela piora progressiva. Colocou panos frios sobre a testa de Chico nas noites em que a febre não baixava e recusou, mais de uma vez, o anel oferecido nos momentos de delírio.

***

De início, tentou identificar a mudança em Maria, mas não conseguiu. Quando resolveu beijá-la foi apenas para que não falasse mais sobre o hospital. A mulher não parava de repetir a ideia de ir até o Pronto Socorro, para refazer os pontos, e se indignava com suas negativas.

No bar, os frequentadores se agitavam com a chegada do final de semana. Os dois homens conversavam sem palavras. Uma virada de cabeça para a esquerda significava que a mesa precisava ser atendida. Os olhos arregalados apontavam para a louça suja. Ao final do

expediente, o leve toque no cotovelo indicava que Chico deveria ir para o fundo do bar e esperar por Zeca em silêncio.

Certo dia, Maria desceu as escadas com um andar mecânico de quem conhecia tudo por ali. Chico só percebeu sua presença quando ouviu o rangido de um dos degraus. Não disse nada a Zeca e esperou um escândalo no andar de cima, mas, quando os dois subiram, a casa parecia desabitada e a porta do quarto já estava fechada.

***

As mãos temperavam o recheio das coxinhas com a mesma destreza que cuidavam da ferida, combatendo a infecção. Sabia que ela vinha bebendo doses de cachaça ao longo do dia, enfiada atrás do balcão, com a desculpa de repor os salgados. Quis olhar para suas expressões de perto todas as vezes em que ela passava remédio no machucado, tentando detectar sentimentos avessos a ele.

Quando beijou Maria, teve de se inclinar sobre a assadeira recém retirada do forno. Foi um gesto casto e de poucos segundos que deixou a mulher paralisada. Em vez de sofrer com a comida quente jogada contra o seu corpo, Chico ficou surpreso ao ver Maria colocar o recipiente na mesa e avançar sobre ele. A mordida que tirou sangue de seus lábios foi uma surpresa bem-vinda.

Os meses passaram e a virada do ano chegou. Fregueses entediados questionavam o motivo de Chico ainda viver com o casal, sugerindo em voz baixa que ele se aproveitava da bondade alheia. Os rumores circularam rápido, até que Chico resolveu fazer um pronunciamento.

***

A plateia escuta, com atenção, todo o discurso. O sol forte não atrapalha as frases que começam cristalinas e acabam sujas de barro e sobras de comida. Um uivo de excitação interrompe a reflexão mais triste e Chico fica bravo com o vira-lata preto que está mais preocupado com sua próxima refeição. Ele senta-se entre os cachorros e distribui o pouco que lhe resta.

Uma sombra cresce sobre o corpo esquelético e desperta o sorriso cansado em seu rosto. Quem está de pé precisa ver as cicatrizes antes que seja tarde demais. Ele se levanta, tira a camisa e dá uma volta completa. A expectativa paralisa sua respiração e retorce as entranhas até que ele decide se aproximar, lentamente, para um abraço.

***

Quantos buracos são buracos demais? Chico se mudou para o quarto do casal sem que houvesse um convite formal. Após o trabalho, subiu as escadas e encontrou o sofá sem lençol,

a porta aberta o suficiente para revelar um travesseiro a mais na cama. Os dias felizes passavam apartados de todos os outros da vida, um relógio que marcava as horas sem o seu consentimento. Os três encontraram uma rotina perfeita para alocar o trabalho e os momentos íntimos dentro daquela construção que abrigava o bar e a casa. Só paravam de sorrir quando chegava a hora de tratar o ferimento, que teimava em não fechar. Zeca se juntou à Maria na obsessão da cura, os dois compraram os remédios que o médico pedira e revezaram-se na limpeza. Não fosse a febre e o buraco, Chico estaria em sua melhor forma, sentia-se mais forte e disposto, dormia bem e parou de beber.

As encomendas de salgados diminuíram à medida que as senhoras religiosas trocavam de calçada quando os três andavam pela rua. Ofendidos pelo afeto que transpirava das paredes, os incomodados bebiam e comiam o desejo servido à vontade, fazendo caretas e pedindo mais. Os torcedores sentiram seus abraços mais apertados do que nunca e, confusos, colocaram a culpa no ar que pairava em todo o ambiente. Chico, Maria e Zeca, absortos em seu próprio tempo, ignoravam o incômodo crescente, preocupados apenas um com o outro.

***

Quando Chico entrou em casa com sangue seco no rosto, Maria chorou. A briga fora desigual e terminara com a chegada da polícia, mas o início foi confuso para todos. Naquela madrugada, saiu do quarto decidido a fechar a ferida e arrependido por ter declarado o seu amor publicamente. Foi surpreendido pelo casal, enquanto procurava a cola e, em silêncio, recebeu a ajuda de Zeca para grudar a pele. Chico apostava que a fúria era passageira e eles só precisavam aguentar firmes até que outro assunto tomasse conta do bairro.

De manhã, a mala estava pronta e todos permaneceram de cabeça baixa. A conversa foi rápida e Chico aceitou o dinheiro que estava sobre a mesa. As primeiras notas pagaram uma dose dupla de cachaça, que ele tomou antes de sair do bar. No meio do caminho, puxou a casca formada pela cola e arrancou um naco de carne da costela.

***

Arrumava brigas pelos botecos da cidade com um canivete enferrujado para ameaçar os adversários, mas nunca acertava ninguém. Queria sua pele aberta em diferentes profundidades, para depois cuidar das feridas com zelo, sempre se lembrando de momentos antigos. Conversava sozinho, cantava músicas tristes e abraçava qualquer pessoa que estivesse por perto.

O falatório virou cochicho no bar, todos sabiam por onde Chico andava e observavam de perto o casal em suas atividades. Zeca cobrava errado as doses de bebida e parou de sorrir, não tinha mais rotina, às vezes se levantava de um banco no começo da noite e baixava as portas

com fregueses dentro do bar. Maria disfarçava melhor, os salgados ainda eram entregues no prazo combinado, talvez um pouco mais frios e gordurosos, mas com o mesmo sabor.

Tentaram seguir assim por um tempo e os dias passavam sem que os acontecimentos fizessem diferença na vida de ambos. Na casa e no bar, a louça formava uma montanha de copos que desafiava a gravidade, enquanto talheres ficavam semanas espalhados pela superfície da pia, até que fosse necessário jogar água quente para desgrudar os restos de comida.

***

A alegria da vizinhança acaba no silêncio daquela esquina, poucos passam por ali e um número ainda menor se arrisca a entrar, não há mais música e até os jogos de futebol empatam em zero a zero. A contragosto, os fregueses cultivam a saudade da dinâmica desenvolvida pelo trio, com todo o amor e cumplicidade que contaminava o bar e seus frequentadores.

Quando a pilha de copos desaba na pia da cozinha, Maria pega a bolsa e sai.

Por instinto de sobrevivência, encontra Chico, bêbado e sentado na calçada, com o sol do meio-dia iluminando sua testa. Ver todas as novas cicatrizes espalhadas pelo seu corpo deixa Maria muda e, apesar da diferença na aparência dos dois, é Chico quem segura a esperança e abre os braços para a mulher. Ele acredita em um resto de sorte que lhe sobrou presa entre os dedos sujos.

A aposta é que a falta do amor não trará ressentimento e amargor, mas uma coragem de mudança.

Dentro da bolsa caída no chão, uma pequena faca afiada bate nas chaves de casa e no celular que toca sem interromper o abraço apertado.

Tempestade

Wilson Couto

Não conseguia enxergar nada direito adiante do meu carro. Só via umas luzes traseiras vermelhas dos outros prováveis veículos. Os limpadores de para-brisa enfurecidos, ligados na velocidade máxima, não davam conta da quantidade de água que caía. Tudo era branco e liguei todos os botões, do ar condicionado aos desembaçadores, para ver se algo melhorava. Sentia um calor úmido e alguns pingos dentro do carro. Não sabia por onde entravam. A rua virara um tapete de água em todas as direções. Queria parar, mas lembrei do velho conselho que já não sabia se era sábio ou não naquele momento: melhor ir andando devagar. Conhecia o trajeto de volta para casa, que fazia todo dia naquele horário de fim de tarde. Já havia me deparado com chuvas de verão em São Paulo antes, mas daquele jeito não me recordava. Percebi que iria demorar para chegar bem mais que a habitual uma hora. Na esquina, avistei a enorme padaria e resolvi entrar no estacionamento lotado. "Muitos tiveram a mesma ideia", pensei. Naquelas condições, nem manobrista tinha mais. Cansado de dirigir, parei o carro em uma vaga longe e fui correndo um pouco, me molhando, até entrar no local.

Sentia minha camisa grudada no corpo pela umidade e senti calor, apesar de os refrigeradores de ar estarem ligados. Devia ser pelo número excessivo de pessoas. Fui ao banheiro, me enxuguei um pouco com alguns papéis-toalha e avistei um banco de canto livre no enorme balcão circular. Após sentar, me senti melhor, transpirando menos e sentindo uma onda de ar frio mais próxima. Pedi ao atendente um pedaço de pizza portuguesa — ele tinha me dito que acabara de sair e as dali eram realmente boas — e um refrigerante com gelo e limão. Ainda comi mais um pedaço e, quando me preparava para tomar um café, ouvi uma voz no banco ao lado falando em minha direção:

— Que tempestade, hein?

— Nem fala. Parei aqui para dar um tempo… — respondi sem sequer olhar para a pessoa.

— Eu cheguei antes da chuva. Sempre venho no fim do dia tomar uma cerveja — disse o homem com um sorriso leve, por trás de uma barba mal cuidada e grisalha. Havia reparado nele apenas naquele momento. Estava escondido atrás de uma garrafa grande de cerveja pela metade. Pegou-a com cuidado e encheu seu copo. Parecia gelada. Fez um pequeno estalo com a língua após engolir. Fiquei com vontade de pedir uma para mim.

Não sou de conversar muito. Não é que realmente não goste. Sei lá… Tenho preguiça. Detesto quando estou em um lugar qualquer, uma fila, em um ônibus de viagem, num avião ou num hotel de férias e algum estranho puxa uma conversa comigo. Podem achar que sou chato, "antissocial" como minha esposa diz, mas não dou a mínima. Depois de uma certa idade, a gente passa a não ligar para o que pensam da gente e também nem tentar mudar nada. É mais um "foda-se" do que uma "autoaceitação" ou "conhecimento interior". E naquela noite ali tinha um desconhecido, provavelmente um bêbado de bar ou de padaria, querendo puxar uma conversa que não estava nem um pouco a fim de iniciar. Só não lhe dei as costas e o deixei falando sozinho, porque fiquei numa dúvida momentânea se seria eu quem iria pedir uma cerveja gelada. Umazinha só. Apenas uma *long neck*. Enquanto hesitava se pedia ou não uma cerveja, o homem ao meu lado continuou tentando puxar conversa.

— Essa tempestade me fez lembrar o que aconteceu com uma grande amiga minha. Faz tempo que não a vejo. Mas a história dela me fez valorizar mais cada dia que vivo. Como esse momento aqui, que tiro só para mim. Tomar a minha cervejinha diária… — completou, levantando o copo como brindando.

Se ele queria atiçar minha curiosidade, acabou conseguindo. Também achei o motivo que procurava para pedir a minha cerveja. Fiz a pergunta que ele esperava:

— O que aconteceu com sua amiga?

— Tânia? Vou lhe contar — respondeu ele. — Antes de mais nada, deixe me apresentar. Meu nome é Juvenal…

— Muito prazer. Sou Rodrigo — respondi. — Uma cerveja pequena, por favor — pedi ao atendente. Juvenal deu um pequeno sorriso e seus olhos brilharam um pouco, como que esperando aquilo mesmo que fiz: ficar para ouvi-lo.

— Moro aqui perto. A duas quadras daqui. Viu na avenida um condomínio grande com vários prédios no fundo? É ali que moro.

— Sei, sei — respondi. — Acho esses apartamentos ótimos. Tem ainda aquela parte arborizada na frente. Parece um bosque. Na época em que lançaram, até parei um dia para ver os preços, já que estava procurando algo. No fim, achei que o apartamento em si era meio pequeno e muitos blocos juntos. Comprei outro — completei.

— Você tem razão. Eles são pequenos mesmo. Hoje em dia é assim. Eles fazem os apartamentos pequenos e com uma área de lazer grande para atrair as pessoas — disse Juvenal. — Mas era eu e minha mulher só. Tenho uma filha casada. Perdi minha esposa o ano passado. Teve câncer de mama. Fiquei sozinho. Podia até ir para um lugar mais simples. Sei lá… No centro de São Paulo. Mas tenho preguiça de começar a procurar… Mudar… O condomínio tá

caro para mim. Tenho só a minha aposentadoria. Pelo menos tem essa padaria perto, que é o meu lazer — completou com um risinho irônico.

— Sinto muito pela sua esposa — retruquei.

— Obrigado.

— Mas, como ia dizendo, toda vez que chove assim me recordo da minha amiga. E do seu marido também — continuou Juvenal.

— Foi algum acidente? Eles morreram — perguntei curioso.

— Não, não. Acho que talvez ela até tivesse desejado isso. Mas eles estão por aí. Vivinhos da Silva, se é que se pode falar assim. Eles moram no mesmo condomínio que eu. Depois que a minha esposa faleceu e do que aconteceu com eles, nos afastamos um pouco. Agora os encontro apenas no elevador. É aquele relacionamento paulistano, sabe?

— Acho que sei. Mas como assim? — perguntei, arreganhando os dentes.

— A gente encontra a pessoa no elevador. Dá bom dia, boa tarde e boa noite. Pergunta como está, fala do clima, se tá quente, frio, se vai chover ou não. Ou está tudo no mesmo dia, como acontece por aqui — falou. Rimos juntos. — Aí o elevador chega. Nos despedimos e ficamos por aí. Para alguns, falamos: "precisamos marcar algo, uma cerveja…", mas isso nunca acontece… É a superficialidade das amizades de elevador…

Juvenal ainda ri mais um pouco, agora com um canto de boca irônico. Enche seu copo, terminando a garrafa e solicita outra. Olhei na parte interna do balcão, onde tinha duas outras vazias. Deveria então estar na terceira cerveja grande. Ele percebe meu interesse, coloca a garrafa cheia no canto perto da parede e bebe até a metade do copo, enchendo-o novamente. Parecia estar fazendo tudo em câmera lenta, percebendo que eu prestava atenção a ele. Aquele senhor barbudo já me tinha em sua órbita e eu não estava fazendo questão alguma de sair. A chuva ainda caía forte lá fora e eu enxergava as luzes vermelhas traseiras dos automóveis congestionados na avenida.

— Então… — falou ele com uma breve pausa para continuar a sua história. — A minha amiga Tânia e o marido eram bancários. Ela ainda é. Ele pediu demissão e abriu negócio próprio, um quiosque de cafés *gourmets* em um shopping que não foi para frente. Deu azar por causa da pandemia… Não sei o que ele está fazendo agora. Parece que queria até voltar pro banco, mesmo ganhando menos…

— Eles viviam bem com o salário dos dois. Tinham um filho só, deve ter uns 14 anos agora. Davam o melhor para ele: colégio particular bilíngue, aulas de futebol, roupas boas, joguinhos…O menino não era muito de estudar, mas não dava muito trabalho. Acho que eles

eram felizes com a vidinha que levavam. Ou pelo menos não eram infelizes. Eram sócios de um clube de classe média aqui perto, você conhece o clube italiano?

— Sei… É meio velhão. Mas tem um restaurante com comida boa. É aberto ao público e já fui lá algumas vezes — respondi.

— É verdade. Tá meio decadente. Mas não é ruim. É familiar — retrucou Juvenal. — Como ia dizendo… Eles pareciam ter uma vida tranquila. Mas Tânia tinha uma ideia fixa que não escondia: ter um apartamento na praia. No litoral sul de São Paulo. Algumas pessoas no condomínio achavam ela tensa. Outros a achavam arrogante. Para ser franco, gostava dela. Sempre nos tratou bem, com educação. Chamavam de vez em quando para ir na casa deles para jantar e tomar uma cerveja. Apesar de minha esposa e eu sermos um pouco mais velhos que eles, acho que gostavam da gente. Dava "liga".

— Saíamos para jantar juntos, também com outros amigos do prédio. E sempre ela retornava ao assunto do apartamento na praia. "É meu sonho de consumo. Falta muito ainda. A partir de janeiro, vou concentrar todo meu esforço em economizar para conseguir", dizia ela com um jeito resoluto. Estávamos em dezembro.

— E assim ela fez… passou a guardar cada centavo. Só pensava no seu futuro apartamento na praia. Ela não saía mais de casa. Não tinha mais lazer. Cancelou o título no clube italiano. Não adiantava convidar para dar uma saída. Ida a restaurantes? Jamais. Nem mesmo tomar um lanche aqui na padaria. "Os preços das coisas em São Paulo estão um absurdo. Não dá para comer fora mais", repetia ela. Eles pararam de ir nos churrascos de família no condomínio. De vez em quando o pessoal se reunia em algum fim de semana. Compravam carne e bebida e as despesas eram divididas. "O pessoal bebe muito. Eu, hein? Ficar dividindo despesas com esses bêbados. A gente nem come muito e tem que dividir a conta", chegou a comentar.

— Uma vez teve uma situação que foi constrangedora. Num domingo, combinaram um churrasco de confraternização. Se assistiria a uma partida de futebol em seguida. Ela, o marido e o filho chegaram um pouco depois. Tânia tirou de uma sacola de supermercado várias embalagens plásticas com comida: maionese, arroz, carne e farofa. Pareciam as prováveis sobras da véspera. Começaram a comer sua própria comida fria mesmo, sem oferecer a ninguém. Também trouxeram suas próprias bebidas num pequeno *cooler*. Eles até conversavam com algumas pessoas e ela fingia simpatia, mas nem olhavam para a churrasqueira. Menos o filho. O menino olhava para aqueles pedaços de carne suculentos com uns olhinhos de dar dó. Dava para ver que escorria um pouco de água pelo canto de sua boca, de vontade de comer um pedacinho de churrasco. Mas abaixava a cabeça e continuava mastigando a sua gororoba. A mãe

deve ter falado e colocado muito medo nele antes, para não se servir de nada. Dava pena do menino. Magrinho, olhos fundos, com umas roupinhas velhas, um tênis puído. Parecia doente. Falaram que estava com depressão. Mas acho que podia ser fome mesmo. Comentavam que ela passou a racionar a comida em casa. Havia dispensado a funcionária permanente da casa há muito tempo. Ela fazia tudo: limpava, lavava, passava e cozinhava. Quando chegava do banco, fazia o jantar, "agora sem desperdício de comida" dizia, e completava falando que era também o almoço do outro dia. No café da manhã, um sanduíche de pão de forma com manteiga, um copo de leite e café. A única fruta que entrava naquela casa era banana e nada absolutamente de doces, bolachas, sorvetes… Nadinha mesmo. Tânia e o marido estavam bem magros. Também sem comer… Ela parecia doente. Esquelética, com umas roupas largas, cabelos mal cuidados e com brancos na raiz. Seu rosto pálido, sem nenhuma maquiagem, nem mesmo um batom, e as olheiras fundas davam a impressão de uma pessoa com alguma doença terminal.

— O tempo foi passando e Tânia juntando seu dinheiro. Centavo por centavo. Os fins de semana eram passados em casa, trancados. "Quando eu tiver meu apartamento no litoral, vou aproveitar a vida. Quero bem perto da praia", pensava. Gastava seu tempo na internet, procurando por anúncios de vendas de apartamentos no litoral. Quando alguém a encontrava, ela só falava nisso. Os imóveis que procurou e como eram. Às vezes se dava ao luxo de ir pessoalmente ver o imóvel. Dava uma escapada rápida no fim de semana e nem se divertiam por lá para não gastar. Com o que tinha de dinheiro já dava para comprar um bom apartamento e até mesmo uma casa. Mas nada a satisfazia. Passou a falar: "quero uma cobertura". E não falava mais no apartamento, mas só na tal cobertura. Dava detalhes de como seria: bem ampla, com vista para o mar, no mínimo com três quartos, duas suítes e um para visitas. Não sei que visitas ela pensava em receber, já que era tão mesquinha. A menos que ela mudasse de comportamento assim que comprasse aquilo que passou a ser o motivo da sua existência.

— Uma vez a encontrei numa área do condomínio chamada de redário. Era um pequeno quiosque, no meio de algumas árvores, com duas redes penduradas. Ela não deitava numa delas, mas estava sentada numa poltrona de meditação puída. Usava umas roupas brancas esquisitas, parecendo de alguma seita. Mas não era de seita alguma. Seus cabelos estavam curtos, ralos, com algumas partes do couro cabeludo à mostra. Me falaram uma vez que pessoas que não se alimentam bem podem ficar assim. Pois ela parecia ter isso. Pela bata branca larga que ela usava, dava para ver suas costelas fundas. Nem peito a coitada tinha mais de tão magra… Ela estava com os olhos fechados em posição de meditação. Quando a vi assim, fui me afastando devagar. Mas acho que ela ouviu e abriu os olhos.

"Boa tarde, Juvenal", disse ela com um sorriso, mostrando os dentes mal cuidados.

"Oi, Tânia. Como vai? Meditando"? "Sim. Um pouco".

"Desculpe ter atrapalhado".

"Tudo bem. Já estava terminando".

— Ela descruzou as pernas e alongou um pouco os braços e as pernas. Quando fez isso, a magreza dela me assustou ainda mais. Levantou, pegou sua almofada e ficou na minha frente. Seus olhinhos pretos e fundos pareciam pedir por atenção — continuou contando a história Juvenal.

"Passei a meditar mais e focar no meu crescimento espiritual. Nas coisas que têm valor na vida. Desapegar das coisas materiais. Procuro também viver de maneira estoica".

"Como assim"?

"É uma filosofia antiga. Procuro viver em harmonia comigo mesma e ter uma mente calma. Indiferente a certos prazeres".

"Já ouvi falar. Mas pode tomar cerveja, né? Quer dizer que você abandonou aquela ideia fixa de comprar um apartamento de cobertura na praia"?

— Olhe, meu amigo. Antes não tivesse perguntado isso…

Conheci esse homem nesse bar e ele já começou a me chamar de amigo… Coisas de bar. Ou melhor, de padaria. Não sei o que ele tinha que me prendia tanto a atenção. Queria a todo custo que ele continuasse a contar aquela história. Queria saber o que aconteceu com aquela mulher, afinal. Mas ele parecia perceber minha curiosidade e que ouvia atento o que dizia. Não fazia questão de apressar o seu ritmo. Encheu seu copo de cerveja lentamente, criando um "colarinho" pequeno de espuma. Bebeu, estalando a língua. Terminei a minha segunda *long neck*, mas vê-lo beber com tanto gosto me induziu a pedir mais uma garrafa.

— Mas o que aconteceu com ela, afinal? — perguntei impaciente.

— Calma, amigo. Vou te contar tudo. Para que pressa? Olhe como está o tempo lá fora…

Era verdade. Fiquei absorto naquela história que não havia reparado que o tempo lá fora continuava péssimo. A chuva forte não dava trégua e podia se ouvir as trovoadas e rajadas de vento. A televisão, em um canto alto à esquerda, mais ao fundo, dava notícias de alagamentos pela cidade e da situação do trânsito que se tornara caótico. Juvenal pegou um guardanapo pequeno à sua frente e enxugou os lábios, demorando ainda mais para continuar.

— Quando perguntei da tal cobertura, o rosto dela se transformou. Os olhos mortos ganharam um brilho. Os lábios finos e secos se abriram num sorriso. Até os dentes mal cuidados pareceram melhores. "Não, não. Estou quase chegando lá. Logo conseguirei realizar meu sonho. Vale a pena economizar", falou.

— E ela não parava de falar como queria a sua cobertura duplex. Como iriam ser as suítes, a sacada *gourmet* integrada com a sala, os banheiros, tudo. Falou de cada detalhe como se estivesse vendo tudo na sua frente. Quando chegou na parte de cima, onde ficam a piscina e churrasqueira, aí ela não parava de falar. Detalhou como seria a piscina climatizada, uma jacuzzi separada, a parte da churrasqueira grande, com uma mesa de madeira rústica e dez cadeiras, sim… cadeiras e poltronas porque "bancos são desconfortáveis e improvisação… economizar onde não se deve"… e deu atenção especial ao teto…Aha, o teto… mal sabia ela o que iria acontecer…

— Como assim? — perguntei a ele.

— Ela fazia questão de ter um teto moderno no segundo andar do duplex que sonhava. Cobrindo toda a área da churrasqueira do lado da piscina. E eu achando que ela tinha mudado. Abandonado a obsessão da tal cobertura. Mas que nada… todo o esforço… toda aquela vida de sacrifícios tinha um só objetivo: comprar aquele maldito apartamento. Era uma vida monástica. Mas uma vida monástica sem nenhum objetivo nobre. Sem nada importante. Uma vida egoísta… E os anos foram passando. E ela juntando seu dinheiro. Toda noite, gastava horas olhando anúncios de apartamentos à venda no litoral de São Paulo. Não sabia onde iria realizar seu sonho. Via centenas de fotos e ficava imaginando como seria sua vida no imóvel. Se via chegando na sexta-feira. Ela, o marido e o filho. Aproveitando o fim de semana. Se via no segundo andar do seu duplex de frente para a praia. Olhando o mar azul esverdeado à frente. O céu claro, com uma ou outra nuvem. Se via na piscina, depois deitada em uma cadeira de praia, com óculos escuros, tomando sol com um livro nas mãos. E depois sentada na mesa grande, na sombra, comendo um churrasco servido por alguém e bebendo uma cerveja transpirando de gelada. Essas visões lhe davam ânimo para economizar ainda mais até ver esse dia finalmente chegar.

— Depois de dez anos vivendo dessa forma, Tânia chegou lá: conseguiu o dinheiro suficiente para comprar uma cobertura duplex de 250 metros quadrados. O local escolhido foi em São Sebastião, no litoral norte do estado. Suas economias foram também planejadas para permitir a reforma do imóvel, de acordo com seus sonhos. Passou quase um ano, quebrando tudo no apartamento. Quase tudo foi refeito e modernizado. Ela fez incontáveis viagens para fiscalizar a obra. Agora, não falava de outra coisa senão das dificuldades que tinha com os trabalhadores locais: pedreiros, marceneiros e outros. Contratou uma empresa especializada para a colocação de uma cobertura retrátil de um material especial na área da churrasqueira, como sonhou… E aí aconteceu a tragédia?

— Que tragédia? — perguntei, ansioso pelo fim daquela história.

— Calma, amigo. Já estou terminando — respondeu Juvenal, pegando seu copo, enchendo e esvaziando outra garrafa de cerveja.

— Você lembra daquele temporal que deu no litoral o ano passado… Em São Sebastião? — perguntou Juvenal.

— Sim, claro — respondi.

— Pois é… Quando deu aquele temporal, tinha uns homens trabalhando e instalando o tal do teto retrátil que ela tanto queria no seu duplex. A chuva forte com ventania soltou uma viga de ferro que eles colocaram e atingiu um homem na cabeça. O ferro furou a cabeça dele e o matou na hora… — disse Juvenal.

Fiquei em silêncio, esperando Juvenal continuar…

— Tânia foi chamada e teve que ir na hora, às pressas, ao local, já que o marido não resolvia nada. A polícia e os peritos a aguardavam. Quando chegou, o corpo do homem ainda estava lá, coberto com um daqueles sacos pretos que cobrem os mortos em acidentes. Não teve como não olhar para ele. Haviam serrado o ferro na cabeça para poder levar o defunto para o Instituto Médico Legal. Deu para ver a ponta do ferro para fora do saco. Ela prestou os esclarecimentos necessários e voltou para São Paulo tarde da noite. A partir daquele dia, ela não voltou mais para o litoral. Interrompeu a obra, contactou todos à distância e pagou o que devia. Colocou a tal da cobertura à venda por um valor bem mais baixo do que pagou.

Não se importou com o prejuízo: só queria se livrar daquele apartamento. Nunca mais falou sobre o assunto. Quando alguém tentava puxar conversa e perguntava se ela iria querer comprar algo em outro local, ela simplesmente não respondia. Ficava séria e seu rosto se transformava, parecendo uma nuvem carregada de chuva…

— E como ela está agora? — perguntei.

— Tânia, como sempre. Magra que nem um palito. Mal cuidada e envelhecida. O marido até parece que engordou um pouco. O menino nem tanto. Me falaram que eles se acostumaram de tal forma a viver daquele jeito avarento, que não conseguem mudar… Não sei o que fez com o dinheiro que recebeu da venda do apartamento. Ela não fala mais nada… Disseram que até hoje tem pesadelos com a imagem do homem morto envolto no plástico preto, no local que seria o sonho e a única razão de sua vida nos últimos anos.

Juvenal continuou tomando a sua cerveja. Pediu um Bauru de presunto ao atendente. Me dei conta de que havia bebido três cervejas *long neck* enquanto ouvia a história daquele homem, que se tornara meu amigo por uns instantes. Percebi também que a tempestade lá fora havia passado e estava na hora de voltar para casa. Me despedi de Juvenal e ouvi um "apareça" de volta. Quando passo em frente daquela padaria no fim do dia, penso em dar uma entrada

para ver se ele está ali, sentado naquele banco de canto, com sua cerveja. Talvez um dia desses, pare e o procure por lá.

Teria coragem?

William Koopman

Ele entra pela porta da frente e passa pela sala e vai até a cozinha. A esposa está de costas para ele, acendendo uma das bocas do fogão.

– Tudo bem por aí? – ele diz.

– Ai, que susto – ela diz, voltando-se. – Que deu em você de chegar assim?

– Calma aí, não foi minha intenção assustar ninguém. E você não é de se assustar assim, o que é que tá pegando?

– Você não viu no noticiário?

Ela deposita sobre a chama a panela de arroz. Ele desabotoa o colarinho e tira a fralda da camisa de dentro da calça.

– O quê? – diz.

– Teve um assalto hoje de manhã.

– Onde?

– Aqui no bairro, dois quarteirões pra cima.

– Credo. Quem foi assaltado?

– A Dona Célia, aquela senhorinha aposentada que trabalhou muitos anos na prefeitura, sabe?

– Putz. Entraram na casa?

– Foi. Tava ela e a diarista que trabalha lá. Os bandidos chegaram num Palio preto e ficaram rodando pela rua. Quando a Dona Célia deu as caras no portão, os vagabundos renderam ela, levaram ela pra dentro, amarraram ela e a diarista e reviraram a casa.

– Levaram muita coisa?

– Dinheiro e umas joias.

Ele dirige-se à mesa e puxa uma cadeira e senta-se.

– Nunca achei que ia ouvir falar de assalto aqui – diz, acendendo um cigarro. Abaixa-se e esfrega com o polegar uma pequena nódoa no tacão de um dos sapatos. – Que coisa, parece que não existe mais bairro seguro.

– Acho que até por isso que os bandidos cresceram o olho. Aqui a polícia nem passa, pois nunca acontece nada.

– E foram direto na casa de uma mulher idosa e sozinha. Deve ser gente que já conhece a rotina do bairro.

– É possível.

Calam-se. Ela abaixa o fogo do arroz e põe a tampa na panela. Ele observa-a. Ela pede um trago do cigarro. Segurando-o entre o indicador e o dedo médio, ele estica a mão e passa-lhe o cigarro e, levantando-se da mesa, diz:

– Bem, vou tomar banho agora, enquanto você faz a janta. Depois você me conta o resto.

*

Sentado à mesa, com um pedaço de carne na boca, ele diz:

– A Civil já começou a investigar?

– Já. Já pegaram as imagens das câmeras e tudo. Tomara que consigam prender logo esses bandidos. Coitada, a Célia deve estar em choque até agora.

Ele espeta no garfo mais um naco de carne, corta-o e leva-o à boca.

– Tô até meio com medo agora – ela diz. – Antes de sair cedo, você dê uma espiada pela janela, dê uma boa olhada na rua. Imagine, você abre o portão e os bandidos embocam pra dentro? Deus me livre, quero nem pensar.

– Eles não vão voltar aqui – ele diz. – E se este bairro não tinha atenção da polícia antes, agora vai ter.

– Você acha?

– É claro. Os ladrões não são bestas de voltar aqui, com a polícia de olho agora.

– Mesmo assim ainda tenho medo.

– Fique tranquila, não vai acontecer nada.

Terminam de comer. Ele acende outro cigarro. Ela recolhe os pratos e as panelas e leva-os à pia. Ainda fumando, ele levanta-se e vai até a sala. Abre a porta e sai na varanda da frente. Mira o céu de chumbo a anunciar a borrasca noturna. Há alguns carros estacionados aqui e além. Ele corre a vista e tenta, um a um, identificar-lhes os donos. Sente certo alívio ao constatar que todos pertencem a conhecidos da vizinhança. Vê seu próprio carro parado em frente ao portão. Sempre teve o hábito de recolhê-lo só depois do cair da noite. Mas agora pensa que já é uma boa hora para guardá-lo.

Sai pelo portão de pedestres. Com o controle, aciona o portão da garagem. Espera o portão correr pelo trilho, então entra no carro e manobra-o para dentro.

À noite, ele e a esposa assistem na televisão a um filme chamado Animais Noturnos. Sem se levantar do sofá, ele abre uma fresta na cortina e dá uma espiada do lado de fora. A chuva que se anunciara no final da tarde já cessou. Ele vê luzes de giroflex de uma viatura da PM. O carro passa vagarosamente pela rua, até que some de vista.

– Bem, você tava certo – a esposa diz, levantando a vista para a janela. – Primeira vez que eu vejo a polícia fazendo ronda por aqui.

– Pois é.

– Assim fico mais tranquila...

Terminam de assistir ao filme. O final deixa-o um tanto perturbado.

– Vai assistir mais alguma coisa? – a esposa pergunta. – Tô com um pouco de sono, acho que já vou deitar.

– Pode ir – ele diz. – Vou ficar aqui mais um pouco, estou sem sono agora.

Ela levanta-se e sai para o quarto. Ele continua sentado no sofá, repassando os canais na televisão. Detém-se por alguns minutos num programa de leilões no Canal Rural. Corre novamente os canais, até que larga o controle de lado. Levanta-se, vai até a cozinha e toma um copo d'água. Volta à sala, desliga a televisão e dirige-se ao quarto. A esposa dorme a sono solto. Ele queda-se alguns segundos ao pé da cama, a fitar a esposa na penumbra do quarto. Então deita-se de costas para ela.

*

O despertador toca às seis da manhã. Ele desliga-o e pula da cama. Corre ao banheiro, alivia-se, escova os dentes, lava o rosto e penteia o cabelo ralo. Volta ao quarto e veste-se para o trabalho.

Na cozinha, encontra a esposa a arrumar a mesa.

– Acabei de passar o café – ela diz.

Ele apanha uma xícara e serve-se do café quente. De pé, sorve-o devagar e larga a xícara ao lado da garrafa térmica. A esposa senta-se à mesa e põe-se a mastigar ruidosamente uma torrada. Ele aproxima-se dela e, inclinando-se, dá-lhe um beijo na testa.

– Já vou – diz.

– Já? – ela diz, ainda com a boca cheia. – Vai sair assim, sem comer nada?

– É aniversário do Maurício, o pessoal do escritório combinou de levar uns salgados.

– Hum, então tá. Vá devagar, se cuide.

– Sempre.

Ele sai para a garagem, entra no carro, dá a partida e aciona o portão de correr. Não vai olhar? diz em voz baixa, dando um risinho. O portão corre o trilho, e ele então sai para a rua deserta. Para em frente ao portão, aperta o botão do controle e espera o portão fechar. Põe o carro em movimento, dá uma guinada no volante e segue caminho para o trabalho.

*

No escritório, após cantar Parabéns para Maurício, os colegas põem-se em fila indiana e vão, um a um, cumprimentando o aniversariante e desejando-lhe felicidades. Aqueles que se desembaraçam da obrigação vão-se dirigindo à mesa de salgados.

– Seu bairro lá tá foda, hem? – Maurício diz a ele, último da fila, após receber as felicitações.

– Pois é. Minha mulher já tá toda paranoica, tá morrendo de medo.

– Em casa tá assim também. Mas é bom mesmo ter cuidado. Meu filho saiu cedo prà escola e eu já fiquei de olho. Sorte que o motorista da van dele já foi da polícia e tem arma. E é conhecido também, ninguém é louco de pôr a cara com ele.

– E você?

– Eu o quê?

– Pensa em arrumar uma arma também? Cê acha que adianta?

– Até penso. Acho que mal não faz.

– Sei não.

– Quando o Bolsonaro for eleito, esse terror vai acabar.

– Acho que governo nenhum vai ser capaz de dar jeito nisso. Pelo menos não por agora. Acho até que é capaz de as coisas ainda piorarem antes de melhorar. Se é que vão melhorar.

– Estamos na merda, é fato. Mas não custa ter um pouco de esperança.

– Bem que eu queria ter.

Calam-se. Observam os colegas a transitar pelo escritório, então dirigem-se à mesa de salgados.

– E você – Maurício diz, pegando uma coxinha em uma das tigelas –, vai arrumar um herdeiro quando?

– Eu precisaria primeiro arrumar alguma coisa que alguém pudesse herdar.

– Ora, que nada. Antes eu pensava que nem você, mas percebi que não existe hora certa pra ter filho. O Lucas veio sem planejamento, quando eu ainda nem tinha terminado a casa. Mas nós seguimos em frente, criando ele até que muito bem, espero eu.

Ele pega um encapotado e dá-lhe uma mordida.

– Vocês tiveram sorte – diz. – O Lucas é um menino tranquilo e sem nenhum problema sério. Um primo meu casou há uns seis anos com uma mulher lá de Buri. Foi morar com ela pra lá. Nem bem tinham completado um ano de casados e já tiveram filho. O menino nasceu com tantos problemas que até hoje eles têm que correr com ele pra lá e pra cá. Coitado, meu primo não tem mais vida, dá pra ver no semblante dele que ele tá acabado...

Adotando expressão algo obscura, Maurício para de mastigar e, com a boca aberta, encara o amigo, que, por sua vez, pensa que talvez não devesse ter dito aquilo.

– Bem, e de qualquer forma, não acho que seja justo colocar alguém pra viver neste mundo depois do tanto que esculhambamos com ele – conclui, metendo na boca o último pedaço do encapotado.

– Pode até ser – Maurício diz. – Mas o mundo também precisa continuar. Enfim... Vou voltar pro batente, depois a gente se fala. Té mais.

– Até.

Maurício volta à mesa. Ele sai para a área de fumantes. Tira um cigarro do maço mas demora a acendê-lo. Observa de longe os caminhões sendo manobrados no pátio. Um dos caminhões tem na cabine, além do motorista, uma mulher e um menino. O motorista dá marcha à ré e posiciona o veículo com a carroceria sob o desenlonador. Ele acende o cigarro e perde-os de vista. Fuma, descarta a bituca e volta para dentro do prédio. Os colegas já estão todos de volta às suas estações, com seus fones no ouvido e olhares absortos em seus ecrãs.

O trabalho transcorre normalmente. Às cinco ele volta para casa.

*

Passa-se uma semana. Está perto a virada do mês, quando ele sairá de férias. Mas pensar nisso não lhe traz nenhum prazer especial.

Saindo do trabalho, resolve passar na casa da mãe. Já faz uns meses que não a vê. Pensa que agora é um bom momento. Ela mora na Vila Guarani, ao final de uma rua sem saída. É professora aposentada. Tem sessenta e cinco anos, ainda goza de boa saúde. Ele encosta o carro em frente à casa dela. Dirige-se ao portão e toca a campainha. Ela surge na porta.

– Olha só quem tá aqui – diz. – Pensei que tivesse esquecido que tinha mãe.

– A senhora também podia muito bem arrumar um celular. Mais difícil falar com a senhora do que com o papa.

– Ora, você sabe muito bem que eu não me dou com essas tecnologias.

– Nem com essas nem com outras.

– Pois é. E você vai ficar em pé aí fora? Entra, vem pra dentro.

Ela destrava o portão e ele entra. Segue-a para a cozinha.

– E como é que você tá? – ela pergunta, apontando-lhe uma cadeira.

– Tudo em paz.

– Sei. E as coisas em casa?

– Tudo bem.

– Pra você vir aqui assim, é claro que não tá tudo bem.

– Tá tudo bem, sim. Vim só pra fazer uma visita à senhora.

Ele pega uma xícara no escorredor. Senta-se à mesa e despeja na xícara um pouco do café da garrafa térmica.

– Esse café é de cedo – ela diz –, já deve estar meio frio.

– Não tem problema.

Ele leva a xícara aos lábios e toma o café num único gole. Tira o maço de cigarros do bolso.

– Você não tinha parado com essa porcaria? – a mãe diz.

– Parei mas voltei. Pela trigésima vez.

Ele deixa o maço de cigarros sobre a mesa.

– Até nisso você é igual ao seu pai – a mãe diz.

– Mais fácil imitar as coisas ruins do que as boas, não é o que a senhora sempre dizia?

– E você aprendeu muito bem a lição.

– Filho de professora, não tinha como não aprender.

Calam-se. Após a pausa, ele diz:

– Mãe, o que a senhora acha de eu arrumar uma arma?

– Ora, pra quê?

– Pra defesa.

Ela ri.

– Certo – diz. – Um ladrão invade sua casa. Você está com sua arma ao alcance. Você pega a arma e aponta pra ele. Ele tá ali, na sua frente. E então, teria coragem?

– De atirar nele?

– De matar ele.

– Não haveria necessidade de matar, haveria?

– Suponha que ele esteja armado também.

– Acho que eu mataria, se fosse necessário.

– Não mataria, não. Eu sou sua mãe, conheço sua natureza.

– E o que eu devia fazer?

Ela pega na mesa a mesma xícara usada por ele e serve-se do café.

– Você lembra do José Queiroz, um antigo amigo do seu pai? – diz, levando a xícara aos lábios. – Acho que você não vai lembrar, cê era muito novo quando ele morreu.

– Lembro vagamente.

– Enfim, o Zé trabalhou por alguns anos na cooperativa com seu pai e costumava frequentar bastante a nossa casa. Uma vez contou prà gente a história dele. O Zé, antes de vir

pra cá, tinha sido um homem muito bem de vida, fazendeiro grande. Um dia, uns vagabundos tentaram invadir a fazenda dele. Eram três irmãos, depois soube. Uma família inteira de bandidos. Era um final de tarde, ele tava voltando a cavalo pra casa. Viu os três apontando de longe e não pensou duas vezes: abriu fogo. Os vagabundos saíram correndo, mas um deles levou um tiro na nuca e caiu morto. Os outros dois fugiram. O próprio Zé chamou a polícia, os homens vieram, e ele teve que se explicar. Aconteceu que a partir dali a vida dele virou de ponta-cabeça. Ele vivia recebendo ameaças da família do bandido morto, não teve mais um dia de paz. E pra piorar ainda teve que responder a um processo que se arrastou por anos e fez ele gastar mais de milhão. Perdeu a fazenda, a mulher largou dele. Depois veio pra cá, começou a trabalhar na cooperativa com seu pai. Trabalhou uns anos, e então morreu.

– Matado?

– Não. Ele era cardíaco, já tinha tido infarto antes. Bem, essa porcaria toda que ele viveu com certeza não ajudou muito na saúde dele.

– E a senhora me contou isso por quê, exatamente?

– Bom, acho que o exemplo foi bem claro. Agora você decide o que vai fazer com ele.

– Decisão difícil.

– Se você quer mesmo saber, a verdade é que não adianta querer ter controle de tudo, e não adianta se acabar sofrendo por aquilo que não está ao nosso alcance dar jeito. Se você quiser dar jeito, é capaz de criar um mal ainda maior. Prà maioria, não provocar um desastre é mais uma questão de sorte do que de virtude. Agradeça a sorte que tem e tire essas besteiras da cabeça.

– É, acho que a senhora tem razão.

– Mas também não sou a dona da verdade. A vida é sua, e você já é maior. Faça o que bem entender.

Ele levanta-se.

– Já vai? – ela diz.

– Já. Eu não avisei que vinha aqui, não posso me demorar muito. Mas venho outra hora, com mais tempo.

– Venha mesmo, traga sua mulher. Diz pra ela que mandei um abraço.

– Pode deixar.

Ele dá um abraço na mãe e sai.

*

Deitado na cama, ele ergue a mão e pega o celular na cabeceira. Vê as horas: meia-noite e vinte. A esposa dorme um sono pesado. Ele permanece num estado involuntário de vigília. Resolve sair para tomar um pouco de ar.

Na varanda da frente, fecha os olhos e respira fundo. Tudo o que ouve agora é a própria respiração. Repisa a conversa com a mãe. Um carro passa, ele permanece de olhos fechados. Depois de um tempo, vê-se aferrado na pergunta:

– Teria coragem?

Vapor sobre sangue verde

Antonio Luis Mendes Chagas

O calor da noite amazônica pareceu vacilar quando a última badalada metálica ecoou do porto. Manaus, recém-alçada à alcunha de "Fênix dos Trópicos", fervia em um balé de navios a vapor e luminárias elétricas, misturando o cheiro doce da borracha coagulada com os vapores de hulha que saíam das chaminés. Do alto da Ponte das Francesas, Lígia Ajuricaba deteve o passo para absorver a silhueta da cidade. Chegara poucas semanas antes, vinda de Belém numa chalupa blindada — gentileza do Ministério das Colônias — para conduzir a fase final de um projeto que prometia revolucionar a extração de seiva-látex: uma locomotiva-ceifeira anfíbia, capaz de avançar riacho adentro com rodas-hélice.

Filha de um engenheiro português e de uma enfermeira cabocla, Lígia cresceu entre pranchetas e rezas ao boto, e aprendeu, na Escola Politécnica de Lisboa, que números nunca mentem. Contudo, naquela madrugada sufocante, em seu gabinete improvisado sobre a Fundição Imperial, as colunas de consumo energético não fechavam. Os valores subiam exponencialmente sempre que a máquina operava perto dos seringais mais antigos, como se bebesse alguma quintessência invisível. Ela tornou a refazer os cálculos, a recalibrar manômetros, a questionar fornecedores. Nada — só a sensação incômoda de que algo estava interferindo no fluxo de energia em análise.

Sua mãe, antes de falecer, lhe ensinara que o mundo falava em cheiros e marés; seu pai, que ele se revelava em equações e diagramas de força. A jovem sempre se orgulhava de habitar os dois mundos, todavia, sob a pressão daquela cúpula de calor úmido, sentia-os colidir. Os números, pela primeira vez, pareciam gaguejar. Os gráficos de termodinâmica da locomotiva mostravam um pico de conversão energética que violava a Segunda Lei sempre que a máquina se aproximava dos igarapés mais escuros. Era como se a queima da madeira fosse apenas o gatilho para uma reação muito maior, uma transfusão que não vinha do combustível declarado, mas do próprio solo, da água, da vida que ali pulsava. Era uma heresia científica, e, no entanto, a sensação em seu peito era a mesma que sentia quando a mãe falava de almas encantadas: a de estar diante de um poder que não cabia em livros.

Munida de um estojo de amostras, partiu, contrariando o regimento, pelos becos de lamparinas trêmulas até a floresta limítrofe. O casario de estuque deu lugar a palafitas engastadas no lodo. Ao longe, apitos de dirigíveis comerciais mesclavam-se ao coaxar de sapos. A engenheira pretendia coletar solo na clareira onde, segundo boatos, um "poste de pedra"

indígena fora dinamitado para abrir trilho de abastecimento. Precisava de indícios palpáveis antes de levar suas suspeitas ao Arsenal — e talvez expor, sem querer, a própria carreira.

Não muito além da linha de dendezeiros, Tauã emergiu, ligeiro, das sombras. O dorso pintado de tinturas de urucum reluzia sob a meia-luz. Nascera no povo Yepá-Mahsã, nas franjas do Rio Negro, tornando-se sentinela errante quando as primeiras máquinas roubaram o canto dos pássaros. Trazia consigo a *Máscara de Jiboia*, tecida em *cipó-pensante* e resina, que lhe permitia sentir ressonâncias do solo — vibrações de raízes feridas, pulsares de rios doentes. Liderava pequenos ataques para sabotar caldeiras móveis e retardar o avanço imperial, sonhando ganhar tempo até que os xamãs descobrissem um modo de restaurar os *Totens de Essência Vital* arrancados pelos forasteiros.

Naquela noite, contudo, sentiu algo diferente. A lua, alta e leitosa, iluminava troncos carbonizados que aureolavam um vazio escuro. Ali, a nota vibratória do mundo fora silenciada. Ao pousar a palma da mão sobre a máscara, o mundo se traduzia em texturas sísmicas: o pulsar lento das raízes saudáveis era um veludo denso; o passo de uma anta, um toque breve e macio. Todavia, a trilha das máquinas era uma laceração, uma febre que ardia sob a terra, deixando um rastro de silêncio necrótico. Essa perturbação estava lhe guiando até a clareira do totem silenciado. Ele se lembrava de, em menino, tocar naquela pedra e sentir o zumbido vital que percorria a floresta inteira, uma canção de pedra que agora era apenas um grito mudo preso na terra calcinada. Foi essa memória que transformou sua vigilância em fúria quando percebeu os passos medidos, hesitantes, de um forasteiro se aproximando do epicentro da dor.

Lígia ajoelhou-se junto a um montículo de fuligem, abriu o maçarico portátil e cravou o termômetro no solo. Vapor subiu num chiado breve. De súbito, um estalo atrás dela — não o estalar de galhos, mas o arraste de pés descalços. Virou-se de supetão. À periferia da tocha de carbureto, divisou o contorno de um homem jovem, ombros tensos, segurando um tacape curto ornado com pastilhas de quartzo. O rosto escondido por uma máscara brilhante, olhos semelhantes a poços escuros.

Não houve tempo para perguntas. Tauã avançou disparando um golpe oblíquo. O frasco de amostra escorregou da mão de Lígia e estilhaçou-se. Ela recuou, puxou o compasso de geometria da cintura, mantendo-o como uma pequena lança.

— Afaste-se — disse, voz rouca. — Não vim destruir nada.

— Então por que traz coisas de ferreiro? — retrucou o sentinela, erguendo o tacape. O português soou estranho em sua boca, como madeira rangendo.

A engenheira notou o símbolo pintado a urucum no peito dele — uma espiral que remetia aos desenhos estudados nos manuais etnográficos. Tentou ganhar fôlego.

— Sou responsável pela segurança das máquinas — disse ela, a voz firme apesar do nervosismo. — Os protocolos indicam uma anomalia térmica neste setor. Preciso entender o que causou esta combustão.

— Anomalia térmica? — A voz dele, filtrada pela máscara, era um rosnado baixo. — Você mede a febre de um corpo que acabou de apunhalar e o chama de "combustão".

— Era uma pedra — retrucou, mais para si mesma do que para ele. — Um obstáculo geológico.

— Pedra? — O tacape ergueu-se um pouco mais, o quartzo brilhando como um olho zangado. — Era um coração. E vocês o arrancaram.

Um silêncio denso tomou a clareira, apenas os lampejos dos vaga-lumes riscavam o ar. Tauã aproximou-se, ainda pronto para atacar, mas hesitante. Sentia nela um pulso diferente dos capatazes que destroçavam a mata, porém não conseguia nomear tal diferença. O cheiro de óleo em suas luvas misturava-se a um perfume de flor de laranjeira que lhe lembrava histórias contadas ao redor do fogo.

Lígia, por sua vez, enxergou mais do que ira: viu cansaço profundo, perdas que dispensavam tradução. Apertou o estojo vazio contra o peito — amostra perdida, carreira ameaçada —, deixando escapar um sussurro quase involuntário:

— Estão usando algo além de madeira e carvão… Eu o sinto nos relicários de bronze da locomotiva — uma espécie de… sopro. Não tenho provas, só ruídos nos números.

O jovem da mata baixou ligeiramente a arma, sem largá-la. A chama do lampião tremeluzia entre eles, como se ponderasse qual história escolher. Então um estampido ecoou de longe: o apito grave das caldeiras mudando de regime. Ambos ergueram a cabeça, um pressentimento partilhado percorrendo-lhes a espinha.

Ainda não eram aliados. O abismo de desconfiança continuava aberto, e cada qual aferia o outro como quem mede a vazão de um rio desconhecido. De toda forma, naquela troca de olhares curtos, algo se instalou — não confiança, mas a certeza inapelável de que as engrenagens recém-postas em movimento os arrastariam, lado a lado ou frente a frente, para uma mesma correnteza.

A lâmina fosca do tacape recuou um palmo. O compasso também. Entre o eco distante das máquinas e o pio insistente de uma coruja, o primeiro ato da história — feito brasa escondida sob cinza — começou a ganhar fôlego.

#

O clarão liláceo do alvorecer filtrava-se por entre as copas de sumaúmas centenárias quando Tauã, ainda desconfiado, conduziu Lígia por um labirinto de troncos de jarana e cipós-

sangue. A cada passo, a engenheira registava mentalmente engrenagens vivas que jamais vira nos estiradores da Politécnica: amarras de lianas entrelaçadas a carretéis de bronze que se retorciam lentamente, movidos por corações de breu-branco incandescente; cataventos de ossos de arara ligados a pêndulos de quartzo verde que mantinham a aldeia invisível ao olhar aéreo dos dirigíveis. O ar cheirava a óleo de andiroba e resina de copal, um perfume agreste que se insinuava pelos poros e lembrava à forasteira que ali a ciência obedecia a outras leis.

A aldeia, oculta junto a um igarapé de água tão negra que refletia o céu como obsidiana líquida, pulsava num compasso orgânico: cada cabana circular estava alinhada a um Totem de Essência Vital — colunas esculpidas em itaúba, cravejadas de engrenagens de seiva cristalizada. Quando uma folha caía no topo do totem, micro-tubos de taquara se abriam, recolhiam-na e a devolviam como adubo, sem desperdiçar um átomo de matéria. Era termodinâmica e ritual fundidos em poesia concreta.

No centro, sob um dossel de folhas de inajá, aguardava o pajé Anaru, um ancião cuja pele enrugada lembrava casca de ipê-amarelo ressequido. Os olhos — de um castanho quase âmbar — denunciavam décadas de diálogo com rios e ventos. Ele ergueu o bastão de cauaçu adornado com dentes de piranha e avaliou a estranha com calma quase mineral.

— A cidade envia-te para medir fantasmas? — soou, em nheengatu, numa cadência que o próprio Tauã traduziu. — Ou para vesti-los de ferro e vendê-los por libras esterlinas?

Lígia abaixou a cabeça, interceptada por um turbilhão de sentimentos contraditórios. Não poderia oferecer certezas, apenas suspeitas — e números que ainda eram ruído. Pediu, em voz firme mas contida, permissão para examinar o equipamento avariado na véspera.

Anaru assentiu com leve inclinação e dois jovens guerreiros trouxeram o objeto, denominado *Engrenagem de Sangue-Verde*, envolto em folha de vitória-régia ressecada. Era um disco de cobre coberto de veios vivos de látex que pulsavam como capilares. Uma lasca escura surgia na junção de metal e seiva: fratura causada por explosivo imperial. Lígia prendeu o fôlego. Retirou, do estojo, pinças de aço de Solingen, fita de estanho d'ágata, sonda de pressão a quartzo. Sem tocar no látex vivo, usou uma gota de resina de copaíba aquecida para fundir novamente os micro-canais de seiva. O disco reabriu-se num suspiro verde-fosforescente; pequenas válvulas de matéria orgânica rodaram e o pulsar rítmico voltou a espalhar vibrações eloquentes pelo chão. Um coro de sapos-ferro — batráquios mecânicos que funcionavam como sentinelas acústicas — respondia a essa frequência com coaxos metálicos.

Enquanto ela trabalhava, com uma concentração que era sua forma de oração, o pajé acendeu um cachimbo longo, de fornilho de barro, e soprou a fumaça lentamente sobre as mãos dela, em um gesto que era ao mesmo tempo bênção e teste, um ritual para ver como o espírito

de estrangeira reagiria ao fumo sagrado que separava o visível do invisível. A engenheira sentiu o aroma adocicado e terroso envolvê-la, e por um instante, as linhas de seus instrumentos pareceram borrar-se, sobrepostas por padrões que reconhecia de um lugar profundo e antigo em sua própria memória.

Ao soldar a última junção, o choque que seus dedos sentiram foi mais do que elétrico: foi mnemônico. Por uma fração de segundo, sua mente foi inundada por uma imagem que não era sua: o toque daquela mesma seiva sob os dedos de um ancestral, moldando a primeira engrenagem. O conhecimento não estava sendo aprendido; foi *lembrado*. Tauã observava, dividido entre alívio e cautela, a súbita e assustada familiaridade nos olhos dela, um eco de pertencimento que ela mesma ainda não compreendia.

No lusco-fusco, Anaru aproximou-se de Tauã e murmurou:

— A selva promete-lhe espelhos. Certifique-se de que ela verá apenas o que ousar escutar.

O mirim assentiu; precisava de provas que não deixassem margem a desculpas tecnocráticas. Levou então a engenheira até a margem do *Rio-Memória* — o Igarapé dos Ecos, uma língua d'água onde a seiva do passado se diluía no presente. As margens esfumaçavam-se em brumas de macela-cheirosa queimando em braseiros de argila; raízes luminescentes de ucuúba pendiam como constelações invertidas.

— Se entrar, não haverá abstrações — advertiu Tauã, segurando uma taquara oca que serviria de guia acústica. — Números se convertem em vozes; fórmulas, em feridas.

Lígia afagou o couro de seu cinto de ferramentas, hesitante. A racionalidade ensinara-lhe que todo fenômeno é mensurável, mas nada a preparara para um rio que arquivava lembranças. Deixou o lampião na margem, engoliu o medo e seguiu. A água, fria como metal de madrugada, envolveu-lhe os tornozelos; de súbito, vibrou, emitindo timbres que lembravam sinos submersos.

Assim que submergiram, a escuridão converteu-se em claridade de vitral. Imagens precipitaram-se diante dos olhos da engenheira com nitidez dolorosa: seringais inteiros tombando como colunas de templo, engrenagens mordendo troncos seculares; uma locomotiva-ceifeira cuspindo névoa esverdeada, sugando não lenha, mas cristais de seiva arrancados de totens em chamas. Viu Monsieur Durand — gravata lavallière cor de vinho — apertar a mão do Barão Epitácio Lacerda nos salões do Palácio Rio Negro, selando um contrato escrito em papel encerado com brasão estrangeiro. A assinatura tremeluzia escarlate, e ao redor, mapas riscados indicavam rotas fluviais até Os Índios Mortos — sigla codificada para uma arma estacionada além-mar.

Mosaicos de futuro iminente sobrepuseram-se: o Teatro Amazonas convertido em quartel, navios blindados franceses navegando o Solimões, aldeias inteiras riscadas do mapa como simples concessões. O rio devolvia não só memórias: projetava consequências.

Em um impulso de autopreservação, Lígia tentou emergir, porém correntes invisíveis agarraram-lhe os pulsos. Sala de conferências, contratos, florestas em chamas — as visões precipitaram-se até quase rasgarem-lhe a sanidade. Tauã, ao seu lado, mantinha a taquara firme como um para-raios espiritual. Ele não via as imagens com a mesma violência avassaladora. Sua tarefa era manter o fluxo coerente, agir como um diapasão humano para que a cacofonia de memórias não a afogasse, filtrando o puro terror para que apenas a verdade essencial a atingisse.

E aquilo que a atingiu foi pessoal. Mais do que meras locomotivas, eram modelos específicos cujos projetos ela mesma estudara em Lisboa. Viu seus próprios teodolitos e compassos sendo usados para mapear a destruição. Fórmulas de pressão a vapor, que tanto admirava por sua elegância, aplicadas para alimentar as brocas que profanavam os totens. A conspiração não era um mal abstrato; vestia o seu rosto, falava com o seu vocabulário, usava a sua ciência como arma. A mão que assinava o contrato com Durand era a do Barão, só que a tinta era a lógica que a moça tanto prezava, agora usada para redigir o fim de um mundo.

A moça caiu de joelhos na margem, mãos cravadas no barro. O peito ardia. O mundo, que até então cabia em gráficos e escalas, expandira-se em uma ferida impossível de suturar.

— Isto não é delírio? — sussurrou, sem erguer o olhar.

— O rio não mente — foi tudo o que Tauã respondeu, enxugando o rosto.

De volta às cabanas, a atmosfera pairava tensa. Os guerreiros, ao verem a mulher branca cambaleante, recuaram instintivamente — como se o rio lhe houvesse tatuado algo que ainda não se via. Sob o brilho pálido de lamparinas de sebo de paca, Anaru aguardava-os.

— Rios mostram destinos, não veredictos — disse, fitando longamente a forasteira. — O que fará com a verdade que viu?

A resposta não veio de imediato. Lígia sentia as entranhas em convulsão: o pacto entre Epitácio e Durand não era simplesmente política; era uma transação de almas, de toda uma bacia hidrográfica, pela promessa de uma supremacia mecânica. Lembrou-se de suas aulas sobre entropia: energia nunca se perde, apenas muda de forma. Se o coração da floresta secasse, a entropia cobraria o preço em destruição irremediável.

— Preciso de mapas — murmurou afinal, lívida. — Plantas da locomotiva, rotas de abastecimento, escalas de carga. E… preciso voltar a Manaus antes que a arma seja embarcada.

A declaração não bastou para dissipar a desconfiança. Tauã cruzou os braços.

— Quem garante que não alertarás teus superiores?

— Se alertasse, estarias morto — retrucou ela, a voz fria como lâmina. — Ou achas que me escoltariam com flores pela floresta?

O silêncio que se seguiu foi denso. O respeito, ainda delicado, irrompia por fissuras exíguas. Tauã finalmente baixou os olhos para a Engrenagem de Sangue-Verde restaurada, agora brilhando suavemente como vaga-lume preso em âmbar.

— Amanhã, antes do primeiro canto do gaturamo, partiremos — decidiu. — Mas não esperes escolta: Manaus é selva de cristal e ferro. Quem trai a mata não tem guarida nem entre suas próprias pedras.

Ela ergueu o queixo, como quem aceita sentença. Naquele instante, o coaxar dos sapos-ferro assumiu um tom mais grave — um som agudo, repetido três vezes, o alarme de perímetro para incursões aéreas. A rajada de vento que se seguiu trouxe o cheiro de creosoto e o zumbido baixo e inconfundível dos rotores de um dirigível de patrulha, muito mais perto do que deveria — sinal de que o Império começava a mover peças para o embarque iminente.

Sob o céu constelado, cada um recolheu-se ao seu próprio silêncio: Tauã afiando responsabilidades como se fossem lâminas de tacape; Lígia revisando, pela primeira vez, as equações morais que a ciência nunca lhe ensinara a resolver. Estava obstinada a descobrir se o ferro também poderia sangrar.

#

A chalupa crepitante deixou-os na ribanceira da Rua dos Barés antes que o sol completasse seu arco. Manaus, àquela hora, cintilava como miragem de cobre: lampiões a gás delineavam fachadas artesonadas, enquanto carruagens a vapor riscavam as calçadas de ladrilho hidráulico. Os apitos das caldeiras davam o compasso frenético do dia — e serviam de disfarce para todo tipo de conspiração.

Lígia, impecável em tailleur grafite, seguiu para o Palacete Provincial: lustres Baccarat, colunas em estuque rosado, corredores onde a música de um quarteto de cordas disputava espaço com o estalar de charutos. Ali a engenheira circulou entre ministros, barões da borracha e banqueiros escoceses, exibindo sorriso de cristal. Seu objetivo era simples: captar rumores sobre "o Grande Salto" — e, sobretudo, distrair. Foi fácil; a cidade amava exibir novidades, do primeiro fonógrafo Edison importado às torneiras de água filtrada do Teatro. Cada exagero burguês que ela soltava arrancava gargalhadas e lhe comprava minutos preciosos. Estranhamente, olhava para aqueles rostos rosados e satisfeitos e via não mais a elite do progresso, mas espectros coloridos de ocre e púrpura. A engenheira nela calculava as probabilidades de sucesso, enquanto a herdeira do Rio-Memória avaliava o peso das almas no ambiente, e o resultado era assustador.

Por sua vez, Tauã esgueirava-se por vielas atrás do Mercado Adolpho Lisboa, onde becos exalavam pirarucu defumado e óleo de copaíba. Ali, enfim, preparou-se para usar os *Vapores da Alma*. Retirou do bornal um tubo de cerâmica marajoara, finamente gravado com espirais de muiraquitã liquefeito. Dentro, raízes secas de jatobá-d'ombra e lascas de cipó-imbé eram reduzidas a pó luminescente. Ao rosquear a tampa com rosca de bronze vegetal, o tubo tornou-se uma pequena caldeira viva.

A brasa de carvão-cascata, acesa com pederneira indígena, transformou o pó em neblina esmeralda que escapou por orifícios laterais em silvos quase musicais. Ele posicionou a extremidade nasal contra o lábio superior e inspirou lentamente. O vapor era fresco como madrugada ribeirinha, mas ardia ao atravessar o palato — e, no instante seguinte, o mundo se desdobrou.

As lamparinas da rua multiplicaram-se em constelações dançantes. Vórtices de luz e som revelavam fios ectoplasmáticos que ligavam corpos a intenções. Em lugar de carne e tecido, cada pessoa era uma silhueta translúcida com variações cromáticas: azul-prussiano para o medo, ocre para ganância, esmeralda para segredos. Dois desses vultos, destacados em púrpura tempestuoso, destacavam-se à porta da Livraria de Monsieur Huret. De mãos enluvadas, trocavam envelopes marcados com sinete estrangeiro — o mesmo brasão visto nas pranchetas roubadas nas docas.

Tauã inclinou-se; o tubo chiou, liberando outra serpentina de vapor que lhe penetrou os pulmões. Uma visão relampejou: o interior abafado de um armazém, caixas carimbadas com a sigla *RF-7*, homens testando válvulas que drenavam seiva coagulada para cilindros de cobre. No canto, um relógio de bolso com brasão francês marcava a contagem decrescente para a gala. O tempo da floresta era medido por engrenagens estrangeiras.

O efeito colateral veio rápido: explosão de zumbidos nos tímpanos e o perigo de sobrecarga sensorial. Para dissipar a energia, Tauã socou o flanco de um poste de ferro — o contato metálico servia de pára-raios etérico. A vertigem cedeu, deixando um resíduo amargo, uma espécie de cegueira espiritual. O mundo, antes um mapa vibrante de intenções cromáticas, voltou a ser opaco, chato, feito apenas de matéria física. Era o preço da visão: a realidade comum tornava-se um exílio. Precisava transmitir tudo a Lígia antes que a memória tátil da visão se dissipasse como o próprio vapor: mensageiros, locais exatos de encontro e — crucial — a rota fluvial secreta de suprimentos pelo Igarapé do Bittencourt.

No salão nobre do Palacete, a engenheira sorria para o Barão como se ele fosse apenas patrono de artes. Quando Tauã surgiu no balcão lateral, ela captou seu sinal: dedos cruzados sobre o peito, três vezes — mensagem que combinara para indicar urgência. Fingiu tropeçar na

cauda do vestido, derrubando um cálice de vinho do Porto sobre as anotações de um deputado — distração perfeita. No tumulto de guardanapos e recriminações, pôde sair discretamente pela porta de serviço, onde o rapaz a aguardava na sombra de uma buganvília elétrica.

Quando as badaladas da Catedral Metropolitana anunciaram o Ângelus, ambos se reuniram em uma sacristia abandonada. Ali, sobre azulejos hidráulicos, traçaram o esboço de um assalto noturno às docas: precisavam capturar manifestos de carga antes que fossem destruídos.

O porto fervilhava sob luzes a carbeto, criando halos fumacentos. Entre guindastes hidráulicos e esteiras de correntes, caminhões a vapor transportavam cilindros de cobre rumo a um navio laboratório atracado — o Ville de Marseille, orgulho da engenharia francesa. Tauã e Lígia infiltraram-se pelos labirintos de caixas. O sentinela indígena mantinha o ouvido colado às vigas de aço; de cada perfilagem metálica vinha um zumbido irregular, como se a arma sugasse a própria ressonância do rio.

Graças a um artifício de engrenagem reversa que Lígia instalou num corrimão pneumático, abriram a estiva principal. Lá dentro, encontraram diagramas com o brasão do Segundo Império Francês: vistas explodidas de uma turbina etérica alimentada por "Substância Orgânica RF-7" — o látex vivo recém-roubado dos Totens. O motor, quando estabilizado, geraria um pulso capaz de paralisar qualquer fonte de energia rival. Golpe perfeito para o colonialismo científico.

Antes que pudessem fugir, foram interceptados por quatro capangas trajando sobretudos de kevlar vegetal. Seguiu-se um tumulto abafado por vapor, pancadas metálicas e estilhaços de válvulas. Tauã derrubou dois homens utilizando a taquara-diapasão como clava ressonante; Lígia injetou pressão inversa em um tubo de condensação, causando um jato de húmus fervente que cegou o terceiro. Por um segundo, o choque da própria ação paralisou-a. Aquilo não era uma equação para resolver, nem um diagrama para decifrar. Era violência crua, instintiva. A adrenalina queimava o medo, e ela viu no rosto de seu novo aliado, que se movia com uma fluidez letal, a linguagem brutal que a floresta usava para sobreviver. Uma linguagem que ela, agora, também começava a falar. Antes que pudesse parar para refletir, outro capanga guindou uma pistola *steam-bolt*: projéteis supersônicos movidos a pólvora líquida.

A explosão de um tanque de terebintina proporcionou a fuga. Saíram às pressas por uma rampa de carregamento, saltaram sobre sacos de sarrapilha e sumiram num corredor de tábuas soltas. Corriam como híbridos de carne e quintessência, pensou Lígia, sentindo o ombro arder onde a bala apenas roçara. O ruído de alarme espalhava-se pelo cais, sinistro como um sino de peste: não haveria esconderijo na zona portuária.

O casal improvável atravessou vielas que fediam a peixe podre até adentrar o labirinto palafítico do Igarapé de São Raimundo. Uma lavadeira velha ofereceu uma peça suspensa sobre estacas de aroeira: paredes de tábuas rachadas, teto de palha carcomida. Ainda assim, era abrigo. Do lado de fora, Manaus cintilava, enquanto no igarapé reinava um silêncio cavo — nenhum coaxar de içás, nem chilrear de curica.

Lígia, exausta, sentou-se junto à porta, barômetro na mão. O ponteiro, morto. Tauã espiava o leito oleoso que batia nos pilões. O Rio Negro subia em golfadas quentes, contra toda lógica de maré. Quando ele mergulhou os dedos, retirou-os tingidos por pátina esverdeada, viscosa.

— É febre — murmurou. — A turbina desse Durand já foi ligada para calibração. Cada giro seca um quilômetro de raiz.

Uma canoa virada à deriva trouxe cardumes de jaraquis mortos, prateados como talheres velhos. A cena selou a compreensão da mulher branca que se lembrou de sua origem mestiça: não havia semanas para denunciar, nem dias. Havia horas.

Ela ergueu os olhos cinzentos, refletindo o lampião trêmulo.

— Se esperarmos provas perfeitas, não haverá rio para salvar.

Tauã, com o corpo dolorido, abriu um sorriso rápido — sem alegria, apenas certeza.

— A boca dessa fera está na floresta. A cabeça — apontou para o clarão do Teatro Amazonas, além dos palacetes — brilha como coroa de cobre.

— A gala desta noite: ritual final, compradores presentes, assinatura em sangue. — A voz de Lígia soou firme.

Entre eles, a maré do rio golpeou as estacas com força. As lamparinas da cidade piscavam, como se o coração elétrico de Manaus também vacilasse. Foi o som da urgência a martelar: um relógio invisível contava, segundo a segundo, o fim de tudo.

O pacto, então, formou-se sem palavra formal, apenas no cruzar de olhares severos. Resistentes, não fugitivos. Caçadores, não presas. Prepararíam-se em segredo para o assalto que transformaria um templo de ópera em arena de verdade.

Fechou o estojo de instrumentos, agora relíquias de uma guerra que ela mesma ajudara a iniciar. Pegou seu compasso de precisão, sentindo seu peso na mão, sua ponta afiada. Uma ferramenta de criação, agora reaproveitada para a engenharia da rebelião. Tauã, por sua vez, passou a taquara sobre a chama da lamparina como um ferreiro tempera o aço, afinando-a até que a madeira vibrasse numa nota grave, o som de um trovão que anuncia a cheia. Fora, o rio empurrava sua febre negra contra o molhe. Dentro, duas vontades antes díspares fundiam-se no mesmo compasso.

Quando deixaram a palafita, pisando em pontes bambas de acapú, a noite pareceu recolher o fôlego. No alto, a cúpula policroma do Teatro Amazonas reluzia na escuridão como um olho ávido — e não havia volta possível.

#

O rio arfava sob a lua art-nouveau de Manaus; cada vaga devolvia às palafitas o presságio de um mundo à beira do colapso.

O píer abandonado mergulhava na água febril como vértebra de madeira carcomida. Lampiões enferrujados derramavam luz esverdeada sobre o rosto tenso de Tauã, que apertava a *Máscara de Jiboia* contra o peito. O artefato era mais que adorno: pelas bordas serpenteavam filamentos do *cipó-pensante*, uma rede viva de lianas translúcidas que, enterrada sob quilômetros de mata, conectava aldeias distantes como sinapses de um cérebro continental. Cada vibração que corria por essa fibra chegava em micro-pulsos à máscara, traduzindo-se em sussurros que apenas os sentinelas sabiam decifrar. Era por ali que pedidos de socorro, notícias de parto, luto ou festa percorriam a floresta em minutos, guiados por espíritos guardiões invisíveis.

Agora, porém, os filamentos tremiam em lamento surdo: mensagens entrecortadas de tribos arrancadas de seus lugares, totens tombados, peixes virados de barriga. Tauã encostou a testa na superfície flexível, como quem escuta um concha-mar. Sentiu o "tic-tic" espectral de anciãos tentando ainda comunicar esperança — e, nos intervalos, o silêncio terrível das aldeias já consumidas.

Quando finalmente pediu a Lígia o maçarico portátil, compreendeu que não destruía apenas um objeto, estava amputando de si mesmo a última linha viva que o ligava ao povo espalhado na floresta. Colocou a máscara sobre a pira de ipê-roxo; a chama azul lambeu o *cipó-pensante*, que reagiu como nervo em agonia: brilhou em verde iridescente, soltou estilhaços de luz que subiram, entrelaçados, e dissiparam-se em faíscas — telegramas derradeiros partindo para as aldeias sobreviventes.

Enquanto a resina estalava, Tauã sussurrou palavras na língua ancestral, despedindo-se daquele coro distante. Quando mergulhou as mãos na água febril e o rio o reclamou, a rede de cipós vibrou uma última vez; não em protesto, mas como bênção silenciosa ao novo canal que nascia entre água e carne.

Em seguida, ajoelhou-se na beira do cais e mergulhou ambas as palmas. O Rio Negro subiu em espirais turvas e tocou-lhe os antebraços. Um espasmo percorreu-lhe a espinha; olhos dilataram-se até o âmbar tornar-se branco-leitoso. Foi como se cada afluente adentrasse-lhe as veias: sentiu raízes sufocadas, peixes asfixiados, troncos fendidos por serras de vapor. A floresta, inteira, latejava dentro dele.

Quando ergueu o rosto, não era mais apenas vigia: tornara-se ressonância viva do rio. Lígia — que observava à distância, mãos crispadas no metal do corrimão — entendeu, sem precisar de palavras, que o parceiro de jornada se transformara em algo mais vasto que qualquer tática.

Do píer sacrificial até a viela principal da Ilha das Flores — aglomerado palafítico erguido sobre estacas de itaúba — levou-lhes quase uma hora de transe e silêncio. Tauã, ainda reverberando a dor do rio, caminhava em transe; Lígia guiava-o por passarelas bambas, iluminadas apenas por lamparinas. A comunidade, esquecida pelo esplendor do centro, fervilhava em sombras: crianças catando carvão de caldeira, mulheres remendando redes rasgadas, velhos afiados em desconfiar de farda imperial.

Quando os moradores reconheceram Tauã — agora olhos de maré e passo hesitante — abriram espaço: o sentinela era lenda viva. Entretanto, ao verem a engenheira de tailleur, cerraram testas. Precisaram de mediação do próprio pajé Anaru, que surgira discretamente na borda da passarela, para que o casal fosse admitido numa maloca vazia, transformada em oficina improvisada. *Ela veio remendar o que a cidade quebrou*, resumiu o velho. Só então as portas de confiança se entreabriram.

Uma vez instalada, Lígia explicou o impensável: precisava de latão, cobre, ímãs e qualquer bateria enferrujada. Não tinha dinheiro imperial — apenas saber técnico capaz de consertar bombas d'água, filtros de ar uivantes, lampiões que piscavam mais do que iluminavam. Assim começou a romaria pelas palafitas.

Primeiro, trocou a lente alemã do teodolito por uma corneta de fonógrafo que jazia amassada em um barracão de instrumentos de frevo. Depois, ajustou o rotor de uma lamparina de arco; em troca, recebeu bobinas de fio de cobre arrancadas de um gerador de navio naufragado. Em cada escambo, deixava para trás um pequeno milagre mecânico: poços voltavam a puxar água clara, cataventos quebrados voltavam a girar, e os rostos antes arredios, embora não sorridentes, revelavam respeito.

Somadas as peças, instalou-se de volta à maloca-oficina. Sobre pranchões de acapú, enrolou as bobinas em espirais que imitavam o estilo dos Totens — cada volta de fio lembrava-lhe as voltas que a própria vida dera. Soldou terminais com liga de estanho e pó de pau-rosa; recortou membrana de ouro de um barômetro abandonado; conectou tudo à carcaça já polida da corneta.

Faltava o coração. Tauã, ainda pálido, retirou do bolso um nódulo de quartzo leitoso, arrancado meses atrás do interior do primeiro Totem profanado. Entregou-o com cuidado. Ao encaixar a pedra na cavidade central, um zumbido baixo — mais sensação do que som —

preencheu o ambiente: a máquina e o cristal reconheceram-se mutuamente. A corneta exalou leve hálito azulado; fios de energia pareciam percorrer a malha metálica como ramos recém-brotados.

O dispositivo estava longe da elegância imperial; parecia colagem de taumaturgia e gambiarras de feira. Todavia, quando ligou-se a minúscula bateria galvânica, a vibração amplificada expandiu-se pelas paredes de madeira, chocalhando lamparinas. Era prova irrefutável da fusão: ciência de precisão servindo a um pulso ancestral.

Faltava o elemento humano. No porão de um armazém de castanha-do-pará, paredes suadas de salitre, esperava-os Jacira, líder dos estivadores. Ombros largos, saias de chita, olhar ferino. Ao notar a engenheira do Império, seus homens cerraram fileiras — chaves-inglesas erguidas como porretes.

Lígia não enfeitou argumentos. Desenrolou sobre um caixote o esquema das docas subtraído aos conspiradores: linhas de vapor, válvulas de contrabalanço, pontos de sobrecarga. Indicou, com voz firme, a fraqueza no coletor de pressão dos guindastes. Explicou como, às vinte horas, bastaria afrouxar três porcas de bronze para que uma reação em cadeia bloqueasse todo o cais. Caos logístico, nenhuma vítima. Uma distração tão eficiente que forçaria as tropas particulares do Barão a abandonar o Teatro para "conter o sabotador".

Jacira avaliou-a em silêncio. Então bateu a unha sobre o desenho:

— Por que deveríamos crer em ti, branca de jaleco? Teu povo nos esmaga há décadas.

O olhar de Lígia não vacilou. Não havia nela a arrogância da profissional, unicamente a exaustão de quem vira o abismo.

— Porque eu vi os mapas verdadeiros deles — disse ela, a voz baixa, mas cortante. — Vi os nomes das vossas aldeias de origem, dos vossos avós, riscados em margens de contratos como dívidas pagas. Para o Barão e seus sócios, vocês são a penúltima camada de combustível, logo antes da floresta. Eu sei disso porque, até ontem, eu era a responsável por calcular a eficiência dessa queima.

Um silêncio pesado caiu sobre o porão. A confissão de Lígia, sua cumplicidade assumida, era mais desarmante que qualquer promessa. Foi então que Tauã deu um passo à frente, e sua voz em tupi soou como a consequência do que sua aliada acabara de dizer:

— E porque, se nada fizermos, amanhã não haverá rio para pescar, nem chão para plantar.

Jacira manteve o olhar no quartzo que pendia do peito dele, agora pulsando como brasa no escuro. Os ombros dela relaxaram um milímetro. Quando estendeu a mão calejada, Lígia entregou-lhe um cronômetro mecânico calibrado, seu metal polido refletindo a chama

bruxuleante — o tempo do Império, preciso, frio e implacável. Em troca, recebeu o toquinho de vela de sebo com que os estivadores marcavam as horas nos porões escuros, seu calor orgânico e sua luz imperfeita — o tempo do povo, medido em sobrevivência. Dois relógios, duas realidades distintas, ajustados ao mesmo instante apocalíptico.

Um estalo no telhado anunciou o início da chuva. Cada gota no zinco soava como tique-taque. A aliança, embora frágil, estava selada — e o relógio corria.

Ao deixarem o armazém, o cheiro de terra molhada subia da orla. Sobre a avenida Eduardo Ribeiro, a cúpula do Teatro Amazonas faiscava sob relâmpagos distantes, parecendo sugar luz do próprio firmamento. Dentro de poucas horas, suas galerias de mármore abrigariam diplomatas, barões e uma arma nutrida com o sangue verde da floresta.

A tempestade, no entanto, já havia começado — não no céu, mas no entrelaçar de decisões desesperadas. E tudo o que permanecia em silêncio agora, rugiria antes do amanhecer.

#

A noite recendia a patchouli e ozono quando os convidados, lustrosos em seda e pregas austríacas, atravessaram o pórtico do Teatro Amazonas. Sob a cúpula de cerâmica policroma, o átrio faiscava em ouro e nácar; espelhos belgas multiplicavam candeeiros de cristal como constelações artificiais. A valsa de Strauss reverberava pelo parquet, mas, por trás da harmonia, vinha um bafo úmido que nenhum perfume francês abafava: o hálito febril do Rio Negro, invisível, porém teimoso, penetrando frestas de vitral. Lá fora, a água subia em golfadas quentes, carregando peixes mortos; dentro, champanhe gelado descia gargantas douradas. A opulência era sufocante — quase obscena — quando contrastada com aquele rio doente a poucos quarteirões, como se uma joia reluzisse sobre carne em putrefação.

Lígia, disfarçada de técnica de iluminação, subiu ao balcão de serviço munida de um crachá falsificado e dos diagramas de ventilação; ziguezagueou por passagens onde engrenagens sopravam ar perfumado a guaiac e vapor super-aquecido. Tauã, trajando casaca preta e carregando uma caixa de contrabaixo que ocultava a "gambiarra sagrada", entrou pelos bastidores como ajudante dos músicos. Cada passo dele fazia ranger tábuas antigas, como se o edifício, cúmplice, pressentisse a intrusão da floresta em suas veias de ferro.

No palco inundado de luz cálida, o Barão Epitácio Lacerda surgiu, luvas de pelica, colete bordado com filigranas de ouro. Ergueu-se sob a cúpula estrelada, qual regente, enquanto criados fechavam discretamente as persianas para que o público não visse a enchente anômala cercando a praça. O velho nobre abriu um sorriso largo que não tocava os olhos — estes evitavam, a todo custo, qualquer janela.

— Senhores e senhoras! A Amazônia, esse labirinto primitivo, enfim oferece seu tributo — bradou, o eco aplaudindo-lhe antes das pessoas. — Unimos capital e engenho para domar a selva e conduzi-la ao futuro que ela jamais sonhou!

Risos cristalinos, aplausos cadenciados. As pérolas no busto das damas cintilaram; nenhuma delas percebia que o mármore do átrio suava salitre, denunciando a umidade extrema lá fora. O Barão prosseguiu, exibindo um lenço perfumado para secar discretas gotas de suor — ele culpava o clima, jamais a consciência:

— Esta noite testemunharemos o batismo de uma arma que fará o vapor correr mais puro, que transformará obstáculos orgânicos em oportunidade mecanizada! Nosso solo, nossas águas, nossos… recursos nativos… tudo a serviço da ordem!

Nas frisas superiores, alguns diplomatas franziram o cenho ao sentir um odor agridoce — algo entre ozono e seiva queimada. Lacerda não viu: concentrava-se no brilho do lustre, como se ali estivesse escrita a sua apoteose. Sua voz inflamada ignorava o ruído surdo de sirenes distantes — a "agitação nas docas" que um assessor sussurrou apressado. O Barão ergueu a taça num brinde, fingindo despreocupação, enquanto a luz do palco piscava em breve espasmo: o primeiro sinal de que a floresta começava a reclamar lugar na festa.

Lá no fosso da orquestra, o maestro ergueu a batuta para um reinício hesitante, e o salão retomou a pompa. A plateia, embriagada de luxo, dançava sobre um palafré de mármore, sem notar que a maré, impaciente, batia cada vez mais alto nas fundações do Grande Teatro.

Lígia deslizou por uma escada em caracol até a galeria técnica. Ali, tubos de vapor entrecruzavam-se como vísceras de ferro. No epicentro, um painel secundário da arma pulsava luz rubra. Ela fixou a corneta de fonógrafo à tubulação, conectou bobinas de cobre e enganchou o quartzo totêmico: o circuito reverso injetaria a melodia de Tauã no coração da máquina.

Válvulas chiaram, manômetros enlouqueceram, e faíscas verdes saltaram sobre engrenagens banhadas a mercúrio. O dispositivo improvisado gemeu — mistura de soluço e canto de baleia — ao redirecionar a seiva roubada de volta ao fluxo espiritual.

No camarote superior, Tauã retirou a taquara-diapasão, inspirou como quem bebe o próprio rio e iniciou um canto baixo, gutural, que lembrava remoinho em pedral. A vibração deslizou por frisas e franjou cortinas de veludo; partiu frágeis cristais nos lustres antes de infiltrar-se nas paredes como raiz faminta. A orquestra calou-se, confusa, e o público sentiu no peito um tremor antigo, de mãe-d'água despertando.

—Parem-no! — bradou o Barão, seus bigodes tremendo de pavor.

Guarda-costas dispararam escadarias acima. Lígia, monitorando pelas treliças, iniciou defesa do teatro: soltou contrapesos que despencaram como guilhotinas, abriu comportas de

vapor que cegaram homens armados, e acionou o elevador de cenários, elevando-os subitamente até prender adversários em labirinto de cordoalhas. Ferro, roldanas e fumaça tornaram-se extensão de sua própria argúcia.

Mesmo com caos explodindo, o canto subia de volume — um uivo que era plangência e fúria. O mármore dos corredores vibrava em simpatia; a pintura do teto — uma alegoria de música e dança — ondulou como se houvesse água correndo sob o gesso.

No fosso técnico, o núcleo da arma — um cilindro de cobre cravejado de bobinas — zunia enquanto as câmaras de *seiva RF-7*, roubada dos Totens incendiados, atingiam pressão máxima. No painel, luzes alveoladas indicavam quantidades de energia vital suficientes para evaporar um bairro inteiro. Era o triunfo do Barão: a floresta liquefeita, redirecionada contra quem ousasse contestar-lhe o poder.

Lá em cima, Tauã elevou a voz ao ápice do canto. A melodia, herdeira de ancestrais que conversavam com águas, vibrava na corneta de Lígia e, por seus cabos improvisados, infiltrando-se no coração etérico da máquina. Quando o operador girou a manivela para liberar o feixe, o pulso de seiva encontrou a canção — e curvou-se.

O Barão Lacerda, crente na obediência cega de seu engenho, bradou:

—Dispare! Que o selvagem e sua musa engulam a própria superstição!

Chamas azul-branco lamberam a boca do canhão, mas não houve raio devastador. Em vez disso, o líquido fosforescente inverteu fluxo, rompendo serpentinas e correndo pelos dutos rumo ao subsolo. As persianas estremeceram; um vento úmido escapou pelas frinchas, cheirando a terra virada e folhas pisadas.

Do lado de fora, as águas do Rio Negro borbulharam. O canto de Tauã tornara-se arco de ressonância e, nele, ergueu-se o *Espírito do Rio*: uma anaconda translúcida de água e luz, cujas escamas cintilavam em matizes de esmeralda e safira. Não era bicho de ataque, simplesmente encarnação da própria correnteza — a resposta orgânica à seiva sequestrada. A forma deslizou pela fachada, enroscou-se nos frisos de ferro, e seu olhar líquido atravessou vitrais como lâmina de luar.

O público recuou em frenesi, damas engolindo gritos, cavalheiros largando taças em estalos cristalinos. Já Durand esmagava o chapéu de seda nas mãos:

—Sacrilège! Nous avons perdu le contrôle!

—Arranquem essa maldita corneta! — urrava o Barão, cuspindo ódio. — Recarreguem! Quero fogo real!

Tentou accionar uma segunda ignição, mas os manômetros enlouquecidos giravam em círculos; as linhas de cobre sudavam seiva que borbulhava de volta às frestas do piso. A arma

gemeu; engrenagens rangeram como dentes partidos; depois, silêncio — não morte, unicamente rendição.

Entretanto, a anaconda de água não atacou. Limitou-se a apertar a cúpula num abraço lento, enquanto do seu corpo gotejava um manto de chuva limpa. Cada gota tocava mármore e ferros dourados, gerando arabescos de musgo luminescente; cipós microscópicos brotavam nas rachaduras, lembrando quem reclamava posse.

A plateia eclodiu em assombro reverente. O Barão vociferava ordens a guardas que não sabiam onde mirar: pólvora era inútil contra o espectro fluvial. Durand martelava botões partidos como se o universo devesse obedecer-lhe; quanto mais golpeava, mais seiva esgotada escorria pelos boots de verniz.

E então veio o *Pulso*: um sopro verde-cobalto irradiou-se do núcleo saturado, varrendo o salão sem violência, com força irresistível. Ao tocar cada pessoa, imprimia memória sensorial — sabor de água barrenta, dor de raiz cortada, calor de fogo sobre folhagem úmida. Alguns caíram de joelhos, desnorteados; outros, petrificados por perceber que eram hóspedes indesejados em terra viva.

Lígia, sustendo Tauã já exausto, viu o Barão colapsar não pela epifania, mas pelo ódio impotente:

—Isto não acaba aqui! — vociferou ele, agarrado aos escombros fumegantes. — Construirei outra!

A anaconda ergueu a cabeça através da cortina principal; duas gotas largas caíram sobre a cartola do magnata e se incendiaram em brilho esmeralda, queimando-lhe a soberba. Durand, pálido, recuou até tropeçar, olhos vidrados no espectro-híbrido de luz. Não havia conversão moral, era puro terror: perceberam que, contra a floresta, nem ouro nem aço firmavam aliança.

Quando o *Espírito do Rio* se dissolveu de volta na enxurrada, a arma não passava de casco oco. A chuva, suave, atravessava o teto cravejado de musgo fluorescente e caía sobre seda, topázios, e pés engraxados — batismo involuntário. O vidro dos vitrais, recém-coberto de cipós viçosos, refletia uma aurora acinzentada.

Lígia apertou a mão de Tauã. Ele sorriu, cansado; o rio, dentro dele, voltava a fluir em silêncio. Lá fora, os guindastes paralisados gemiam sob o peso do próprio vapor, e, nas docas inundadas de luz pálida, Jacira erguia o punho para barqueiros e estivadores que gritavam vitória.

A floresta havia falado por meio de reconexão irrefutável. E quem ousara transformá-la em combustível descobriu, tarde demais, que o verde também sabe incendiar.

Alvorada prenunciava-se além do rio, e Manaus, ainda trêmula, parecia ouvir — pela primeira vez em décadas — o coração lento e obstinado da floresta. A guerra não terminara;

mas, naquela madrugada, o sangue verde voltara a percorrer veias de cobre, e o rio, reconectado ao seu povo, respirava.